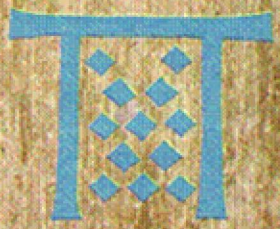
RAYMOND BERNARD

AS MANSÕES SECRETAS DA ROSACRUZ



BIBLIOTECA ROSACRUZ

IV

RAYMOND BERNARD

Grande Mestre da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C. da França e Países de Língua Francesa. Legado Supremo do Imperator na Europa

As Mansões Secretas

da

Rosacruz

COORDENAÇÃO

Maria A. Moura, F.R.C.

Segunda Edição

Biblioteca Rosacruz

Volume IV

EDITORA RENES

Rio de Janeiro

A todos aqueles que buscam...

Índice

PREÂMBULO....4
INTRODUÇÃO....7
Capítulo I: MAHA....9
Capítulo II: AMSTERDÃ....12
Capítulo III: O SELO SECRETO....28
Capítulo IV: VIENA....31
Capítulo V: LISBOA....59
Capítulo VI: MADRI....81
Capítulo VII: INTERLÚDIO....100
Capítulo VIII: A GRANDE VIGÍLIA DE LISBOA....103
CONCLUSÃO....127
INTRODUÇÃO....130
CAPÍTULO I: ROMA....133
CAPÍTULO II: PERTO DA FONTE....135
CAPÍTULO III: SEGREDOS E SORTILÉGIOS....141
CAPÍTULO IV: À ESPERA DE UMA NOITE. 151
CAPÍTULO V: ABADIA DE SÃO NILO....154
CAPÍTULO VI: O CARDEAL BRANCO....160
CAPÍTULO VII: SÃO CHEGADOS OS TEMPOS.......164
CAPÍTULO VIII: VIDA E MORTE DA ORDEM DO TEMPLO....171
CAPÍTULO IX:O MISTÉRIO DO GRAL....179
CAPÍTULO X: TÚNIS....187
CAPÍTULO XI: ...E A PORTA NOS FOI ABERTA!....200
O IMPÉRIO INVISÍVEL....210
INTRODUÇÃO....212
CAPÍTULO I: O TESTEMUNHO DE PLATÃO....215
TIMEU....216
CRÍTIAS....221
CAPÍTULO II: O TESTEMUNHO DE IGNATIUS DONNELLY....239
Capítulo III: O GRANDE TESTEMUNHO SECRETO....251
Capítulo IV: BRUXELAS....253
Capitulo V: GENEBRA....269
Capitulo VI: PARIS....283
Capítulo VII: A EXPERIÊNCIA....290
CONCLUSÃO....297
UMA AVENTURA AFRICANA....300
COTONU....301
ABDIJÃ....313
CONCLUSÃO....319

PREÂMBULO

Os milhares de exemplares deste manuscrito vendidos até hoje, as citações a respeito em obras de grande sucesso ou feitas por conferencistas renomados, e sobretudo as numerosas cartas que recebi de meus leitores constituíram, para mim, um profundo encorajamento e um testemunho comovente. Alguns de meus correspondentes, porém, foram levados a conclusões tão errôneas que me pareceu necessário redigir um preâmbulo, a ser imediatamente incluído nesta obra e em todas aquelas que tratem de assuntos similares, sendo meu propósito prevenir qualquer nova interpretação tendenciosa ou simplesmente defeituosa.

Este manuscrito tem como objetivo fundamental transmitir um certo conhecimento de assuntos particulares, com os quais a tradição sempre se preocupou, e que, nos dias de hoje, particularmente na França, continuam a exercer poderosa atração sobre quem quer que esteja interessado nas grandes questões que ultrapassam os limites de um absurdo cotidiano. Para convencer-se, basta observar o considerável sucesso obtido, junto ao público em geral, pelas obras que tratam destes assuntos. Ora, a maioria destas obras não se baseia em nenhum fundamento. Não contribui com nenhuma base verdadeira para a meditação e para a reflexão, e dirige seus leitores para conclusões falsas e por vezes perigosas.

Era também necessário mostrar a importância de que se reveste, no mundo atual, a Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C, e esta obra nisto se empenhou, situando-a em seu lugar, isto é, o primeiro — considerando seus objetivos, suas atividades mundiais e o número de seus membros. Apesar da ampla tolerância de nossa Ordem e de seu extremo liberalismo, foi, às vezes, necessário manifestar uma

estrita severidade para com aqueles que, iludidos talvez por seus próprios erros, corriam o risco de enganar os outros e de guiá-los por caminhos perigosos onde o desequilíbrio psíquico é apenas um dos males. Advertir é um dever, sobretudo se tal advertência se dirige a quem está no caminho certo e verdadeiro oferecido pela Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C. Afastar-se deste caminho de certeza, para quem o tomou, é, incontestavelmente, regredir. Meu objetivo foi evitar que meus leitores rosacruzes cometessem o lamentável erro de procurar em outros lugares aquilo que sempre encontrarão, no momento mais oportuno, e mais eficaz para eles, nos ensinamentos da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C.

São estas as razões que me levaram a redigir esta obra e algumas outras. A maneira escolhida para comunicar este conhecimento é importante. Para compreender determinados assuntos, não basta ler, é preciso *participar,* e foi por isto que adotei a forma de narração. Disto resulta que este livro é parcialmente alegórico e que, também parcialmente, relata fatos. É baseado em símbolos, pois o símbolo é, em essência, uma linguagem que cada um percebe à sua medida e que o rosacruz compreende mais que ninguém. Assim, através da alegoria, através do símbolo e através dos fatos, é ao exame de assuntos do mais alto interesse que esta obra os levará, e deste exame vocês poderão retirar uma compreensão mais vasta, mais útil e mais verdadeira de grandes questões que a tradição, no passado e no presente, empenhou-se em resolver da melhor maneira possível.

Todavia, meu desejo mais sincero é que esta leitura seja para vocês uma fonte de inspiração e um constante encorajamento a prosseguir em seus esforços no seio da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C, para mais luz e para a Paz Profunda.

Raymond Bernard

Domínio da Rosacruz

Sexta-feira, 17 de outubro de 1969

"Acho que a verdade que um homem descobriu, ou a luz que projetou sobre algum ponto obscuro, pode, um dia, tocar um outro ser pensante, comovê-lo, alegrá-lo e consolá-lo; é a ele que falamos, como nos falaram outros espíritos semelhantes, e que nos consolaram a nós próprios neste deserto da vida..."

SCHOPENHAUER

INTRODUÇÃO

Muito bem, eis-nos mais uma vez reunidos, meus leitores e eu, para uma incursão nos domínios insólitos que o mundo quer ignorar ou que então esquece, tão preocupado está pelos problemas de sua efêmera existência e pelas circunstâncias de seu ilusório presente. Novamente, confronto-me com a questão de saber se minha narração deve tomar a aparência de ficção ou apresentar-se como um relato exato de acontecimentos precisos que efetivamente ocorreram no tempo e no espaço do cotidiano em que se agita o homem da rua. Ao redigir meu *Encontros com o Insólito*, o problema já se apresentara, mas trazia em si a solução. Os fatos relatados eram por demais sérios, muito cheios de conseqüências próximas e distantes para serem oferecidos como um conto que abre o caminho para todas as especulações e para as controvérsias mais estéreis. Era preciso dar o que era permitido na própria forma que os acontecimentos tomaram e não deixar subsistir nenhuma dúvida sobre a realidade das experiências tidas, ficando o leitor, em última análise, como juiz do que podia compreender e aceitar. É o que foi feito e é o que, posteriormente, foi aprovado, de sorte que minha consciência abandona-se, satisfeita, à exaltação,interior da tarefa cumprida.

Mas, e hoje? Sim, hoje, como vou conduzi-los até estas novas descobertas que circunstâncias excepcionais me revelaram para serem partilhadas com vocês? Certamente, o dever está traçado e não tenho que tergiversar com as instruções recebidas. Sei que devo falar-lhes das *Mansões Secretas da Rosacruz*, sei o que estou autorizado a lhes dizer a respeito, mas ainda debato comigo mesmo sobre a maneira de transmiti-lo a vocês. No entanto, à medida que, no meu pensamento, se esboça o livro que vocês em breve lerão, a profunda emoção que

me tomara no momento em que lhes falava de meus insólitos encontros agita meu ser, e as impressões vividas e os segredos trocados em estranhas entrevistas encarnam-se em imagens vivas, para as quais é necessária a forma das palavras. Então, que importa! Maha dizia: "*A verdade saberá tocar no coração aquele que a espera*!" Que ela vá, pois, para aqueles que a podem receber e inseri-la na busca sublime do conhece-te a ti mesmo. As sementes voam ao vento da procura santa do reino interior, e o terreno preparado as verá frutificar em uma messe abundante.

Recorramos juntos, portanto, um itinerário que segui, ávido de curiosidade e, no entanto, penetrado de humildade diante da grandeza de uma tradição milenar, sempre presente em todas as épocas e sob todas as latitudes, a serviço da Humanidade em geral, mas também à disposição do adepto sincero, liberto das cadeias da autocontemplação e das miragens do egotismo.

Capítulo I: MAHA

Revi *Maha* e, durante nossos encontros em Amsterdã e Viena, não pude evitar, enquanto o esperava, de pensar na volumosa correspondência recebida dos leitores de Encontros com o Insólito. *Maha* os impressionara e, ao ler tantas cartas, eu sentia a certeza de que, se minha descrição tivesse podido acompanhar, um pouco que fosse, a inolvidável impressão que emana desse ser extraordinário, a descrição, por si só, seria suficiente para comunicar aos outros as emoções que eu sentira. Parecia que, no momento da leitura, um vínculo sutil se estabelecia entre os leitores e *Maha*. Para muitos, ele não era mais apenas verdadeiro; passava a ser a sua verdade — aquela que está escondida no mais profundo de cada ser e que, às vezes, sob o estímulo imprevisto de uma narração, se eleva, gloriosa, diante de uma consciência deslumbrada. A verdade é uma, sob os múltiplos aspectos de que se reveste no mundo do fenômeno, e é quase um lugar-comum declarar que ela está em cada um de nós. Ora, seres como *Maha* situam-se no plano da verdade pura, e esse plano está em acordo com o universo da permanência que o homem traz para sempre em si próprio. Assim, não me surpreendia absolutamente constatar que alguns não viam em *Maha* um estranho, mas, ao contrário, digamos uma noção conhecida, encontrada com toda a sua força e seu vigor em si próprios, como se, de repente, as palavras, as frases, a narração os fizessem tomar consciência de um vínculo jamais rompido. Além disso, a missão planetária do Alto Conselho, do A..., diz respeito a *todos* os homens. Que existe de surpreendente que alguns tenham podido, por breves instantes, comunicar-se com tais representantes e pôr-se no mesmo diapasão do mais alto deles?...

Revi Maha e, apenas a esta lembrança, sua imagem me parece muito próxima; tenho a sensação, sem igual, de sua presença e meu ser estremece com a emoção habitual, jamais embotada por este excepcional contato.

Não sei se vocês observaram, nos *Encontros com o Insólito*, que ele me parecia ter uns quarenta anos, nos retratos que eu observara em Copenhague e em Lisboa. Quando o vi pessoalmente, pela primeira vez, supus que chegara aos cinqüenta, e esta impressão subsistiu em Istambul. No entanto, na incerteza, nada mudei na minha narração. Em Amsterdã, pareceu-me mais jovem, em Viena, mais idoso. Não sei como o encontrarei, dentro em breve, em Lisboa, em Madri e, um pouco mais tarde, em Atenas. Talvez que, terminando esta obra pela descrição destes novos encontros, o que terei a dizer me faça esquecer uma descrição inoportuna! Contarei aqui, de novo, a minha impressão totalmente subjetiva. Se me pedissem para descrever *Maha*, seria tentado a responder: "*Ele tem olhos*", e verdadeiramente não posso, mesmo agora, usar de mais precisão sem correr o risco de cometer o erro de uma explicação falsa. *Creio* que os olhos de *Maha* refletem um mundo, um universo. Ele poderia comunicar-se unicamente com o olhar e, apesar da infinita bondade que deles emana, as preocupações talvez dêem à pureza de seus olhos claros uma expressão diferente; de forma que, segundo as circunstâncias, parece ter mais ou menos idade. É, parece-me, a explicação da impressão que dá quanto à idade. Além disso, que podem significar noções como o aspecto físico ou o comportamento externo para semelhantes seres! Para eles, isso não tem interesse e, para quem tem o privilégio de ter-se encontrado com eles, poderia haver outra inalterável lembrança que o fato de ter estado em sua presença, em seu meio magnético e de ter ouvido sua mensagem... a mensagem!

Creio ser útil fazer aqui uma advertência que estava implícita nos *Encontros com o Insólito*. Houve, antes da última guerra mundial e, depois dela, até por volta dos anos 50, um personagem bizarro que se atribuía o nome de *Maha Chohan*. Falou-se dele na França e nos Estados Unidos, onde a imprensa lhe dedicou alguns artigos irônicos. Esse pseudo-rei do mundo não pretendia nada menos que pôr a mão em organizações tradicionais autênticas, por motivos dificilmente confessáveis. Foi rapidamente desmascarado e enviado de volta às suas quimeras; mas, tão curioso quanto pareça, conservou alguns discípulos iludidos. Dele, de qualquer modo, ninguém mais fala. *Naturalmente, não há nenhum termo de comparação entre o pseudo-Maha Chohan e o autêntico Maha*. O *rei do mundo* não procura, seguramente, nenhuma publicidade e não se expõe à multidão sobre um estrado, sustentado por artigos e comunicados. Poucas pessoas encontraram *Maha sabendo* que ele era *Maha*. O chefe do Alto Conselho dissimula sua identidade verdadeira e sua função. Ele não trombeteia sua santa condição como o fez esse aventureiro do oculto de que falamos, paramentando-se de uma qualidade prestigiosa e recolhendo, aliás, como fruto de sua audácia, mais que a reprovação — o ridículo.

Revi Maha... Maha apenas e, de repente, revi novamente o contato de Amsterdã, depois o de Viena, esperando, para breve, Lisboa, Madri, Atenas enfim...

Capítulo II: AMSTERDÃ

Estranha cidade onde paira a sombra de Rembrandt, onde envelhecem sem envelhecer os históricos canais, onde o mar obstinado vem morrer contra o dique da obstinação humana, cidade de tradição que um grande mestre da Rosacruz do passado, *Gustave Merinck*, atravessou com suas lembranças, jamais o fluxo cosmopolita dos negócios que a invadem apagará a história que impregna os muros veneráveis de teus bairros antigos e mesmo que, em algum dia lúgubre, a Natureza em cólera te submergisse para sempre nas ondas torturadas do adversário, o sábio perpetuaria tua lembrança no templo sagrado da secreta sabedoria! Nobre cidade que se faz tristeza para o triste, alegria para o alegre, corrente para o escravo ou liberdade para o livre, tu esposas as aspirações de teu visitante e sabes até ser decepção para o decepcionado! Oh, como eu queria que o adepto verdadeiro, do lado de cá do presente, perscrutasse a eterna presença de todos aqueles que deixaram em ti a marca da alta sabedoria, pois não reservas teus segredos apenas para o clarividente que, com um olhar, apaga o inelutável moderno para melhor ver adiante! Para mim, já eras riqueza abrindo teus cofres repletos de jóias de alquimia. Agora, és mais ainda para mim, porque doravante associo Maha à tua lembrança...

O *Hotel Carlton*, de Amsterdã, fica próximo do centro da cidade e dá para uma rua movimentada, do lado de arcadas cuja razão de ser nos intriga. À minha chegada, fico sabendo que, contrariamente ao que me assegurou a minha agência, nenhum quarto foi reservado em meu nome. Diante da importância do encontro marcado neste hotel, chamo a agência de Paris ao telefone. Conseguirei a ligação...

Após uma hora de espera e, mal terminei, o recepcionista precipita-se em minha direção para me informar que minha reserva foi encontrada e que um quarto estará à minha disposição.. . amanhã! Como meu encontro está marcado para as dezessete horas, não protesto, e o porteiro encontra-me facilmente um quarto para a noite no Hotel Suíço, na *Kalverstraat* Nem mesmo abrirei minha bagagem, tanto me apresso em voltar ao local do esperado encontro. No dia seguinte, ao meio-dia, estou instalado no Hotel *Carlton* e, às 16h30min, estou sentado no pequeno hall, os olhos fixados na porta que deve, daí a pouco, trazer *Maha*.

Ei-lo! Vejo-o transpor a grande porta envidraçada... Aí está ele diante de mim, e eu diante dele, que permanece de pé, sem me dar conta de que devia fazer um esforço para levantar-me. Como é impressionante sentir, de repente, que se está em algum lugar sem lá ainda estar, que um mundo nos cerca e que não percebemos mais nada... mais nada, a não ser uns olhos de extrema palidez, nos quais todo o nosso ser se abandona, não para esquecer, mas para conhecer... e viver! E esse sorriso de uma infinita bondade... um encorajamento, um apelo à confiança, à humildade, à simplicidade! Em alguns segundos irrompem na minha consciência as impressões passadas: Lisboa... Istambul, a cripta deslumbrante. Tudo é uma coisa só. Quanto tempo dura este estado? Alguns segundos, menos ainda... eu sei e, afinal, que me importa? Podem noções como o tempo e o espaço ter significado diante da eternidade simbolizada por esse que aí está?

Ele não faz nenhum gesto e não dá o sinal que, há algum tempo, eu aguardava. Concluo que nosso encontro não se situará no plano anterior, onde tantas explicações me foram transmitidas sobre a obra do Alto Conselho, do A... Não obstante, aguardo ainda alguma nova revelação. O campo é tão vasto que só um

guia esclarecido pode definir seus contornos. Mas não sinto nenhuma curiosidade especial, pois o estado transcende nosso miserável intelecto...

"*Este lugar não convém ao propósito de nosso encontro — diz Maha após alguns instantes. — Venha.*"

Sem uma palavra, eu o sigo. Ele avança até a extremidade da calçada, um carro pára a alguns passos e, mal nos instalamos, parte, silencioso, para seu destino... Reconheço alguns canais, depois a *Leidersplein*. Atravessamos a ponte, viramos à esquerda e... nem olho, mais, pois estou completamente perdido.

Conheço bem Amsterdã, mas infinitamente menos seu subúrbio. No entanto, reconheceria a esplêndida residência que nos acolhe. Moradias como esta são raras demais para serem esquecidas. Esta não tem aspecto pesado. Fica situada no coração de um parque verdejante, cujo brilho é realçado pela densa folhagem colorida, e sua estrutura de tijolos claros lhe confere um vínculo de parentesco com alguns edifícios do subúrbio de Londres.

Andamos alguns passos do carro até um pequeno patamar, de onde se tem acesso a um amplo vestíbulo despojado: nas paredes, nenhum quadro; no ângulo oposto, um móvel chinês finamente gravado; no centro, uma mesa baixa e duas elegantes poltronas de estilo; nada mais que possa chamar particularmente a atenção. À esquerda, uma grande porta envidraçada e uma minúscula sala de visitas tão despojada quanto o vestíbulo.

Maha me precede e nos sentamos, um era frente ao outro, a uma elegante mesa retangular. *Maha* parece esperar que eu fale. Isso me surpreende, mas decido-me:

"*Um tempo relativamente curto se passou desde o insigne privilégio que o senhor me concedeu, permitindo-me conhecer sua existência e a do Alto Conselho.*

De acordo com suas instruções, divulguei uma parte das revelações que me foram feitas. Não fiz nenhuma restrição, transmitindo a todos a mensagem que recebi. Essa mensagem foi perfeitamente acolhida; eu diria mesmo que alguns a esperavam e que, para outros, ela era como que a formulação de um conhecimento indefinível que traziam neles mesmos. Sobre a reação de alguns, muito raros, o senhor me prevenira implicitamente durante nossos encontros e..."

Maha, sorrindo, me interrompe:

"*É bom que o homem reaja com* ***porquês***"? *diante de certos fenômenos ou diante dos acontecimentos que não se integram no quadro que sua compreensão edificou para seu próprio uso. Um* ***porquê*** *judiciosamente colocado pode abrir-lhe o caminho para o conhecimento transcendente — aquele que está além das limitações de seu intelecto e que permanece ao nível da permanência do real. Mas esse* ***porquê****, mesmo dirigido a outros, é primeiramente perguntado a si* ***próprio****, e a resposta de outros nunca é satisfatória. Assim, essa resposta, freqüentemente, deve ser evitada. Bem entendido, o* ***porquê*** *pode ser suscitado pelo egotismo ou favorecido por uma sugestão hábil, cujos verdadeiros motivos são sempre muito claros para quem os sabe analisar. Cada qual deveria, pois, determinar a natureza real de seu* ***porquê*** *antes de emiti-lo. Disso tiraria um proveito decisivo para o conhecimento de si mesmo e... dos outros.*"

Admiro a absoluta sabedoria de meu interlocutor. Cada uma de suas palavras repercute em minha consciência com um clarão. As coisas mais simples dão ocasião a uma útil lição sobre o valor de uma palavra aparentemente tão insignificante quanto o *porquê*. As palavras só têm a vida que lhes é dada por aquele que as pronuncia. Elas não são nada em si mesmas mas, enunciadas, ficam carregadas da personalidade que as emprega. Não é também significativo que uma

frase.. . uma palavra, possa ser mais reveladora do eu do que todas as análises torturadas de uma psicologia sem profundidade?

Maha, com sua breve interrupção, desviou o curso de meus pensamentos. Das preocupações humanas, da argumentação complexa das constatações cotidianas, eis-me, com ele, elevado à simplicidade de novos píncaros. Mestre por excelência, ele interveio, no momento mais oportuno, no jogo sutil de minhas associações mentais e, captando no coração os motivos de meu comentário, desfez a meada de um raciocínio excessivamente bem construído por meio de uma observação que traz em si a solução do conjunto. Não sinto mais a necessidade de falar. Para quê? Alguém capaz de, em poucas palavras, formular uma resposta que encerra a solução de tantas questões suscitadas, direta ou indiretamente, apenas pela curiosidade, não saberá sempre a causa ou o móvel dos atos ou mesmo dos pensamentos de um ser preso à condição humana e, antes de tudo, ao seu próprio ego? De repente, avalio ainda mais quem é *Maha* e o que ele representa, não somente por suas responsabilidades incomparáveis, mas sobretudo por ele mesmo, e sinto-me ridículo, quase envergonhado, por não ter sabido ficar em silêncio.

Maha, que me trata com benevolência, participa de minhas reflexões mudas. Abandono-me ao privilégio de sua presença e, logo, sinto a imensidade de seu contato vibratório, do qual me afastava, por minha culpa, permanecendo ao nível limitado da razão, apenas. Vejo em seu olhar que ele não me recusa, e a paz desce sobre mim, envolve-me e se instila em meu ser. Durante todo o tempo em que ele falar, ficarei como que fora de mim. Não haverá mais *Maha* e eu, mas simplesmente um poderoso fluxo vibratório de que participo, compreendendo tudo, sem distinguir se este tudo realmente tornou-se o veículo das palavras que jorram em mim mesmo, como se viessem de fora com a voz de *Maha*:

"As verdades são relativas em relação à verdade de que o A... é uma expressão permanente e cujo dinamismo se projeta através dos ciclos por meio da interpretação do Alto Conselho; mas mesmo essa verdade, enquanto é transmitida por meio de palavras, toma em cada um a aparência da sua verdade. Ela se cerca das limitações do consciente objetivo e das reações do fenômeno. Reveste-se da vida do particular da qual ela participa desde sua fonte inefável, intangível e infinita. Toma forma dentro do indivíduo que a recebe e reveste-se assim dos aspectos de uma compreensão fragmentária. Permanece ela mesma sem ser mais ela mesma. Daí, que importa a interpretação humana? Esta, desde o início, reveste-se de seu próprio manto, que dará à verdade ***percebida*** *sua cor e seu alcance.*

A verdade é de todos e todos têm acesso a ela, dentro do limite de sua compreensão; de forma que a verdade de cada um é válida e não há erro, consistindo o erro somente no julgamento ou avaliação dos outros. É por isso que uma revelação nova da verdade não deve ser reservada àqueles que se supõe podem compreendê-la, uma vez que todos a assimilarão na sua medida. O Alto Conselho age segundo a verdade. Ele não a formula em princípios que, por definição, a encerrariam nas fronteiras do concreto, embora ela se tornasse uma expressão da verdade. O Alto Conselho aplica a verdade. Ele estimula a humanidade ***em direção*** *a ela e a conduz, segundo as etapas estabelecidas, na forma que você conheceu em nossos encontros anteriores.*

Sim, a tarefa do Alto Conselho é estafante e, nesta época de transição, não é uma obra fácil conter os erros que a Humanidade comete coletivamente, supondo que a verdade de um continente deve prevalecer sobre a de outro. Eu o disse, o erro não consiste naquilo que certos povos consideram, em um determinado momento, a sua verdade. O erro reside na avaliação da verdade dos outros a partir

de uma verdade diferente, considerada como a única válida. Através dos eônios, os homens incidem no mesmo erro que parece inerente à sua natureza, mas que não o é, e que poderia ser suplantado pela adesão geral aos grandes princípios universais conhecidos de todos e dos quais o principal é talvez o respeito pelo pensamento do outro".

"Conter os erres e suas conseqüências trágicas, sem, no entanto, intervir na liberdade coletiva do mundo e nas lições que devem ser tiradas de ações erradas, implica uma vigilância ininterrupta. Meus colaboradores e eu mesmo insistimos anteriormente na liberdade concedida ao homem dentro dos limites dos ciclos estabelecidos e da sua progressão ordenada e inelutável dentro desses ciclos. Assim, cada período, como este, transitório, que a Humanidade atravessa atualmente, pode ser racional, pacífico e gradual, ou então anárquico e torturado pelas dores e pelas lágrimas. Eis o que existe no império do homem e esse império é grande. Entretanto, a síntese que o Alto Conselho deve extrair dessa liberdade nem sempre é animadora, mesmo que eu nada tenha ainda a mudar em nossas conclusões anteriores quanto ao estágio atingido no progresso cíclico da Terra".

"A Humanidade está, de agora em diante, no nível que lhe cumpria atingir e você teve conhecimento do que deverá ser a próxima etapa, o ciclo novo em que toda competição terá que se situar no plano da economia mundial. Competição, é certo, pois significa movimento, e o progresso é função do movimento. A competição é um princípio universal, com a condição de que as regras baseadas na justiça e na honestidade sejam respeitadas".

"Apesar dos recentes acontecimentos, o Alto Conselho, em suas reuniões, não concluiu pelo pessimismo e não se deliberou por uma intervenção maior, mas reconheceu-se que a nova etapa começa mal em suas primeiras

peripécias e os exames como aqueles de que você foi testemunha em Istambul se multiplicarão no decorrer dos próximos meses, pois a Humanidade aborda o ciclo atual com suas antigas noções sobre o valor intrínseco do dinheiro. É, pois, neste campo que nossa ação vai se desenvolver de agora em diante, e a Humanidade não tardará a percebê-lo. É preciso, no novo ciclo, uma ***reviravolta da escala de valores*** *e isto implica, antes de tudo, uma compreensão diferente do bem social. É a isto que o Alto Conselho prestará atenção e você assistirá às conseqüências de sua pressão esclarecida a este respeito".*

"As fronteiras parecem cada vez mais artificiais e é realmente o que são. Para além desses limites arbitrários definidos pelo passado histórico da Humanidade, é agora a influência das idéias que dirige o mundo, e essa influência não parará de estender-se, a tal ponto que as esferas dirigentes deverão ajustar-se a essa situação e dela deduzir métodos diferentes de governo. Seu papel consistirá, sobretudo, no futuro, em extrair a síntese das aspirações divergentes somente em aparência, em conjugar as diversas verdades em uma verdade social que obterá a adesão da maioria".

"Em um último esforço, o mundo dá à luz suas novas estruturas. Os conflitos que se multiplicam provam que o homem ainda não se despojou das vestes despedaçadas de suas concepções passadas e que vive mentalmente em um ciclo morto, enquanto que o ciclo seguinte já está estabelecido. Será preciso, talvez, o grande risco para que as consciências despertem para a situação presente. Empregamo-nos em evitá-lo mas, mais uma vez, a Humanidade mantém o privilégio de suas próprias escolhas. Que ela possa não nos levar a conclusões tais que nos seja preciso encarar de outra forma a maneira pela qual o novo ciclo será transposto, pois, de qualquer forma, ele o será, porque essa é a lei. Mas sabemos

que, no estágio coletivo tal como está, a tomada de consciência é grande e o Alto Conselho fará com que o seja mais ainda. A força unânime do bem servirá então de obstáculo para as perigosas conseqüências de uma compreensão que está tardando".

"Engana-se aquele que crê que o nacionalismo ainda vive no coração dos homens. A idéia nacionalista pereceu na maioria, apesar das aparências. Cada homem, esteja onde estiver, vive afinado pelo diapasão do mundo. Somente o egoísmo individual ou coletivo agita sempre a Humanidade, mas mesmo esse egoísmo atua agora, em suas comparações, num plano que vai além das nacionalidades. Tendo por base esse fato humano em seu conjunto, o Alto Conselho desenvolve presentemente uma extraordinária atividade em todos ***os planos****. Quem quer que saiba ver além das velhas estruturas que se desagregam está apto para ver o mundo novo que deve ser edificado a partir do impulso esclarecido do A... e nada, eu o repito, nem mesmo as perigosas peripécias que são a realidade do homem, nada pode opor-se ao desenrolar da etapa em andamento em direção ao fim que deve, de uma forma ou de outra, ser doravante atingido".*

"Creio assim responder às perguntas que você pode ter formulado diante dos acontecimentos que, recentemente, inquietaram o mundo. À luz do que já sabe, você os poderia ter explicado ou, pelo menos, situado em seu contexto. Devemos resignar-nos ao fato de que tais acontecimentos ainda ocorram, mas lembre-se de que, para compreender, é preciso ir além das aparências, e que o Alto Conselho é sempre atuante, com mais razão ainda se a gravidade das circunstâncias o requer."

Abandono-me às graves entonações dessa voz prestigiosa, a tal ponto que esposo os pensamentos que ela transmite e que, sem dúvida, naquele mesmo momento, ressoam no universo do Bem e da Verdade. As palavras são estudadas e,

entretanto, ao transcrevê-las, parece-me que lhes falta, do ponto de vista do leitor, o calor e a vida da expressão vocal que apenas minha lembrança pode novamente transmitir-lhes. Mas sinto que o próprio leitor, no correr das frases, entenderá mais do que lera, e, assim, o próprio texto não será mais do que palavras. De qualquer modo, não é somente o que diz *Maha* que tem valor, mas também o que ele sugere no mesmo momento. Suas palavras são aforismos que a reflexão deve fazer amadurecer em conclusões adaptáveis à diversidade das circunstâncias. O assunto é visto do alto, ao seu nível, e tomará corpo com os acontecimentos, de tal forma que, em cada oportunidade, no momento mesmo ou logo após, pode-se constatar: "*Ele o dissera*!" Além disso, o que importa é que tais seres existem e que eles lá estão, em quaisquer circunstâncias, para favorecer o melhor e evitar o pior, e, pessoalmente, isso me basta.

Na realidade, não sei por que *Maha* provocou este novo encontro. Certamente, eu acorreria do fim do mundo ao seu chamado, apenas pela alegria de sua presença, mas eu sabia não ter mais nada a aprender sobre o A... e suas atividades. Tudo o que já me fora dito e os poucos elementos sobre o assunto que eu transmitira bastavam para uma plena compreensão de eventos exteriores ocorridos desde então. Assim, quando recebi a mensagem, e isso por vias absolutamente normais, depois da alegria da notícia, me perguntei sobre o porquê deste encontro. É evidente que, em momento algum, me passou, nem de leve, o pensamento de que o encontro não seria importante. *Maha* é, seguramente, muito ocupado, e suas responsabilidades são por demais consideráveis para que a menor de suas intervenções pessoais não tenha um objetivo preciso.

"*Você tem razão — diz ele —, há um objetivo preciso...*" (Nem mesmo me surpreendi de que ele tenha seguido o curso de meus pensamentos. Nem por um

instante seu olhar deixou o meu nem o que se passa em mim; portanto, é natural que os conheça tanto quanto eu mesmo.) "*No novo ciclo, a educação assume uma importância de primeiro plano e você não deixou de observar que, por várias vezes, meus colaboradores e eu mesmo rendemos homenagem à organização em cujo seio você ocupa funções essenciais. Os movimentos tradicionais válidos e reconhecidos são, para nós, educativos, no verdadeiro sentido do termo, tanto e talvez mais que uma formação puramente profana. A eles dizem respeito o ser e sua regeneração, isto é, o essencial em relação ao relativo e o permanente em relação ao transitório. É por isto que, para o A..., eles têm um lugar primordial no plano universal, e este exame fez parte das deliberações de nossa última reunião periódica. Sem dúvida, é chegado o momento de saber a razão por que foi dada a você a oportunidade de encontrar-se com o A"...*

"O chefe supremo de sua Ordem prestigiosa é o ponto culminante do império constituído por sua tradição. Ele é, ao mesmo tempo, sua cabeça e seu coração. Sua Ordem, toda ela, vive e se move a partir de seu impulso primordial. Em todos os planos, seu Imperator concentra nele próprio, sobre ele próprio e através dele próprio o poder iniciático. Esse poder toma forma nas idéias e nas concepções de sua mente e ele retransmite, em seguida, esse conhecimento ... digamos, ao ***nível do coração****. Nada deve interferir com essa tarefa sublime de transmissor e de sábio. Mas, em todas as coisas, há correspondências e, em seu nível, você mesmo constitui um pólo, reflexo do pólo supremo, polarizando precisamente a força transmitida sobre uma certa extensão, e isso quer você esteja consciente ou não. Assim, o que você receber, será recebido* ***ipso facto*** *no nível supremo, sem que este tenha que se submeter a condições externas de deslocamento e de contatos que possam complicar ainda mais sua tarefa grandiosa. Sob outros aspectos, a*

cabeça e o coração precisam de braços e, se estes forem musculosos, por terem mais conhecimento, transmitirão melhor ainda o impulso da cabeça e do coração. Finalmente, embora sua ação abranja o mundo, o Alto Conselho mantém ainda a sede de suas deliberações na Europa, apesar de suas ramificações se estenderem a todo o planeta".

"*Existe também um outro ponto importante: a tradição, como a verdade, é impessoal. Ora, o que se recebe do executivo supremo passa a ser tradição para a obra que ele encarna, e o que você soube de nossa existência e de nossa obra não está em oposição, mas difere da tradição de sua Ordem. Mais exatamente, isto lhe é estranho. Assim, o que você recebeu e transmitiu a seu modo não pode ser, sem erro, integrado, por quem quer que seja, à obra de sua Ordem. Digamos que se trata de um conhecimento que explicita um certo estágio de sua tradição sem que esse conhecimento se integre a essa tradição, com o risco de deformar sua razão e o objetivo educativo, no sentido sagrado do termo".*

"As organizações tradicionais válidas e reconhecidas, entre elas a sua em primeiro lugar, recebem, há algumas décadas, um impulso particular. As estruturas das antigas formações exotéricas desintegram-se em toda parte e, no novo ciclo, seu papel, numa estrutura reformada, será diferente e, por comparação com o que foi, incontestavelmente diminuído. Cabe às organizações tradicionais tomar seu lugar e isto explica por que o Alto Conselho lhes dedica tanto interesse, sem, no entanto, intervir em seja o que for de suas atividades, suas tradições ou sua vida operativa propriamente dita. Lógico, nossa vigilância leva-nos a afastar dessas organizações o perigo que constituiriam os esforços desnaturados de alguns para satisfazer as exigências de seu ego fascinado pela falsa grandeza de aparecer mais, uma vez que, se cada um é diferente do outro no caminho tradicional, todos são

iguais em relação ao que é preciso adquirir. Mas aí fica o limite de nosso papel, pois a perpetuação de uma tradição e a vigilância quanto à sua pureza e à sua impessoalidade, esta é a única mola propulsora daqueles que, por um tempo, são investidos de uma responsabilidade para com essa tradição. Ora, há, no campo da educação, uma ***aceleração*** *que, em última análise, constitui a maneira de ser do Alto Conselho e que, no contexto geral, tem por objetivo fazer avançar a compreensão, de tal forma que se torne um contrapeso eficaz para o início defeituoso da nova etapa de que se tratou anteriormente".*

"Em alguns meses, no plano educativo, já foi realizado um avanço importante. A partir das bases antigas em evolução, foi obtido um progresso. Cumpre, portanto, no que se refere às ordens tradicionais — o resto nos diz respeito —, que, desde já, seja dada mais luz àqueles que estão em seu seio. Não poderia ser uma questão de diferenciar os estados de cada um. A luz deve vir para todos. Ela será recebida e compreendida por aqueles que a podem receber, e os mais humildes são, na realidade de seu ser, com freqüência, mais adiantados que aqueles cuja ilusão tão grande é de se supor mais beneficiados. Ora, essa luz, você a possui desde seus encontros anteriores com o Alto Conselho. Ela está incluída na parte de nossas revelações que meu colaborador imediato havia tão justamente chamado o ***selo secreto****, do qual lhe foi recomendado não falar sob nenhum pretexto. O Alto Conselho decidiu agora de outra forma. Abra o selo secreto no capítulo da educação e transmita a luz a ele* ***relativa****. Agiremos em outros lugares de tal modo que a luz que se aplica a outras organizações válidas lhes seja dada..."*

Estou surpreso. Na redação dos *Encontros com o Insólito*, adiantei, com prudência, minha vigilância constantemente alerta, para evitar incluir — mesmo que por uma alusão anódina — algumas das revelações contidas no que foi chamado,

primeiro em Atenas, depois em Lisboa, e finalmente em Istambul, os selos secretos. E eis que devo agora abrir um deles, sem que nenhuma restrição seja formulada para essa transmissão. Maha me observa sorrindo e, à medida que as lembranças afluem a meu pensamento, seu sorriso se acentua... Compreendo o que ele exprime. Quem ordena o segredo pode suspender a promessa anteriormente pedida. Além disso, não está o Alto Conselho à altura de determinar com absoluta perfeição o que deve ser feito? O quando e o como, é ele quem decide. O dever do verdadeiro adepto não se resume na *obediência*? Envergonho-me do sobressalto do meu ego e o plano do que vou dizer futuramente já se imprime em mim com uma nitidez surpreendente. Tudo isto se desenrola rapidamente, muito... demasiado rapidamente e estou convencido de que *Maha* não está alheio aos pensamentos que me assaltam. Seja como for, sinto que, quando chegar o momento, só terei que desenvolver, vestir de palavras, este conhecimento que *Maha* acaba de trazer de volta, vivo e completo, à minha consciência... "*Que assim seja*!"

Mas já *Maha* conclui:

"*Teremos ocasião de nos rever, pois sua estrada, nos próximos meses, cruzará com a minha, por quatro vezes, no périplo final que você tem que empreender. Não teremos mais, entretanto, uma conversa desta natureza, salvo se as circunstâncias o exigirem em relação à obra; mas não o deseje, pois isso significaria que a situação está grave, a ponto de que seja preciso prever a retirada, para fora do mundo, dos valores seguros necessários a uma nova expressão do ciclo. Que jamais, porém, você suponha uma ruptura, uma* ***ausência****. O Alto Conselho, o A... é permanência! Vá e abra o selo*!"

Maha, cujo olhar pálido toma neste momento um tom metálico dificilmente sustentável, leva lentamente todos os dedos da mão direita à testa... e sou

penetrado de uma tal emoção que meus olhos se fecham e sinto-me de repente como que separado de mim mesmo, a princípio inconsciente, em um oceano de vibrações de cores irradiantes, depois apaziguado, dentro de um extraordinário vácuo feito de sons incríveis e de absoluto silêncio, um vácuo onde tudo é cheio e onde não existe nenhuma distinção entre aqui e lá. Meus olhos se abriram, mas a impressão persiste e, diante de mim, na obscuridade do crepúsculo, há uma imensa claridade onde sei que está *Maha*, mas onde não mais o distingo. Gradualmente, tudo retoma seu lugar e *Maha* se aproxima de mim. Instintivamente, dobro o joelho esquerdo para o chão, curvo a cabeça e experimento mais uma vez o inolvidável influxo da bênção de um Grande entre os Grandes.

Como voltei ao Hotel Carlton, como deixei *Maha* e a casa que, por algumas horas, me acolheu com um interlocutor insigne, não sei mais... Ficamos, às vezes, de tal forma ensimesmados que nada mais conta. Lembrem-se de uma grande alegria ou de uma dor profunda que tenham experimentado. Essa alegria ou essa dor absorvia toda a sua consciência, em detrimento de todo o resto. Ora, eu estava mergulhado na alegria e ao mesmo tempo na dor. Que importavam o tempo e o lugar...

Tive que ir várias vezes, depois, a Amsterdã. Andei ao longo da propriedade onde tivera lugar meu último encontro com *Maha*. As janelas estavam fechadas, a casa parecia vazia, o parque deserto. Para mim, aqueles lugares estavam mortos. Só tinham tido vida com *Maha*. Não mais estavam vivos a não ser em mim.

Então, uma vez que este é o seu desejo, que minha pena corra ao longo do itinerário que lhe traça meu pensamento e que o plano originário de uma augusta presença se desenvolva em um trabalho aprimorado, portador de grande nova para

aqueles que, através das palavras, saberão compreender e comungar. Em nome do A... e por sua um ordem, acompanhem-me em uma fascinante viagem em direção as *Mansões Secretas da Rosacruz*. Junto comigo, rompam o selo e possa o livro assim aberto espalhar sobre vocês as jóias da eterna tradição em cujo ritmo aqueles que pertencem a Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C. caminham para sua própria reconciliação.

Capítulo III: O SELO SECRETO

Em meus encontros anteriores, reconfortado por verificar a estima dos membros do Alto Conselho pela Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C, e feliz por sabê-la reconhecida e apreciada pelas instâncias mais competentes de nosso mundo, ousei algumas perguntas e, para minha grande surpresa, não somente elas eram respondidas, mas também o eram com uma precisão única e não solicitada. Em *Encontros com o Insólito*, mencionei o reconhecimento e a apreciação do Alto Conselho, mas não estava autorizado a relatar os detalhes de conversações cativantes que, no entanto, eu sentia o quanto poderiam dar de certeza e de encorajamento a meus leitores rosacruzes. Uma vez que hoje isto me é permitido, é necessário que eu dê, primeiramente, algumas explicações.

As monografias oficiais de nossa Ordem, as obras publicadas sob a égide de nossa tradição, os artigos e conferências de nosso caro Imperator, tanto quanto meus próprios escritos e explicações, lembram incessantemente que a *Ordem Rosacruz* — A.M.O.R.C. dá a seus membros os instrumentos da iniciação visível que lhes permitirá um dia aceder à fraternidade *invisível*. Melhor dizendo, repete-se freqüentemente que a *Ordem Rosacruz* — A.M.O.R.C. é o autêntico caminho visível para a invisível fraternidade da Rosacruz. O trabalho, o zelo e a perseverança levam o membro sincero ao *estado* de compreensão iniciática necessário para ser admitido entre os adeptos da fraternidade invisível onde são recebidos aqueles que estão prontos. Compreende-se, conseqüentemente, que a invisível fraternidade da Rosacruz é abrangida pelas atividades de sua organização externa — a *Ordem Rosacruz* — A.M.O.R.C. — enquanto coletividade, e pelos progressos de cada um de seus membros.

Esses progressos são avaliados não com base na massa das monografias estudadas, mas pelo desenvolvimento real realizado pelo rosacruz; e, de qualquer maneira, se um membro sabe utilizar os instrumentos visíveis a ele confiados pela Rosacruz externa e se, em conseqüência, edifica uma estrutura interna válida, demonstrando assim que está pronto, então pode estar certo de que os portais da Rosacruz interna lhe serão abertos, quando chegar o momento. A responsabilidade de seu próprio avanço é, pois, deixada a cada membro. Ele colherá inelutavelmente, de um trabalho sincero, mais compreensão e eficiência e, em última análise, sua vida será melhor, mais ordenada e mais feliz.

Mas o caminho da iniciação é sobretudo uma rude escola de paciência e, se o rosacruz aceita suas lições e prossegue obstinadamente seu caminho, a Rosacruz, finalmente, não será mais para ele um simples emblema. Ela será *também* um estado interior, graças ao qual ele tomará lugar entre aqueles que se calam, entre os silenciosos da fraternidade invisível da Rosacruz. Esta é, compreende-se, o suporte vigilante da organização visível que é a *Ordem Rosacruz* — A.M.O.R.C., e insufla, nesta última vida, luz e amor, como, às vezes, estimula os dirigentes para mais rigor e severidade, quando a necessidade, individual ou coletivamente, se faz sentir.

Há, portanto, Rosacruzes em nosso mundo. Um autor declarou, já há algumas décadas, que eles se haviam recentemente retirado para o Oriente; e isso foi verdade durante muito tempo mas, mesmo do Oriente, continuaram a cumprir seu papel em relação à Ordem Rosacruz autêntica. Nunca deixaram de fazê-lo e participaram, em 1909, da instauração do novo ciclo fundado pelo Dr. H. Spencer Lewis sob a denominação de *Ordem Rosacruz* — A.M.O.R.C. Além disso, sempre conservaram e transmitiram a seus sucessores as residências que ocupavam

antigamente. Finalmente, em data relativamente recente, deixaram o Oriente pela Europa e prosseguem em sua missão desde os lugares tradicionais e, para alguns, novos, que, nos dias atuais como outrora, são conhecidos pelos adeptos aceitos sob o nome de *Mansões secretas da Rosacruz*.

Foi sobre estas mansões secretas que se falou no decorrer de certas conversas com os responsáveis pelo A..., e o que me ensinaram completou a tal ponto as informações que minha função já me autorizava a saber que uma luz nova e exaustiva me apareceu quanto à Rosacruz, em seu prestigioso conjunto, e à Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C, em sua importância única no seio do mundo atual e do novo ciclo que se esboça. Além disso, como o Alto Conselho me ordenava que o fizesse, esperei o prazo que me era prescrito e, tudo estando pronto, fui recebido em uma mansão secreta. Estou autorizado a visitar ainda mais três, mas, no momento em que escrevo estas linhas, posso relatar minha recepção apenas na primeira, muito simplesmente porque as três outras só me receberão dentro de algumas semanas. Minha peregrinação terminará, de qualquer forma, a 3 de janeiro próximo, e, ao voltar, acabarei a presente obra. Todavia, nada se opõe a que relate desde agora minha estada na primeira mansão secreta da Rosacruz, e eu os convido a me seguir a Viena, na Áustria, para a abertura do selo secreto e para uma apaixonante descoberta.

Capítulo IV: VIENA

Como todas as grandes cidades — e as não tão grandes — Viena, para os naturais e para os emigrados da província ou do exterior, é o pão cotidiano. Para o turista e mesmo o viajante apressado, Viena são os jogos do *Prater* e a indolência de *Schoenbrunn*. Para todos, naturais, emigrados, turistas e viajantes apressados, Viena é a sorridente capital da música e o culto a *Strauss*. Chego a Viena ao crepúsculo do grande festival musical de junho de 1967.

No táxi que me leva do aeroporto a meu hotel, os eflúvios de uma valsa encantam meu caminho e, mal chegado, outra valsa já me acolhe no oceano de verdura que fica em frente ao Hotel Intercontinental. Depois de uma rápida pausa, o tempo de preencher as formalidades de recepção e de ser acompanhado a meu apartamento, a valsa de novo enche meu universo, pois o primeiro gesto do camareiro é girar o botão do rádio. É com música que abro minha bagagem e travo conhecimento com meu lar provisório.

Eu pedira um quarto calmo e, efetivamente, só de longe percebo os ruídos da cidade, tendo assim todos os motivos para estar satisfeito. No entanto, lançando uma olhadela através da grande janela envidraçada que dá para fora, vejo, num estrado exatamente sob ela, dispostas em quadrado, várias filas de cadeiras, tendo ao centro um ringue. Acreditaria — eu *quero* acreditar — que são restos desertos de uma manifestação esportiva já realizada, até que, tarde da noite, voltando a meu apartamento depois da refeição, clamores desenfreados me atraem à janela e assisto, durante alguns minutos, como espectador clandestino, às contorções de uma luta de... *catch*!!! Este é o cenário onde se agitam meus pensamentos... Meu pensamento sobre a experiência que viverei aqui. O dia *D*, a

hora *H*? Nem isso! Sei que é amanhã e que o contato comigo será estabelecido às 9 horas da manhã. Sei que devo esperar no meu quarto a chamada do porteiro e que é diante de seu balcão que se dará o encontro. Aparentemente, portanto, nenhuma surpresa a prever mas, no primeiro plano destas humanas condições, há todo o resto, um resto que, até aqui, foi para mim, como para tantos outros, virtual e que, logo, será real, verdadeiro. Meu coração se aperta de esperança e de impaciência. Ah! este tempo ilusório, como nos atormenta!

Acordo à 6h30min e isto me espanta, pois minha constituição física é feita de uma forma, como se diz, que não é matinal. Acontece-me com freqüência trabalhar em meus artigos, em minhas palestras ou na meditação até duas ou três horas da madrugada sem me sentir absolutamente fatigado, mas se, de manhã, me levanto mais cedo, minha eficiência se ressente consideravelmente. Que estranha constituição é a minha nesta encarnação! Nem frio muito intenso, nem horas matinais... É preciso saber levar em conta estas exigências e a elas adaptar-se. É uma forma de domínio o bem se conhecer. Algumas pessoas, às vezes, me dizem: "*Como você deve lamentar, não conhecer, todos os dias, as belezas da manhã, quando toda a Natureza desperta em uma explosão de alegria*!"... e só posso responder: "*Como é lastimável que, de seu lado, vocês não possam conhecer os esplendores da noite enquanto tudo dorme à sua volta e o céu eloqüente só tem a vocês para contar seus segredos*!"...

Estou pronto e dentro de alguns minutos estarei: "*No começo*..." Vou aproximar-me da janela quando a campainha do telefone toca.. . É hora, esperam-me.. . Precipito-me para o elevador; eis-me no *hall*... depois perto do balcão do porteiro. Ele está lá! Eu o teria reconhecido entre mil! A grande, a nobre figura, a surpreendente doçura do fino rosto, o brilho dos olhos escuros sob a espessura de

inacreditáveis sobrancelhas brancas colocadas ao acaso da testa... o ardente magnetismo que se desprende de todo o ser a um ponto tal que aquele que o soubesse poderia tocá-lo com seus dedos sensíveis. Ei-lo, ele, Rosacruz — um Rosacruz, um *realizado*. Que fazer, que dizer! Que teria você feito, que teria *você* dito?

Aproximo-me dele e, sem ostentação, ligeiramente, curvo a cabeça em sinal de respeito profundo e de intensa devoção; ponho a mão esquerda sobre o coração e murmuro: "*Servir*!" Um sorriso me responde, nenhuma palavra é pronunciada e eu o sigo até um imenso carro marcado com as iniciais diplomáticas e o motorista, sem uma palavra, rígido e sério, o dirige pelo itinerário que já conhece, até seu destino. De passagem, lanço um olhar sobre a artéria movimentada que tomamos, depois sobre o teatro da ópera, depois... mas uma mão coloca-se sobre a minha com afeição, como para me dizer: "*Paz, paciência, confiança*!", e esses três sentimentos, eu os sinto, eu os vivo no mesmo momento. Um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, que importância tem? A experiência de um tal presente não é em *si própria* toda a experiência mística? Lembro-me que um sábio, conhecido em uma viagem que eu fizera à procura dos vestígios de iniciação antiga, me dissera: "*Repete a palavra Deus durante cinco minutos, vivendo em cada momento o que dizes. Se o conseguires, serás tu mesmo Deus*!" Com isso, ele queria mostrar que a iniciação se adquire tendo consciência de cada instante, fazendo de cada instante um perpétuo presente. Na verdade, é bem o que sinto neste mesmo momento, enquanto esta mão abençoada está pousada sobre a minha, tão pronta para receber o que a julgarem digna de partilhar.

O trajeto se desenrolou em... não sei, e mesmo que o soubesse pouco importaria mencioná-lo. Onde estamos eu não o ignoro pois, curiosamente, já vim

um dia aqui ao acaso de um passeio, mas não posso dar nenhuma indicação precisa que permita encontrar este lugar, e todos o compreenderão. Esta mansão da *Rosacruz*, como as outras que visitaremos mais tarde, é secreta, e isto por razões ligadas à própria noção de iniciação e de tradição. Além disso, se eu relatasse nestas páginas: esta mansão fica em tal lugar, vai-se de tal maneira, como seriam numerosos aqueles que, em seu entusiasmo místico, acorreriam a estes portões, com o desejo não de saber mais sobre eles, porque disto eu vou falar, mas de ver mais e talvez de perceber por alguns instantes a *sombra do Realizado*. Então, seria o fim, a ruptura, o desmoronar de todo um mundo da tradição; tanto é verdade que o desejo mais nobre engendra às vezes a mais pavorosa das catástrofes.

No entanto, a *mansão* é isolada, tendo ao longe a orla de uma floresta profunda. Altos muros a cercam e, a certa distância, percebe-se o telhado e o andar superior. A perspectiva faz supor que há pouco espaço entre ela e o muro, mas não é esse o caso. Na parte da frente e dos lados o espaço é de pelo menos cinco metros, e logo verei que, atrás, encontra-se um magnífico jardim de cerca de trinta ares...

Os grandes portões abriram-se ao tríplice soar da buzina de nosso carro, e a limusine, silenciosa, penetra no domínio, dobra à esquerda e pára diante de uma entrada, ao rés do chão, protegida por um elegante telhado de tijolos. A *mansão* parece vasta. À primeira vista, tem dois andares e não difere em nada de uma casa de campo onde um homem de negócios qualquer gostaria periodicamente de se retirar, ao abrigo dos trabalhos e das pompas do mundo. Logo constatarei que a diferença, precisamente, está em outra parte — no interior da mansão e, sobretudo, no que nela se passa. Observei que não há nenhum meio de identificar esta mansão

ou aqueles que ela abriga; nenhuma placa, nenhuma indicação que possa sugerir a que se destina este lugar.

O motorista abre a porta do meu lado. Fico constrangido e me precipito para a outra porta, para ajudar meu companheiro de viagem, mas ele já está do lado de fora e, tomando-me pelo braço esquerdo, leva-me para a mansão. Voltando-se para o motorista que espera sem uma palavra, diz em inglês: "*Vá agora, e agradeça a meu amigo. Esta noite, às oito horas, será suficiente.*" Uma mão finamente modelada por um cobre reluzente está pronta para o sinal que meu anfitrião lhe dará. Este bate três vezes e a porta se abre inteiramente para... diante...

Fico na mais completa estupefação, como que paralisado na porta, incapaz de um gesto: ali, diante de mim, eles são *doze*, com o que me acompanha e aquele que abriu a porta, e todos usam uma longa túnica franzida na cintura e presa por um cinto da mesma cor.

Na perspectiva da sala *circular* de dimensões médias, no chão de mármore preto e branco talhado em triângulos regulares cujo vértice está voltado para a entrada, o quadro que se oferece à minha vista é impressionante. Não sei como, no estado em que estou, me é possível observar tanto. É verdade que, em circunstâncias críticas ou excepcionais, nosso ser inteiro fica a tal ponto alerta que percebemos por todos os nossos sentidos ao mesmo tempo e que, movida de dentro para fora, nossa atenção registra o conjunto e o detalhe.

Ao fundo da sala, atrás e ligeiramente à direita daqueles que meu pensamento já reconhece como os *homens de branco*, duas colunas, uma *branca* e outra *preta*, apóiam-se sobre um estrado *retangular* de mármore rosa, ao qual se sobe, dos três lados, por três degraus. Na parede, entre as duas colunas, um imenso retrato de Jesus — tão vivo, tão animado por um jogo de luzes veladas que sua

presença parece real. No centro do estrado, dois assentos de linhas sóbrias cercam uma cadeira de entalhes graciosos que não posso ainda distinguir do ponto em que estou. À direita, perfeitamente ajustadas à curva da parede, encontram-se seis cadeiras de coro e à esquerda três, mas a assimetria não é aparente, tão estudada é a disposição. Um pouco mais tarde, perceberei, colocado atrás dos homens de branco, um grande candelabro, e verei, à direita e à esquerda da entrada, dois candelabros similares, depois, exatamente no centro da sala, no chão, um grande triângulo roxo cujo vértice fica em frente à entrada e sobre o qual, em cada ponta, está colocado um castiçal da mesma madeira que os candelabros. Ao lado da coluna negra, uma leve fumaça eleva-se de um enorme queimador de incenso. Uma mesa coberta de branco está próxima da outra coluna e sobre a mesa uma volumosa bola de cristal resplandece sobre sua base prateada. Uma luz repousante cai de apliques fixados às paredes. Contarei, daqui a pouco, doze deles.

Para entrar na sala, a partir da entrada, é preciso descer três degraus, e isto me lembra um outro lugar — bem diferente — em outras circunstâncias. Alguns minutos, talvez apenas alguns segundos, escoaram-se desde que estou no umbral, pois é necessário mais tempo para descrever que para viver. Meu primeiro companheiro entrou na frente e dirigiu-se para a direita, em direção a uma pequena porta, que transpõe. O que abriu a porta me toma, por sua vez, pelo braço esquerdo e me leva para o grupo, em frente ao homem de branco que está colocado no centro. Observo que este tem uma estola roxa, tendo por único símbolo, à esquerda, uma Rosacruz dourada marcada no centro de um bordado vermelho. Sobre sua cabeça há um solidéu roxo, do mesmo tecido da estola, que lhe cobre em parte a testa. Ele tem pequena estatura e parece Idoso, sem que eu possa determinar-lhe a idade. Seu rosto, como o do primeiro e dos outros, resplandece de uma inefável

doçura na auréola de seus longos cabelos brancos. Seus olhos cinzentos estão postos em mim, fixamente. Instintivamente, faço o sinal de súplica e me inclino, enquanto que, vindo à minha direita, aquele que me trouxe diante do grupo dirige-se em inglês ao personagem que está à minha frente: "*Pai Rosenkreutz, eis nosso visitante*", e por três vezes ele pronuncia meu nome.

A resposta vem, vibrante, de uma voz forte que me surpreende num homem desta altura e talvez, quem sabe, desta idade: "*Seja bem-vindo, meu filho, a este templo do Espírito Santo*!" Depois, coloca as mãos em meus ombros, fecha os olhos e, concentrado em si próprio, sopra-me três vezes sobre a testa. Experimento imediatamente um extraordinário sentimento de leveza, uma impressão de total purificação, e meus olhos se enchem de lágrimas, mas já meu guia me conduz para a esquerda e a mesma apresentação se reproduzirá diante de cada um destes augustos personagens. Entretanto, quanto a eles, seus nomes esotéricos serão precedidos de um tratamento que conheço bem — o de *frater*. Neste entretempo, meu primeiro companheiro voltou coberto com a túnica branca e noto que ele é o único, com o *Pai Rosenkreutz*, a usar uma estola, mas a sua é azul. Lebrar-me-ei de seu nome, assim como me lembrarei do nome dos outros. Estes nomes gozam de prestígio e têm um sentido, como veremos. O Pai, agora, vai tomar lugar na cadeira magistral. Meu primeiro companheiro senta-se à sua direita e meu *condutor* à sua esquerda. Os outros ocupam as cadeiras de coro. Um pequeno tamborete foi colocado no vértice do triângulo e sou convidado, com um gesto do Pai, a me sentar.

Nenhuma palavra que eu possa compreender é então pronunciada. O Pai, depois todos os outros levantaram-se, e eu fiz o mesmo. Parece-me que o Pai pronuncia palavras e que os outros lhe respondem, mas *não ouço nada*. Seis dos homens de branco deixam seu assento, e aproximam-se do queimador de perfume e

acendem uma pequena tocha na chama de uma vela colocada dentro de um globo vermelho, que até então não notara, e cada um deles se coloca, uns diante de um candelabro, outros diante de um castiçal. Novamente os lábios do Pai se agitam naquilo que para mim é um silêncio impressionante. Outros lábios lhe respondem e, com uma sincronização perfeita, os seis homens que levam as tochas acendem círios e velas. Neste preciso momento, todas as outras luzes se apagam e a enorme bola de cristal torna-se brilhante, com um brilho insustentável que, porém, não dá ao resto da sala nenhuma luz. A única iluminação, de fato, é produzida pelas velas. Oh, estranha atmosfera de um mundo diferente, fantasmagórica visão que as chamas dançantes acentuam em sombras gigantescas de homens imaculados! Quem sou eu? Que som é este jamais ouvido, que parece uma melopéia, fazendo a respiração tomar um ritmo lento, cada vez mais lento!... Será *ôm*, não; será *aum*, não exatamente — uma mistura dos dois, talvez... Em mim, primeiro, um vácuo total. Depois, a sensação de balanço, um turbilhão de inconsciência e mais nada — como um sono, como a morte! Mais tarde, *voltando a mim*, me lembrarei da fase preparatória. É a praticada pelos membros da *Ordem Rosacruz* — A.M.O.R.C, que chegaram ou passaram o sétimo degrau do templo... e um outro; mas ela foi conduzida, suscitada de fora e enquanto eu estava de pé. Por outro lado, não tomei consciência do outro plano, do outro estado, como é o caso de uma *projeção* bem sucedida. Que significa isto?

Creio ter a explicação verdadeira. Fui submetido a um exame espectral. Para isso, minha plena adesão era necessária e só o fato de ter vindo aqui manifestava minha aceitação. Se ela me tivesse sido pedida, eu teria, naturalmente, concordado. Na verdade, eu me entregaria a seres como estes inteiramente e sem nenhuma desconfiança: sua obra é o bem supremo, o *summum bonum*. Do que eles

são, só posso tirar o maior proveito para mim e, sobretudo, *para os outros*. Mas tudo se desenrola tão depressa! Eis que, em sua linguagem muda, eles se compreendem. Os círios e as velas apagaram-se, a bola de cristal repousa sem vida em sua base, as luzes voltam. O Pai e seus assistentes se retiram, pela pequena porta, para uma outra peça e sou deixado só por alguns instantes.

Será que eles vão deliberar, será necessário que tirem conclusões de seu exame, que decidam *pro ou contra*? Não o creio. Para eles é fácil — principalmente em uma sala assim preparada — analisar a aura de um visitante. Nenhuma cerimônia lhes é necessária para chegar a isso. Além do mais, estou aqui e, se fui aceito, isto não significa talvez que eu seja digno, mas seguramente implica que eu não seja indigno. Não se trata, portanto, de proceder a alguma decisão que me diga respeito. A decisão foi tomada antes da minha vinda. Em contrapartida, não compreendo a razão dessa cerimônia; mas, pode-se tratar de razão? A explicação simples me será dada um pouco mais tarde. Era um batismo, mais exatamente uma purificação segundo o símbolo do fogo. Como nos tornamos limitados por nosso raciocínio, vivendo incessantemente no mundo, e como complicamos, cada um mais que o outro, o que é só simplicidade... *Voltar a ser como as criancinhas* ... Sim, uma criança teria compreendido que, vindo de fora, era preciso, *para entrar*, ser libertado das escórias da terra e elevado a um outro nível de vibrações e de compreensão. Meu espanto por ter sido introduzido, mal cheguei, neste *Collegium Sancti Spiriti* e por constatar que este templo fica situado, sem proteção aparente, no que eu supunha ser a entrada, isto também me será explicado. A entrada principal da *Mansão* não é esta. Aqui é à entrada do templo, mas aquele que é admitido deve primeiro ser recebido pelo templo. Verei que o *início* efetua-se pela entrada principal e todo este processo é simbólico. É sempre preciso passar pela porta estreita se se

quiser que se abram, um dia, os grandes portões do reino que não é deste mundo, embora lá não se chegue a não ser através dele...

E eis que, escrevendo estas linhas, e me dando conta de tudo o que esta narração representa, vejo-me hoje tomado de dúvida e amargura. Para quê? Dentro de alguns meses, este texto seguirá seu destino e não duvido, é lógico, que leve a muitos luz e reconforto, mas, para outros, o que será ele? A vida do mundo, sobretudo no Ocidente, mata a inocência que *Emmanuel Swedenborg* diz ser a chave do reino.

O homem não recebe mais. Ele opõe à verdade a barreira de sua razão materialista e de suas impressões ilusórias. Aceita os piores sofismas, constrói os sistemas abstratos mais inverossímeis e quando a verdade de uma experiência ultrapassa as fronteiras de concepções que, no entanto, *ele sabe* incompletas e limitadas, quando é arrastado para além de sua própria expressão sensorial, dos postulados da sua pseudociência e das pobres conclusões de seu pensamento objetivado, imediatamente duvida dos outros como duvida de si próprio, luta contra a certeza interior que lhe grita: "*É verdade*", e afunda por sua própria culpa no abismo da reflexão puramente fenomenal de que permanece escravo, acreditando havê-la ultrapassado.

Quase destruí hoje meu manuscrito, quase guardei no segredo de minhas lembranças as circunstâncias vividas de uma experiência excepcional e me contentei em revivê-las no meu coração, para dá-las a partilhar de outra forma a outras pessoas. Também fiquei tentado a relatar a trama em um texto que só seria publicado mais tarde, bem mais tarde, quando alguém chamado Raymond Bernard tivesse sido esquecido; quando um servidor da *Ordem Rosacruz* — A.M.O.R.C., recentemente revestido do título de grande mestre, tivesse seu lugar cronológico na

história da Rosacruz. Então, uma tal história talvez cumprisse sua missão para com todos. Mas terei eu o direito de me deixar assim levar por sentimentos nascidos de reações por demais pessoais? Terei o direito de recusar transmitir, porque meu conforto moral supõe que o silêncio lhe seria mais proveitoso? Agindo desse modo, não estaria eu contaminado pelo micróbio do racionalismo obscuro que procura se impor num mundo que, no entanto, o mistério cega? Devo prosseguir, e se meu ego humano pode com isto se acalmar, por que não gritaria eu novamente o que disse, escrevi e repeti a propósito de encontros não habituais:

"Isto são acontecimentos! Isto são fatos! Estes acontecimentos e estes fatos, é certo, passaram pelo canal da minha própria subjetividade, uma vez que tudo o que é exterior ao homem só é percebido e interpretado pela sua consciência através dele próprio e das aquisições que o condicionam, pois assim é construída a natureza humana! Mas acontecimentos são acontecimentos e fatos são fatos! Despoje-os, se quiser, das circunstâncias emocionais que impregnam seu desenrolar! Faça abstração da maneira como são relatados, da personalidade e do estilo do autor, e veja, você só, face aos fatos e acontecimentos assim desnudados, o apelo que têm sobre você e a luz nova que podem lançar em seu caminho. Uma ficção para você? Que importa se a parábola é rica de promessas para sua compreensão e sua ***reconciliação****. Fatos e acontecimentos desta natureza estão além de toda prova. São de outro plano e só se podem conjugar em você com um outro plano do seu ser. Crer ou não crer, admitir ou duvidar, é seu privilégio e eu não quero nem posso impor-lhe que creia ou eliminar sua dúvida.* ***É porque fui São Tome que lhe reconheço o direito de o ser****. Por isto, leia e aproveite o que é bom para você ou rejeite tudo. Ninguém poderia me instilar a dúvida:* ***vivi e vi****, mas não posso, por minha vez, pedir-lhe que aceite* ***minha*** *verdade, porque você só* ***ouve****.*

Por conseguinte, sua liberdade está salva e você pode me acompanhar sem risco e até o fim de minha viagem ao reino de minha realidade, que pode ser o seu, talvez, tanto quanto o meu"...

...Desde a minha chegada a esta primeira *Mansão secreta da Rosacruz*, ainda não recebi nenhuma instrução além da extraordinária cerimônia de que fui o objeto. Esta cerimônia, por si só, concretiza certamente a finalidade de toda a minha visita a estes lugares, e minhas meditações, mais tarde, me demonstrarão que era isso mesmo. Estou, entretanto, persuadido de que preciso, sobretudo, neste momento, recolher-me e me manter passivo, para estar à altura, em seguida, de analisar e avaliar o que tiver recebido. Aguardo, portanto, sem curiosidade e sem angústia.

A porta se abre, não faço um gesto e a mão que pousa sobre meu ombro será o sinal de que chegou o momento de outras descobertas. Levanto-me do tamborete em que me sentara enquanto esperava. Os doze não usam mais agora sua túnica. Que tenham vestido uma roupa profana não poderia me surpreender. Meu primeiro companheiro não se distinguia dos outros em público e a regra fundamental da Rosacruz não é textualmente que: "*Ninguém deve ser forçado a vestir um traje especial, mas acomodar-se aos hábitos do país em que se encontra*"? Não obstante, há qualquer coisa que diferenciaria, em qualquer lugar, estes seres veneráveis: é a sua própria natureza.

Seguramente, seus cabelos brancos dão a alguns deles um pouco mais desta respeitabilidade aparente a que o mundo é sensível, às vezes até demais; mas dois têm a cabeça completamente rapada e dois outros uma abundante cabeleira negra. Nenhum, nem mesmo o Pai, usa barba, e sorrio ao pensar nesta característica que muitos atribuem, de maneira infantil, aos mestres, como se a

barba devesse ser a insígnia da espiritualidade! Estranhamente, todos se parecem. Os traços do seu rosto parecem aparentados por um *comum* indefinível e este *comum*, naturalmente, é o estado uniforme, o grau idêntico que todos atingiram no plano do ser. Este estado *transpira* através deles; eu quase diria que estes homens *brilham*. Em torno deles supõe-se, algumas vezes se vê, uma condensação luminosa que é sem dúvida a aquisição do que o adepto reconhece como o *corpo glorioso*. Quando estes seres estão presentes, dificilmente se presta atenção à outra coisa que não eles. Um estado particular de exaltação o penetra inteiramente. Eles são *diferentes*. Você não se encontra mais separado, você é *eles e o mundo deles*. Esta impressão única é impossível de transcrever.

Deixamos o *templo do Espírito Santo* pela pequena porta por onde, anteriormente, meus anfitriões tinham saído; atravessamos um estreito vestíbulo e, por uma porta já aberta, entramos em uma sala comprida, de largas janelas, cujo centro é ocupado por uma mesa retangular cercada de cadeiras de encosto alto, todas iguais, mesmo as duas que ocupam, cada uma, uma extremidade da mesa. Conto rapidamente: quatorze. Ora, eles são doze. Simbolismo? *Quatorze* nunca foi um número tão importante a ponto de prender a atenção dos sábios.

O Pai toma lugar na cadeira situada na extremidade oposta da mesa, de costas para uma das janelas. Meu companheiro senta-se na cadeira que lhe fica em frente e os outros tomam seus lugares. Sou convidado a sentar-me à direita do *Pai Rosenkreutz* e isto não me leva a nenhuma reflexão especial, senão a considerar o insigne privilégio que me é concedido... Nas paredes, nenhum quadro, nenhum sinal, nenhum símbolo. Um móvel baixo sem portas ocupa toda a extensão da parede à direita da entrada. Está sobrecarregado de livros e de pastas que, à primeira vista, não chamam a atenção e que, apesar de tudo, seria tão tentador

consultar para saber, porque nada aqui deve ser inútil. É ainda um despojamento total que só o *necessário e o importante* devem povoar. Arquivos? Sem dúvida, não. Os rosacruzes têm à sua disposição os arquivos acásicos. Então? Então, veremos...

É o *Pai Rosenkreutz* que vai falar agora. Ele não será interrompido por nenhum dos outros e seu extraordinário monólogo durará quase quarenta minutos sem que eu sinta o menor cansaço nem que, por um só instante, minha atenção se distraia. Não dirige nenhuma meditação de introdução, e por que o faria se estes seres são, neles mesmos, *meditação, vida espiritual e santidade*! Fala, e suas palavras parecem vir de dentro de cada um destes que aqui estão, inclusive eu, como se emanassem de um eu em que todos nos banhássemos e de que tivéssemos súbito tomado consciência:

"*Você está aqui em **uma** das mansões secretas da Rosacruz. Ela não é nem mais nem menos importante que as outras. Todas são do mesmo grau porque todas abrigam seres que atingiram o mesmo estado pela mesma via iniciática exterior — a da tradição rosacruz. Existem doze mansões secretas da Rosacruz e cada uma delas abriga doze membros. Reunidas, estas mansões, pelos **cento e quarenta e quatro seres** que as habitam, constituem o templo do Espírito Santo ou, se preferem, o Collegium Sancti Spiriti, ou ainda **o invisível colégio da paternidade invisível da Rosacruz**. A sala onde você foi recebido ao chegar é um símbolo do que representamos. Lá não se realiza, como você viu, nenhum ritual além da aplicação da lei cósmica concretizada pelo símbolo da luz e do fogo. Esta sala, chamada **templo do Espírito Santo** simboliza nosso **colégio**. Ela é sua marca tangível, o reflexo do universo, e você notará o emprego da palavra **reflexo**, diferente do de **réplica** com tanta freqüência utilizado erradamente para caracterizar o microcosmo humano. O homem, com efeito, não é um universo em miniatura no*

sentido próprio do termo; ele é a aparência objetiva de uma realidade permanente e estável. É a medida do que pode compreender e expressar da realidade em que se move. É por isso que ele não é, em si mesmo, uma realidade, mas somente um reflexo, às vezes ilusório, do real".

*"Em nosso **colégio**, somos, portanto, irmãos pelo conhecimento e pelo êxito dos trabalhos empreendidos em nós mesmos. Não somos regidos por nenhum juramento, nenhum estatuto e nenhuma regra, pois estamos além de qualquer juramento, de qualquer estatuto e de qualquer regra. Nossa única obrigação é a disciplina hermética que observamos voluntariamente. Não temos nenhuma marca exterior de reconhecimento. De que nos serviria ela, uma vez que estamos à altura de nos reconhecer imediatamente?"*

*"As **doze mansões secretas** têm, cada uma, uma razão de ser particular e definida. Cada uma está **ligada** a uma disciplina determinada da tradição rosacruz em seu todo, o que significa que há, nessa tradição, doze caminhos, ou ainda que o postulante, para poder tirar proveito da técnica rosacruz, deve possuir uma nota interior afinada com uma das doze notas que constituem o teclado da formação rosacruz. Isto significa também que a tradição rosacruz compreende doze caminhos ou características dentro da mesma **organização visível exterior e que, a partir do mesmo ensinamento, da mesma técnica ou método, doze resultados** podem ser obtidos, correspondendo todos, em última análise, ao estado final do Rosacruz".*

*"Esta explicação não implica em que haja doze organizações exteriores diferentes. É na **mesma organização** exterior que estas **doze possibilidades** devem ser reunidas. A simples título de exemplo, um postulante da Grande Vereda pode inclinar-se ao misticismo digamos... passivo. A técnica rosacruz desenvolverá então, neste sentido, a personalidade deste postulante. Um outro pode ter como*

*propensão fundamental a resposta às suas perguntas filosóficas, e a mesma técnica favorecerá seu desenvolvimento nesta direção. Isto não quer dizer que cada postulante deve ser exclusivamente marcado pela única nota pela qual se exprime. Quem quer que esteja pronto para o caminho rosacruz possui, latentes, as doze notas ou qualidades mas, pelo jogo da evolução, é por uma nota — **sua nota** — que deve prosseguir em seu desabrochar".*

*"Além disso, as doze notas estão de tal modo afinadas entre si que a progressão de uma nota **acarreta**, por assim dizer, a progressão harmoniosa das outras onze, ainda que estas não estejam **despertadas**, e isto mostra a unidade subjacente em que se encontram os postulantes que avançam pelas doze portas de uma mesma morada. Você deduzirá que cada uma das doze mansões representa uma nota. Ela abriga **realizados** que atingiram o grau de Rosacruz através da **nota** que ela exprime. Além disso, em cada mansão os doze adeptos representam igualmente, cada um, uma nota ou caminho — a nota ou caminho que foi sua característica em sua evolução até o último grau a que ele chegou. Você vê, assim, que não há nenhuma separação entre as mansões, mas sim, ao contrário, uma completa harmonia e isto, desde já, pode fazê-lo pressentir a finalidade, a razão de ser e o papel das **mansões secretas da Rosacruz**. Essa finalidade, essa razão de ser e esse papel, você os conhecerá pelas revelações que lhe serão feitas depois, em um **outro templo do Espírito Santo**. Mas era preciso, antes, ter uma idéia de conjunto e é aqui que você deve receber este ensinamento geral".*

*"Você ouviu os nomes de que somos revestidos. Para nós, não há mais **personalização**. Devemos incorporar nossa **nota** e o fizemos. Cada um de nossos nomes especifica assim nossa condição ou, se quiser, a **característica** particular dê nossa qualidade de Rosacruz. Porém, entre nós, nenhuma diferença! Cada*

característica é igual às outras, pois, em todas as coisas, se você for ao extremo, reconhecerá a unidade e mesmo a similitude".

"*Você pode concluir, destas explicações fundamentais e também do fato de estarmos aqui, que não é impossível chegar à condição de Rosacruz. É verdade. O número de Rosacruzes não é limitado em cento e quarenta e quatro. O que é reduzido são as* ***mansões secretas*** *e aqueles que as constituem. Ora, estas mansões são como o coração do corpo maior dos* ***Rosacruzes****. Elas são, de certa forma, o elemento que vivifica esse corpo e que o controla. Ninguém atinge a condição de Rosacruz sem que sejamos informados e sem que isto fique registrado ou, por assim dizer, que reconheçamos que é assim, e mais tarde você saberá como"...*

"*A corporação maior dos Rosacruzes!... Grande, é lógico, em relação ao nosso* ***pequeno número****, este* ***pequeno número*** *que fez com que alguns, pouco informados, acreditassem na inexistência dos Rosacruzes, ou em seu número ainda mais ínfimo!* ***O maior número****, não lhe direi quantos são, é constituído pelos* ***trabalhadores dispersos*** *no mundo, por estes* ***isolados*** *que foram consagrados por seus trabalhos secretos e que, pela experiência, chegaram ao* ***grande estado***".

"*Todos são, conosco, irmãos pelas obras, pelos atos, pela descoberta e pela verdadeira ciência. Façamos uma analogia: a organização exterior compreende um vasto conjunto de membros dispersos sobre a Terra, e um corpo reduzido de responsáveis reunidos em pontos determinados. O mesmo ocorre com aqueles que se reconhecem em seguida* ***somente pelo seu estado****. Eles estão sobre a Terra inteira, pouco numerosos, é verdade, em comparação com a massa de aspirantes, e, em pontos só por eles conhecidos,* ***têm suas mansões****, essas mansões cujo papel, no entanto, ultrapassa a corporação dos Rosacruzes para estender-se ao*

grupo mais vasto dos rosacruzes. Entretanto, onde quer que se encontrem, sejam quais forem suas ocupações no mundo, e sejam suas responsabilidades grandes ou comuns, eles estão ***ligados a nós****, à* ***mansão*** *que corresponde à sua* ***nota****, por laços que são mais que psíquicos, pois, com todo o seu ser* ***verdadeiro****, eles* ***vibram*** *com seus pares. São os verdadeiros* ***Superiores Desconhecidos****, desconhecidos do mundo, não reconhecidos por ele e ignorados de todos quanto ao que são, pois,* ***mergulhados no silêncio****, não procuram nenhuma demonstração e são homens entre os homens. Não obstante, têm a faculdade de vir à sua* ***mansão****, se sentirem real necessidade, e um curto período de* ***retiro*** *permite-lhes vencer a confusão ou mesmo a amargura que por vezes suscita a existência permanente no oceano vibratório das massas perturbadas. De fato, todos devem fazer, a cada três anos, um estágio de três dias em sua mansão e, a cada doze anos, um estágio de doze dias".*

"*Assim, você pode ver que não é impossível chegar à sublime condição de Rosacruz, uma vez que, se existem em número limitado, os Rosacruzes são, na realidade, muito mais numerosos do que se supõe e do que certos autores ignorantes fizeram supor".*

"*Você tem bastante em que meditar, até as próximas revelações que lhe serão feitas, em Lisboa, Madri e Atenas. Pode parecer que só toquei em pontos gerais, teóricos e sem grande alcance mas, se neles refletir, você perceberá a amplitude do que acaba de lhe ser revelado e suas conclusões serão frutuosas, somadas às verdades futuras que lhe serão ministradas, quando vier o momento*"...

Não pude evitar de perguntar ao sábio:

"*Certamente, compreendi perfeitamente tudo o que o senhor se dignou me transmitir. Tenho agora uma excelente idéia das doze mansões, do que elas representam e dos vínculos que, coletiva e individualmente, as unem. Notei*

particularmente o número de cento e quarenta e quatro membros e isso certamente me abre novas perspectivas em outros domínios do simbolismo. Eu percebo, sempre percebi o sublime estatuto que constitui, na evolução, alcançar a condição de Rosacruz e pressinto, sem poder formulá-lo, o papel que cumprem os mestres como os senhores. Mas o que não me parece claro são as atividades que lhes cabem por causa desse papel e também a forma como as exercem. Vejo bem a influência que podem exercer diretamente, a partir de suas ***mansões****, ou indiretamente, por meio dos realizados que lhes estão ligados. No entanto, não situo esta influência em relação ao que está sob a responsabilidade daqueles que* ***nós*** *chamamos de* ***mestres cósmicos****. Talvez minha pergunta devesse ser simplesmente:* ***'Quem são os senhores****?', dando à palavra* ***quem*** *um sentido que transcende sua personalidade ou mesmo seu estado e...*"

O Pai Rosenkreutz, as finas mãos juntas, ouviu-me de olhos fechados e, interrompendo-me, parece de fato prosseguir em voz alta um monólogo, a princípio interior:

"*Evolução... o qualificativo mais mal escolhido para designar o objetivo da busca humana. Evolução... quando se trata somente de* ***tomar consciência, de despertar por dentro, de voltar-se para si mesmo*** *e de aí viver, aí manifestar a essência que, através de nosso universo pessoal, passará a ser nossa* ***substância*** *do mundo* ***manifestos****! Como se poderia caracterizar em palavras um estado que nenhuma palavra poderia conceber? Só a linguagem da* ***consciência*** *tomada é a experiência dessa tomada de consciência, e quem quer que tenha passado por essa experiência sem retorno reconhece que a conheceu também sem que uma palavra tivesse sido trocada. A linguagem do homem não é mais nossa linguagem, o mundo do homem não é mais nosso mundo. A cor fica ultrapassada quando a luz é*

conseguida, mesmo que a luz encerre nela toda a cor. Vejamos.. . Como ***sugerir*** *o que é impossível de explicar? Olhe, nós somos o branco, não ainda o vermelho, e no entanto o branco e o vermelho são os dois lados da mesma realização. Assim, porque somos o branco, temos acesso ao vermelho mas, por nossa própria escolha, recusamos essa possibilidade para continuar nosso serviço no nível que é agora o nosso. Digamos que o vermelho, a rubificação, é o estágio daqueles que você chama de* ***mestres cósmicos****. O branco, nossa qualificação, é o estágio ou estado de Rosacruz. Assim fica situado nosso* ***nível*** *e, no* ***prisma*** *do mundo, este* ***nível****, esta* ***luz*** *difunde-se em doze cores:* ***sete fundamentais e cinco complementares****, das quais* ***duas são matizes e três diferentes****, incluindo ao mesmo tempo o conjunto das outras. Evidentemente, é por esta* ***difusão*** *que o aspirante se eleva por degraus à luz do branco... São as doze notas do teclado de que já falei, os doze caminhos ou características* ***exteriores*** *e, sendo tudo síntese e harmonia, cada caminho deve. para ser eficaz, compreender doze degraus representando as sete, duas e três* ***cores****. Assim se propaga ao infinito a lei das similitudes, pois o que está no alto é como o que está embaixo, mas também porque o que está dentro é como o que está fora, daí a analogia e a unidade sob a diversidade do esoterismo e do exoterismo. Você compreende melhor, deste modo, como nossa influência se exerce: o branco encerra todas as cores e todos os caminhos; o que emana do branco, o que ele* ***difunde****, sua* ***reação*** *aos impulsos internos de suas cores, tudo isto constitui o fundamento mesmo das* ***tomadas*** *de consciência individuais ou, se você prefere a palavra, da evolução. O que se passa em nosso* ***estágio*** *de pensamento, o que forma a obra que assumimos, age sobre o total dos graus ou estados inferiores. É por isso que, a partir dos mesmos elementos operativos, a partir de um* ***formalismo constante****, e de um ritual ou de uma iniciação exterior, por*

exemplo, uma realização ***maior e mais rápida*** *pode ser alcançada se isto for considerado necessário, levando em conta o* ***plano universal*** *do qual o vermelho, o nível dos mestres cósmicos, é o* ***regulador*** *para o que tem relação, digamos ainda uma vez, com a evolução humana ou, se você prefere, com o* ***seu resgate***"...

Fico maravilhado pelos horizontes que me abrem as palavras do mestre. À medida que ele fala, as *correspondências* estabelecem-se em mim. Noto a concordância dos números, das cores, dos estados, com a técnica da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C, e seus doze graus, dos quais sete, efetivamente, são fundamentais, dois são matizes ou *transição* e três, os mais *altos*, são diferentes, ao mesmo tempo que incluem a essência do conjunto dos precedentes. Noto o pináculo **doze** que, mesmo em nossa Ordem, é o ponto capital e não deixo de fazer outras aproximações que os membros do décimo-segundo grau podem facilmente perceber. Reporto-me a outras revelações que me foram feitas anteriormente e a silhueta de *Maha*, com seus companheiros, projeta-se, em seu lugar, no edifício infinito do universal em que agora também situo, com precisão, a obra dos mestres cósmicos. Experimento em mim a alquimia da criação — o vermelho aparece-me fogo e sol, o branco, água e lua, e tudo jorra em centelhas de um mundo que é forja e onde, putrefazendo-se, a casca da matéria bruta destila a água argêntea da purificação que deve incendiar a alma com um fogo de onde surgirá, subitamente, o ouro solar do despertar. Impõe-se à minha consciência a roda zodiacal e as etapas que designa, depois vem o grande relógio templário e o múltiplo se torna um, o quebra-cabeças reconstitui-se e surge simplificado, ou ainda...

Quanto tempo fiquei assim, vagando ao sabor de idéias exaltantes? Os sábios consideram-me calmamente, o Pai Rosenkreutz Irradia serenidade e pergunto-me se ele e seus companheiros não terão, de algum modo, dirigido a

embarcação de meus pensamentos para o itinerário que ela acaba de tomar. Mas eis-me plenamente consciente, se se deve chamar consciência o estado em que nos movemos em presença de tais seres. O Pai Rosenkreutz pousa sua mão na minha e logo a retira, como que fazendo um sinal.

Levanta-se, de fato, e todos fazem o mesmo. Minha visita estará terminada? Suponho não ter mais nada para aprender aqui, mas sei que não posso me despedir, são meus anfitriões que tomarão a iniciativa.

O Pai dirige-se ao meu vizinho mais próximo e lhe diz algumas palavras que não compreendo. Este volta-se então para mim: "*Vou acompanhá-lo em uma rápida visita à* ***nossa casa*** *— diz ele. — Você deixa aqui o Pai Rosenkreutz e meus irmãos. Queira seguir-me...*"

Estou transtornado. As horas que se escoaram pareciam-me dever durar ainda, sempre. Não se mede o valor do que se tem a não ser no momento de perdê-lo, e sinto dentro de mim um vazio infinito, um abismo de angústia. Olho um por um, longamente, aqueles que devo deixar nesta sala, meus olhos demoram-se sobre o Pai e caio de joelhos, as mãos fazendo o sinal místico da súplica, a cabeça baixa e os olhos cerrados. Minha atitude implora uma bênção. Uma mão roça minha cabeça, um sopro anima meu ser bruscamente transpassado de todos os lados por um turbilhão de vibrações de harmonia e de paz.

Sinto a embriaguez espiritual de um *ôm* vindo do nada e ampliando-se até desconhecidos píncaros, para morrer lentamente em uma tonalidade expirante, enquanto meu eu profundo associa-se por si próprio a este ritmo secreto. Uma mão toma a minha, apoiada em meu ombro esquerdo, e me convida a me levantar. Todos os mestres estavam em círculo em torno do *Pai Rosenkreutz* e de mim, seu vassalo, ajoelhado diante dele. Todos participaram da bênção que me era concedida. Ainda

uma vez, a unidade do múltiplo! Como tudo é lição no silêncio dos sábios! Agora posso ir. Sigo meu guia e, antes de transpor a porta, volto-me para o grupo e inclino-me em sinal de adeus. Todos sorriem com um sorriso de luz e de pureza e eu... sinto as lágrimas correrem pelo meu rosto.

A visita, como me fora anunciado, é rápida, sem dúvida porque não devo esperar nada de excepcional. Não obstante, estou prodigiosamente interessado. Lógico, o que vejo outras visitas menos extraordinárias me deram a conhecer, mas aqui existe a presença dos Rosacruzes, e ela está em toda parte. Muita austeridade em cada peça e em cada uma um rigor rebarbativo. Eis o refeitório, simples, bem iluminado, onde a mesa e as cadeiras estão dispostas do mesmo modo que na peça de onde vimos. Observo novamente duas cadeiras a mais, sem no entanto interrogar meu guia, silencioso no silêncio deste lugar. Ninguém espera, certamente, que eu faça conjeturas sobre o porquê daquilo que não me é explicado. Iniciação implica espera. Esperarei. O véu será levantado no momento devido, mais tarde, não tenho dúvida.

Sobre a mesa, doze pratos metálicos, de estanho talvez, copos do mesmo metal — e mais nada. Deduzo que o resto da mesa deve ser posto na hora das refeições. Ao fundo e à direita, perto de uma lareira de fina moldura, um púlpito trabalhado serve de base a um grande livro fechado. Aproximo-me e um breve olhar permite-me distinguir, sobre a capa negra, uma esplêndida cruz ornada de uma rosa na haste. Não ouso levar mais adiante minha investigação. Em que outra língua que não o alemão ou talvez o latim estaria ele escrito? Ora, abandonei o latim nos meus dezesseis anos, o inglês é minha segunda língua, estudo atualmente o espanhol e o polonês não passa de reminiscências vagas de meus vinte anos. Alemão ou latim?

Não, eu me recuso a uma curiosidade culpada. Existem circunstâncias em que cada gesto conta.

Atravessamos o umbral de uma porta trabalhada, à esquerda da lareira, e ando atrás de meu condutor ao longo de um estreito corredor e de uma escada um pouco mais larga. Bastam mais alguns passos, em seguida, para chegar a uma grande galeria bem iluminada por três janelas de vidro fosco. A direita, todas iguais, sucedem-se várias portas, a intervalos regulares. Conto rapidamente quatorze e este número, novamente, deixa--me perplexo. Meu guia abriu uma das portas e não abrirá mais de uma. Compreendo que é a peça que lhe é reservada... A peça! Que palavra comum para caracterizar esta cela, pois se trata de uma verdadeira cela, que nada tem que provoque aversão, tristeza ou medo. As vidraças azuladas de uma grande janela inundam este lugar de uma cor calmante que banha até as paredes, que se adivinham inteiramente brancas. No teto, um globo muito simples em sua minúscula solidão, à direita uma cama de ferro, com a borda do lençol dobrada sobre a colcha marrom e, perto da janela, diante da cama, uma mesa comum, coberta com uma toalhinha branca, ornada por duas velas em seus castiçais baixos de metal, alguns livros sobre uma prateleira acima da mesa, uma única cadeira, um armário modesto e é tudo.

Esta cela não contém mais que esses acessórios, da mais estrita necessidade para quem a ocupa. Entretanto... entretanto, entramos, meu anfitrião fechou a porta e vai agora até a mesa, acende as velas e volta-se para mim... Oh, o estranho sentimento da memória recobrada, da lembrança que lentamente toma corpo e se situa no tempo e no espaço de uma vida! Faz meia hora que este ser santo está a meu lado, guiando-me por lugares marcados pelo prestígio de augustas presenças e *ele é uma delas*. Percorri uma casa que não teria nenhum interesse

sem a *alma* que nela fez sua morada, e minha consciência projetou para fora um olhar inquisidor, distraindo minha alma do contato com a *Alma*, enquanto que me bastava perder-me na *alma* que me acompanha para tudo compreender e para tudo *viver*. Sinto, sei o que o mestre vai dizer — uma palavra, uma única palavra de duas sílabas — *minha palavra*... E ele a murmura, e eu a reconheço... e perco-me, sereno, feliz, dentro do nada do tudo...

A visita, logo em seguida, prosseguirá sem que minha curiosidade volte a despertar. Mesmo o laboratório onde se trabalha aqui em colaboração não me surgirá senão como a projeção materializada do que conheci desde que entrei nesta casa, e que só agora acabo de perceber verdadeiramente e de compreender. Há, no *laboratório*, doze mesas, uma delas no centro, as outras onze em volta, formando um círculo, espaçadas cerca de quinze centímetros uma da outra. A sala é vasta e é a única que tem as paredes cobertas de mapas e de diagramas diversos, uns esquematizando o corpo humano e outros, coloridos, representando numerosas plantas, enquanto que outros ainda reproduzem os símbolos tradicionais fundamentais, dispostos de maneira a fazer sobressair sua harmonia e unidade. Em cima de cada mesa, notarei uma pirâmide. A que se encontra sobre a mesa central está gravada com letras hebraicas e todas as outras contêm símbolos egípcios, diferentes em cada uma delas. Constatarei também que cada pirâmide é oca e que a parte de baixo, amovível, permite ver no interior um fio flexível, que retém um pequeno gancho de prata situado exatamente no centro dela. Não perceberei nem retorta, nem alambique, nem fornalha, e isto não me surpreende. "*Que fariam aqui estes acessórios, que papel poderiam desempenhar para realizados*"? Em contrapartida, notarei, num ângulo da peça, uma bola de cristal sobre sua base, semelhante à do *templo*. Verei também dois enormes dados, colocados um sobre o

outro, o de cima ligeiramente deslocado em relação ao de baixo. O símbolo é evidente, pois, tal como os dados estão dispostos, o número *doze forma-se* imediatamente no pensamento. Seguramente, um trabalho especial é realizado aqui. Suspeito do que deva ser, mas já aprendi tanto nesta mansão secreta que nenhuma explicação nova me será dada, e isto não me surpreenderá.

Meu guia, depois da experiência em sua cela, voltou a ficar silencioso e manterá esta atitude até o fim. Ora, este fim é chegado... já! A noite apresta-se a revestir seu manto de lua e estou no umbral da grande porta — a que abre para a saída e para este mundo estranho que, nas ilusões de seu sonho, move-se, desvairado, num imaginário que acredita real. Oh, como a experiência por que venho de passar durante estas horas abençoadas poderia parecer *sobrenatural* aos adeptos exclusivos do mundo sensorial, demasiadamente esquecidos de que vivem, eles próprios, por sua própria vontade, na contemplação limitada das quimeras sub-naturais de suas concepções pretensamente *científicas*! Na realidade, a quem acuso, senão a mim mesmo, pois recentemente, quando de meus primeiros balbucios no caminho, não estava eu também tão ligado ao suposto *visível* que meus olhos permaneciam fechados para a unidade onde visível e invisível se distinguem, cada um em seu domínio, como as duas fases de um mesmo conjunto?

... Eis-me, portanto, no umbral da grande porta, o mestre, o Rosacruz, ali, diante de mim, e estou pronto para receber a última herança da mensagem que ele me comunica em um francês perfeito:

"*Você aprendeu, e aprenderá ainda, pois o véu foi retirado e a luz resplandece. Nada lhe será ocultado e cada pergunta terá sua resposta, antes que este ano se acabe. A palavra... sua palavra, penas o sinal sobre a cor, a nota que é a sua. Além do elo que sou, outros elos mais interiores ainda reconhecem essa*

palavra, e sinal, essa chamada! Não me considere portanto como sua única ***correspondência****, pois eu sou um entre muitos. E ainda, mais* ***para*** *fora que você mesmo, há elos que se ligam a você pelas vibrações da* ***palavra deles****, e eles próprios são para outros um elo mais interior — assim até o infinito, e isto mostra que tudo está ligado no* ***céu como na terra e mesmo abaixo dela****, que tudo age num sentido como no outro, em um perpétuo movimento de onde explodem a vida, o pensamento, o amor e cada sensação ou sentimento. Assim, vá, meu filho, vá, meu irmão...*" E, pousando as mãos em meus ombros, seu olhar fixo no meu, todo o meu ser comungando com ele, acrescenta: "... *e que a paz profunda o acompanhe na investida ao próximo triângulo*!..."

O carro avança, rápido, em direção à cidade... A iluminante compreensão que me invadira, enquanto o Pai discorria, fizera-me supor que as próximas visitas previstas a outros lugares não teriam mais razão de ser. Parecia-me que tudo se tornava simples a partir do que eu vira e ouvira. Mas agora percebo que saber e compreender não bastam em tais circunstâncias e que cumpre provar e experimentar. Calculo tudo o que resta ainda por esclarecer, por situar, o mais ínfimo detalhe podendo ter uma importância maior. Essas salas que percorri, sua disposição, os símbolos que minha vista acariciou e que minha lembrança avalia, tudo tem certamente uma razão, um papel a cumprir, e aquilo que não percebi aqui irá tomar seu valor adiante. Além disso, o itinerário está fixado, a estrada está traçada e a ordem dada. É preciso obedecer, mas ,será obedecer o gozar de um privilégio imenso, único? O silêncio desce em mim vestido de suas roupas de festa: Paz, harmonia... Quando o porteiro do hotel abre a porta do carro, é com verdadeiro esforço que retomo plena consciência. Logo estarei em meu apartamento e pouco importa, esta noite, que a alma de Viena vibre aos acordes de uma valsa ou que a

multidão, sob minhas janelas, urre diante dos sofrimentos de um lutador. Meu coração canta o salmo da alegria e salta de esperança: Lisboa, Madri, Atenas... outras mansões secretas, dentro de alguns meses... amanhã!

Acabo estas primeiras notas esta noite, sexta-feira, 13 de outubro de 1967. São 19 horas. Em um mês, exatamente a 13 de novembro, às 14hl0min, chegarei a Lisboa e, nesse mesmo Hotel Ritz, onde tive um dia o grande encontro, me prepararei para outra visita... Oh, espera santa de bodas espirituais em que o ser comunga consigo próprio em um abraço de luz! Que jamais o tempo enganador suspenda seu vôo e que depressa desfilem os dias no relógio da experiência humana até o suave carrilhão que dará o toque de despertar!

Capítulo V: LISBOA

É pouco conhecido o fato de que Lisboa se chamou antigamente *Ulissipo*, e depois, sem dúvida por simplificação, *Olisipo*. Muitos ignoram que ela foi um município da Lusitânia romana, que em 357 já era um bispado, que os mouros dela se apossaram em 711 e que só foi reconquistada em 1147 por Alfonso I Henriques e os cruzados, para tornar-se, no século XIII, a residência dos reis de Portugal. De sua fabulosa prosperidade no século XV, desaparecida com o domínio espanhol em 1580 e definitivamente aniquilada pela perda das Índias, poucos se lembram. Fala-se ainda com angustia do tremor de terra de 1531 e com terror do sismo devastador de 1.° de novembro de 1755, seguido de um gigantesc o incêndio e de um maremoto que destruíram a cidade, em sua maior parte. Ela foi porto de trânsito e centro de comércio das especiarias expedidas das índias com destino aos portos europeus do Atlântico. Era o ponto de chegada dos navios do Brasil... Hoje, estende-se, lânguida, às margens do mar de Palha, sonhando com seu passado, escrutando o futuro e suas promessas incertas, agarrando-se às esperanças que seu povo, sorrindo de tristeza, mantém vivas por meio de um labor cotidiano e de uma perseverança secular.

Da varanda do meu apartamento no Ritz, no suportável frescor deste 13 de novembro, imagino na distância, lá longe, uma das mais belas enseadas do mundo e saúdo o Tejo, esse exilado de Aragão, que, aumentado em Castela e acompanhado desde Aranjuez por seu irmão Jarama, brilha ao sol de Toledo, de Tala vara e de Alcântara, antes de irromper em Portugal para conhecer o esplêndido desfile das Portas de Rodas e, carregado de história, seguindo seu percurso sinuoso na calma das planícies e enganado por falsos rios, voltar, depois de sua majestosa

passagem por Vila Franca, para jogar-se na soberba baía de Lisboa e morrer, esgotado, no oceano Atlântico...

Lisboa e seus raros vestígios, suas igrejas antigas, sua Torre de Belém, seu Mosteiro dos Jerônimos... Lisboa e o Tejo, e Lisboa e seu Ritz, e Lisboa e Maha!... Os dias escoaram na cadência dos meses e eis as recordações antigas reunidas no presente que passa... Mesmos lugares, mesma esperança. Amanhã, nova espera...

Entro e sento-me. Os olhos fechados, tento conter o fluxo desordenado de pensamentos em que se misturam a nostalgia de ontem e a impaciência do momento. Tudo começa amanhã. Para que querer imaginar agora o que poderá acontecer? Não está longe o momento em que os fatos se inscreverão no tempo que lhes está preparado. O porteiro deu-me um breve recado: "*Alguém deve vir amanhã, às 10 horas*". Como são sempre inúteis as suposições do *talvez*!

No entanto, *Maha*, em Viena, não me deixara a esperança do privilégio de um novo encontro com ele, nas cidades a que teria que ir, para as visitas para as quais estava convidado? Certamente, quem sou eu para esperar que tal ser, ou mesmo um de seus adjuntos, possa pensar em me incluir na imensidade de sua tarefa e mesmo em alguns minutos de seu precioso tempo? Vamos, não devo alimentar perigosas ilusões. Já estou confundido pelo insigne privilégio que me darão amanhã.. . Não posso afastar o pensamento de *Maha*. O que aconteceu com ele aqui, neste hotel, leva-me incessantemente de volta à sua imagem. Bem! Então, suponhamos! Tanto pior para a inutilidade do talvez!

Então *Maha* está ou estará nos próximos dias em Lisboa, um pouco depois em Madri, e eu, também, lá estarei, e finalmente, mais tarde, em Atenas. Lisboa, Madri, Atenas... três regimes autoritários, três países que não parecem

andar no mesmo ritmo do mundo, a despeito das aspirações de seu povo. Afasto este pensamento político. Afinal, as coisas seguirão seu caminho e ninguém poderá modificar nada. Ninguém? Lembro-me do que aprendi nos encontros anteriores. Enfim, sei que *alguém* observa, e a avaliação do estado de uma nação em relação às normas gerais exigidas, considerando as lições a serem aprendidas e as etapas a serem transpostas, é certamente conhecida de maneira perfeita. Desde que tive acesso a essa compreensão, graças às luzes recebidas das autoridades mais competentes nessas matérias, não tenho mais nenhum problema. Um pouco de reflexão permite-me situar os acontecimentos, pequenos e grandes, em seu maravilhoso contexto universal...

Maha não pode, entretanto, encontrar-se em Lisboa para uma das reuniões periódicas. Existem quatro destas reuniões que coincidem, com diferença de apenas um ou dois dias, com o início de uma nova estação. Em Viena, podia ser o caso, em Atenas, será esta certamente a razão da presença de *Maha* em dezembro próximo, mas em Lisboa, nada de semelhante. Lembro-me, apesar de tudo, que meu primeiro encontro com *Maha* também se dera aqui, em novembro, e jamais tive a pretensão de pensar que ele pudesse fazer uma tal viagem unicamente para se encontrar comigo. Uma reunião fora realizada. Podia tratar-se, naturalmente, de uma reunião extraordinária; mas *Maha*, na mesma época do ano, estará de novo em Lisboa. Não poderia mais tratar-se de um acaso. Será Lisboa de primeira importância para o Alto Conselho?

Depois da primeira vinda de *Maha* a esta cidade, houve acontecimentos consideráveis no mundo; mas como se poderia estabelecer uma relação direta entre os dois fatos, ainda que... Recuso-me a ir mais longe nesta suposição. *Maha* moraria aqui? Não! A resposta irrompe com uma certeza tão imediata de meu subconsciente

que abandono essa idéia. Então, que se deve concluir? Que, se a situação o exigir, uma reunião especial é sempre realizada em Lisboa mas, neste caso, por que novembro? Os acontecimentos não esperam... a menos que novembro seja um mês capital, todos os anos, na história do mundo, talvez o mês do balanço, aquele em que são aventados os próximos acontecimentos e a maneira de enfrentá-los.. .

Começo a compreender. *Maha* bem que me disse que o que me era revelado podia tornar-se a chave que explicaria todas as condições. Ora, o momento dos encontros, sua data e os locais não são em si uma revelação?

As quatro reuniões anuais devem ser, se meu raciocínio está certo, as da ação e das decisões, as outras as das avaliações. Quanto a Lisboa, seria a cidade do balanço anual antes do *grande encontro* de inverno. As outras cidades? Amsterdã, Viena... Penso adivinhar: Atenas fica próxima de Istambul, nem uma hora de avião. Uma outra cidade seria então Atenas, e Istambul a da última grande reunião.

A enumeração está incompleta. Tenho conhecimento, por todas as reuniões, gerais e particulares, de Amsterdã, Viena, Lisboa, Atenas, Istambul. Lembro-me de Copenhague, onde soube que se realizara uma reunião. De Londres, não tenho certeza alguma, embora os membros do Alto Conselho não se desloquem inutilmente, é lógico. Sete cidades no total, e não somente ignoro qual seja a oitava, como também não passaria de conjetura dizer onde se realizam os grandes encontros e em que lugar se desenrolam as reuniões secundárias. A não ser Istambul, Viena e, talvez, Copenhague... Que importa, afinal? O essencial não é que essas reuniões se realizam? Censuro-me por minha humana curiosidade. Levanto-me e abro minha bagagem... Esta noite, me deitarei bem cedo. Decididamente, devo

admitir que o tempo conta e que a idade foge: o avião, meu velho amigo, também ele me cansa...

...No carro que me leva esta manhã para uma *nova mansão secreta da Rosacruz*, revejo em pensamentos os acontecimentos que se desenrolaram nesta última hora, e cuja semelhança com o que se passara em Viena me espanta. Primeiro, o camareiro, que me traz, alguns minutos antes das dez horas — enquanto eu esperava a chamada do porteiro perto do telefone do meu quarto —, um envelope fechado, encerrando uma carta minúscula com estas únicas palavras, escritas em uma bela letra inclinada: "*Estou aqui — J.C.*" Em seguida, minha chegada ao hall imenso, com o olhar voltado para o lugar onde, anteriormente, ficara *Maha*, mas que agora está vazio, silencioso. Depois, alguém que vem a mim, alto, magro, esplendidamente ereto na idade avançada que carrega com uma juventude que irradia de seus olhos cinzentos, na luz prateada de sua abundante cabeleira. Pálido? Sim, mas esta palidez deve-se apenas ao contraste de um rosto fino com um terno de um azul extremamente escuro, de onde sobressai uma gravata branca perdida sobre uma camisa da mesma cor. "*Venha*" e, novamente, confiando com uma certeza absoluta, sigo um desconhecido para uma nova descoberta.

Talvez eu devesse dizer algumas palavras sobre o carro que nos espera, sobre o motorista que, sem uma palavra, toma o caminho que conhece tão bem? Isto não me parece acrescentar seja o que for à narração. Houve muitos carros e motoristas em todos os meus encontros, sem que eu soubesse se uns e outros estavam a serviço daqueles que eles transportavam junto comigo ou se eram *emprestados* por algum fiel desconhecido. Para que, aliás, ocupar o pensamento com este gênero de problemas? O papel anônimo desses colaboradores dedicados honra-os na perfeição da missão que cumprem.

O carro avança, rápido, e não ouso perturbar o silêncio. Meu companheiro parece recolhido em uma profunda meditação. Fecho os olhos e esforço-me por alcançar seu nível vibratório mas, bem depressa, sinto que é ele que conduz minha meditação em direção de um indescritível estado de comunhão a que me abandono inteiramente. Quando retomo consciência, o carro deixou o mar à esquerda e segue um caminho largo e bem conservado em direção a um grande prédio que nada dissimula à vista e que certamente todos aqueles, turistas e naturais do lugar, que tomam a estrada que percorremos, não podem deixar de apreciar. Ora, esse prédio parece-se com um monastério e deve, certamente, intrigar o curioso, a menos que, como sempre, a idéia de que se trate de um convento que não é visitado ponha fim a qualquer veleidade de saber mais sobre ele...

À medida que nos aproximamos, ele aparece, maciço, majestoso e, ao mesmo tempo, de uma rara elegância. Três arcadas desenham-se no centro da fachada principal e, em cima, um único andar com inúmeras janelas abre-se em um terraço arredondado protegido por um largo balcão de pedra.

Meu companheiro, logo que desce, convida-me a segui-lo. A areia branca range sob nossos passos e não sei por que meu coração se aperta. Não sinto medo, mas o sentimento do desconhecido hoje me oprime, como se nestes lugares esperassem-me as grandezas de uma iniciação em que o ser, antes de emergir para a luz, devesse dominar o antigo terror de provas purificadoras. Afasto essa idéia ridícula. Neste nível, não se precisa mais ser aprovado, o *terror do umbral* está ultrapassado e, além disso, nada solicitei. Estes encontros me foram propostos e eu aceitei, obedeci. Além do mais, um tal convite me teria sido feito sem que eu fosse submetido, sem o saber, às verificações necessárias, a uma atenta avaliação interior? Mesmo que eu não deva passar de um intermediário, não presidiu a

prudência, desde o princípio, a decisão a meu respeito? Supor o contrário seria conhecer muito mal as leis ocultas mais elementares. Devem ter sabido, em todo caso, que eu só falaria sobre ordem e que, neste caso, nem o receio da recusa de uns ou da duvida de outros abalaria minha determinação de cumprir a missão que me seria confiada...

Damos alguns passos sob a arcada central. Meu guia, sem dar nenhum sinal, entra pela grande porta de dois batentes e me precede no interior. Encontramo-nos em uma vasta sala lajeada com o mesmo mármore branco da entrada. A alguns metros da porta, duas imensas colunas de mármore rosa abrem para uma larga escada coberta, no centro, por um esplêndido tapete de cor escura. À direita e à esquerda, várias portas perdem-se no lambris com que são inteiramente recobertas as paredes. Uma rigorosa simetria ordena a disposição dos raros móveis da sala. Este consolo é a exata reprodução daquele que lhe está em frente. De cada lado da escada, a mesma mesa e três cadeiras semelhantes. Tudo aqui me faria pensar simplesmente em uma rica residência, se eu não soubesse que me encontrava em lugar excepcional.

"*Queira esperar alguns instantes*", diz-me meu companheiro, e dirige-se para a escada. Sento-me na cadeira que, à direita da entrada, fica em frente ao centro da sala. Depois de alguns minutos, ouço passos na escada. Alguém desce do andar de cima — ou mais exatamente, pelo barulho, várias pessoas — e súbito, no alto da grande escada, percebo *Maha* seguido de todos os membros do Alto Conselho. Levanto-me bruscamente, mas permaneço no mesmo lugar, imobilizado pela surpresa. No momento, não compreendo. Não estou eu aqui em uma mansão secreta da Rosacruz? Este lugar não é a nova etapa de uma série de revelações

para as quais sou dirigido sem as ter absolutamente solicitado? Sinto que nenhuma explicação me será dada sobre a presença aqui do Alto Conselho.

A experiência que adquiri durante os encontros anteriores faz-me compreender plenamente que não há nenhum erro possível. No caso contrário, os esclarecimentos que eu desejasse me seriam dados. Recordo-me que meu primeiro encontro com *Maha* se deu em meu hotel, enquanto que os outros membros do Alto Conselho, para os contatos preparatórios, receberam-me em *apartamentos* onde, explicavam eles, haviam sido realizadas reuniões. Não tenho pois nenhuma dúvida de que, em Lisboa, as assembléias do Alto Conselho se fazem nesta *mansão* onde agora me encontro. Meu interesse imenso ultrapassa, a esta idéia, todos os limites possíveis. Não estabeleço, é certo, nenhuma relação entre os *Rosacruzes* e *o Alto Conselho*, mas compreendo que este último, cujas responsabilidades não são superiores, mas *diferentes*, pode servir-se, na sua tarefa, de facilidades oferecidas por outras assembléias autênticas, formadas de seres que transpuseram um estágio determinado de evolução. Em todo caso, observo que os *Rosacruzes* conhecem não somente a existência do Alto Conselho, mas também por quem ele é constituído, e isto me abre novos horizontes sobre a publicação de antigo manifesto e sobre suas referências à *Grande Reforma*...

Maha, seguido por seus colaboradores, vem a mim. Eu não ousava esperar por isto, pensando, respeitoso e atento, que sairiam sem me conceder uma inútil atenção. Mas seria esquecer a simplicidade destes grandes, supor que pudessem ignorar aquele que, perto deles, neste lugar de majestade espiritual, é o menor, o mais humilde. Todos param, *Maha* a um passo de mim e os outros ligeiramente atrás. Ao mesmo tempo, fazem o sinal de que, desde nossos primeiros encontros, guardo a lembrança, interrogando-me ainda sobre seu sentido oculto,

com um sem-número de explicações, nenhuma das quais me satisfaz. *Maha* aproxima-se de mim, não estou mais aqui nem lá, esqueço e me lembro, tudo vibra em minha volta, em mim, sobre mim e minhas lágrimas são eu mesmo e não são eu. Estranha conseqüência de um estado que a repetição nunca embota e que, semelhante a ele mesmo, transtorna, apazigua, comove, encanta todo o ser em um santo aniquilamento...

E eis-me *sozinho*, de joelhos, retomando consciência, surpreso com a minha solidão nesta sala imponente e vazia, onde a espera deve recomeçar e onde a retomo, com uma impressão de completa regeneração, nesta mesma cadeira, da qual não saí, apesar dos instantes sublimes que acabo de, conscientemente, atravessar. Nem uma palavra foi pronunciada, breves minutos transcorreram e, no entanto, a atmosfera de todo um dia — que digo? de uma existência talvez — foi transformada por estas vibrações únicas que se somaram a outras anteriormente adquiridas, reforçando-as com o peso da *presença*. O que é, pois, o espaço e que quer dizer o tempo? O tudo é o nada ou então o nada é o tudo? Homem que não vives a não ser nos fantasmas das emoções de teu ego enganador, preocupado apenas com teu *tu-mesmo*, sobretudo se pretendes te interessar pelos outros, quando te lamento, é a mim que lamento, pois sou teu irmão nesta Humanidade que segue seu caminho, seu sonho coletivo... Não passamos de vaidade e de um nada e, no entanto, somos tudo, depois do despertar. Vê!... Considera comigo estes seres sublimes! Somos orgulho, eles são simplicidade; consideramo-nos juízes, eles são misericórdia e perdão sem jamais haver ofendido seja quem for...

Minha meditação é tão profunda que não ouvi se aproximarem aqueles que, agora, aqui, diante de mim, me olham e parecem ter participado de meus pensamentos. Sempre sofri de uma certa timidez que atribuo a um medo profundo

da multidão ou, talvez, a um amor exclusivo a uma solidão que me foi recusada pela presente encarnação, por causa da missão que nela devo cumprir. Não ignoro que a timidez prejudica, às vezes, um primeiro contato e que o tímido corre o grande risco de ser incompreendido, considerado seco, ou muito distante, ou muito altivo, mesmo que seu coração transborde de amor e que sua alma, na ocasião do encontro, comungue com outras numa clarividência imediata. É verdade, esta terrível timidez se vai após alguns instantes ou, antes, ela se retira para alguma alcova obscura, prestes a surgir, insidiosa, rasteira, à menor desatenção, para revestir com sua máscara mentirosa, feita de aparências, a realidade profunda de um ser. É claro, sei que o grande mestre não sofre de nenhuma timidez. Ele é o *outro* em mim, mas aqui, eu sou Raymond Bernard e eis-me, tímido diante dos ilustres, fascinado pela imensidade que representam, perturbado pelo esplendor dos realizados e ofuscado pela sua enorme luz, de que a minha é apenas um eco, um reflexo que brilha ao mundo, mas dá a medida, neste lugar, da longa rota a ser percorrida ainda para encontrar um vigor mais intenso...

Levanto-me e o contato consciente destes olhares me acalma, rompendo o véu do instante para uma comunhão sem idade e sem fronteiras. Diria quase que reconheço o Pai Rosenkreutz. Há, entre este e o outro, que conheci em Viena, uma semelhança absoluta que nada tem de físico, mas que emana dele, por assim dizer, a tal ponto que, se ambos estivessem lado a lado, qualquer um, na mesma hora, apesar de suas diferenças corporais, restabeleceria a unidade — uma alma rigorosamente idêntica em razão do mesmo nível atingido e tão poderosa, tão forte que a expressão puramente material passaria a segundo plano. Assim, descrever estes que vejo aqui seria pura repetição das imagens de Viena. Já o disse antes, em encontros desta natureza, o que deveria poder ser contado é o ambiente, e as

palavras não bastariam para transmiti-lo a outros. Este ambiente não é subjetivo. Ele irradia dos lugares, daqueles que aí vivem, e talvez, nestas ocasiões, seja o olho de Deus que escruta, avalia e sopesa através destes olhos consagrados em que vibra ainda, na profunda paz reencontrada, o tormento das batalhas empreendidas na conquista do sublime. Eles são doze, mas eu era esperado, e entre eles, meu companheiro, mudo desde Lisboa: É ele que vem a mim e me diz baixinho: "*Eis o Pai Rosenkreutz*", designando-me aquele que eu sozinho adivinhara.

Dou um passo em direção ao Pai e inclino-me, no sinal esotérico da súplica. Diante de cada um, renovo o antigo gesto de obediência e, voltando para diante do mestre, espero humildemente sua ordem: "*Venha*", diz ele simplesmente, e eu o sigo, cercado por seus pares, em direção à escada que, lá em cima, à direita, conduz ao desconhecido... ao coração do santuário, pois lá está pertinho do vestíbulo, o tempo circular. E eu o reconheço, nem maior nem menos espaçoso que o primeiro — aquele da outra mansão secreta — mas sua réplica exata e com o mesmo poder vibratório que, longe de esmagar o visitante que eu sou, reconforta-o, ao contrário, com sua paz e sua vida...

Todos, dentro do templo, tomam seus lugares. Aqui, no entanto, não tenho tamborete, mas um assento baixo, sem braços, da mesma madeira que os bancos. O que me surpreende nos dois templos que me foi até agora permitido ver, é a ausência de qualquer signo simbólico. Despojamento absoluto, esta parece ser a regra. É evidente que, para o Rosacruz, nenhum suporte mais é necessário no santo dos santos. Ele próprio é o suporte do que o cerca. Força e vigor vêm dele, dando vida às coisas mortas e povoando o vácuo aparente de uma realidade que tudo penetra.

A cerimônia desenrola-se e, escrevendo a palavra *cerimônia*, sinto o quanto ela é imprópria. Gostaria de substituí-la pelo termo *técnica*, que me parece mais apropriado, mas a vantagem deste é muito pequena. Em todo caso, o que eu sinto agora, neste instante, são os efeitos do que ocorre então, isto é, este indescritível estado de total comunhão, desta inesquecível fusão de cada um em todos e de todos no infinito. Oh, certamente participo hoje muito mais ainda, pois, depois do breve encontro com os sábios do Alto Conselho, voltei a ficar *consciente*, sem que no entanto fosse rompido o contato com o plano sublime ao qual fui então conduzido. Estranhamente, vejo, sinto, respiro e percebo-me *vendo, sentindo e respirando*. O eu permanece unido a si próprio e, entretanto, ele se contempla, como em uma vida única exprimindo-se conscientemente em duas fases. Há diversas formas *de desdobramento*. Esta é uma delas, e calculo que a mais elevada possível, uma vez que não é conhecimento, mas participação.

A enorme bola de cristal transmite sua luz esplêndida. Eu falava do simbolismo. Os poucos acessórios que mobíliam a nudez deste templo não são, eles próprios, símbolos? Mas, então, de que vida se devem revestir para os augustos habitantes deste lugar!

A *cerimônia* vai terminar quando o *Pai Rosenkreutz*, seguido de dois outros Rosacruzes, vem a mim. Sou tomado pelo braço, levado para perto do centro do templo e, compreendendo o que se espera- de mim, prostro-me ao solo, o rosto contra a terra, os braços em cruz. Sinto que os irmãos tomam lugar à minha volta e ouço a palavra que o Pai fala, com uma voz retumbante e que todos repetem em tom diferente... O que acontece, então, não estou autorizado a relatar, porque o que está perdido só deve ser reencontrado com a vida, mas, talvez, aqueles que podem compreender tenham um clarão da grande verdade deste momento, se eu disser

simplesmente, sem trair minha promessa, que viver e morrer são falsos problemas e que somente a palavra permite morrer e viver. Não posso dizer mais. Levantando o lençol, reencontrei-me a mim mesmo, mas a lembrança, de agora em diante, em certas circunstâncias, dá-me o privilégio de experimentar novamente a imensidão das *núpcias químicas*...

Então, saímos deste lugar consagrado pela santa presença e chegamos, através do vestíbulo já conhecido, pela direita, a uma porta envidraçada que o Pai abriu e onde todos entraram, deixando-me na soleira. Não sinto nenhum espanto ao constatar que esta sala, se é maior que a de Viena, é disposta de forma idêntica. Em particular, aqui como lá, há dois assentos a mais diante te mesa de trabalho. A explicação completa deste fato me será dada mais cedo ou mais tarde, não tenho dúvida, e conhece demais a lei da hierarquia esotérica: silêncio e obediência, para não evitar qualquer pergunta. Uma revelação vem em seu tempo, e este tempo é o momento em que ela pode ser recebida e *compreendida* por aquele que a recebe, como um conhecimento imediato, não necessitando nem de argumentação, nem de explicação, nem de discussão. De outro modo, é a ilusão da mente, a falsa certeza, o erro do julgamento, a vaidade da agitação intelectual e a inanidade do eu em que se compraz quem quer que se afaste do caminho, supondo ainda nele estar. Terrível miragem de *Yesod*! Não valeria mais a pena, para alguns, demorar-se em *Malkuth* e aí encontrar a energia suficiente para passar para a beleza e a luz de *Tipheret*, sem demorar-se no ilusório *Yesod*! Mas o tempo urge e o purgatório é o caminho entre a terra e o céu... é preciso errar antes de receber a *coroa*! O lótus floresce perto dos céus, a rosa no centro da cruz, tudo se une e se ilumina, a luz soma-se à luz...

Os sábios sentaram-se e o Pai convida-me a ocupar um dos dois assentos suplementares. Parece que se trata de uma honra particular,

contrariamente ao que eu poderia ter acreditado, tendo sido colocado, em Viena, à direita do mestre. Todos me olham, com efeito, com uma benevolência tão grande que eu sinto o privilégio que me é assim dado. Depois, o Pai estende o braço esquerdo, a palma da mão voltada para cima, enquanto sua mão direita se eleva diante da assembléia, que curva a cabeça por alguns instantes numa evocação muda, para só levantá-la no momento em que o Pai toma a palavra:

"Nestes tempos dolorosos que o mundo atravessa, em direção de problemas ainda mais difíceis, embora diferentes daqueles encontrados durante a era agora terminada, os Rosacruzes devem prosseguir sua missão de ***Vigilantes Silenciosos*** *e, com todo o seu poder, na qualidade de conclave invisível, contribuir para o sucesso da Grande Obra. Na forja, no cadinho deste mundo, tornarão a cair, numerosas, as escórias que servirão a outras estruturas para um procedimento diferente, levando, mais tarde, não obstante, quando chegar o momento, à mesma finalidade; mas o que justifica sua presença aqui é essencialmente a função de nossas assembléias em relação à obra rosacruz para a qual nós representamos a realização rematada. O que por nós é cumprido, você sabe pela sua visita anterior a um outro templo. No mínimo, você o pode pressentir".*

"Você tem também uma idéia dos ***pólos*** *que constituímos nos lugares respectivos em que nos reunimos em conclaves de doze".*

"Esses lugares, naturalmente, não são escolhidos ao acaso! São centros de força situados em pontos precisos e ligados entre si de uma maneira que o conhecimento oculto lhe permite compreender. Nos lugares onde se encontram nossas mansões, há uma conjuntura de força entre o alto e o baixo, entre a potência que emana da terra e a que se concentra sobre ela a partir do universo superior. Explicando melhor, para usar uma imagem, duas polaridades derramam sobre esses

*locais o **clarão** permanente de energia que empregamos no cumprimento de nossa missão, mantendo entre nossos doze centros o nível vibratório necessário e dirigindo, em nossos trabalhos coletivos, nos de nossa casa particular e também individualmente, de acordo com nossa função própria, esta energia sobre a manifestação visível da Rosacruz ou, melhor dizendo, sobre os degraus exteriores que levam à invisível fraternidade formada pelos realizados da Rosacruz. Isto é muito importante e a partir daí você deverá, pelas suas reflexões, tirar conclusões gloriosas quanto à obra rosacruz temporal. Ela participa desta energia por nosso intermédio e esta é, em verdade, uma das fases mais consideráveis de nosso serviço".*

*"Você está aprendendo, assim, como nós podemos trabalhar, a partir das **altas esferas** em que moramos — altas esferas em razão do que representam e pelo ponto em que se encontram. Devo dar-lhe agora uma outra explicação. Cada um de nós possui, digamos, um título correspondente à função que assume ou, o que é mais claro, à **qualidade** de seu serviço individual. Mas o **título** não é permanente. Melhor dizendo, opera-se um rodízio segundo um ciclo de três anos. Sou atualmente o **Pai Rosenkreutz**. Um outro o era antes de mim e terei um sucessor. O antigo **Pai** permanece entre nós. Ele assume a missão que vagou por causa do rodízio que se operou quando da minha **tomada de função**. Farei o mesmo quando for o momento. Não há, efetivamente, em nosso nível, uma hierarquia. Somos pares. Só a qualidade da missão a ser cumprida nos diferencia. Cada qual está no seu lugar e não é possível uma missão invadir o campo de outra".*

*"O **Pai**, como função, representa o centro. Fica assim no coração do santuário e é, numa **mansão**, o ponto focai do encontro da energia do alto e de baixo. Assim, a conjunção que se opera nas **altas esferas** encontra sua primeira*

manifestação no Pai Rosenkreutz e através dele. Nenhum dos doze teria, certamente, a idéia de interferir nesta força da missão do Pai, quando não assume essa missão. Uma vez a realização consumada e a absoluta compreensão adquirida, uma tal tentação não existe mais. Mas tudo se reproduz ao infinito em direção ao alto, assim como para baixo, e essa situação repercute no plano do manifestado onde opera a inelutável lei da hierarquia".

"Neste estágio temporal, a tentação ainda existe. Ela é insidiosa e se reveste de muitas formas. Ora, em todos os escalões encontra-se a mesma noção de força e, dado o que representa esta força, é certamente útil que cada qual tome, aí, consciência de sua responsabilidade própria e de seus limites em relação à dos outros, no quadro reconhecido e aceito. O risco seria grande, tanto para um quanto para outro, de ir além de sua missão individual. Mais cedo ou mais tarde, um passo a mais acarretaria a reação fatal, irresistível, inelutável. Este é um exemplo que mostra o que você está aprendendo no decorrer destas visitas: há uma correspondência rigorosa em todos os escalões, em todas as condições e em todas as situações da marcha do homem, depois oculta ou mística, no sentido da iniciação rosacruz. Assim, a correspondência é válida ao nível do indivíduo, da família e da coletividade, exatamente como ao nível do adepto, da assembléia oculta ou mística e de uma Ordem consciente, reconhecida e mantida do alto por nós, como é o caso daquela de que você é membro"...

"Você deve saber agora que, em certas circunstâncias críticas — uma mudança de ciclo, um ajustamento da busca iniciática exterior a um grau mais elevado, por exemplo —, os doze que então preenchem a missão de ***Pai*** *reúnem-se em um centro que poderíamos qualificar de supremo. Este centro é aquele mesmo para o qual, há séculos, se retiraram os Rosacruzes e de onde inspiraram o esforço*

rosacruz durante um longo período, antes de reiniciar, chegada a hora, sua ação nas ***altas esferas*** *que lhe disse como e por que foram escolhidas. Nesse* ***centro supremo****, para sempre no Oriente, ficam permanentemente dois sábios, os dois maiores que nosso mundo tenha engendrado".*

"Eles chegaram a esse estágio de absoluto através das peregrinações humanas que conhecemos e que você mesmo e tantos outros conhecem. São Rosacruzes no sentido infinito dessa qualificação, e todos os Rosacruzes, por intermédio de suas doze mansões, a eles estão ligados. Eles também nos consideram como seus pares mas nós os reconhecemos como nossos superiores. Esses dois mestres encarnam, ou antes, veiculam, cada um, uma polaridade. Isto é muito difícil de compreender. Talvez você o consiga mais facilmente se eu me explicar melhor. Direi então que cada um ***reflete*** *a unidade,* ***manifestando-a*** *sob uma dupla polaridade, operando essa dupla polaridade como uma força sob uma de suas fases somente. Assim, tanto um quanto outro sábio é completo em si mesmo e, no entanto, na ação oculta, um é complementar ao outro. Este é, se quiser, o androginato no sentido mais puro do termo".*

"Como indiquei, esses dois sábios formam o ***centro supremo****. O lugar em que se encontram, tanto quanto eles próprios, constitui o que poderíamos chamar a alma da Terra, ou ainda, o ponto onde penetra a energia universal que dá vida à Terra e a seus diversos reinos, inclusive o homem. A esse respeito, é lá que se encontram o começo da Terra e seu fim... mas não posso ir mais longe nestas explicações sem correr o risco de dirigir seus pensamentos em uma direção errada. Creio que esta revelação, feita pela primeira vez, é suficiente em si própria e não se deve tornar um objeto de interpretação ou de discussão. É somente do interior que ela pode ser perfeitamente compreendida e apreciada".*

"Como salientei, nossas mansões são ligadas ao centro supremo, como são ligadas entre si, e cada um dos doze de cada mansão está ligado aos dois sábios. Falei-lhe da conjunção entre o alto e o baixo, no lugar onde estão nossas mansões e expliquei-lhe o que se passa. Acrescentarei ainda simplesmente que, a partir do centro supremo, vem o suporte e a vida que ***dinamiza****, por assim dizer, a energia recebida e empregada, e você vê, sob esta complexidade aparente, a unidade de ação, a unidade mesma de todas as coisas — uma unidade que só se diversifica para melhor agir e atingir seu objetivo. Deus geometrizou verdadeiramente, e o mecanismo universal é perfeito, do infinitamente grande ao infinitamente pequeno e em todas as fases do visível e do invisível".*

"Eis o que era minha missão desvendar-lhe aqui. Outras revelações lhe serão feitas em Madri, pois nossa Grande Obra deve ser conhecida por todos aqueles que encetam o caminho, a fim de que tomem consciência da importância de sua busca e de sua responsabilidade, pois não é mais o tempo dos mornos ou desses pretensos pesquisadores místicos que só procuram a satisfação de sua própria contemplação e que, ousando julgar tudo, esquecem de se julgar a si próprios. Alguns dizem ***amar****! Escute-os, veja-os! Amar é uma coisa muito diferente de sua inconsciente introversão ou de sua falsa compreensão da caridade. Talvez eu pareça severo, mas você ouvirá outras palavras de severidade antes que suas visitas terminem".*

"Há muitos chamados, poucos eleitos e os eleitos não são necessariamente aqueles que o supõem ser. A massa aumentará ainda, mas a escolha, em cada etapa, será mais rigorosa. Certamente, ninguém na vida da iniciação será um perdedor, pois, àqueles que já têm, ainda mais será dado. Entretanto, o fardo será ***mais pesado*** *para quem não sabe nem se sobrepujar nem*

ver além das aparências, quer se trate de coisas ou de seres. Nada existe em uma ordem, seja ela qual for, nenhuma responsabilidade é assumida, nenhum estrutura permitida, nenhuma função preenchida sem nosso assentimento e nosso apoio. Cada um está em seu lugar como nós mesmos estamos, e essa é a lei — uma lei contra a qual ninguém pode fazer nada, a não ser fazer-se em pedaços e naufragar nas quimeras de esperanças malogradas, com tudo o que isso implica de dores e, mais tarde, de arrependimento".

"*Sei que esta questão será abordada em Atenas, quando de sua última visita. Como vê, um plano preciso foi estabelecido para você e o que cada um de nós deve dizer-lhe está premeditado nos menores detalhes. Quanto a mim, já acabei e, enquanto o instruía, preparei o caminho para a próxima visita. Refletindo nisso, você reconhecerá em tudo o que falei a razão de sua vinda entre nós, antes mesmo que esta razão lhe seja explicada, quando chegar o momento. Através de você, é, numa certa medida, a outros que queremos nos dirigir e o que você terá para transmitir é uma mensagem e uma advertência...*"

O *Pai Rosenkreutz*, terminando, pousa as mãos sobre a mesa, a palma voltada para cima, enquanto seus pares levantam a mão direita em sua direção, a mão esquerda colocada sobre o coração. Assisto a uma espécie de troca fluídica de raro poder, pois fico ofuscado pela estranha condensação de energia que se estabelece no meio deles. Eles parecem não formar mais que um só ser. Como explicar o que sinto? Sinto que vou deslizar para essa força como que atraído por um irresistível ímã. Um intenso calor toma minha nuca e minha vista se turva como em uma vertigem. Este estado não é penoso. É, ao contrário, um torpor agradável que cresce e cresce ainda... Uma mão sobre meu braço esquerdo... e bruscamente parece-me que estou de pé no meio da sala, em frente ao Pai que percebo como

que através de uma leve bruma, com seus companheiros em seus respectivos lugares, em volta da mesa. O Pai olha-me fixamente... De repente, percebo, com incrível nitidez, sentado na cadeira onde estive — onde talvez ainda esteja — e naquela que estava vazia — em suma, ocupando as duas cadeiras suplementares — dois seres de cegante luminosidade que eu sinto serem um homem e uma mulher.

Não poderia descrevê-los; vejo-os perfeitamente, distingo cada detalhe de suas vestimentas brancas, estou subjugado pela juventude e pela irreal beleza de seus rostos, mas sinto que devo calar-me, evitar qualquer descrição, não blasfemar, por palavras, sua realidade sublime. Terei caído de joelhos, lágrimas de intensa felicidade correm pelo meu rosto? Como o saberia? Sim, devo estar de joelhos, sim, *devo* chorar... Pelo menos, é o que eu deveria fazer... Faço-o? Como querem que o diga? Eu mesmo não sei mais o que sou. Sei apenas que estou feliz, que sou alegria, paz, êxtase... Mas eis que ouço... Eles falam, primeiro um, depois o outro... e o que dizem, o que ensinam, o que revelam, não estou autorizado a comunicar — *não ainda*! Sem dúvida o incluirei, no tempo oportuno, em uma espécie de *Testamento Espiritual* a que terão acesso aqueles que alcançaram, em nossa Ordem, o último grau e que nele foram aceitos definitivamente pois, contrariamente ao lamentável erro (eu ia escrever pretensão) de alguns que se perdem, não se pede para ser recebido no ponto mais alto.

É preciso ser admitido e aquele que declarar que *recusou* aceder ao píncaro mostrará simplesmente que nunca lá foi aceito. O *Manual Rosacruz* é suficientemente claro a esse respeito. Que Deus e nossos mestres esclareçam quem quer que se engane quanto a isso, e que o perdoem... Mesmo que inconscientemente o amor-próprio ou outros motivos sejam a razão profunda da

atitude errada, essa atitude é um pecado por ignorância e, mais cedo ou mais tarde, virá a luz que apaga toda a sombra e toda a incompreensão. Todos nós passamos por esse estágio...

Escrevo estas linhas em meu apartamento do Ritz, em Lisboa. O evento teve lugar ontem, 14 de novembro, e não posso relatar mais do que foi dito... Em *Encontros com o Insólito*, minha narração era parcial, mas era possível apresentar um conjunto coerente e ininterrupto, que podia ser transmitido a todos, como se queria, e, tal como era, apesar da prudência de cada palavra, dei-me conta, em seguida, de que seria mais vantajoso que tão excepcionais revelações só viessem à luz mais tarde, em alguma coletânea póstuma, a fim de que a personalidade do autor tivesse tido tempo de desaparecer, deixando lugar, simplesmente, ao que ele foi e ao que foi sua missão. Estar entre os outros perturba, às vezes, a comunicação das grandes verdades transmitidas. A encarnação restringe, limita, e a realidade de um sonho com freqüência aparece-nos *somente* quando ele nos deixou... É a regra, a lei, e ninguém pode fazer nada quanto a isso. Então, por que não semear com um gesto mais largo? As sementes não me pertencem; a ordem foi dada, a obediência é minha promessa. Somente a semeadura me diz respeito, a terra não é minha e um Outro tomará conta da colheita. Então, por que esta hesitação humana, se o agora é reconhecido propício por aqueles que são maiores que a minha fraqueza?

Minha narração, quanto a *Lisboa,* ficará inacabada. A responsabilidade não me cabe. Eu gostaria, como de hábito, que a experiência vivida se perpetuasse, inteira, no infinito do verbo.. . Isto não pode ocorrer no que diz respeito à minha visita a este lugar tão alto. O que se passou em seguida, o que tive o privilégio de ver, percorrendo essa mansão inesquecível, conduzido por todos os benevolentes guias, as horas santas que vivi e mesmo os segundos que precederam minha partida, tudo

isso deve permanecer em segredo e compreendo que assim seja. A mansão secreta da Rosacruz, neste país, é, entre os altos píncaros deste mundo, um daqueles que o véu deve recobrir de um impenetrável mistério. Dando a cada palavra todo o seu peso, declarar que há, nesse segredo, um motivo grave e fundamental, seria ainda incompleto. Digamos, então, somente que minha narração, tal como é, basta, tanto no que revela quanto no que *sugere*. De fato, o leitor sabe *tudo* o que pode ser conhecido, e este não é um privilégio sem igual?...

A noite chegou... Preciso sacrificar-me ao repouso e, amanhã, voar para novas descobertas... Serei digno? Vamos! Não recomecemos! ... Simplicidade, humildade, confiança! Verifico minha passagem: TAP, Vôo 702, partida às llh30min, chegada às 12h30min! Meus pensamentos já estão em Madri...

Capítulo VI: MADRI

Lisboa clama sua dor nos lamentos de um fado. Para esquecer suas penas, Madri chama-as de amor e, para abrandá-las, a cidade salta, sacode vibrantes castanholas e bate o pé, primeiro em surdina, depois na tempestade de um ritmo cada vez mais acelerado que, logo, morrerá no langor de uma vitória decepcionante. Fado ou flamengo, dois povos orgulhosos, ao som de uma guitarra, cantam sua infelicidade e sua esperança! Um curva a fronte e se resigna, mas é sob um orgulho másculo que o outro dissimula sua fraqueza. Veja esta dançarina de vestimentas brilhantes. A mulher? Talvez, e mais certamente a pena a vencer, a felicidade a conquistar... Com o salto do sapato, o espanhol escandirá seu desejo em artifícios voluptuosos, a que a presa só em aparência sucumbirá. Ela e ele, finalmente, ficarão num face a face trágico. Não há abandono! É amanhã, daqui a pouco, que recomeçará o ciclo, a corrida para a fugidia felicidade!...

Tenho uma excepcional predileção por Madri. Sinto-me, nesta cidade, como em minha terra, e meus amigos madrilenos sempre me receberam como um deles, jamais como um estrangeiro. Há mais ainda: o ambiente corresponde à minha natureza profunda. Em Madri, não sinto nenhuma necessidade de ir ao encontro dos outros, e os outros não precisam vir a mim. Fazemos, eu e eles, por acaso, a metade do caminho, encontramo-nos e prosseguimos nossa rota juntos. Nenhum esforço é necessário. Minha alma conjuga-se imediatamente com a alma espanhola, como se a harmonia entre este país e eu fosse, por assim dizer, preestabelecida. Descrever Madri, porém, seria para mim uma tarefa árdua, de pouco resultado. Esta cidade nada tem de diferente, é uma cidade ... mas basta que o pensamento, com um pincel de perito, matize a cores e nelas misture a história, eis que o quadro se

anima e, sobre o fundo de sangue, levanta-se a altivez, talvez o orgulho, de todo um povo. "*Morrer em Madri*"? Por quê? Basta nela viver.

Joseph Kessel ama a noite e se compraz nos *bas-fonds*. É aí, diz ele, que sente o verdadeiro contato com o homem e sua natureza profunda. Joseph Kessel é, no entanto, um de nossos mais sensíveis escritores, e de uma autêntica pureza. Quando salienta seu gosto pelo risco, creio que designa, sobretudo, seu amor à vida. Mas viver, em minha opinião, não é diferenciar a Humanidade em compartimentos distintos. A Humanidade é uma, só a hipocrisia a faz múltipla. Para mim, uma cidade não são belos bairros, alguns monumentos históricos e depois os lugares equívocos, cujo pretenso *bem pensante* encobre-se com palavras enquanto, os olhos fechados, sonha ir lá ver... Uma cidade é *um todo* onde cada qual passeia sua própria natureza. Contentar-se com procurar seus *bas-fonds* é um erro tão grande quanto o de querer ignorá-los. Não teríamos vivido nela, antes, em alguma outra vida? Nosso fanatismo não determinará para nós a dura obrigação de fazer um dia a experiência, em alguma vida nova, pois compreender é conhecer, e a inelutável lei exige que compreendamos? Apesar de tudo, é sempre a si mesmo que o homem procura, onde quer que se encontre, através dos outros. Uma cidade, em sua diversidade, oferece sua experiência. Joseph Kessel colhe-a somente em certos bairros; é seu direito. Quanto a mim, eu a colho em toda parte. O rico como o pobre, o pródigo como o avarento ou o mendigo, o humilde como o orgulhoso, o santo como o pecador, o puro como o pecador, todos têm qualquer coisa a dar, uma experiência a partilhar, uma advertência a receber, um conselho a pedir, um sorriso a receber. Isso é a cidade, e Madri é uma cidade, e por que fechar os olhos para este mundo que é o nosso, um mundo de que somos a réplica, o microcosmo? Em qualquer lugar, basta permanecer você próprio, instruir-se, partilhar, servir...

Assim, nada direi de Madri, mas se, um dia, seus passos o levarem até lá, não desdenhe certas ruas estreitas e secretas. Elas estão carregadas de uma rica história, pois, por trás da miséria, você reconhecerá o homem, você se reconhecerá a si mesmo. Sobre uma mesa maltratada pelos anos, uma horrível lata enferrujada, de onde desponta uma rosa brilhante, cuja haste se perde na água fétida: qual quadro seria mais simples, qual mais maravilhoso?

Jamais compreendi as censuras que algumas pessoas fazem aos hotéis Hilton. O que é que podem ter em comum uma técnica hoteleira e os edifícios em que ela opera? Se o mesmo hotel se chamasse Durand ou Dupont, ofereceria mais atrativos? É certo que em todos os Hilton do mundo encontra-se uma uniformidade monótona ou, mais precisamente, essa uniformidade é a certeza de um conforto satisfatório, de um serviço eficiente e de uma discreta tranqüilidade. Que desejar mais? O hotel é um abrigo após as fadigas de um dia de labor perseverante ou de visitas apressadas. O Hilton, até agora, ofereceu-me sua garantia e não o lamentei. É por esse motivo que, em Madri, hospedo-me no Castellana Hilton.

Cheguei na hora prevista e, há alguns momentos, travo conhecimento com meu apartamento. Travo conhecimento também com os pensamentos que me assaltam. Onde é que pode ficar, na Espanha, *uma mansão secreta da Rosacruz*? *Sancti Spiritus*? É uma cidade de Cuba, mas também da Espanha. Ora, é em Madri que sou esperado. Afinal, *Spiritus ubi vult spirat*, como *Spiritus flat ubi vult*, quer dizer: *O espírito sopra onde quer.* Então, Madri ou outro lugar...

O encontro é marcado para sábado, 18 de novembro, a uma hora mais tardia que de hábito: 13 horas. É verdade que, na Espanha, faz-se tudo mais tarde, mas não penso que seja essa a razão da hora escolhida para esse encontro. Aprendi a não mais me fazer nenhuma pergunta em relação a estas experiências

excepcionais, para as quais tive o privilégio de ser convidado. As respostas que poderia aventar teriam pouca chance de verificar-se exatas. Tenho coisa melhor para fazer. Preciso preparar-me. É só depois de amanhã que soará a nova hora. Restam-me, pois, esta noite e um dia completo. Decido-me a fazer um jejum relativo: legumes, frutas, nada de carne nem de café, mas muita água — em suma, uma preparação para uma alta experiência oculta. A estas providências, acrescento a *ducha espiritual* conhecida dos adeptos avançados. Além disto, proponho-me comungar com o que os rosacruzes chamam o *sanctum celeste* de três em três horas, durante todo o dia, até a meia-noite.

Irei assim por uma hora, de manhã e à tarde, à minha pequena capela madrilena sempre tão ignorada e, no entanto, tão grande em sua nota vibratória. Por que uma capela? Em Istambul, fui a uma mesquita; adiante, foi um templo; em outros lugares, uma sinagoga; às vezes, uma árvore junto a um rio cantante. Em Madri, na tão católica Espanha, não é natural que seja uma capela que me receba? Nela reencontro minha solidão, enquanto minha alma faz seu solilóquio... Observarei rigorosamente este programa e, no período de espera, meu eu, pouco a pouco, se libertará das cadeias corporais para viver em *seu* plano, arrastando com ele, para aniquilá-los no sublime abandono, qualquer noção de tempo, qualquer impressão de espaço...

A noite vem, depois o dia e novamente a noite... Aproxima-se o *Shabat*... meu irmão, eis chegada a hora! Alguns instantes ainda e o nada que eu sou unirá seu nada à grandeza do tudo... Este sábado sagrado santifica cada gesto, cada passo em direção àquele que agora me espera e de que me aproximo — enfim! — neste *hall* pretensioso que sua presença apaga.

Mesma atitude, mesmo brilho, mesmo reconhecimento do Ser pelo ser, nenhuma diferença com os encontros anteriores! Por que o contato com uma natureza vibratória determinada não seria aqui o que foi em outros lugares? Ele é Rosacruz, eu sou... o que sou e, em todo caso, um pesquisador. A manhã *que faz levantar o Sol* não é, todos os dias, semelhante a si mesma e, todos os dias, o poeta não sente uma emoção semelhante? O hábito jamais embota os sentimentos da alma e se, nesta limusine que agora segue seu caminho, minha consciência sabe que meu companheiro de viagem é *um outro*, meu coração sente a continuidade da experiência que começou em Viena, teve prosseguimento em Lisboa e continua aqui...

Mas como é jovem, este que aqui está, à minha esquerda, afundado em si próprio e não prestando nenhuma atenção ao trajeto que fazemos no coração desta estranha Madri, que esconde tais personalidades sob sua intolerância oficial. Como é jovem para já ter conquistado a rosa através do abismo da cruz! Sua idade? Trinta e cinco... quarenta anos talvez. Ele tem uma beleza viril, suavizada por um olhar cativante, pois seus olhos exprimem um reflexo violeta, cor surpreendente que noto pela primeira vez em um ser humano, e seus cabelos extraordinariamente negros, cortados curtos, realçam seu rosto másculo de uma insigne nobreza; tudo isso, com uma aura extremamente poderosa, que se sente sem ver, tendo, porém, a curiosa impressão de que é necessário um esforço para perceber, além da ofuscante vibração, o ser de que ela emana. Mas seria um erro pensar que esta considerável presença subjugue ou cause medo. Ao contrário, ela comunica um indizível bem-estar, uma confiança sem limite, uma alegria profunda de *estar ali*. É isto o que sinto desde as primeiras palavras trocadas em meu hotel...

Uma vez mais admiro a discrição do motorista. Não querendo fazer-me esperar, eu já estava pronto havia muito tempo, quando o porteiro avisa-me que desejam ver-me; mas tinha sido preciso esperar com paciência, alguns instantes, o elevador chegar e, em seguida, eu tivera uma breve conversa com meu visitante. No entanto, mal atravessamos as portas, o carro lá estava e o motorista mantinha-se pronto para assumir sua tarefa com rara dignidade. Pergunto-me se *ele sabe*. Sem dúvida ele suspeita de algo estranho em seu patrão, pois tem, em seu serviço, uma devoção não habitual, como se um medo supersticioso se misturasse à afeição de que se sente estar penetrado por aquele que conduz. Mas não posso crer que conheça a verdade... Logo tenho a convicção de que ele ignora. Paramos, com efeito, diante de uma suntuosa residência particular e descemos.

"*Devemos tomar outro carro*", diz-me meu *guia*, e, enquanto andamos na direção do outro carro, os portões da casa se abrem e a limusine, que deixamos, entra. Nosso novo veículo é tão espaçoso quanto o anterior, embora de outra marca, e tenho a impressão de que o motorista do carro que ocupamos agora está mais informado que o outro. Registro estas constatações de maneira automática, sem dar-lhes grande importância. Tudo é tão detalhadamente organizado nestes imperativos exteriores que a prudência e a circunspecção não podem ser negligenciadas pelos responsáveis por um mecanismo tão estudado. Meu companheiro está, de novo, recolhido em seu silêncio, e percebo, de súbito, que estou rezando: "*Que um raio brilhe da unidade...*" Depois, em mim, também é o silêncio, a comunhão, o esquecimento do mundo... O itinerário é complicado; aqui leva-se mais tempo para chegar a essa mansão secreta. Volto a ficar objetivamente consciente e consulto, discretamente, meu relógio. São mais de quatorze horas, e nós partimos na hora prevista. Saindo de Madri, seguimos, por certo tempo, uma

auto-estrada; mas estamos, agora, em pleno campo... Ah, eis algumas casas... Passamos por elas e devem faltar ainda uns bons dez minutos para que cheguemos ao destino. O lugar onde somos esperados, onde chegamos, é extraordinário e se emprego, uma vez mais, este qualificativo, é que não vejo outro mais exato para caracterizar o que se oferece à minha vista. Estava preparado para o inabitual e recebo o choque do sublime!

Num vale, ou, antes, em um funil, que parecia ter sido cavado propositadamente na plana monotonia do terreno, imagine uma vasta propriedade cercada por muros baixos de grandes pedras, no centro da qual se erguesse um edifício retangular cujo telhado consistisse em pequenas torres encostadas umas nas outras, fundindo-se na massa acinzentada de uma fachada imponente. O que é talvez mais surpreendente é que esta construção parece estar em seu lugar certo, no seu contexto geográfico. À esquerda, uma aldeia, ao longe, parece colocada lá por acaso, e algumas casas, à direita, povoam o horizonte como que para fazê-lo mais nítido. Sim, esta paisagem é grandiosa, calma, apaziguadora! O jejum que observei permite-me comungar mais intensamente com os encantos de uma Natureza generosa e, feliz, rendo graças ao Deus do universo pela magnificência de Sua obra.

Nosso carro diminui a marcha, depois pára ao pé de uma larga escadaria, onde meu condutor me precede. Lanço um olhar ao parque imenso que acabamos de atravessar, mas já a porta se abre e somos recebidos em um amplo vestíbulo por um outro *irmão de banco* cujo sorriso vale mais que qualquer palavra de boas-vindas. Meu companheiro retira-se por uma pequena escada à esquerda e sou conduzido a uma salinha cujas reduzidas dimensões espantam, depois de se ter visto a impressionante porta de dois batentes por onde se tem acesso a ela. Deixam-

me só. Tomo lugar em um canapé, cuja cor amarela, salpicada de verde, alia-se harmoniosamente ao resto do mobiliário. Mas eis que a porta se abre. O *guia* que me acompanhou do hotel até aqui lá está, revestido com a túnica branca que, decididamente, parecem usar todos os irmãos da Rosacruz, pois é idêntica à que eu observara em Viena, Lisboa e no irmão sorridente que nos recebeu.

"*Venha, peço-lhe...*" Certamente, sou aguardado no *templo do Espírito Santo*, pelo menos assim o suponho. Atravessamos uma estreita galeria. Meu companheiro bate três vezes, com batidas bem distintas, em uma porta maciça, e esta se abre inteiramente ...

Na minha frente, na sala circular, imensa, que certamente não é um templo, estão eles sentados em semicírculo. A eles logo se juntam meu *guia* e aquele que, respondendo às suas batidas, acaba de nos abrir a porta. Não sei o que fazer... Na semi-obscuridade, o espetáculo é impressionante. Estes seres de branco que me olham, todos, intensamente, parecem-me irreais e, se eu não tivesse plena consciência de que estou aqui, neste lugar, não teria nenhuma dificuldade em julgar que estou sonhando. Ah, um deles faz-me sinal com a mão. Atravesso a soleira, fecho a porta (como posso pensar nisto neste momento!) e adianto-me, parando a alguns passos destes augustos personagens. Novamente, um sinal daquele que está no centro. Aproximo-me lentamente e logo estou diante dele. Eis-me de joelhos; ouço-me murmurar: "*Pai Rosenkreutz, abençoe-me*!" e a mão imaculada pousa em minha cabeça. Jamais acreditaria que se pudesse, verdadeiramente, chorar de alegria.

— "*Levante-se, meu filho.*" Oh, voz comovente, este lugar nada acrescenta a tua grandeza; as palavras, a injunção simples que elas acompanham não diminuem tuas santas vibrações. Mesmo que fosses silenciosa, serias ainda a

voz esperada, pois tuas entonações geram a paz e a solicitude do amor verdadeiro! Sento-me entre os sábios no tamborete que me foi indicado, e meus olhos se perdem no olhar do Pai, enquanto que, de todos os lados, outros olhos, que *sinto* sem ver, sustentam-me com sua presença e sua força. Faz silêncio. Minha alma escuta e comunga!

"*Vahos + A nostro + Noxis baï gloï*...", a invocação prossegue, possante, total, cada sílaba somando sua indescritível energia às anteriores, para liberar, enfim, a força, o poder que, de repente, concentra-se aqui para que tudo se torne ele mesmo... Tudo! A sala, os Rosacruzes, eu mesmo... e o tempo não existe mais, o espaço é infinito, a comunhão é *uma*...

É o *Pai Rosenkreutz* que, batendo as mãos uma vez, traz nossa consciência de volta à sua humana atividade, e minha atenção apaixonada ao que ele se propõe ensinar-me:

"*É aqui, meu filho, a última mansão secreta da Rosacruz que você visitará*..."

Não! Ele está enganado. Tenho a audácia de interrompê-lo, imediatamente arrependido:

"*Devo também visitar a de Atenas*..."

Ele recomeça:

"*Esta é a última mansão secreta da Rosacruz que você visitará. Você não irá a Atenas. Mais cedo do que pensa, você compreenderá por que esta mudança foi decidida. É a Lisboa que você deverá voltar, e será preciso que sua estada naquela cidade se dê entre 27 de dezembro e 2 de janeiro. Durante cinco dias, você receberá uma preparação especial e participará, no momento próprio, do que chamamos entre nós de a Grande Vigília. Esta indicação deve ser-lhe suficiente. O*

privilégio que lhe é assim concedido estará entre os maiores de todos aqueles de que, há alguns anos, você foi beneficiário. Comecei por esta notícia a fim de que você situe melhor sua visita de hoje. Será a última em que uma informação oral deve ser-lhe dada; por isso você foi imediatamente introduzido nesta sala, sem passar pelo nosso templo do Espírito Santo. Quando eu tiver terminado, você não estará autorizado a percorrer nossa morada. Isto, aliás, não lhe diria nada de novo no plano real ou simbólico das coisas, uma vez que todas as mansões secretas da Rosacruz se parecem em sua disposição interior, sendo cada uma, nesse sentido, a réplica da outra, mesmo que as dimensões sejam diferentes, como também o pode ser a decoração" ...

"*Em compensação, você tem hoje toda a liberdade para interromper-me, se quiser examinar um ponto em particular ou se desejar algum esclarecimento sobre uma questão que nunca tenha sido tratada durante nossas visitas...*"

De fato, há alguns momentos, várias perguntas assolam meu pensamento e alegra-me que tal oportunidade me seja dada. Interrogo, pois, no mesmo instante:

"*Pai, sei que são judiciosas e verdadeiras todas as decisões que possam ser tomadas pelos mestres do conhecimento — que são os senhores —, mas perdoe à minha humana fraqueza as perguntas de que minha mente não se pode libertar. Quanto a algumas destas perguntas, esperarei o privilégio de suas revelações. Entretanto, uma delas cabe ser feita aqui. Ei-la: Era para mim uma grande alegria ir a Atenas, não por causa do lugar, pois o conheço bem, mas para comungar, naquele solo histórico e tradicional, com as sublimes realidades de uma mansão secreta cuja existência, até recentemente, eu ignorava. É-me permitido perguntar por que essa visita está cancelada?*"

A testa do sábio se enruga em uma intensa preocupação e é com excepcional gravidade que responde:

"Eu lhe disse que você compreenderia mais cedo do que supõe o porquê dessa mudança e não me é possível acrescentar seja o que for, a não ser insistir no fato de que hoje lhe será comunicado o que você aprenderia em Atenas. Além disto, o que você pessoalmente receberia lá, nesse lugar da Europa, lhe será dado por ocasião da Grande Vigília, e você estará autorizado a partilhar com outros aquilo que, originalmente, não estava previsto. Assim, fique satisfeito e seja paciente. Durante as próximas semanas, dê a esta parte do mundo sua maior atenção. Uma mutação nela está se operando e o Alto Conselho aqui está para proceder aos ajustamentos necessários, evitando, tanto quanto possível, o pior, o que explica por que, em Madri, seu caminho não cruzou com o ***de um outro****... Eis a resposta* ***permitida*** *à sua pergunta. Mas hoje precisamos completar sua informação e concluir".*

"Todo o nosso simbolismo exterior lhe foi agora desvendado. Você viu os lugares aos quais nossa presença dá vida; você conhece sua disposição, sua forma e até seu despojamento tem um sentido que não lhe escapou. Você não ignora mais a razão das duas cadeiras vagas que observou em outros lugares e que nota hoje aqui. O número de mansões secretas da Rosacruz e o de seus hóspedes não lhe é desconhecido. Sua primeira visita, a de Viena, foi fundamental, pois que todas as chaves essenciais lhe foram dadas. Você sabe nosso lugar na geometria deste mundo, os laços que nos unem ao que está embaixo como ao que está ao alto e ao que, num nível equivalente ao nosso, cumpre uma missão harmoniosa mas diferente. Hoje, é a um aprofundamento do conjunto que nos vamos entregar. Em

outros termos, meu propósito é salientar certas fases das atividades superiores que são de nossa alçada. Assim, tudo o que você deve aprender será dito".

"Para nós, é comovente revelar a extraordinária engenhosidade de que o homem dá provas para reencontrar seu estado original. Tudo foi, é e será eternamente em Deus. O homem está eternamente em Seu seio. Ele o foi, ignorante de si próprio, sem consciência de o ser, inerte, por assim dizer. O ***Fiat*** *corresponde à sua primeira* ***separação****, isto é, a uma tomada de consciência e de individualidade bem precária que o Verbo alarga em uma separação cada vez maior, até alcançar uma manifestação aparentemente independente que existe por si própria e se multiplica no esquecimento de suas origens e na nostalgia de um estado que acreditava perdido. Ao mesmo tempo, desenvolvia-se a consciência a uma percepção mais aguda, ainda que indefinida, de um inevitável* ***retorno****. O objetivo era, pois, pressentido. A suposta separação voltaria a ser unidade, mas uma unidade* ***consciente****, em que o estado original seria recobrado no conhecimento deste estado. Eis o objetivo da encarnação.*

Ele está inteiramente dito nestas poucas palavras. O homem, em ***sua realidade****, jamais deixou o lugar que ocupava em Deus. Jamais perdeu seu estado original. Ele é tal qual foi eternamente, mas, sob a injunção do Fiat, partiu em um sonho, do qual despertará realizado, isto é,* ***consciente****.* ***'O círculo estará fechado, a obra terminada e a fusão perfeita'****. O que cumpre chamar de* ***caminho do despertar*** *reveste-se de múltiplas formas de graus infinitos, desde a simples esperança individual até o progresso comunitário em que o indivíduo se alimenta para expandir sua consciência. Cada qual transpõe cada estágio até a etapa final, que você agora sabe compreender doze caminhos.*

"Seria por demais demorado entrar em detalhes a propósito daqueles raros que, em tempos remotos, alcançaram o píncaro. É preciso render homenagem a seu santo mérito, pois são eles que, tendo ***reconhecido*** *o objetivo, interromperam seu esforço final para voltar sua atenção para a planície onde serpenteava, em sua busca, a vasta coorte humana. Eles se reuniram, então, para conjugar seus esforços. Foram os primeiros* ***Vigilantes Silenciosos****, reunidos na primeira* ***Domus Sancti Spiriti****. E é neles que têm suas raízes profundas as primeiras comunidades, das quais emanaram, em seguida, escolas de mistérios, fraternidades e comunidades de todas as tradições. São eles que as* ***inspiraram*** *para evitar, ao homem, as provas da rude procura isolada que foi a deles. Inspiraram a idéia e só a idéia, e o homem, sobre esta idéia, edificou seus sistemas e suas técnicas. Por isso, não hesitei em louvar sua admirável engenhosidade".*

"Foi assim que, pouco a pouco, constituiu-se a iniciação em continentes desaparecidos, que uma transmissão se operou em outros lugares e que os métodos se aperfeiçoaram para constituir, um dia, um conjunto válido, sujeito simplesmente, em seus detalhes, às flutuações do tempo e do espaço. O que fizeram aqueles que dissimularam sua personalidade verdadeira sob o nome de ***Christian Rosenkreutz****, foi partir em busca das múltiplas formas da iniciação autêntica, cada um seguindo um itinerário preciso. Depois, os* ***Christian Rosenkreutz*** *reencontraram-se, reuniram suas descobertas e delas resultou a técnica rosacruz e os doze caminhos de que já se fez menção em suas visitas. Assim, pode-se dizer que toda a iniciação antiga encontrava-se, desde então, reunida, sintetizada, se quiser, nos doze caminhos. A história simbólica de* ***Christian Rosenkreutz****, isto é, as doze personagens que esta denominação particular encobre, é, portanto, capital na busca iniciática, pois constitui o ponto de partida de*

um novo ciclo. Ela é o início de um novo triângulo que recolheu todo o passado para uma viagem de nível mais elevado..."

Não resisto diante de uma pergunta, já que para tanto estou autorizado:

"*Devo admitir que esta é a primeira vez que uma verdadeira revelação me é feita sobre o legendário Christian Rosenkreutz, e o mesmo ocorrerá, sem dúvida, com muitos daqueles com os quais este conhecimento será partilhado. Ignorava também que* ***Rosenkreutz*** *marcou uma guinada na evolução da iniciação. Situo, por conseguinte, esta guinada no século XIV. Mas são conhecidos os nomes daqueles que se dissimularam sob este cognome?*"

O mestre sorri e faz um gesto. Um de seus pares levanta-se, deixa a sala e, depois de um momento, volta com um velho pergaminho (ser-me-á permitido, em seguida, anotar algumas de suas passagens). Ele o estende a mim e leio, sob o título ***Liber T .•.***

1. Fra.•. I.•. A.•. } electione fraternitatis caput
2. Fra Ch.•. }
3. Fra.•. G.•. V.•. M.P.G.
4. Fra.•. F.•. R.•. C.•., Junior Moeres S. Spiritus
5. Fra.•. F.•. B.•. M.•. P.A. Pictor et Arquitectus
6. Fra.•. G.•. G.•. M.Pi Cabalista
7. e 8. Fra.•. P.•. A.•. Sucessor Fra.•. I.•. O.•., Mathematicus
9. e 10. Fra.•. A.•. Sucessor Fra.•. P.•. D.•.
11. e 12. Fra.•. R.•. C.•.Sucessor Patris.•. C.•. R.•. **C.•.,** cum Christo triumphatis

"*Ex Deo nascimur, in Jesu morimus, per Spiritum Sanctum reviviscimus.*"

Estou na mais extrema perplexidade, pois essas iniciais nada significam para mim. Meu olhar interroga o Pai, que logo prossegue:

— "*Não há nenhuma necessidade de que você saiba mais que isto. Você tem aí uma prova, se fosse preciso, dos fundamentos rosacruzes tais como os defini*

ainda há pouco. Nomes completos não acrescentariam nada à chave que lhe foi comunicada. Esta chave pode abrir vastos horizontes para sua meditação. Entretanto, se isto lhe interessa, direi que cada um era de um país diferente, que a idéia do ***santo périplo*** *foi sugerida pelos* ***Fratres*** *G.·. V.·., I.·. A.·. e I.·. O.·., que ele foi decidido por C.·. R.·. C.·., e que os outros aceitaram juntar-se à obra empreendida. Creio ser inútil insistir neste assunto. Você tem, na* ***Fama Faternitatis*** *preciosas informações e, se algumas diferem do Liber T.·., o simbolismo profundo permanece o mesmo. De qualquer modo, estes doze formaram a primeira* ***Domus Sancti Spiriti*** *deste continente e cada um deles em seguida determinou, ou* ***projetou****, se prefere, os doze centros onde deviam estabelecer-se, em seguida, as outras mansões secretas. É por esse motivo que os* ***doze fundadores*** *do novo ciclo são para sempre, para nós, os primeiros* ***Rosacruzes****. Cada mansão secreta leva o nome de um deles e zela, assim, por sua herança, no caminho que apresentou em sua busca e que a assembléia original lhe atribuíra. Todos são, por assim dizer, os* ***santos chefes da Rosacruz*** *e tudo o que foi realizado mais tarde tem neles sua fonte. Só o maior deles, depois do périplo sagrado, manteve ò título de C.·. R.·. C.·., mas todos, no princípio, foram, repito,* ***Christian Rosenkreutz****"...*

— "Que lugar ocupam, então, neste quadro, um Jacob Boehme, um Paracelso, um..."

O Pai me interrompe:

— "Eles e outros, muitos outros, pelo menos mais numerosos do que geralmente se reconhece, foram ***Rosacruzes*** *entre aqueles sobre quem lhe foi dito que cumpriam sua missão neste mundo, sujeitos às suas exigências e respeitando suas leis cotidianas. Foram todos encarregados de um* ***trabalho*** *particular para a*

mansão secreta à qual estavam ligados e, embora suas obras fossem exteriormente conhecidas, são as ***mansões secretas*** *que detêm sua chave verdadeira. Isto, aliás, não é um fato do passado. Mesmo em nossos dias, é assim. Talvez agora você preste mais atenção a certas... digamos,* ***obras****! Existem acontecimentos, realizações ou atos que ofuscam o homem a tal ponto ou que, o que dá no mesmo, parecem-lhe integrar-se tanto no* ***quadro atual****, que ele não reconhece como excepcionais, ou de um valor mais alto. Basta, porém, abrir os olhos. Na base de tudo, há um elemento desconhecido. Entre tudo, há um vínculo, um fio condutor. A unidade, Inclusive aquela que representamos, age na diversidade* ***aparente****. A busca é simples, o objetivo está próximo, mas o homem está adormecido e se atormenta na pior insipidez. Veja-o, em estado de beatitude diante de pretensos mestres que se enganam a si esmos na contemplação de imaginários poderes! Veja-o achar esses homens de* ***sábios*** *e a entregar-se a uma devoção pessoal que prejudicará seu desenvolvimento até que ele desperte! Veja-o, enfim, procurar sua própria fantasia e seu próprio sonho sob a máscara com que ele reveste o conhecimento ao qual aspira! Mas é preciso atravessar essa etapa... e o ritmo e sempre igual a si mesmo. Não existe nenhum atalho. É todo inteiro que o caminho da iniciação deve ser percorrido..."*

Pareceu-me que o Pai ia perder a calma, mas foi, acima de tudo, uma infinita tristeza que reconheci em suas últimas palavras. Ele se cala por alguns instantes e, com um sorriso comovente, continua:

"*Sim, você não viu nenhum de nós manifestar poderes particulares; o que não significa que não os tenhamos. Mas a condição de Rosacruz não implica seu uso constante. Ser Rosacruz é ter adquirido uma maneira de ser, de pensar e de agir em que ser, pensar e agir são uma só e a mesma faculdade. O pensamento*

anima o ser e torna-se ação. Isto é o verdadeiro poder, pois se resume no emprego da ***energia única*** *em condições diversas, e este emprego é voluntário, em parte. Ele é a conseqüência imediata do nível que alcançamos. É o próprio estado, e esse estado é o absoluto do conhecimento. Dele você sentiu, diversas vezes, unicamente os efeitos. Ora, pelo que constituímos, quem quer que se ponha em harmonia com um grau qualquer do caminho que leva a nós está, conseqüentemente, em harmonia conosco e, através de nós, com o sublime de que nos tornamos um receptáculo privilegiado. Por conseguinte, não há, em nenhum dos doze caminhos, neófitos ou adeptos adiantados. Uma tal distinção não existe. Há simplesmente harmonia ou ruptura dessa harmonia. A harmonia mantida pelo estudo sincero significa* ***contato*** *e leva ao despertar, porque uma conexão é então estabelecida com nosso plano. O rosa-cruz é, neste caso, um verdadeiro Rosacruz em* ***potencial****. A ruptura da harmonia significa interrupção do contato e desenvolvimento unicamente do eu intelectual e de suas miragens. A ruptura, bem entendido, é devida à exaltação do eu sob suas formas insidiosas, inclusive a da dúvida... Mas o que eu quis principalmente ressaltar, nestas observações anexas, é o laço permanente e individual que existe entre nós, Rosacruzes, e cada rosacruz, desde que este demonstre uma sinceridade verdadeira e uma real aspiração. Neste caso, ele goza de nosso influxo e jamais está só..."*

— "Qual é o lugar ocupado pelo Ilustre Kut-Hu-Mi nesse quadro de que tenho agora uma visão compreensível, graças à solicitude com que fui beneficiado?"

— "Kut-Hu-Mi — responde o Pai — é um dos maiores entre aqueles que você chama de ***mestres cósmicos****, e você sabe o que estes são em relação a nós. Kut-Hu-Mi, porém, está particularmente ligado ao caminho rosacruz e é nosso hierofante. É, se você quiser, o intermediário entre o plano dos mestres cósmicos e o*

nosso. Ele é de outro plano, mas está na interseção dos dois planos. É um ***porta-voz*** *nos dois sentidos, ao mesmo tempo guia e guardião. Na pirâmide rosacruz total, ele é o cume*".

"*Mas chegou o momento de nos separarmos. Deve ter-lhe ficado suficientemente claro que as noções que partilhamos com você podem aclarar o caminho no seu todo. Refletindo nestas noções,* ***trabalhando-as****, você sempre terá uma resposta satisfatória a qualquer pergunta séria que sua busca suscitar. Prepare-se agora para a Grande Vigília. O que foi recebido múltiplo por sua mente impregnará então sua consciência a tal ponto que o poder da unidade se estabelecerá em você. Mas, repito-o com insistência, prepare-se.*"

Não compreendo o que o Pai quer dizer com "*poder da unidade*". Sua última frase é obscura. Sinto, porém, que nenhuma pergunta é.esperada e que minha visita deve terminar.

O *Pai Rosenkreutz* levanta-se. Todos fazem o mesmo e eu, de pé por minha vez, preparo-me para pedir licença para sair mas, subitamente, sou de novo arrebatado pela realidade no seio da qual me encontro. Ah, como a mente trai a natureza humana! Durante todo o tempo em que o mestre falou, escutei, com paixão, sem dúvida, mas não comunguei com ele. Meu pensamento esteve ativo, recebi e não assimilei, não integrei em meu ser a sabedoria que me foi dispensada. Palavras, palavras... Ei-lo, então, o múltiplo recebido por minha mente. Os mestres que me surgiram, o discípulo que eu sou podia estar pronto? De joelhos, curva a cabeça, homem imprudente que creio ser eu mesmo e que logra minha alma até nestes lugares sagrados!

O silêncio interior acalma meu desespero e, em alguns instantes, sei que minha revolta contra mim mesmo é a última ilusão da matéria humana, de seu

coração inumerável e de sua falsa diversidade. Para a alma, a cada instante, é a noite, e depois é a aurora e depois a paz. Mas a paz que eles me dão nesta fração de eternidade, pela sua presença, pelo canto de seu ser e pela mão que, sobre minha cabeça, vibra de luz e de poder, procuro em vão pintá-la hoje com palavras, mas ela lhes é fugidia, como fugidia é a luz, a vida ou o amor... "*Deixo-lhe minha paz*." É em tais momentos que se "*conhece a palavra*" e que não se duvida mais "*que ela esteja entre nós*"...

Cheguei a meu hotel tarde da noite e consagrei o domingo, 19 de novembro, a uma meditação constante. Compreendi, à noite, que Madri não me daria nada mais desta vez e, por demais penetrado da grandeza eterna de ontem, não me pude resolver a voltar aos limites do presente. Apesar de tudo, durante o dia de segunda-feira, 20 de novembro de 1967, resolvi, por telefone e por meio de duas ou três decisões rápidas mas eficazes, embora sem as discussões prévias habituais, as diferentes questões que me propunha tratar por ocasião de minha estada; e voltei a Paris pelo avião da noite. Desde então, sem deixar naturalmente minhas atividades habituais e assumindo todas as minhas responsabilidades, preparo-me para a *Grande Vigília de Lisboa*.

Capítulo VII: INTERLÚDIO

Hoje são 2 de dezembro e, sem reler até agora minha descrição das visitas às mansões secretas da Rosacruz, sinto que ela pede alguns comentários. De fato, tendo optado por escrevê-lo o mais cedo possível, depois de cada um dos acontecimentos que ele relata, este manuscrito toma um pouco o aspecto de um diário privado ao qual eu entregasse meus pensamentos, tanto quanto os fatos. Disto resulta que esta narração contém muito de mim mesmo — talvez demais. Uma outra conseqüência é que se, por uma razão qualquer, sobrevier um contratempo ou se se produzir uma modificação no itinerário projetado, ás páginas escritas guardam com elas uma esperança que os fatos não confirmam. Ora, em Madri, eu soube, precisamente, que a última fase da minha viagem, em direção de mais luz, estava mudada. Em lugar do Partenon, é o Tejo que, mais uma vez, me receberá. Meu primeiro impulso foi rever meu texto, ajustá-lo à seqüência dos acontecimentos e torná-lo assim mais coerente. Depois, decidi não fazer nada disso, pois, tentando uniformizar a narração, eu lhe teria talvez tirado a vida que lhe insuflava a inspiração no momento em que, recolhido em minhas lembranças, projetava em palavras a cena — que digo? — o estado, reencontrado nas imagens que afluíam à minha consciência e na emoção por elas renovada.

Não revi mais Maha em Madri. Deveria, por isso, censurar o que ele mesmo, em Amsterdã, me fizera entender? Não me posso atribuir uma tal liberdade. Aliás, estaria ele verdadeiramente ausente? Ele sabia que eu estaria em Madri e conhecia o lugar onde eu era esperado e o momento da visita... "*Nossos caminhos se cruzarão*", assegurara-me ele. No fundo, isso podia não significar que haveria um encontro. Ele já estava em Atenas, mas poderia muito bem estar em Madri sem

julgar necessário me ver. Além do mais, basta ver *Maha* uma vez para nunca mais esquecê-lo. Ele fica depois com você e você vive com ele. Ora, eu tive o privilégio de muitos encontros. Não o esperava e meu reconhecimento é infinito por essa grande felicidade.

Eu me preparo para a Grande Vigília! Os grandes ensinamentos da *Ordem Rosacruz* – A.M.O.R.C. abrem-me o tesouro único de sua profunda sabedoria e, curiosamente, são os graus de neófito que me aparecem como os mais apropriados à circunstância. É verdade que eles encerram muito, talvez tudo, mas só o percebemos uma vez terminado o ciclo, depois de muitos anos...

Aqui, no *Domínio da Rosacruz*, tão estranho quanto possa parecer a meus leitores, o silêncio é grande em torno de minhas visitas às *mansões secretas*. É preciso ser assim, para que a narração escrita grave o evento antes de qualquer pergunta, antes de qualquer comentário, e guarde inteira a alma da recordação. Minha mulher, discreta, ativa, sempre ansiosa de me evitar a preocupação do cotidiano, cala-se; mas, enquanto lanço ao papel o *segredo*, sinto às vezes, pousado em mim, o olhar inquiridor de Pernelle... Ela espera, como esperam meus próximos colaboradores, cuja reconfortante presença e afetuosa atenção, todos os dias, me fazem recear ter sido algumas vezes um pouco egoísta, quando os escolhi para ficar ao meu lado. Quanto a meu filho, como Sagitário com influência de Escorpião, permanece partidário da legalidade e da ordem e profundamente ligado à regra e ao formalismo. Ele mune-se de paciência, pois o momento virá, ele o sabe, de tentar, através do texto, pressentir o que chama de meus "*outros segredos*"...

Eis onde nos encontramos no périplo que, em breve, acabará... Minha passagem de avião chegou esta manhã: Air France, Vôo 503, de 26 de dezembro, saída às 11h40min, volta TAP, Vôo 400, de 5 de janeiro, partida às 9h35min. Entre

estas duas datas, a *Grande Vigília*... Depressa! Que diminua o interlúdio... Terei aqui, com os meus, meu Natal de alegria e *lá*, eu o pressinto, uma meia-noite de luz com que minha alma fará soar os sinos de Natal...

Capítulo VIII: A GRANDE VIGÍLIA DE LISBOA

Depois de minha visita do mês passado, a dor, o sangue e as lágrimas, em algumas horas, durante a noite de sábado, 25 de novembro, invadiram a cidade inundada e torturaram seu povo corajoso. Ela chorou, a nobre cidade de Lisboa, e chora ainda, mas em silêncio, como chora uma miséria oprimida por uma miséria maior. O pobre tem seu *ausente* e o rico o seu, pois a terra retomou o que a água havia devolvido. O Tejo está menos brilhante, o mar menos cativante. Como desdenhá-los? Meu coração anseia por eles. Não posso odiá-los, mas penso em seus mortos e minha alegria de estar aqui empana-se de tristeza. Não sei ainda o que será a vigília prometida. Pressinto o sublime... Então, ó Deus, que a Obra aqui cumprida irrompa em uma festa de paz, de reconforto e de consolação para a cidade enlutada! Que nada venha cm meu proveito e que tudo seja para ela, como o sinal precursor de uma beatitude dada outrora ao mundo dos sofredores por Aquele que, ontem, mais uma vez nasceu por nós: "*Bem-aventurados aqueles que choram, pois eles serão consolados...*"

Minha reserva fora feita, como de hábito, no Hotel Ritz. Mas, alguns dias antes de partir, uma breve notificação recomendava-me que não tomasse nenhuma providência. Confiante, eu logo informara ao hotel de minha desistência. No entanto, como não me tinha sido dada nenhuma indicação precisa, meu raciocínio esforçava-se por instilar-me a dúvida. A imagem era deprimente. Via-me chegando a Lisboa e errando, angustiado, pelo aeroporto, depois pela cidade, com a bagagem na mão, em busca do impossível e do desconhecido. A idéia era insensata e envergonhava-me, o dava lugar, muito rapidamente, à certeza de uma preparação atenta em seus menores detalhes. Os fatos vieram a confirmar isso. O *guia*, de fato, lá estava, e,

uma vez terminadas as formalidades da alfândega, precipitei-me para ele, para um caloroso abraço, com um movimento irresistível vindo do fundo de mim mesmo, e ele me recebeu com comovente afeição. Pouco tempo se passara desde o nosso primeiro encontro no Hotel Ritz. Mas, mesmo que houvesse decorrido dez anos, eu o teria reconhecido entre mil.

Ele me conduziu ao próprio lugar onde fui recebido em novembro pelos Rosacruzes instalados neste país, isto é, à sua mansão secreta. É aqui que me encontro neste momento. Aqui tenho minha cela e considero um insigne privilégio ocupar a décima-ter-ceira, em razão do que ela simboliza para esta suprema hierarquia. O último deve, então, ser o primeiro, o menor surgir como o maior? A *palavra* aqui manifesta-se em quaisquer circunstâncias. Preciso aprender a observar os menores detalhes. Para os Rosacruzes, cada gesto encerra um significado especial...

A décima-terceira cela... Penso na décima-terceira carta do taro: a morte. E recordo-me da interpretação dada a esse arcano por Oswald Wirth — o arcano mudo dos santeiros da Idade Média... "*O profano deve morrer para renascer na vida superior que a iniciação confere. Se não morrer em seu estado de imperfeição, ele interdita para si próprio qualquer progresso iniciático. Saber* ***morrer*** *é, pois, o grande segredo do iniciado pois, morrendo, desprende-se do que é inferior, para elevar-se, sublimando-se. O verdadeiro sábio esforça-se, portanto, por morrer constantemente, a fim de viver melhor. Isto não implica nenhuma prática do ascetismo estéril, mas, se quiser conquistar sua autonomia intelectual, não deverá ele romper com os preconceitos que lhe são caros e morrer, assim, para a sua forma habitual de pensar? Para nascer para a liberdade de pensamento, é preciso liberar-se, morrendo para tudo o que se opõe à estrita imparcialidade do julgamento*". Décima-

terceira cela, arcano treze — O Espírito Santo dos gnósticos e eu estou em uma *casa do Espírito Santo!* Arcano treze: o Paracleto consolador que liberta o espírito do jugo da matéria. Libertação, espiritualização, desmaterialização, percepção da realidade, despojada de qualquer cenário sensível, morte iniciática, iniciação integral.

Porque eles são doze, minha meditação pára também no décimo-segundo arcano: o enforcado; e, porque existem quatorze assentos e quatorze celas, no décimo-quarto arcano: a temperança.

Então irrompe a compreensão e tudo me parece claro, vivo. Sol por que estou aqui, sei por que estou sozinho nesta décima-terceira cela por vários dias, face a face comigo mesmo em uma introspecção que só as *sessões comunitárias* e as refeições em comum romperão.

Uma cadeira, uma mesa, uma cama, um armário minúsculo e uma pia, eis minha cela. Meu coração orna-a de riquezas mais preciosas, minha espera enche-a de esperança. Tenho a fé, e eles me concedem a caridade. De joelhos sobre o assoalho desigual, a cabeça apoiada sobre o rebordo da mesa, junto as mãos e rezo... Os grandes momentos de minha vida — os bons e os que foram menos bons —, os pensamentos, as palavras, os atos, as omissões, o que foi justo e o què não o foi, tudo isto irrompe de meus lábios em um *kyrie eleison* que, por vezes, minha mão não escande sobre meu peito, ao ritmo de um torturante *mea culpa.* Nestes instantes, o bem cumprido, mesmo que outros o tenham considerado grande, é engolfado pelo enorme turbilhão da culpa; uma culpa talvez grave ou simplesmente benigna, da qual a consciência se lamenta até que o anjo do perdão, alertado pela dor espiritual e pelo arrependimento *mortal* de uma alma, repara e toca com sua asa ofuscante o coração que se arrepende. Oh, purificação intensa, total, destas horas benditas, tu me deixas moribundo de esgotamento interior, vazio, a nu, subitamente

penetrado por uma força desconhecida, irradiante. Tu és o tempo da paixão anunciadora de Páscoas celestes. A aurora dourada sucedeu a obscura noite, pois, se crucificas, depois ressuscitas...

A Grande Vigília! Eu esperava por uma noite excepcional, por algumas horas de acontecimentos únicos de que seria a testemunha maravilhada. E eu me preparara da melhor forma possível antes da minha vinda, pois essa era a ordem que recebera e aceitara. Ora, minha preparação tinha por motivo real preparar uma ainda maior, prelúdio para... outra coisa em que não devo pensar, pois tenho por ordem imperativa concentrar minha atenção sobre o que faço a cada instante, quer se trate de uma meditação sobre as três palavras que me foram comunicadas ou de um gesto, o de levantar-me, sentar-me ou comer, por exemplo. No início é extraordinariamente difícil, mas não se exige a perfeição. Basta chegar o mais próximo possível, sendo que o esforço é mais Importante que o sucesso, como me repetiu com insistência o Pai Rosenkreutz, quando me levava, logo que cheguei, para minha cela.

Agora examino o manuscrito de sete páginas que me foi entregue. Ele se refere às leis fundamentais que regem o nosso mundo. São quarenta e oito que *governam* a Terra, enquanto noventa e seis regem a Lua. Tenho a impressão de ter lido isto em algum lugar; mas, se o sabia, não o compreendera, pois a compreensão é função do ser, e assimilar um tal conhecimento exigia, certamente, uma abertura interior muito maior. Quarenta e oito leis! Como estamos longe do absoluto manifestado no começo sob a lei trinitária! Como afirma o manuscrito, nossa Terra está *situada* num canto bem escuro do universo e unicamente, o homem interior, o *sétimo,* pode *raciocinar com o absoluto!* Terei muito em que pensar nos próximos

dias e este trabalho de reflexão, associado à meditação das três palavras, mantém meu pensamento, meu *ser,* numa direção dada, e isto é bom.

Nenhum conclave está previsto no templo do Espírito Santo desta mansão secreta antes do último dia, o 31 de dezembro, que será o da Grande Vigília. A assembleia, segundo me indicaram, se reunirá às 18 horas. Não me indicaram a que horas ela terminará seus trabalhos.

Há duas refeições coletivas por dia — uma ao meio-dia e'outra às dezoito horas. Pela manhã, às nove horas, colocam diante da porta das celas, no chão mesmo, uma pequena vasilha de estanho contendo mais ou menos uma xícara e meia de chá sem açúcar. A refeição do meio-dia é frugal: uma salada, um prato quente sem carne e uma fruta. À noite, uma sopa e queijo constituem o *menu.* Apenas uma fatia de pão e, como bebida, chá frio. Aprecio esta extrema simplicidade e tenho certeza de que sentirei saudades dela, mas, de qualquer maneira, terei que voltar ao mundo. Nele estão a missão e aqueles que, de perto ou de longe, me são caros...

As reuniões têm lugar na sala de honra. Esta sala é imensa; diria mesmo, colossal. Uma lareira monumental ocupa toda a parte dos fundos e as chamas dançantes das grossas toras dão uma claridade que não é esfumada pela iluminação discreta disposta em torno da peça. As quatorze cadeiras baixas de encosto alto parecem genuflexório; e, de fato, é de joelhos sobre elas, em frente à lareira que fica a leste, que tomamos lugar, nas horas diurnas e noturnas fixadas. Constato que a décima-quarta cadeira — a que permanece vazia — fica disposta de tal forma que nos fica de frente. Quanto a mim, estou sozinho atrás e a alguns passos dos outros. Cada meditação coletiva dura uma meia hora. É impossível descrever o que se passa. O prodigioso não é acessível a nenhuma palavra. Direi

simplesmente que os Rosacruzes, um após outro, a partir da esquerda, ordenam uma respiração especial e a entonação de uma palavra desconhecida. Isso faz doze respirações e doze palavras!

Acho que só circunstâncias tão excepcionais permitem-me resistir ao influxo vibratório assim criado. Quando chega minha vez, tenho uma frase para pronunciar. Ela é intraduzível e, mesmo que não o fosse, eu não poderia naturalmente transmiti-la inteiramente. Sei, entretanto, que não cometo nenhuma traição, dizendo apenas que termina com estas palavras: "*E Jesus passando no meio deles se foi*!" Talvez esta simples citação permita supor o que efetivamente ocorre em um momento desse santo trabalho; mas eu gostaria principalmente de poder descrever o que se passa ao final, quando nós todos salmodiamos um verbo de poder, de pé e balançando-nos ligeiramente da esquerda para a direita num ritmo lento.

O prodigioso não é acessível a palavra alguma, como lembrei ainda há pouco. Só o que possa fazer é repeti-lo, embora, para eles, não haja *nada,* em tudo isto, de prodigioso. Uma lei é aplicada e esta santa assembleia dirige seus efeitos para um destino ou uma finalidade definida. E, nesses instantes, penso em todos os meus leitores rosacruzes pois, certamente, eles estão incluídos nesse destino ou nessa finalidade. Vejo, desse modo, os vínculos constantes que unem o alto e o baixo, os diversos níveis da hierarquia ao conjunto. Não, o rosacruz nunca está só. Onde quer que esteja, alguém vela por ele...

Certamente, os hóspedes permanentes da mansão secreta têm, cada um, suas atividades próprias. Suponho que essas atividades sejam múltiplas, mas que haja uma harmonia entre elas. Esta mansão *funciona,* admiravelmente, como um mecanismo perfeitamente ajustado. Os deveres usuais são assumidos com

eficiência, sem que eu esteja à altura de compreender como, ou de determinar quem deles se ocupa. Em minha opinião, cada um aqui tem sua tarefa precisa a cumprir, e ela é cumprida discretamente, humildemente. Quanto às responsabilidades superiores, tive a experiência da única maneira, sublime, como elas são cumpridas...

Cinco dias se passaram neste ambiente excepcional. Cada hora, se tivesse havido necessidade, me teria trazido uma certeza maior. Mas tanto e tanto me foi concedido, em todos os planos, neste período extraordinário, que à certeza juntou-se o saber, e nenhuma dúvida é, doravante, permitida.

Esta noite, 30 de dezembro, depois da refeição noturna, o Pai Rosenkreutz vem à minha cela. Traz-me uma túnica branca, que me serve perfeitamente. Devo vesti-la amanhã à noite para a Grande Vigília — não antes. Dá-me também um pequeno frasco contendo um líquido de uma curiosa cor rosada. Recomenda-me tomar esta noite, amanhã de manhã ao despertar, e amanhã à noite, exatamente antes da hora marcada para o evento previsto, a quantidade equivalente a um dedal. Depois, retira-se, afirmando que está satisfeito.

Estou tão emocionado que tenho alguma dificuldade para reorganizar o curso de meus pensamentos. Consigo fazê-lo por meio , de um dos exercícios que me foram indicados e que aprendi rapidamente a dominar nestes últimos dias. Sinto um pouco de cansaço e não resisto ao desejo de me estender um instante sobre a cama. Imediatamente, meu pensamento, até agora mantido sob uma pressão constante, liberta-se de suas cadeias e concedo-lhe a recreação merecida de surpreendentes associações de ideias que, bruscamente, levam ao pequeno frasco e ao líquido que contém... Levo, então, minhas conclusões muito longe: na vida corrente, estamos tão *condicionados* pelo mundo exterior que acabamos por esposar a opinião dos outros sem deixar de pretender que essa opinião é a nossa.

Em outras palavras, jornais, revistas, rádio, televisão, conferências e mesmo conversas insuflam-nos as ideias ou os argumentos dos outros. E isto, tanto mais profundamente quando as ideias ou os argumentos emanam de personalidades reputadas — perguntamo-nos às vezes por que — por seus conhecimentos académicos ou de outra natureza. É certo que as ideias frequentemente divergem de uma personalidade para outra; mas não se dá atenção a isso. A sugestão atingiu seu objetivo. Diante de um fato, seja ele qual for, todos podem, e é seu dever, usar de suas faculdades de análise e chegar a suas *próprias* conclusões, sem se preocupar se essas condições são partilhadas por outros.

Ora, que vemos atualmente, de um lado a outro de nossa terra? Este fato: a juventude, radicalmente diferente dos mais velhos e liberada de numerosos tabus e proibições, chega ao que a geração anterior chamaria de *excesso*. Tais excessos acontecem em todas as épocas, mas jamais houve com o passado uma ruptura aparente tão considerável. Ora, essa ruptura, essa mudança, é tolerada pelos antigos, quando não é admitida. Essa situação se deve à mudança de era que se operou a 5 de fevereiro de 1982. O novo impacto vibratório teve, por primeira consequência, o estado de espírito constatado na juventude, muito mais permeável, por natureza, às transformações cíclicas. A antiga geração sofreu esse mesmo impacto, mas ele se produziu sobre um terreno feito de hábitos e de concepções passadas. Entretanto, seu efeito foi tal que não há, no conjunto, oposição completa, a despeito das aparências, entre a juventude e os mais velhos, embora sejam os mais velhos que tivessem que *admitir* a nova situação, considerada, pelos jovens, como normal. Se não houve oposição, foi porque a evolução exterior não foi gradual. Foi, no início, o exagero em relação ao passado que levou vantagem, no sentido de que os fatos *extremos* foram constatados e permitiram que o menor fosse tolerado e

depois, em princípio, admitido. Assim, o fenômeno dos *beatniks* contribuiu para a tomada de consciência de uma situação nova, e esse exagero valeu aos *hippies* uma melhor consideração; como permitirá a outros fenómenos humanos serem mais facilmente admitidos. Na realidade, por culpa de pessoas mais velhas presas a princípios antigos e, frequentemente, superados, a juventude teve que procurar sozinha seu caminho e esforçar-se por dar forma ao impulso irresistível de um novo ciclo cósmico. Não é, pois, a juventude que é responsável por seus excessos; é a geração anterior, que não soube ou não quis preparar-lhe condições novas. Ora, a juventude não se satisfaz mais com os princípios religiosos de seus pais, por não corresponderem às suas necessidades interiores. Ela aspira a outra coisa que lhe permitiria compreender os antigos princípios e, talvez, aceitá-los, graças a uma nova compreensão. É precisamente nisso que organizações tradicionais, e a *Ordem Rosacruz* — A.M.O.R.C., em primeiro lugar, têm sua responsabilidade fundamental para com o ciclo atual. Essas organizações não podem mais ser *reservadas*. Elas devem mostrar à juventude que constituem para ela a alternativa e que o que ela procura *já existe.* Tanto isso é verdade que uma massa cada vez maior de jovens comprime-se nas portas da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C, e todos reconhecem que era este exatamente o caminho de que precisavam e que inconscientemente procuravam. Com muita frequência, tiveram que romper a conspiração do silêncio, para chegar ao objetivo. Mas, no que diz respeito, mais precisamente, à Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C, ela havia previsto essa nova situação e é esta uma das razões de sua propaganda intensiva. Cada um de seus membros tem, neste campo, sua própria responsabilidade junto a uma juventude para quem a Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C. pode se tornar a saída estabilizante do novo ciclo...

Estas considerações desenvolveram-se em mim no momento em que meu pensamento se deteve no pequeno frasco de líquido rosa. Procuro a associação exata que me levou a estas observações tão particulares. Ah, compreendo: o frasco levou meu pensamento ao LSD, esta droga de estranhas propriedades que alguns jovens, infelizmente, utilizam em procura de algum paraíso artificial. E daí aos *beatniks;* depois aos *hippies* cobertos de flores e pacifistas que voltam suas esperanças para o Oriente e para uma sabedoria que acreditam ser acessível; aos famosos Beatles, decididos a fazer a experiência de um curioso Mahatma; a outros cantores e músicos célebres apaixonados pela droga; a esses extraordinários espetáculos em que um ídolo qualquer urra um canto — uma encantação, talvez — em uma sala imensa mergulhada em vapores de *incenso,* diante de centenas e centenas de jovens que, de repente, se abandonam a uma emoção sem freios e a um trans-bordamento irracional.

Droga, incenso, gestos, atitudes, tudo, através do exagero, deixa transparecer uma necessidade interior e profunda a ser satisfeita; uma necessidade que se aparenta, de longe, é verdade, como é sempre o caso em *descobertas* desordenadas, inconscientes e não metódicas no campo do misticismo, a dados válidos e a princípios tradicionais permanentes relacionados à evolução humana. Em uma palavra, a juventude está pronta. Ela se encontra afinada no mesmo diapasão de um ciclo mais avançado. Ela se procura, encontrando ou reencontrando os princípios que satisfazem parcialmente algumas de suas aspirações, e ignorando que existem os princípios completos que lhe podem proporcionar tudo de que ela precisa para compreender, estabilizar-se interiormente e progredir de forma sistemática.

As drogas, em particular o LSD, são uma perversão do antigo Soma, da beberagem plenamente estudada que alguns iniciados eram convidados a tomar em raras ocasiões, sob direção e fiscalização atentas, para provocar um determinado resultado. O Soma não era um elemento fundamental. Era uma parte, um elemento não essencial de um vasto conjunto técnico dirigido a um objetivo sagrado extremamente preciso; e aquilo que anteriormente se chamava Soma toma um nome diferente, de nossos dias, em certas escolas místicas orientais. Não há, naturalmente, comparação possível entre as drogas atuais do género LSD e o Soma de antes ou a beberagem santa de comunidades sagradas do Oriente, nem com os efeitos pretendidos atualmente por um uso inconsiderado com objetivo puramente alucinatório ou sensorial. Lembro-me, neste instante, de certos hinos ao Soma cantados pelo Veda, hinos cujas estâncias esparsas voltam ao meu pensamento:

> *Provei como conhecedor o suave elixir o complacente, o grande liberador: aquele que todos, Deuses e mortais, procuram chamando-o de mel... Bebemos o Soma, tornamo-nos imortais, Chegados à luz, encontramos os Deuses. Que nos pode fazer agora a impiedade ou a malícia do mortal, ó imortal? Inflama-me como o fogo que nasce da fricção, ilumina-nos...*

Vamos! Estou pronto e o sábio o ordena. Chegado o momento, absorvo a dose indicada de elixir... Fico surpreso. O Soma de antigamente passava por produzir um efeito imediato. Espero com curiosidade, observo minhas reações físicas, psicológicas — nada, ou antes, sim, pois eis, de repente, um extraordinário

estado de bem-estar físico, uma paz interior inexprimível. Mantenho uma lucidez absoluta e um domínio completo de meus pensamentos. Seguramente, isto não é uma droga, mas sim um elixir de propriedades excepcionais, pois constato que minha lucidez é levada ao mais alto ponto possível para um ser humano. Se uma per gunta se cria em mim, ela tem sua resposta imediata, luminosa, quase simultânea. Se penso *alegria,* meu ser vive a alegria, se digo *meditação,* o estado se estabelece. Os diferentes níveis do ser parecem estar reunidos em um todo harmonioso e consciente. Não há mais distinção entre o físico, ou a sensação, e o subjetivo; assim como não há entre esses dois *reinos* e a *subconsciência.* É a harmonia dos planos. E tudo isto parece normal a ponto de eu poder, no começo, crer que nada de diferente se estava passando. Aliás, poderei afirmar que alguma coisa de diferente se tenha produzido? Não é este o caso. Todo o meu ser, com seus múltiplos veículos, encontra-se *simplesmente* em um nível de unidade e de percepção infinitamente mais vasto, mas não estou sob o império de um estado alucinatório. Mantenho a inteira responsabilidade e toda a direção de mim mesmo. Constato, é certo, que posso querer e criar uma alucinação, mas sei que o que é assim obtido ê uma criação do meu pensamento... Hesito, porém, em dizer que o caso seja sempre este, pois se penso *luz,* minha cela escura ilumina-se e vejo-a como em pleno dia. Assim, um elemento de poder soma-se às propriedades comuns que se espera deste género de elixir. Não quero dizer que o elixir dá este poder, seja de que forma for, mas sim que ele favorece o emprego consciente e sistemático de faculdades já desenvolvidas. Ora, uma faculdade particularmente desenvolvida em um rosacruz é a visualização, isto é a criação mental. Em minha opinião, o elixir não faria, em um profano, mais que o efeito de uma impressão *temporária* de um certo bem-estar físico. Não é este o seu objetivo e o licor cor-de-rosa exige, sem dúvida, destilações

de alquimia e tempo demais para ser desperdiçado. Não é inútil repetir que ele é empregado unicamente em casos extremamente especiais, como parte de um conjunto maior. É, se quiserem, a fórmula particular de uma técnica consideravelmente maior, à qual se soma e sem a qual não é *nada.* Em meu caso, considerando as circunstâncias únicas por que estou passando, suponho que teve por objetivo colocar-me, em uma certa medida e a título temporário, ao nível da condição de Rosacruz, a fim de estar à altura de participar dignamente da Grande Vigília. Em outros termos, estando as outras condições preenchidas, o elixir deve contribuir para fazer-me tomar consciência do objetivo, a permanecer assim durante o tempo da experiência sublime desta estada aqui; ao mesmo tempo, para que a harmonia da Santa Noite não seja perturbada por vibrações diferentes e para que a lembrança do píncaro atingido em plena consciência se acrescente aos meus esforços e aos esforços daqueles que estão sob meu encargo na minha função magistral. Quem viveu a certeza, lembra-se dela para sempre, e esta mesma certeza é transmitida a todos aqueles com quem a harmonia interior é firmada. Ora, sempre tive a convicção de que aquilo que me é dado, em consequência de experiências de alcance tão universal quanto a de meus encontros e visitas excepcionais, beneficia a todos os que estiverem em harmonia com minhas próprias aspirações místicas, isto é, ao primeiro chefe, aos membros sinceros da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C. E isso sem que haja necessariamente, no meu nível ou no deles, consciência desse fato... Meu sono foi profundo e, se ocorreu algum trabalho particular durante as horas de inconsciência física — do que não duvido —, não guardo nenhuma impressão ao despertar. Hoje será um dia cheio, e estou determinado a efetuar escrupulosamente tudo o que me foi ordenado. Tomo imediatamente a quantidade de elixir prescrita e, sem proceder a outros testes, sem experimentar, como fiz ontem

antes de adormecer, certo de guardar em mim a força da bebida e suas propriedades para o grande acontecimento desta noite, procedo às atividades que se tornaram habituais — sem ser um hábito — desde minha chegada a este lugar sagrado. Meditações, orações, refeições, emprego das três palavras de poder, recolhimento, enfim... e o tempo corre ao ritmo do trabalho. À medida que se aproxima a hora, penetra-me uma sensação absolutamente desconhecida de exaltação. Meu corpo parece vibrar em frequência ignorada; meus olhos parecem ser o que olham, quer sejam minhas mãos ou um objeto exterior; meus ouvidos percebem de maneira muito nítida os ruídos e os sons. Mas, se eu prestar atenção, noto um zumbido especial, como um ruído de fundo que não é absolutamente desagradável e combina perfeitamente com o estado que assumo progressivamente...

Ajustando a túnica branca, dou-me conta da importância deste traje neste lugar. É certo que, no exercício de minhas funções rituais, cada vez que visto a regalia branca, experimento imediatamente um sentimento de nítida ruptura com o mundo exterior e suas exigências temporais. Revisto-me da condição ao mesmo tempo que do traje que a simboliza, e tomo lugar, por assim dizer, e por cima do triângulo colocado no chão, ao centro do semicírculo formado pela assistência. Suponho que este *fenômeno* é obtido voluntariamente. Os Rosacruzes aqui reunidos concentram agora seu pensamento nestes dois pontos do *templo.* Por quê? Saberei a razão admirável um pouco mais tarde...

Entrei na sala e tomei o lugar que me era designado, à direita do estrado, ligeiramente recuado da última fila. Sem dúvida nenhuma, foi previsto — nada é deixado ao acaso nestas circunstâncias — que eu seria colocado em um ponto de onde me fosse possível comungar com esta santa assembleia sem

perturbar de modo algum seus trabalhos, e contemplar tudo o que acontece durante essas horas excepcionais. Sem dominar a assistência, vejo perfeitamente a sala e aqueles que a ocupam, tanto quanto o estrado e suas cadeiras desocupadas. Estou surpreso por notar que o Pai Rosenkreutz e seus *acólitos* habituais contentaram-se em ficar nos bancos do templo. Normalmente, o Pai deveria encontrar-se em seu lugar sobre o estrado...

Bruscamente, tomo consciência de mim mesmo. Penso em minha própria aura confundida com a aura destes seres incomparáveis e me conscientizo de que a preparação a que fui submetido, certas provas por que passei nos dias que precederam a minha vinda, a técnica de meditação noturna a que tive de me conformar por várias semanas, o tempo místico passado em minha cela, aqui e a bebida que tomei, *tudo* teve por objetivo tornar minha presença possível, *aceitável,* na Grande Vigília que começa. Assim, minha aura está *combinando* com o meio que a recebe. Ela não o perturba. Está libertada das escórias do mundo. Seria demais admitir que sou temporariamente Rosacruz? Quem sabe? A experiência rosa-cruz da *consciência cósmica* dura alguns segundos e seus efeitos são permanentes ao nível do eu verdadeiro. Neste lugar, um estado me é, por assim dizer, emprestado, porque é o único meio de conhecer e de transmitir. Mesmo que eu não deva guardar mais tarde senão uma *lembrança,* esta lembrança estimulará a vontade de reencontrar o estado ou, já que o terei vivido, de restabelecer em mim sua consciência. Creio gozar neste momento de um privilégio poderoso e definitivo, cujo alcance, talvez, ainda não calcule suficientemente e que me investe, principalmente, do dever e da alegria de servir ainda mais, se for possível. Uma ideia irrompe em meu espírito no momento em que considero, em relação ao lugar que me recebe, o que sou humanamente — a ideia da misericórdia do Rosacruzes e

uma mais alta ainda. Sim, basta fazer o possível com confiança e boa-vontade, *todo o resto nos é dado por acréscimo.* As hierarquias sagradas, os *realizados* fazem a metade do caminho e mais. Minha presença aqui deve ser para todos *uma mensagem de esperança.* A perfeição não é o que os homens supõem e, menos ainda, o que os fanáticos de todas as tendências definem. Ela é mesmo, sob certos aspectos, o inverso do que imaginam. Pedem-nos para viver, experimentar e compreender, isto é, para despertarmos deste pesado sono em que se comprazem nossa *fingida sensibilidade* e nossa quimérica concepção de uma perfeição mal compreendida.

Tenho, certamente, que adotar a atitude física dos que aqui estão. Lanço-lhes um olhar rápido, mas atento. Não estão de olhos fechados. Todos olham calmamente para o estrado, mas tenho a intuição de que o que esperam não será percebido com os olhos físicos; o seu olhar materializará *simplesmente* a intenção. Faço o mesmo e abandono-me à comunhão passiva de uma espera que é, para mim, ao contrário dos outros, a do desconhecido.

Estranhamente, a partir deste momento, todo o meu ser parece crescer. Esta impressão é indescritível. *Impressão* não é a palavra justa. Deveria substituí-la por *realidade.* Em todo caso, sinto que sou uma parte, uma célula de um corpo muito maior, que seria formado por todos aqueles que estão reunidos nesta sala. Minha mão que se fecha parece ser, ao mesmo tempo, a mão dos outros, e ver pelos seus olhos parece-me coisa simples, normal. Mais precisamente, tenho consciência de estar, neste *templo,* em toda parte ao mesmo tempo, e esta certeza reside, em minha opinião, no fato de que não há aqui mais que um só corpo, uma só aura e, talvez, uma só alma. Este corpo, esta aura e esta alma esperam... Estou num estado que se parece um pouco com uma sonolência, ou mesmo, com um sono total do

qual o conhecimento *consciente* não estivesse excluído; e este conhecimento faz-me subitamente perceber que não estou mais no nível de consciência comum, mas em um grau diferente, fora dos limites físicos, em uma forma de consciência limitada e, no entanto, mais vasta, que implica a ação das faculdades superiores do ser. Então, tudo agora é possível, nenhuma surpresa é de esperar. O que se vai produzir, *o que se produz,* não é anormal nem *sobrenatural.* O acontecimento se torna *aceitável* pelo estágio em que *vivem* aqueles que aqui estão, inclusive eu mesmo. O poder do pensamento acompanhado pela aura unificada da assembleia cria as condições necessárias ao recebimento e à permanência de uma projeção de consciência empreendida *em outra parte.* As condições estão estabelecidas, o *discípulo está pronto,* o mestre pode vir... E ele vem.

No centro do estrado, a aura parece *tomar forma.* Na realidade, é o *ambiente* criado pela aura, que chegou ao grau necessário de poder vibratório que permite a *manifestação.* Direi mesmo que aquele que subitamente *parece* surgir no estrado *já* lá estava e que tudo o que foi feito pela assembleia consistiu somente em permitir que ele fosse percebido. Alguns pensariam *materializado,* o que é falso.. .

E depois, que importa! Ele lá está. Como os outros, *eu o vejo.* Como os outros, *projeto-me* nele, por assim dizer, e *comungo* numa comunhão incomparável, feita de *fusão,* de total abandono e, no entanto, de perfeita consciência. Ah, como é inexprimível a felicidade destes instantes. Nela se confunde o amargo arrependimento dos erros cometidos e, ao mesmo tempo, a paz do perdão obtido por uma *reparação* que o poder daqui efetua alhures, como se a alma desse um pouco de si própria para compensar a culpa. Quem é ele? Minha alma parece reconhecê-lo... Quem é ele? Sim, eu sei, mas meu coração silencia e seu nome está selado com o selo da promessa. Ele é o mestre, o cume, o apóstolo... Algumas

filosofias diriam um dos maiores a serviço do Cristo. É tudo o que estou autorizado a desvendar...

Por quanto tempo se prolonga a *comunhão?* Não o posso determinar. Aqui não existe mais o tempo. Terá ele falado? Estou quase convencido de que sim, mas nada percebi e não sinto nenhuma curiosidade de saber. O que me foi dado partilhar ultrapassa o sublime e considero-me privilegiado por o haver recebido. Se eles, os realizados, tiveram a comunicação de uma mensagem — e eu o creio, em razão de sua presença aqui e sua *espera* — esta mensagem diz respeito a eles e se refere a seu estado e à sua missão. Não tenho que conhecê-la e meu ser vibra de reconhecimento pelo dom que me foi feito. Isto me basta. Para eles, sem dúvida, seria pouco, para mim é *tudo.*

Lentamente, a assembleia volta a seu nível de consciência habitual e este nível, naturalmente, transcende aquele que conhecemos na vida exterior. Não estou espantado de voltar, *da montanha à planície,* no ritmo deles. Aqui, eu sou apenas *uma parte deles próprios.*

O Pai Rosenkreutz levanta-se agora e se dirige para o estrado com profundo respeito, quase uma veneração. Senta-se e convida, com um gesto, os outros Pais a ocupar as cadeiras junto dele. A Grande Vigília vai continuar. Voltando à minha cela, notarei que a santa visita deve ter-se produzido à meia-noite e que o conclave durou, três horas. O verdadeiro trabalho começará às nove horas. O simbolismo é esmagador de luz e meus leitores nele encontrarão matéria para fecundas meditações. A chave que este simbolismo constitui os levará a conclusões dinâmicas e *individuais,* impossíveis de partilhar com outros. Toda *chave* abre, efetivamente, as portas do *eu* e o eu de um é sempre diferente do eu dos outros — de onde resulta que o simbolismo sugere um conhecimento autêntico, incomunicável

de um para outro, porque é função do grau de compreensão alcançado, e este grau é particular a cada um...

As três últimas horas foram então ocupadas em um trabalho que não hesito em qualificar de *imenso.* Este trabalho aparece-me evidentemente como incluído na obra *Rosacruz* — não a obra inteira, tão diversa, tão considerável em seus inúmeros aspectos, cujos fundamentos me foram revelados durante estes encontros, mas uma parte desta obra e seguramente não a menor. Sei que posso relatá-la parcialmente nesta narração.

O que chamarei a série de relatórios começa por uma invocação do Pai Rosenkreutz. Todos permanecem em seus lugares, sentados. Ele próprio não se levanta, mas estende o braço para a frente, as mãos voltadas para a assembleia. Seu vizinho da esquerda tem a mão direita pousada em seu braço esquerdo, e o da direita a mão esquerda pousada em seu braço direito. No momento da invocação, irresistivelmente, fecham-se os olhos e uma força especial parece turbilhonar em volta, dando ao corpo uma impressão de formigamento e de calor.

Em seguida, cada Pai levanta-se. Inicialmente os que se encontram no estrado e, em seguida, os outros. Vejo, assim, que os doze Pais estão presentes e, pensando no cancelamento de minha visita a Atenas, concluo que a Grande Vigília teve, este ano, uma importância excepcional, uma vez que algumas mudanças se produziram, quase no último momento, no itinerário que me fora fixado. Suponho que a mensagem recebida pelos Rosacruzes foi de um alcance capital. Alguns, mas talvez seja uma falsa impressão, parecem agora marcados por alguma preocupação que seus nobres rostos sempre radiosos não podem dissimular.

Cada Pai, nas explicações dadas, trata das grandes questões de sua mansão, das questões relativas à obra cumprida no serviço em particular que a

mansão secreta deve executar. Aprendo assim o que é feito em determinados países onde se poderia crer extinto o misticismo. É apaixonante, animador, exaltante. Admi-te-se com demasiada facilidade que o materialismo domina o mundo. Nada mais falso; a obra continuou. O amanhã é rico dos empreendimentos de ontem e de hoje. Estou particularmente interessado pelas observações do Pai Rosenkreutz de Viena. Ele insiste no fato de que é importante jamais pretender alguma ação contra os empreendimentos individuais que não têm nenhum fundamento na tradição primordial. Esses empreendimentos devem ser considerados como uma polaridade negativa necessária que permite a escolha, e serve de experiência e de depuração ao discípulo a caminho do real. Eles são o inevitável cone de sombra que não existiria sem a luz. Parecendo dirigir-se a mim, ele acrescenta que no, seio da comunidade autêntica, essa mesma lei é aplicada, É da oposição ou da resistência que surge o progresso. Essa resistência, aliás, é mantida dentro de seus justos limites. Os Rosacruzes os observam e se os limites forem ultrapassados, a reação purificadora intervém. Mas uma outra resistência logo se estabelece. Tudo o que é temporal compreende a dupla polaridade de que nenhum caminho está isento.

Observo, durante as falas, que, às vezes, o orador fala sem que eu perceba suas palavras. Isto já se produziu por ocasião de minhas visitas às mansões secretas da Rosacruz e não me aborreço nem um pouco. Seria inconcebível que alguém vindo do mundo e a ele devendo voltar, mesmo que sua missão seja excepcional, tivesse acesso a elementos vitais de uma hierarquia suprema. Compreende-se facilmente suas razões. Não se trata somente de uma possível indiscrição involuntária. O poder total não é um dom. Ele deve ser merecido, adquirido. O que eu ouvi e aprendi é, no entanto, prodigioso, mas não posso dar

coma de tudo em uma obra inteiramente reservada à descrição destas visitas. Estou autorizado a fazê-lo de ama outra forma. Semearei, pois, ao acaso de escritos posteriores, fatos consideráveis conhecidos nessas circunstâncias, sem mencionar sua origem, deixando o caráter de hipótese ao que é realidade, a fim de que o livre arbítrio de cada um seja preservado pela possibilidade de recusa ou da aceitação.

Todos se levantaram, um a um, cada qual aprovando as palavras do Pai de sua mansão ou acrescentando-lhes, ainda, algumas palavras. JÊ claro que a Grande Vigília foi preparada em cada mansão secreta, e que o Pai representa aqui seus doze companheiros tanto quanto a si próprio. Sua alocução não é reunião verbosa de banalidades. Cada palavra tem um significado e ressoa em minha alma. Há, em suas vozes, um ritmo de poder que vivifica as frases, que lhes confere uma alma. É impossível representar por meio de uma imagem essa verdade que se desenrola diante de mim neste momento. Penso nas mensagens deixadas pelos profetas de outrora, pelos sábios da era passada, por Aquele que veio no começo dos tempos que estão acabando. As palavras dos Pais têm o mesmo poder. Suas exposições são antes uma entonação que um discurso, no sentido profundo do termo? Não sei. Mas por que não? Certos sons podem pôr em ação as células mentais, e a energia, assim despertada, moldar palavras, frases, em suma, compreensão à altura daquele que os ouve. Em todo caso, para mim, são palavras, é uma mensagem e essa mensagem é grande. Seriam necessárias longas horas para que se exprimissem todos os realizados reunidos neste lugar. Menos tempo terá sido necessário, uma vez que um era o porta-voz de doze. Vi assim os Pais de outras mansões secretas, que permanecerão desconhecidos para mim. Não obstante, não tenho nenhum arrependimento, e ainda menos amargura. Bastaria encontrar um só destes seres e ouvi-lo para ter conhecido e ouvido todos.

Mesmo este que, neste momento, dirige-se à assembleia, e que o faz em nome dos Rosacruzes de fora, aparenta-se aos outros, e compreendo que todos possam reconhecer-se a um único olhar. Como são preciosas as revelações daquele que representa aqueles que vieram entre nós ou que aqui ficaram. Que mundo secreto é o nosso e, no fundo, como somos teleguiados quando se trata das grandes etapas de nossa evolução! Ah, nada, decididamente, lhes é desconhecido, para que saibam, por exemplo, até o menor detalhe, as preocupações de uma organização tão vasta quanto a Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C! Novamente obtenho, destes instantes, a con vicção de que *cada* mistico sincero e verdadeiro é seguido, passo a passo, além das estruturas temporais, pelos Rosacruzes, os mestres que chegaram ao objetivo...

A Grande Vigília vai terminar. Há alguns instantes, é o silêncio, prelúdio a uma última comunhão. Eu desejaria que estas horas se prolongassem para sempre. Mas a obra comanda e minha alma, pelos bens recebidos, canta de alegria...

Espero pelo encerramento, quando um assessor do Pai se levanta. Estou novamente atento, não querendo perder nada destes últimos minutos. Mas... ele vem a mim... Meu ser é tomado de uma indescritível emoção. Eu não havia previsto que me concederiam um interesse especial...

Ele me toma pelo braço esquerdo e sou levado diante do triângulo onde, um pouco mais cedo, esta noite, a aura coletiva parecia também condensar-se. Os três castiçais são retirados e sou convidado a ajoelhar-me, os olhos fechados. Sou sacudido, *por dentro,* por um extraordinário estremecimento, sem que meu corpo se mexa uma polegada. Tenho a impressão de estar *fora de mim mesmo* e de ver, bem na minha frente, ligeiramente além do triângulo simbólico, dois seres de luz, e creio reconhecê-los. Eles têm as mãos estendidas para mim e ouço, como se viessem de

mais longe ainda, as três palavras em que tanto meditei na minha cela e, coroando as outras, a palavra que recebi no seio da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C, em um determinado estágio de meus estudos. Ouço-me repetir, em voz alta, cada uma dessas palavras. Depois, é o vazio absoluto que não posso dizer quanto durou... Abrindo os olhos, estou transtornado de surpresa: toda a assembleia está de pé e, sobre meus ombros, sinto mãos que logo constatarei serem as do Pai. Que acaba de se passar? Terei sonhado, terei sido o joguete de uma compreensível ilusão, suscitada pelo ambiente já excepcional no qual estou mergulhado desde há alguns dias, e particularmente esta noite? Como o saberia? Se *alguma coisa* me foi transmitida, para mim e para outros, foi no nível mais elevado de meu ser que a transmutação ocorreu e não ignoro que, se ele tirou algum proveito, o ser exterior, em seus diferentes componentes, não pode compreender nem analisar o que o transcende a esse ponto. No entanto, sinto-me em um estado de rara calma, sem nenhum cansaço e, sem procurar a razão, sinto uma alegria sem igual no momento em que o Pai murmura: "*Lembra-te*!". Essas palavras contêm uma promessa e, penetrado uma vez mais pela ideia de que um grande acontecimento acaba de se produzir, respondo num sopro: "*Obrigado, obrigado*!", pondo-me inteiro nestas palavras e sem reter as lágrimas que meu pensamento oferece a todos.

Não sei onde se dispersaram aqueles que vinham de outros lugares ou de fora. Quanto a mim, tomei meu lugar — o último — na procissão conduzida pelo Pai Rosenkreutz. Fazendo o caminho de volta, tornamos a ganhar a galeria das celas e, mal cheguei à minha, com minha túnica branca, lanço-me ao solo, o rosto contra a terra, prostrado de humildade diante do Criador Supremo. Em seguida, aceito com reconhecimento o tempo do repouso. Mas antes de adormecer, muitas e muitas vezes, torno a dizer em silêncio, revivendo os dias de que este é o último, passados

aqui e ali, e as horas sublimes que a noite acaba de apagar, para nós, para mim: "*Abençoados sejam, abençoados sejam*!" E revejo sua luz, sua Realidade, seus rostos — o rosto do Rosacruz...

CONCLUSÃO

Hoje, 6 de janeiro de 1968, dia da Epifania, as *Mansões Secretas da Rosacruz* estão acabadas e chegou a hora de uma necessária conclusão diante da qual minha pena, infelizmente, é preguiçosa. Ela sabe, porém, que nunca mais lhe será dado escrever tais narrações e, no fundo, talvez seja por isso que se arrasta lentamente na perseguição das palavras, refletindo a nostalgia que ensombra minha alma neste momento. Nunca mais! Este último prazo era previsível, inelutável. Ele deslizava, pérfido, sobre o solo sagrado dos lugares onde o desconhecido desvendava seu mistério a meu olhar deslumbrado. Dissimulava-se atrás dos dias que passavam — os dias e depois as horas e ei-lo, conquistador, revestido de seu *nunca mais!*

Sim, o tempo de tais descobertas passou para mim, mas impregnou meu ser a ponto da lembrança poder a todo instante reviver e gritar: "*Sempre*!" A nuvem de conhecimento pode, à vontade, recobrir meu céu interior e brilhar com seu signo — a Rosa e a Cruz.

Outros escritos, é certo, surgirão mais tarde, ao sabor da minha inspiração, mas serão legendários, imaginados, e meus leitores o saberão. Eles já o sabem, por esta conclusão. Entretanto, a verdade permanece constante no que se refere à mensagem. E se a imaginação operar nas circunstâncias relatadas, no cenário, o argumento permanecerá autêntico; e os conhecimentos, resguardados desta maneira, permanecerão reais, permanentes, vindos às vezes *de outras paragens,* de encontros passados ou mesmo mais recentes, embora menos excepcionais na aparência e somente por comparação. Teremos, assim, juntos, novas descobertas a empreender e, quando vier o momento, eu lhes farei o convite.

É possível que as próprias *Mansões Secretas da Rosacruz* sejam situadas, por alguns, na série dessas narrações futuras onde a realidade se aliará à lenda. *Este não é o caso,* mas que importa!

Só o resultado conta verdadeiramente, e esta obra, despojada de seus matizes descritivos e das reações emotivas de seu autor, conserva, não obstante, um valor de testemunho ou, se quiserem, de tese cujas ideias podem levar, quem nelas medita, a fecundas conclusões.

Meu papel está no fim — eu ia escrever *minha missão.* O seu começa. As *Mansões Secretas da Rosacruz* não me pertencem mais, mas a vocês. Eu as transmito como uma verdade grandiosa que me foi preciosa e que será sempre cara à minha recordação. Se esta verdade encontrar a sua, se chegar ao coração de seu eu profundo, terá então atingido sua finalidade e, quem sabe?, encontrado em você sua morada, sua *mansão secreta,* aquela de onde jorra o fluxo de *seu* universo, de *seu* mundo, de *sua* realidade. Em todo caso, o depósito que recebi, é a vocês, agora, que o confio. Ele foi para mim um privilégio. Que será para vocês? Cabe a vocês decidir — ainda que, egoistamente, eu sonhe, espere, desejasse que seus corações batessem ao ritmo do meu no caminho que, juntos, percorremos, tendo por guias invisíveis aqueles que, tão próximos, *trabalham* por nós nas *Mansões Secretas da Rosacruz.*

DOMÍNIO DA ROSACRUZ

94, Villeneuve-Saint-Georges

Sábado, 6 de janeiro de 1968

Dia da Epifania

ENCONTRO SECRETO EM ROMA

▽

O chiunque tu sia, che fuor d'ogni uso

Pieghi natura ad opre altere e strane

E'spiando i segreti entri ai piú chiu so

Spaz'ia tua volglio delle menti umane

Deh! Dimmi!.. .]

(Gerusal)

O' sejas tu quem fores, que forças a Natureza a se curvar a tuas obras estranhas, e que, mestre de seus segredos, penetras à vontade as profundezas escondidas da alma humana, dize-me!...

INTRODUÇÃO

Encontro secreto em Roma! O título pode surpreender ou simplesmente intrigar. Em última análise, não encontrei outro mais apropriado. Somente um outro teria servido, mas intitular esta narração O *Cardeal Branco,* como tive intenção, seria correr o risco de uma lamentável confusão. Trata-se, é certo, de relatar aqui meu encontro com um homem cuja estatura única no império invisível da iniciação é tal que ele faz um papel de *pivô,* de charneira, e minha recordação não o poderia revestir de dignidade mais alta e mais apropriada que a de *cardeal branco.* Mas o grande Gustave Meyrink já havia, em seu tempo, transmitido a mensagem de um *dominicano branco.* Além disso, o termo *cardeal* tomou, para muitas pessoas, um sentido demasiadamente preciso em relação com uma hierarquia religiosa na qual meu cardeal não se inscreve de forma alguma. O fato também de que tudo, para mim, se tenha passado em Roma, requeria a prudência de não usar um termo que pudesse suscitar algum mal-entendido. E, assim, nasceu o título diferente e menos comprometedor deste livro.

Portanto, eis que uma vez mais devo vestir de palavras aquilo que, em mim, é somente lembrança, sentimento e emoção. Eis que, para transmitir a outros a mensagem instilada em minha alma através de uma experiência rara, é chegada a hora de revelar, sem, no entanto, trair, e de dar, sem nada abandonar. A tarefa seria impossível se não se tratasse de conhecimento, talvez de sabedoria, único campo em que a transmissão é tão absoluta que o outro se torna nós mesmos, e que, na unidade assim realizada, aquele que dá participa de seu próprio dom... Comunicar um segredo é, sem dúvida, esotericamente, delegar um certo poder, uma forma de

autoridade a quem deve agir em nosso nome. Para o iniciado, o segredo é a própria condição do mistério sagrado e dos arcanos poderosos dos quais é admitido a participar. Mas comunicar um segredo é, sobretudo, dar a outros as ferramentas essen ciais que lhes permitirão individualmente confeccionar a chave que abre o sublime portal da consciência realizada, onde o homem doentio se regenera e ressuscita para sempre em si mesmo...

Vou reviver para vocês, com vocês, certas circunstâncias. Eu diria *uma aventura,* se esta palavra não tivesse, nos dias de hoje, perdido seu valor profundo de acontecimento excepcional, ainda que tudo, em nosso universo, seja tão excepcional para quem sabe ver e participar, que o qualificativo aqui não tem importância. Essas circunstâncias, essa aventura, podem, no correr da leitura, tornar-se de vocês, como foram ou são minhas, pois se situam por assim dizer, *fora do tempo e do espaço* em que se desenrolaram. Elas estão, de fato, latentes em cada um de nós e o elemento exterior, o que se produz no mundo do fenómeno, cumpre apenas uma função de estímulo ou de alerta. A centelha que se desprende dos fatos sensíveis de um ilusório *fora* inflama a realidade permanente em nossa consciência. Não aprendemos nada, pois tudo está em nós mesmos; mas o véu só se pode romper pela ação estranha e insubstituível do mundo exterior sobre nós, tal como este nos aparece, por mais irreal que o seja. A esse respeito, meu encontro secreto em Roma fez ressoar em meu ser o eco de uma sabedoria, escondida no coração, da essência divina que carrego comigo, como você também. Dela recolhi, no plano do consciente, um pouco mais de luz e de paz. O mesmo acontecerá com vocês se, como desejo, puderem, através deste meu escrito, fazer de minha aventura romana a sua aventura. Afinal, a mensagem que recebi lhes é destinada e

são vocês, cada um de vocês, que, neste mesmo instante, são esperados, para uma entrevista secreta, por um sábio, um iniciado, um mestre. . . o *Cardeal Branco.*

RAYMOND BERNARD

CAPÍTULO I: ROMA

Há poucos países no mundo aonde as exigências de uma existência primeiramente profana, depois consagrada a uma missão excepcional, não me tenham levado em diversas épocas. Há poucas cidades importantes aonde aquilo a que apressadamente chamam de *acaso* não me tenha enviado em algum momento. De todos esses países e de todas essas cidades, Roma é uma jóia, em minha lembrança. Foi lá que, em outubro de 1955, em um imponente palácio de um extraordinário silêncio, cujo nome, como prometi, calarei, recebi, no outono dos meus trinta e dois anos, a sagração iniciática de uma tradição secular. Foi lá, naquilo que fui levado a cumprir em um outro domínio, que *se atualizou* o *destino* que se manifesta nas minhas responsabilidades presentes. Foi lá que a amizade tomou para mim a forma de um amigo de quem jamais, nem o tempo nem a distância me separaram; e um dia, inelutavelmente, como Gilbert Bécaud, elé chorará o *ausente,* ou eu o farei. Foi lá, em Roma, e um caminho a ela me levou, para que meu ser se manifestasse integralmente, no seu absoluto, em sua soma completa em todos os níveis da experiência e da consciência. Contudo, sinto-me incapaz de descrever Roma. Qual seria, de resto, a vantagem do leitor de percorrer comigo os Jardins Borghese, de rever alhures os vestígios da Roma antiga, de visitar apressadamente determinados museus, de admirar algumas igrejas, de descer as comoventes catacumbas, de se precipitar até o Vaticano para percorrer a Basílica de São Pedro e vir, por fim, exausto, procurar um repouso jamais encontrado em um terraço célebre da Via Veneto? Ao meu amigo romano, depois de ter longamente visitado a Roma do passado, eu disse um dia, ridiculamente: "*Esta cidade é um museu*!". Ele me levou então para a Roma moderna que nada tem a invejar às capitais

estrangeiras. Da mesma forma ridícula, observei: "*Esta cidade é como as outras*!". Ele me levou de volta aos vestígios da Antiguidade. Compreendi e calei-me.

Roma é o antigo e o moderno misturados num presente que canta sob cabeças morenas e cacheadas cujos olhos dão vida às coisas e aos seres que tocam; é o religioso e o profano; a lei e a superstição; a beleza de mil facetas; a verdade, se é agradável; a mentira venial que quer agradar e que, por isso, é tão sincera que se torna verdade. Roma é uma prece e é uma canção, triste ou alegre; tão depressa alegre quanto triste, e pode ser triste e alegre ao mesmo tempo. A cidade, no fundo, será para você o que você próprio é, e é a você mesmo que você amará através dela. Quanto a mim, é às fontes romanas que gosto de me confiar. Certamente, nunca deixo de sacrificar uma moeda à Fonte de Trevi para que uma sorte favorável me leve depressa de volta a Roma, mas lá eu tenho outra fonte: a Fonte da Tartaruga... O motivo pelo qual a prefiro às outras, como o saberei? É um sentimento e *são* recordações. ..

Naturalmente, falo, aqui, da minha fonte romana porque tem uma ligação com minha história. Quando penso nisso, sei que não poderia ser de outro modo. Em Roma, se algum problema me atormenta, meus passos, invariavelmente, me levam até ela e, estranhamente, isso aconteceu, quase todos os dias, por ocasião da viagem durante a qual eu devia ter uma experiência excepcional.

CAPÍTULO II: PERTO DA FONTE

É noite de uma primavera romana. Da varanda do meu apartamento no Cavalieri Hilton, admiravelmente situado no monte Mário, contemplo, há alguns instantes, a cidade iluminada... quando sou arrebatado pelo irresistível impulso de uma visita à minha fonte. Cheguei à noite e, como meu hotel fica afastado do centro, a preguiça foi mais forte que a atração pelo banho de multidão de que sempre sinto necessidade, quando chego a qualquer lugar... como que para tomar ou retomar conhecimento com meus anfitriões do momento. Mas agora, o desejo é forte e concentra-se todo em minha fonte. É tarde, muito tarde, mas não sou, como se diz, um homem da noite? Talvez lá eu fique a sós... com minha lembrança. Que privilégio!...

O táxi me deixou na esquina da rua e eis-me diante dela... Oh! não estou só! Alguém me precedeu, mas sua presença não me incomoda. Tudo é tão calmo aqui, a esta hora tardia. O *outro,* talvez, partilha minha curiosa atração por esta fonte. Pelo menos, gosto de acreditar nisto e meu coração, sem nenhum ciúme, faz-se silenciosamente cúmplice do estranho. Aproximo-me da fonte.. . e dele. Ele parece ausente, recolhido em si mesmo, e seus olhos estão fechados. Faço o mínimo de barulho possível, mas, mal chego perto, ele tem um sobressalto e seu olhar pousa longamente em mim. Em mim! É *em meus olhos* que eu deveria dizer.. . Como os homens, de tanto olhar, esquecem de ver! Através dos olhos opera-se uma misteriosa alquimia vibratória cuja força é o apanágio daquele que sabe dar um sentido ao seu olhar, e muitos o ignoram. Este homem o sabe, tanto quanto eu creio saber! Seus olhos procuram minha alma, os meus a sua e tudo termina na compreensão, quase uma comunhão, e no sorriso. — Você fala francês?

Que mais poderia eu dizer? Era preciso que um de nós dois se decidisse e por que não eu.. . sobre uma banalidade? A resposta é inesperada:

— Eu sou francês!

Olho melhor meu interlocutor.. . Ele tem mais ou menos a minha altura e veste-se com certo apuro. Seu terno cinzento é, efetivamente, cortado à francesa e a gravata azul é discreta. O rosto é anguloso, incisivo, e os olhos castanhos que fixam os meus refle-tem uma grande bondade e alguma melancolia.. .

— Sou francês — prossegue —, mas venho com frequência a Roma. Meus negócios me chamam.. . e outra coisa também. E o senhor? É sua primeira estada em Roma?

— Não! Muitas circunstâncias me trazem a Roma frequentemente. ..

Meu interlocutor interrompe-me:

— Circunstâncias religiosas? Sorriso:

—Religiosas? Talvez, mas não no sentido que o senhor pensa.. .

Quem sabe! Se encontrei este homem, por que não haveria uma razão em particular? Afinal, o acaso não existe como tal. Acrescento então, e é quase um desafio:

— Eu diria antes, circunstâncias.. . tradicionais e mesmo esotéricas!

O homem tem um leve sobressalto:

— Esotérico? Então, o senhor sabe que o esoterismo existe em Roma! Nosso encontro não deixa de ser curioso!

— A experiência me ensinou que qualquer encontro é curioso. Alguns são mesmo insólitos. . . E acrescento lentamente:

— No fundo, não é insólito que, a uma hora tão avançada da noite, estejamos, o senhor e eu, dois franceses, sozinhos, aqui, diante desta fonte no

coração de Roma? E, não é ainda mais estranho que conversemos assim sem nos conhecermos, revelando-nos rapidamente um ao outro e, de meu lado, mostrando-lhe meu interesse... esotérico? Convém que me apresente...

Sem hesitação, movido por um irresistível e profundo impulso, declino minha identidade, meu título e minhas responsabilidades. Ele me olha intensamente e eu o suponho surpreso... até que minha própria surpresa faça desaparecer em mim, por alguns instantes, qualquer outro sentimento. Meu interlocutor responde à minha apresentação com a sua, e não tem nenhuma necessidade *de* dizer seu título ou suas responsabilidades. Seu nome basta. É um dos maiores nomes da França. Ah, quando falava, ainda há pouco, de circunstâncias tradicionais, como poderia imaginar que o homem a quem me dirigia representava sozinho, com seu nome, tantos altos feitos na longa história de meu país! Reajo, contudo, muito depressa.

Numerosos são os grandes deste mundo que me honram com sua confiança e alguns com sua amizade, mais descontraídos comigo que o seriam em sua estatura oficial. Por outro lado, o que é do mundo temporal não me impressiona e, instintivamente, minha veneração vai sempre para os simples, os humildes, os pequenos, pois, no nível de sua realidade, eles são grandes, bem maiores que aquele cujo orgulho, em última análise, só se justifica por seus ancestrais e raramente por ele mesmo, ou então, pela absurda vaidade de um cargo. Mas o homem que aí está, diante de mim, é de uma simplicidade tão vibrante que o nome ilustre que herdou é, para a sua personalidade profunda, um ornamento que lhe assenta sem reservas.

— Talvez pudéssemos prosseguir esta conversa em minha casa? — diz ele em seguida — A menos que o senhor se sinta cansado ...

Não sinto cansaço algum e o convite me agrada:

— Nossa conversa será mais proveitosa que o sono. Acompanho-o...

Andamos alguns minutos.. . Seu carro, mal estacionado — mas estamos em Roma! — tem chapa da Itália e concluo que ele reside aqui ainda com mais frequência do que quis admitir. É uma das minhas fraquezas, nesta encarnação, apreciar os carros possantes. Eles são um esforço humano para dominar a ilusão do tempo e as miragens do espaço. Ao mesmo tempo, são o fruto admirável da pesquisa e do génio do homem que, em seu sonho acordado, acredita, aproximar-se de um píncaro onde espaço e tempo serão uma unidade, se for cada vez mais depressa. O tempo e o espaço são, de fato, uma unidade; o místico o sabe por experiência, mas a Humanidade escolheu a longa, muito longa estrada do materialismo e da sensação. O homem, seja qual for seu grau de despertar interior, não pode rejeitar sua humanidade sem cometer o imperdoável pecado de supor-se orgulhosamente separado dos outros. Mie nuo pode ser despertado .senão *entre* os outros, os outros, ele não os pode servir senão permanecendo humanamente ele próprio. A consciência despertada não se acomoda com a hipocrisia. Ela vê tudo e, *primeiramente,* o corpo que habita temporariamente; este corpo com seus apetites e suas fraquezas, que só são um mal se o pensamento e o remorso assim os considerarem e os fizerem entravar...

Não ponho obstáculos aos altos impulsos de minha consciência profunda ao apreciar a potência de um automóvel. Tive estranhas esperiências interiores dirigindo muito depressa; da mesma maneira, intuições úteis irromperam em meu pensamento, cujas consequências para muitas outras pessoas foram consideravelmente úteis...

Meu companheiro dirige de maneira tão segura e rápida, que precisa de silêncio e de concentração. Nos dias seguintes, quando ele me der o prazer de dirigir

este excepcional carro, será, certamente, um testemunho de confiança e de estima de sua parte. Mas ambos, como hoje, seremos concentração e silêncio, e é, sem dúvida, durante este tempo de aparente repouso do pensamento que se acumularão, no limiar de nossa consciência objetiva, o conhecimento e a luz que jorrarão de nosso ser, primeiro em nossas conversas e, um pouco mais tarde, nas circunstâncias excepcionais que viveremos juntos...

É preciso que eu me decida a dar um nome a meu companheiro, pois não se poderia cogitar de chamá-lo pelo seu nome verdadeiro. Nenhuma recomendação especial me foi feita por ele a este respeito, mas o anonimato é uma regra implícita neste género de aventura; com mais razão ainda se um nome puder personalizar a história e desviar sua intenção. Não é a história de um homem que escrevo; é o relato de um encontro de que ele foi apenas, como eu, um dos atores, e não o principal. Assim, meu companheiro só pode ser nestas páginas um nome escolhido ao acaso de uma ideia que passa.. . Robert, Philippe, Louis?... Que importa! No entanto, é preciso, e é por isso, amigo, que eu te batizo Jean.

Que o apartamento de Jean se situe sobre uma das célebres colinas romanas nada tem de surpreendente, e não é também surpreendente, quando se sabe quem é Jean, que a *via* em que se encontra este apartamento é uma das mais residenciais de Roma. Não descreverei esta casa, senão para salientar em algumas palavras seu luxo discreto, feito de uma simplicidade e de uma grandiosidade em que se reconhece, em quaisquer circunstâncias e em qualquer lugar, a marca da autêntica nobreza. Entretanto, em suas outras residências, espalhadas pelo mundo, encontrarei mais tarde, por toda parte, aquilo que chamo para mim mesmo *o sinal de Jean,* e esse sinal eu o perceberei também naqueles que o cercam; certamente em seus filhos, mas também naqueles que o servem, como por exemplo este serviçal

que ele acaba de dispensar amavelmente para que fiquemos sós na biblioteca, fracamente iluminada, onde sentamos lado a lado em um canapé de motivos furta-cores, perto de uma elegante secretária...

CAPÍTULO III: SEGREDOS E SORTILÉGIOS

"Na augusta linhagem que nosso tempo obscureceu, mas que, apesar de tudo, represento, uma irresistível atração pelo mistério transmitiu-se de uma geração a outra e eu não sou, nesse aspecto, uma exceção..."

Será que meu anfitrião pretende monologar durante todo o tempo em que ficarmos juntos? Não sei... embora esteja disposto a apenas escutar, e a aprender. Ele fala com uma voz grave e não falta uma certa grandiosidade ao gesto com que acompanha certas palavras. O que acaba de afirmar não é dito à guisa de desculpa. Quem faz uma confissão, seja qual for a forma que ela tome, começa sempre por uma definição, mais ou menos precisa, de si próprio. Jean não pode ignorar que conheço bem a história *oculta* de seus antepassados. Muitos a conhecem, e talvez eu um pouco mais que os outros, porque tenho o privilégio do acesso a arquivos raros... Portanto, interromperei o menos possível meu interlocutor...

"...O poder neste mundo, político, financeiro e mesmo religioso, concentra em si o desejo de um poder ainda maior, pois o homem nunca está satisfeito com seu estado. Um poder carece de seu complemento de poder. O político sente a necessidade de dominar o financista. O financista inclina-se irresistivelmente a pressionar com todo o seu ouro o político e, quanto ao religioso, ele aspira com frequência, infelizmente, ao poder temporal e procura apoiar-se no político e no financista. Que estranho triângulo, na verdade, em que uma das pontas depende sempre das duas outras para sua própria manifestação! Ora, essas três pontas, minha família as conquistou e conservou durante séculos e faltava-lhe, portanto, um poder compensador mais amplo, que se situasse além desse triângulo temporal. Disso resulta aquilo que hoje considero .como a busca que, por assim dizer, herdei...

junto com o resto, e meu privilégio consiste em não ter que percorrer o que foi trans-posto antes de ruim, depois de muitas hesitações, de erros E *mesmo de desvios naquilo que se poderia, qualificar de* ***bruxarias****! ...*"

Estas últimas palavras são acentuadas por um sorriso que acompanho. Jean cala-se por alguns instantes e eu me pergunto: aonde ele quer chegar? Eu me deveria ter feito a pergunta bem antes, mas, como de costume, sou tão curioso a respeito dos outros, tão aventureiro por natureza e tão ávido de *participar* dos outros, que minha alma preguiçosa recusa-se a antecipar. Contudo, tudo é tão estranho neste encontro e no que me é confiado, que algumas perguntas afloram à minha consciência e que me pergunto por que e como pude aceitar vir aqui. Como! Este homem de nome ilustre, embora nesta história seja apenas *Jean,* estava perto da minha fonte em uma hora inesperada e, depois de algumas palavras, re-cebe-me em sua casa, confia em mim como em um amigo de muitos anos e isto me parece normal, parece decorrer necessariamente... Mais uma vez minha própria psicologia me surpreende! A menos que... a menos que ele já conheça a Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C, e que, confiar-se a mim, acalme sua inquieta esperança. Por que deveria eu, no fundo, surpreender-me? Aconteceu-me há pouco tempo, em Orly, enquanto esperava o embarque, dizer algumas palavras a um passageiro muito idoso que partia para outro destino e subitamente ouvi-lo, durante alguns minutos, en-treter-me com as *criptas secretas de Istambul!* Como então me surpreenderia com a aventura que vivo neste momento?

Não posso, porém, evitar um sobressalto interior quando meu companheiro prossegue, parecendo responder a uma interrogação secreta:

— Li com toda a atenção toda a documentação referente à sua Ordem e informei-me sobre a sua filosofia e sua tradição, em particular através do *Manual*

Rosacruz e do *Santuário do Eu.* Não poderia imaginar que o encontraria, esta noite, em Roma, perto daquela fonte.

Interrompo-o:

— Aquela é *minha* fonte, carregada de minhas lembranças, de meus pensamentos, às vezes, de minhas dúvidas...

— Quanto a mim, é a primeira vez que me detenho junto dela — diz ele. — Eu sentia, depois de uma refeição muito tardia, a necessidade de andar, e meus passos me conduziram até ali, por acaso...

— Por acaso?

— O senhor tem razão. Não procuremos compreender. Estamos juntos e há uma finalidade profunda em todas as coisas. Acredito que o senhor veio a mim no momento em que a necessidade se fazia sentir. Estou a algumas horas de uma entrevista capital na busca que empreendi há anos. Ora, curiosamente, preveniram-me que eu não viria só... e lá estava o senhor! Algumas horas... Era o senhor, certamente, que eu procurava inconscientemente perto da fonte... Enfim! O tempo urge. Deixe eu *situar-me* diante do senhor, deixe-me libertar meu ser de seus segredos e de seus sortilégios! É preciso que saiba aonde minha busca me levou, pois o nível atingido é fundamental em razão daquilo que se prepara para mim e, agora, para o senhor também...

Ele se levanta e, abrindo uma gaveta da secretária cuja chave trabalhada tirara do bolso esquerdo, pega um pergaminho enrolado que me estende, dizendo: "*Leia*." Desenrolo o documento meio amarelecido e, ainda que tenha um pouco de dificuldade em entender a fina letra e em decifrar algumas locuções antigas, estou no auge da estupefação. Não reproduzirei aqui os símbolos secretos nem os títulos exatos apostos em epígrafe. Eles têm uma importância por demais considerável na

aurora dos novos tempos que atravessamos e pertencem *àquilo que vem.* Direi simplesmente que a *Fénix deve renascer das próprias cinzas* e, antes que duas décadas se tenham passado, todos esses símbolos e esses títulos terão uma vida nova num mundo em que todos os valores terão sido transformados a tal ponto que nenhuma comparação será possível entre esse tempo e o de agora. Isto. naturalmente, no sentido de um bem maior — e já que estou em Roma, ousarei revelar, desde já, que o fiel de nossa época, se vive ainda, terá muita dificuldade em reconhecer sua Igreja? Daqui a vinte anos... e intencionalmente prorrogo o prazo por alguns anos. Mas o que é um ano, ou dois, ou oito, numa perspectiva tão *transfigurante"?*

O documento reproduz em seguida duas quadras das profecias de Nostradamus. Eis as quadras:

"Quem abrir o monumento achado
E não conseguir fechá-lo prontamente
Há de sofrer e não lhe adiantará
Ser Rei Bretão ou Normando."
"Quando encontrado o escrito D.M.
E descoberto à luz de lanternas o subterrâneo antigo
Lei, Rei e Príncipe Ulpiano provados
Pavilhão rainha e duque sob a coberta."
Abaixo, estas palavras incompreensíveis:

O Nilo tem nascente na ***crypta ferrata***

e embaixo do pergaminho a incrível assinatura, autenticada por uma cruz ansata:

Louis, ***Templário***

...Recorro a todo o conhecimento transmitido ou adquirido que possuo, a todo o poder iniciático concedido ou merecido, examino o texto e mergulho o olhar na minha memória subconsciente. Colho alguns clarões e os entrego ao meu raciocínio, mas o vínculo não se estabelece ainda...

"*O Nilo tem nascente na crypta ferrata*"! Que quer dizer esta locução latina em relação com *Nilo.* É a primeira vez que vejo esta associação de termos tão contraditórios. O Nilo, certo — quem o ignora? — era venerado pelos antigos egípcios. Ele era o servidor dos deuses, o génio bom. No tempo dos faraós, dizia-se que Hapi vivia numa gruta no fundo do Nilo, no meio da primeira catarata. Sua fecundidade nutriz valia-lhe um peito de andrógino. Estas são noções comuns, conhecidas de todos, e invadem meus pensamentos, no momento, sem no entanto, me esclarecer. *Crypta?* Cripta, gruta... Ah, talvez a gruta legendária de Hapi... Mas *ferrata,* ferro, janela de ferro. Nunca se estabeleceu nenhuma relação entre a gruta de Hapi e uma janela de ferro, mesmo que se admitisse, naqueles tempos, a inverossímil suposição de que o Nilo pudesse ter sua nascente nessa gruta.

Não sei por que, de repente, penso na história de Osiris e no culto de Ísis. Estamos em Roma. Seria assim tão estúpido acreditar que houve aqui ou nos arredores um centro de iniciação antiga? Neste lugar, tudo não é *iniciação* para quem quiser ver? É então que surge de minha alma a hipótese que vai ser, em grande parte, comprovada pelos acontecimentos, mas que o raciocínio ainda não reconhece. E no entanto, é isto! Foi a intuição que falou! Eu já o disse em outras

circunstâncias: sou uma criatura noturna e rejubilo-me, esta noite, por ter aceitado permanecer em vigília. O céu mais uma vez falou e me contou o segredo!

O trabalho de minha mente é, por certo, mais rápido que sua transposição em palavras escritas, e, na realidade, alguns mlnutol bastaram para que eu tomasse conhecimeno do pergaminho, refle-tisse em seu conteúdo e o devolvesse a meu anfitrião. Este me olha intensamente e murmura:

"*Compreendeu*?"

Respondo:

— "*Não estou certo de minha interpretação. Naturalmente, tenho uma ideia, mas precisaria de longas meditações para definir uma solução válida, e sobretudo, completa. Devo dizer que conheço um lugar, no subúrbio de Roma... Mas recuso-me a intervir até que o senhor me dê sua própria interpretação. Não gostaria de ser para o senhor uma fonte de confusão. Permita-me escutá-lo...*"

"*Um lugar no subúrbio de Roma! Mas... o* ***senhor tem razão****. Como nosso encontro é estranho! Ah, o senhor não pode calcular minha alegria interior! Que universo extraordinário este, em que a lei se manifesta a ponto de fazer supor que tudo é preestabelecido, enquanto que somos nós mesmos que, observando a lei e apli-cando-a a partir de nosso eu verdadeiro, formamos nosso destino e... nossos excepcionais encontros.. . Em suma, eis a história e as conclusões que dela tirei*":

"*Eu lhe disse ainda há pouco:* ***segredos e sortilégios****. Este documento é um dos segredos de minha família e eu lhe confiarei outros igualmente surpreendentes. Mas onde estão, na sua opinião, os sortilégios? De fato, eles se acham tão imbricados nos segredos, que minhas explicações vão englobar tanto uns quanto outros. Falei também de* ***bruxarias*** *e é verdade que, antigamente, para saber, alguns dos meus parentes foram adeptos... digamos, por respeito, de teurgia*

menor. Eles pesquisavam e não recusavam nada, nem mesmo a ajuda interesseira de aventureiros que se engalanavam com o título de mago, e impressionavam seus adeptos ignorantes pelo emprego inconsiderado e anárquico de algumas fórmulas de uma cabala da qual eles próprios nada compreendiam".

"*Passo por cima da escroqueria alquímica de que foram vítimas alguns dos meus. A escroqueria era, sobretudo, moral e teve sua utilidade. Mais tarde, na França, eu lhe mostrarei as notas íntimas de um de meus ilustres antepassados. Passo por cima, igualmente, das missas negras e de outras encantações que enganaram muitos curiosos daquele tempo. Vou imediatamente ao essencial: minha família, em segredo, sempre invocou o testemunho do ideal templário. Não posso dizer mais que isto e, em particular, não posso pretender que exista irrefutavelmente uma filiação real entre a Ordem, tal como ela foi, e, através do tempo, tal como seu conhecimento veio até mim. Mesmo que assim fosse eu me recusaria a revelá-lo e deixaria, portanto, ao senhor a dúvida a esse respeito. Aliás, pouco importa! Esse não é um elemento fundamental no que nos diz respeito, a mim e ao senhor, de imediato*"...

"*Devo, no entanto, destacar que um pouco antes da desaparição pública da Ordem do Templo, um de meus antepassados, então com onze anos de idade, recebera do grande mestre uma unção especial, e essa unção perpetuou-se até nossos dias, já que eu mesmo a recebi aos onze anos... Nosso tempo me proporcionou vantagens de que meus predecessores não podiam gozar. Passei três anos na índia e no Tibete e fui discípulo do sábio Atmananda. Uma certa sabedoria me foi comunicada durante esse tempo. Depois, partilhei dos ensinamentos de outros mestres, no Oriente Médio e no mundo secreto do Islame. Na França, tive êxito com experiências perigosas, apressadamente qualificadas como ocultas e, de*

tudo isto, aproveitei muito em conhecimento e em poder interiores, mas não achei a paz... Embora nascido cristão, minha fé é universal. Pratico, por tradição, e por respeito pelos meus, sem deixar um só instante de vibrar ao ritmo interior de uma crença que designo como ***cósmica****.. . mas não encontrei a paz, ainda não, e procuro-a aqui, porque sei que para mim ela está aqui, em algum lugar; e se o senhor me perguntar por que, responderei que absolutamente não sei...*"

"*Tenho vontade de dizer-lhe que essa paz que procura não está aqui, como não está alhures, mas está onde ele estiver, isto é, dentro dele mesmo. Acho, porém, preferível não interrompê-lo, pois neste momento é, sobretudo, a si mesmo que fala*":

... "*Em algum lugar! Acho que sei onde, e é aqui que vim buscá-la... Este pergaminho que, durante anos, examinei sem compreender o sentido e sem avaliar a importância, revelou-se a mim em sua verdade faz hoje exatamente três anos. Precisei de todo esse tempo para determinar o* ***monumento****, definir a escrita* ***DM****. e situar o* ***subterrâneo antigo de lâmpada descoberta****. Três anos! não poderia ser diferente! As outras indicações das quadras aplicam-se bem demais a mim para, constituir-se, em algum momento, em um enigma para o pesquisador que sou. E não fiquei surpreso com a assinatura de meu antepassado e o título que usou, pois é meu direito absoluto fazer o mesmo agora, como o será para o meu filho mais moço, depois de mim, e ele sabe disso desde o seu décimo-primeiro aniversário*".

"*Se o senhor compartilha de minha atração pelo simbolismo dos números, saiba ainda que faz onze dias que recebi o chamado; que é hoje (veja! o dia está nascendo!), esta noite, às onze horas, que sou esperado* ***com meu companheiro****, e que esse companheiro, não tenho nenhuma dúvida, é o senhor! Que dirá aquele que nos deve receber? A próxima noite nos dará esta resposta, mais que as hipóteses*

cuja trama nosso pensamento poderia urdir... Onde? Creio que o senhor já o adivinhou e estou estupefato de que tenha podido aí chegar..."

— Oh! Uma associação de idéias trouxe-me de volta à memória uma visita que fiz, há algum tempo, à Abadia de...

Ele me interrompe:

— ...de São Nilo. ***É*** exatamente esse o lugar. Conheço Roma e seu subúrbio tão perfeitamente quanto Paris e precisei de três anos para chegar ao objetivo! Digamos que isso estava determinado, de outra forma seria absurdo.

— Nilo... O rio Nilo! E fizeram do Nilo um santo: São Nilo. Gostaria de ler a biografia desse santo. Deveria interessar-me por isto... Conhecer o *corpo,* a *personalidade* de que um excesso de devoção revestiu o rio Nilo para fazê-lo merecer o estado de santo...

— Em todo caso, *crypta ferrata* designa a aldeia de Grottaferrata, sem qualquer dúvida. No mundo inteiro — e isto é excepcional! — só há uma aglomeração com este nome.

— Assim, *na cripta de janelas de ferro, o Nilo tem sua nascente* ... O Nilo, a terra do Egito, a iniciação antiga...

— É hora agora de nos separarmos. Vou acompanhá-lo de volta ao seu hotel. Descanse durante o dia. Tornaremos a nos encontrar esta noite às oito horas. Espere~me no *hall...*

Proponho tomar um táxi, o que permitiria que ele fosse repousar imediatamente, mas ele recusa e sua possante Ferrari escura, na calma manhã romana, rapidamente me leva ao Cavalieri Hilton. No elevador, dois americanos noctâmbulos, solteiros temporários, voltam a seu quarto. Eles me supõem seu... cúmplice e me sorriem. Afinal, tiveram sua... experiência e se lembrarão da *dolce*

vita romana. Eu também tive minha aventura e foi igualmente uma experiência. Então, através deles, é a São Nilo que envio meu próprio sorriso... e nossos sonhos, num instante, talvez se encontrem!

CAPÍTULO IV: À ESPERA DE UMA NOITE. . .

Acordo às duas horas da tarde! Embora não seja uma criatura da manhã, isto para mim é um recorde sem precedentes. Mas absolvo-me logo, com o pensamento de que a próxima noite me deixará pouco tempo para dormir. Encomendo meu desjejum e não causo surpresa a ninguém. Em Roma, como em Madri, as pessoas não se levantam muito cedo... Eu deveria ter nascido romano ou madrileno! Na próxima vez, quem sabe...

Naturalmente, meu pensamento volta à noite anterior. Pro-meto-me jamais revelar essa aventura a quem quer que seja e, no entanto, hoje a escrevo para um grande número de pessoas! É verdade que é um lugar-comum declarar que o verdadeiro nem sempre é verossímil mas, no caso, não sinto nenhuma necessidade dessa justificativa. Minha fonte romana, se eu ainda fosse poeta e se a tivesse cantado, tua alma, leitor, poderia conhecer seu abraço e gozar de sua volúpia secreta. Não sou mais poeta e não dedico uma ode à Fonte da Tartaruga. Sinto algum ciúme por ter tido que revelar publicamente, nestas páginas, o amor que lhe voto; mas não poderia ser de outra forma, se quero ser verdadeiro: ela foi o lugar do encontro e foi dela que nasceu esta aventura. Assim, que me perdoem minhas recordações! Foi só a minha fonte que traí...

Crer ou não crer, ser ou não ser, o dilema é o mesmo.. . Esta história, eu a proclamo verdadeira! Para ti, amigo, que ela seja o que quiseres, mas considera tua própria vida com bastante atenção; vê se, com frequência, ela não é entremeada de mistério e de fatos que, para os outros, seriam inverossímeis. . . caso os contasses. Então, minha inverossimilhança se unirá à tua e nós dois, um para o outro, seremos verdade.

Falarei daqui a pouco da Abadia de São Nilo, e é nesse ambiente fascinante que, juntos, encontraremos o *Cardeal Branco.* Não teria sido correto apresentá-lo de forma diferente. Não fui colocado repentinamente em sua augusta presença. Foi lentamente que fui levado para perto dele e foi assim que, com um companheiro ilustre, pude receber sua mensagem e dela tirar um proveito espiritual verdadeiro. Respeito-te demais, leitor, para não desejar que te beneficies, nas mesmas condições que eu, daquilo que aprendi para o enriquecimento de minha alma. E é por isso que te conduzo à experiência exatamente como eu mesmo fui. Ah, se durante tua leitura tu te tornasses eu, se esta história pudesse ser a tua, se, por osmose, eu pudesse, nestas páginas, transformar-me em ti, que ob-jetivo sublime teríamos atingido juntos, pois eu teria recebido e tu serias o iniciado!...

Reflete comigo, antes que tenha prosseguimento, até o fim a aventura...

"*Hapi vivia em uma gruta no fundo do Nilo. Sua fecundidade nutriz valia-lhe um peito de andrógino.*" Certamente, tu sabes o que é a androginia, ainda que, frequentemente, não se considere seu princípio senão de um único ponto de vista... digamos *biológico.* Não quero me fazer o arauto de meus próprios escritos, mas recorde-se do que lembrei em *O casal e seus problemas.* Tu, homem, tu te acreditas homem e tu és mulher também. Tu mulher, tu te acreditas mulher e és homem também. De acordo com o teu sexo, tua complementaridade masculina ou feminina está em ti mesmo ao nível, se quiser, de tua subconsciência e é dessa unidade reen-contrada que jorrará um dia a tua realidade. Cada ser é completo em si mesmo e compreendeste, enfim, que este mundo ilusório que te cerca, e que só é porque tu és, não tem outra razão de ser que a de te fazer perceber e realizar tua própria unidade...

Lembra-te também do longo monólogo alquímico de um Pai Rosenkreutz nas *Mansões Secretas da Rosacruz.* Ele também, por suas explicações, simbolizava tua androginia.. . São as mesmas coisas que, incessantemente, te são ditas sob a forma de palavras diferentes, em circunstâncias diversas, com um cerimonial variado. E será sempre assim, até que troe em ti o clarão do despertar mas isso só acontecerá no momento em que, tendo tudo conhecido, tudo experimentado, tudo dominado, estiveres pronto, com uma receptividade que não é ainda o que supões. Compreenderás, então, que bastava uma palavra, ou, então, uma atitude, ou simplesmente um gesto. Faltava-te a diversidade para recuperar a unidade, e isso era inelutável. Não existe caminho rápido. É preciso seguir a linha horizontal e depois a vertical para que elas se encontrem no momento oportuno e para que, na sua interseção, floresça a rosa de tua realidade esquecida mas jamais perdida...

O Cardeal Branco tem outras revelações a nos transmitir. Presentes que, por sua voz, o templo vai ensinar-nos, e teu pressentimento é bem fundado...

Aliás, o tempo passou e a espera está no fim. Dentro de alguns instantes, serão oito horas. Vem.. . Aquele que vem não é daqueles que se faz esperar.

CAPÍTULO V: ABADIA DE SÃO NILO

A trinta quilómetros de Roma... a Abadia de São Nilo! A Grottaferrata, versão italiana da antiga *crypta ferrata,* a gruta ou cripta de janelas de ferro... A abadia terá dado seu nome à aldeia ou, ao contrário, esposando o lugar, recolheu sua história e seu nome? Minha alma escolheu lançar-se à conquista do passado e escavar seus vestígios para deles tentar extrair a verdade secreta, e eis que vejo...

Vejo avançar lentamente em direção a estes lugares solitários, na noite, a solene procissão da sabedoria esquecida, reunindo em torno da gruta os postulantes aos mistérios. A gruta do exterior, do lado de dentro, torna-se uma cripta cujo coração é o altar onde três candelabros flamejantes derramam, em silêncio, suas lágrimas de cera.

A sombra do mestre que espera quebra-se, sobre a parede circular, em múltiplas silhuetas que, às vezes, vêm morrer na obscuridade oculta atrás das grades de ferro de janelas inexistentes. Será a lamentação sagrada de ísis ou a salmodia de Elêusis que faz repercutir aqui o eco da eterna tradição? Daqui a pouco, entregue ao gesto da súplica e guiado por aquele que o elegeu e julgou digno, o iniciado transporá, curvado, a estreita porta e, após descer os sete degraus, de repente, diante do iniciador, cairá de joelhos, as mãos juntas sobre o altar, a cabeça sobre as mãos, pronto para morrer ou viver, como o determinar o sábio vestido de branco que, neste instante, perscruta sua alma até o infinito... Então, desce sobre o iniciado o manto de luz, pois o mestre estendeu sobre ele as mãos... e a grande lição foi aprendida: a morte e a vida são *uma.* Só existe permanência. Não se vive nem se morre: o homem é, e só o movimento da mente cria a distinção artificial entre o vivo e o morto, o animado e o inerte, num mundo onde o homem imagina estar

dentro de uma ilusão que acredita ser a vida, até o instante sublime em que, rompido o véu, ele passa a saber que é eternidade e consciência sem rosto.

O iniciado levanta-se, não poderoso, mas poder. Ele não conquistou nenhum direito à verdade nem a própria verdade. Ele é a verdade, e o mestre, de pé diante dele, em seu manto imaculado, não é mais um outro, mas ele próprio, o iniciador e o iniciado manifestando agora a mesma inseparável verdade. A única palavra que foi pronunciada, os três sons que foram emitidos, os sete gestos que foram realizados pelos dedos, tudo isto se esvai em uma nuvem que é dissolvida pela consciência despertada para sempre... Um postulante acabou de entrar, um iniciado sai em direção ao mundo... A *crypta ferrata* cumpriu sua obra de sabedoria: liberou um homem dos laços da terra e o carregou com os ferros da mestria a serviço da Humanidade...

Assim, os monges que, na Abadia de São Nilo, prestam ao criador um culto reconhecido pela Igreja Católica, mas que, em outros lugares, se diria *ortodoxo,* e que observam um estrito rito oriental, tanto através de suas vestes eclesiásticas e sua aparência física cuja longa barba é, como se sabe, um elemento distintivo, quanto pelos cenários, os ícones e as diversas fases de suas cerimónias, estes monges, sem o saber, perpetuam, na sua comovedora capela, a memória de uma antiga iniciação e prolongam seu benéfico efeito sobre aquele que vem a este lugar, fiel irrefletido ou peregrino esclarecido.

Lembrar-me-ei sempre da minha primeira visita à Abadia de São Nilo. Meu amigo romano a ela me levara, por assim dizer, de surpresa, sabendo que acrescentaria alguma coisa ao meu encantamento interior. Era um domingo e os monges celebravam seu culto tão especial e tão envolvente. Fui imediatamente arrebatado pelo inesquecível ambiente que impregnava cada pedra da igreja cujo

estilo diferia tanto de tudo o que a tão católica Itália oferece ao olhar. Parecia-me ter sido bruscamente transportado para alguma igreja oriental e não tive nenhuma surpresa, ao entrar, por assistir à magnificência sagrada de um culto ortodoxo. Pressenti então que um dia aprenderia alguma coisa aqui, mas, naturalmente, ignorava a natureza do que me seria revelado.

Entretanto, ficou-me na memória que, ao sair deste lugar tranquilo, mergulhamos, extramuros, em uma atmosfera de feira.

Era dia de mercado e a maioria dos mercadores propunham aos passantes os frutos de sua colheita. Sem muito refletir, parei diante de uma barraca de utensílios de... jardinagem. Comprei um pequeno ancinho de madeira, de três dentes, bem inofensivo, e o ofereci ao meu amigo, que o aceitou rindo e o colocou em seguida, bem em evidência, sobre o assento de trás de seu carro... Ora, como se verá, é um objeto mais ou menos parecido, se bem que menor, que, daí a pouco, verei na beirada esquerda da escrivaninha Daquele que minha alma agora reverencia como o *Cardeal Branco.* Tudo é sagrado, mesmo a pedra que o pé desatento chuta para longe, em sua marcha! Distinguir o santo valor do objeto supostamente profano é uma etapa, e não a menor, no caminho. O garfo que se utiliza para comer é esquecido no automatismo do gesto e do hábito. Não é ele, no entanto, o instrumento essencial empregado para oferecer um sacrifício que leva vitalidade ao corpo, catedral sagrada de uma alma à procura de si mesma? E este é apenas um exemplo...

Hoje, eis-me novamente na Abadia de São Nilo, e, para aquele que me acompanha, é o fim de uma longa jornada interior. Vamos descobrir juntos... um segredo. Para ele, seguramente, este segredo é o segredo na sua totalidade do momento. Ousarei afirmar que será para mim um segredo depois de muitos outros?

Neste caso, nosso encontro tem uma finalidade mais distante e conquistada esta descoberta, meu papel — mais particularmente o de nossa Ordem — começará para ele. O futuro determinará com precisão este ponto... e murmuro: "*Que assim seja*!"

Chegamos quando caía a densa noite, depois de um crepúsculo cuja rapidez zombava de nossa rápida corrida no tranquilo campo romano. Meu companheiro dirigia, o olhar fixo na estrada, mas eu sentia que seus pensamentos faziam eco aos meus. Somente ao entrar em Grottaferrata ele murmurou: "*Chegamos*" e nem mesmo respondi à sua fórmula inútil com um habitual "*é verdade*!".

O pequeno burgo parece deserto e, no entanto, a estação chegou precocemente, este ano. É verdade que a televisão aqui, como em toda parte, transformou os costumes. Antigamente, fugia-se para fora. Agora, passivas, as pessoas fogem para mais longe, para dentro de si mesmas, e fica-se tanto quanto sempre, talvez mais ainda, separado dos outros. Não transpusemos o pórtico. O carro ficará estacionado abaixo do caminho. É a pé que iremos até a abadia, muito próxima — sombra maciça postada ali, diante de nós, contra um céu nevoento. Jean pensou, com muita razão, que romper o silêncio deste lugar onde somos secretamente esperados, poderia despertar a curiosidade de alguns monges e comprometer o empreendimento. Ele não recebeu nenhuma recomendação precisa e estas questões haviam sido deixadas a seu critério, que poderia apenas se constituir de bondade e de grandeza. Só a hora fora marcada, e apenas cinco minutos nos separavam das onze horas... Apertamos o passo, a sombra toma forma cada vez mais. Eis-nos além do pórtico, eis-nos no vasto pátio, depois perto da igreja e.. . alguém vem em nossa direção, como surgido da noite de uma coluna vizinha. É um monge em sua batina preta, o capuz enterrado sobre os cabelos

compridos. A barba aumenta a severidade de seu rosto jovem onde vivem, solitários, dois brilhantes olhos negros:

"*Sigam-me*!"

A porta da igreja está entreaberta. Ele entra na frente e retendo a respiração, entramos em seguida...

Por ocasião de vossa próxima visita à Itália, é nesta extraordinária igreja de Grottaferrata que vos sugiro entregar-vos à mais ardente meditação. Se ali estiverdes, no momento do culto ortodoxo, participai dele de todo o coração. Analisai cada gesto dos oficiantes e vede além deles. Através dos ícones, percebei a intenção. Transportai-vos, pelo ritual, para o plano vibratório que este lugar pode permitir-vos alcançar. Mergulhareis no único e na unidade e tereis, por alguns instantes, percebido dentro de vós a realidade integral da consciência cósmica. Mas, antes dessa participação no rito, dei-xai-vos penetrar intensamente por aquilo que representou este centro na história da tradição. A *crypta ferrata* permanece desconhecida. Ela existe, porém, secreta, esquecida, negada, e é dela que este lugar aufere seu poder...

...É a esta cripta que somos levados neste momento, meu ilustre companheiro e eu. Por que devemos, para chegar a ela, atravessar primeiro este recinto sagrado onde, na escuridão, brilha, no fundo, a rubra e vacilante chama que simboliza *a presença?*

Paramos apenas o tempo de fazer uma prece; entre nós dois, o monge; este tomou, então, e, quase imediatamente, largou a nossa mão — e foi só mais tarde que compreendi este gesto de poder... Andamos ainda e em silêncio, por dentro e por fora, como por um minuto de céu, e a porta estreita aparece-nos de

repente uma porta, pequena e baixa e, ao mesmo tempo portal gigantesco, em razão da imensidade que, do outro lado, espera nossa pequenez...

Minhas mãos se juntam sobre o coração, que nenhum recrio agita. Sinto, porém, uma sensação que conheço bem, pois que é um privilégio de meu estado, de minha função: meus olhos parecem estremecer *por dentro;* ao nível da nuca e das orelhas um estremecimento apenas perceptível se produz e sei que, a partir deste instante, a transferência se operou e que meu ser psíquico, meu ser verdadeiro, tomou o controle. A partir daí, sou eu mesmo e um pouco mais, isto é, estou no estado que sempre designei, na minha terminologia pessoal, pelo nome de total e em que, sem perder faculdade de raciocínio e de discriminação, o *conhecimento* imbregna todo sentimento experimentado e toda sensação percebida, ao mesmo tempo em que o ser vive e conhece no diapasão universal do absoluto...

O monge abre a porta, recua ligeiramente para nos deixar passar. Curvados, atravessamos o umbral e eis-nos, meu companheiro e eu, ele no segundo degrau e eu no primeiro desta escada de pedra que desce em direção àquele sobre quem ainda não sabemos nada e esperamos... o inesperado. O monge tornou a fechar a porta e, guardião vigilante, vigia discreto e silencioso, postou-se no umbral exterior até a nossa volta. Para nós, o tempo não existe mais, o mundo silenciou... Ao *Sésamo* de nosso apelo interior, a cripta abriu-se... e ali está o sábio, que nos olha intensamente!

CAPÍTULO VI: O CARDEAL BRANCO

A cripta é *realmente* uma gruta. Pelo menos deve ter sido na origem, naquela época distante em que o iniciável aqui vinha receber a luz sob a forma então dispensada. Percebem-se ainda as aberturas que eram antigamente guardadas por uma grade de ferro, mas elas foram fechadas, com exceção de uma. A porta por onde entramos devia ser uma das janelas, o que explicaria suas dimensões reduzidas.

Precisaremos *descer* onze degraus, ao longo da pedra tão irregular em certos lugares que parece constituir um obstáculo a mais para transpor, ou, antes, para contornar... Mas, desde os primeiros degraus, ao lançar para baixo, à direita da escada, um breve olhar para a cripta, fui tomado pelo extraordinário espetaculo que se oferecia a nossos olhos e a hesitação, depressa dominada, de meu companheiro marcava também sua surpresa...

A gruta é iluminada apenas por três tochas suspensas por anéis incrustados na parede — uma tocha no fundo, outra à esquerda e a última do lado oposto. No meio da cripta, mais ou menos circular, exatamente sob a cúpula bem preservada de que ainda estamos próximos, um bloco de granito retangular, trabalhado evidentemente por mãos humanas, e coberto em todo o seu comprimento por uma toalha imaculada, no centro da qual cintila uma grande cruz de metal... À esquerda da cruz, sobre esta mesa, este altar, está um volumoso cofre de madeira, e é à direita que verei aquilo que parece com um garfo de três dentes chatos.

Na beirada oposta a nós, contrastando com a toalha branca, um porta-papéis vermelho ladeia uma espada de guarda trabalhada, colocada horizontalmente ao próprio pé da cruz. Mas tudo isto não é nada, somente um

cenário que se alia harmoniosamente com o conjunto deste lugar estranho, que se diria uma caverna, que é uma gruta, e que sua função investe do caráter sagrado de cripta. Nada, porque tudo aqui não parece ser mais que um segundo plano daquele que, sentado diante da mesa que prefiro chamar de altar, os braços pousados na cadeira de encosto arredondado, não tira os olhos de nós, enquanto descemos em sua direção...

Ali está ele, pálido, cabeça e rosto rapados, hierático. Sua imobilidade é tal, sua grandeza é tão nobre, que se diria uma estátua, se seus olhos não fossem vida. Sobre a ampla batina branca, a cruz vermelha, perto do coração, é um estigma que designa o estado, a qualidade daquele que a usa e cujo cordão de anéis entrelaçados do qual pende o selo revela uma função... Nenhuma vez, durante nossa conversa, ele mencionará o título e as responsabilidades que pode assumir.

É por isso que, embora tudo nele, a roupa, as insígnias ou o anel púrpura — que logo perceberei no terceiro dedo da mão direita —, tivesse significado antigamente, que estávamos em presença do mais alto dignitário secreto da Ordem do Templo, designarei este ser de majestade e de poder apenas pelo nome de Cardeal Branco; e isto seja o que for que eu possa vir a saber, e seja qual for o segredo do q'ual meu coração será, de agora em diante, o leal escrínio...

Ele ainda não pronunciou uma só palavra. Contudo, meu companheiro está agora perto dele e eu um pouco mais atrás. Seus olhos deixam-nos um instante, pousam sobre a cruz, depois voltam a nós. Levanta-se, por fim, e nos encara. Deus! Como é alto na sua batina imaculada e na extrema magreza de seu rosto ascético! Com um breve gesto da mão, parece abençoar-nos, depois indica a Jean um tamborete à sua direita, com uma breve palavra: "*monseigneur*[1]!" a mim o

[1] Título honorífico dado a cartas pessoas eminentes.

tamborete vizinho. E senta-se de novo, depois de virar ligeiramente para nós sua pesada cadeira...

Pela primeira vez, não passo sozinho por uma experiência insólita e poder-se-ia supor que aproveitei para modelar minha atitude pela de meu companheiro. Não é este o caso. Na verdade, agimos os dois da mesma maneira, isto é, não tivemos nenhuma reação, nenhum gesto, nenhuma palavra, como se, desde a nossa entrada na *crypta ferrata,* estivéssemos fisicamente subjulgados por uma vontade suprema que ultrapassaria até a daquele que nos recebia; e essa vontade reconheço que pertence ao próprio lugar e à força vibratória que aqui se acumulou, no passado e no presen te, pela ação invisíveis daqueles que têm o encargo sagrado deste lugar supremo...

O triângulo que formamos neste momento é uma manifestação completa cujo alcance só o Cardeal Branco conhece, e compreendo porque *"dois* visitantes" eram esperados aqui. Sem mim ou um outro, ficaria faltando a terceira ponta e aquilo a que servimos agora não teria podido cumprir-se... Nossas sombras, que se desenham em torno e projetam no teto silhuetas bizarras, fazem-me pensar, não sei por que, na Caverna de Platão. A imagem talvez seja verdadeira, mas aqui nós somos atores e é além destas paredes que está a ilusão...

Pelo movimento de seus lábios, é certo que nosso anfitrião ora em silêncio, e junto, secretamente, minha prece à sua. Sinto, subitamente, que ele se prepara para falar, e sua voz, de fato, eleva-se, suave e incisiva ao mesmo tempo. As mãos juntas, os olhos fechados, ele se dirige a nós, a outros ou a si mesmo? Que importa! Esperamos, vamos aprender, vamos saber... pois, a partir deste instante, nada mais existe para nós na *crypta ferrata,* além da voz daquele que transmite, que

ensina, a voz do sábio, a voz do mestre a cujos pés, humilde e ávida, nossa alma espera.

CAPÍTULO VII: SÃO CHEGADOS OS TEMPOS...

"Não há a menor necessidade de apresentação nem de histórico. Conheço todos dois. Quanto a mim, devo ser ***para os senhores*** *apenas aquele que transmite, e isto seja o que for que eu possa ser para outros. De nosso encontro, vocês farão depois, talvez, algumas deduções. Se elas serão ou não justas, isto, creio, está no domínio do relativo, pois o importante é o que direi ou sugerirei nesta conversa que, para o senhor,* ***Monseigneur*** *(olha por alguns segundos para meu companheiro), é um resultado e para você, frater (olha-me pelo tempo de um piscar de olhos)... também, numa certa medida, um resultado. Mas deixemos imediatamente de lado estas considerações exteriores, e que cada instante de sua presença aqui — e da minha — seja utilmente empregado!"...*

"O local preciso em que nos encontramos neste momento é uma das onze ***altas esferas*** *secretas de uma tradição prestigiosa... Tradição! A palavra é ao mesmo tempo definida demais e vaga demais. Acho preferível em primeiro lugar, situá-la. Por definição, designa uma transmissão oral por um longo período de tempo. É verdade para o que nos diz respeito aqui, mas é insuficiente. Quero, por tradição, referir-me ao conhecimento e, mais exatamente, a uma formulação particular do conhecimento. O conhecimento, em seu absoluto, é, em si, a percepção da sabedoria eterna tal como ela pode ser apreendida pelo homem. Melhor dizendo, existe, de um lado, a permanência da eterna sabedoria — a realidade do absoluto para sempre semelhante a si próprio, porque é tudo — e, por outro lado, aquilo que o homem encarnado pode conhecer à medida que se faz a sua evolução coletiva ou individual. Por evolução entendo, como todo místico, a tomada de consciência crescente de um estado que, sendo eternidade, não pode*

nem *diminuir,* ***nem*** *crescer. A tradição construiu-se, assim, a partir do momento em que o homem, tendo-se tornado criatura consciente, começou a situar-se no mundo e no universo de que sabia ser um elemento. Meu propósito não é procurar as origens da tradição. É especificar a tradição que é representada pelas* ***onze altas esferas*** *secretas de que falo. Contudo, deve ficar-lhes bem claro que a tradição expan-diu-se com a expansão da consciência humana, desde a origem dos tempos, quando o homem começou a ser homem"...*

"Em um estágio determinado da tomada de consciência humana, as leis e princípios, ***formulados*** *por um acesso progressivo a mais conhecimento e submetidos à prova da vida, foram recolhidos e reunidos pelos mais sábios dos homens, tendo sido preservados e transmitidos, cada vez mais secretamente, à medida que a Humanidade afundava em seu ciclo involutivo para o denso e a matéria. Foi assim que nasceram, como sabem, as escolas de mistérios e foi, na verdade, aquela Atlântida, que apressadamente chamam de* ***lendária****, que os abrigou".*

"A Atlântida é o primeiro continente onde a ***formulação do conhecimento*** *tomou forma de grupo, se quiserem aceitar esta curiosa expressão. Todos os sábios autênticos que o mundo podia então produzir reuniram-se, efetivamente, naquele país desaparecido. Inicialmente, as escolas de mistérios foram, por conseguinte, um* ***colégio de sábios****, mais que um centro onde se podia buscar a luz da iniciação. Esse colégio, na ocasião do desaparecimento final da Atlântida, compunha-se de onze sábios e sua missão consistira, sobretudo, em recolher e reunir todo o conhecimento a que a Humanidade, na sua elite, digamos... mística, tivera acesso até então. Esse conhecimento adquirido era total, absoluto. Quero dizer com isso que este* ***colégio de sábios*** *reunira a formulação integral da*

eterna sabedoria, isto é, o conhecimento que estava no poder do homem adquirir e que ele jamais poderia ultrapassar em seu estado humano. Foi neste estágio de absoluto, alcançado pelo colégio dos sábios, que foi edificada, de acordo com suas indicações, a esfinge do Egito. E foi, por essa mesma época, que, tendo presciência do fim do continente atlante, cuja função, de resto, terminava com a missão centralizadora levada a termo pelo ***colégio de sábios****, que os onze deixaram a Atlântida pelo Egito. A esfinge deveria para sempre simbolizar para o mundo que a sabedoria eterna tomara corpo para a Humanidade e que sua propagação inicial deveria efetuar-se a partir do país voluntariamente designado pelo* ***colégio de sábios****: o Egito"...*

"E os onze, na terra do Egito, não tiveram nenhuma dificuldade em convencer o faraó daquele tempo; ainda mais que esse faraó era de uma linhagem que o mundo chamaria de ***predestinada*** *e que, havia décadas, preparava a vinda da sabedoria.. Assim, os onze tornaram-se doze, os doze que estão na origem de toda a ciência sagrada. Um pouco mais tarde, cinco partiram através da Terra, cada um pelo que se conhece como continentes, para aí semear não o conhecimento, mas os meios de a ele chegar. Os outros ficaram no Egito, que se tornou o centro do sexto continente e, ao mesmo tempo, o coração onde a ação tinha sua fonte, depois que o pensamento tomara forma na cabeça que constituía a Atlântida.. . E o mesmo conhecimento, através do mundo, incorporou-se por toda parte em símbolos* ***exteriores e secretos****, correspondentes à natureza profunda dos povos a que se dirigiam, mas com certos elementos e sinais fundamentais que revelavam para sempre, de um extremo a outro da Terra, uma unidade que o homem estupefato chama, atualmente, de similitude. Esses elementos e esses sinais fundamentais são*

aqueles que, naturalmente, ***expressam*** *o homem em sua verdade interior, e não nas suas tendências e aspectos submetidos às variações de tempo e de lugar*"...

"*A era da gestação estava, em todo caso, terminada: a hora da instrução havia soado. O ciclo devia tornar-se* ***evolutivo*** *para aqueles que assim o decidissem para si mesmos, considerando-se sua* ***preparação anterior****. Foi assim que, encontrando sua origem no centro sagrado formado pelo Egito e a partir da escola suprema de mistérios que lá operava, outras escolas tomaram impulso, na Grécia e em outros países da Europa, adaptando os meios de chegarão conhecimento às condições dos territórios de que estavam encarregadas* ..."

Ouço com avidez esta voz envolvente que não parece, de forma alguma, enfraquecida por esta longa alocução e que modula certas palavras como que para imprimi-las em nós de forma indelével. "*Meu propósito — disse o sábio — não é buscar as origens da tradição.*" E ele se recusava também a qualquer pretensão histórica. Ele parece ter feito, até aqui, exatamente o contrário do que afirmava... Mas não! Ele não tem que *procurar* as origens da tradição: ele as conhece! Ele não faz história: ele situa sua história!

Quero prestar mais atenção às entonações; tento e não posso: a voz me absorve por inteiro e não sou senão o que ela quer.

"*Cada uma delas situava-se num lugar conhecido de todos — era o lugar onde se realizava a* ***iniciação****, Elêusis, por exemplo — e uma* ***alta esfera*** *secreta à qual se achava vinculada. Era nessa* ***alta esfera*** *que se reuniam, periodicamente, em torno do responsável supremo, os* ***instrutores*** *mais importantes das escolas iniciáticas que dele dependiam. Essas* ***altas esferas*** *eram em número de onze, como já disse. Quanto aos* ***instrutores*** *de que estou falando, eles eram o* ***templo*** *da*

mais alta iniciação. Um ***templo****, se quiserem, que representava,* ***materializava****, em um lugar diferente, o* ***templo*** *central do Egito*".

"*Tais lugares, evidentemente, não haviam sido escolhidos por acaso. Eles haviam sido* ***localizados*** *graças ao conhecimento dos sábios reunidos no Egito. De fato, essas* ***altas esferas*** *eram o único lugar onde o trabalho a que estavam destinadas podia ser realizado. Elas são o receptáculo onde a força universal é transmudada em uma ação definida ligada à obra* ***particular*** *empreendida*".

"*Oh, que maravilhoso teclado é nossa terra para o universal, tal como ele se manifesta para o homem! Nela pululam os pontos onde o* ***poder cósmico espera****,* ***para materializar-se, a oportunidade que só o homem pode fornecer-lhe, por sua presença e uma intenção dirigida para o bem****. Existem, portanto, outras* ***altas esferas*** *além das onze que mencionei; algumas transmutam a mesma energia para finalidades de força menor, outros, ao contrário, transmutam-na para fins consideravelmente mais elevados. Os Rosacruzes* ***realizados****, por exemplo, dispõem de doze* ***altas esferas****, que são ignoradas por todos, exceto por eles próprios. Isso se explica pelo cume que atingiram por seu mérito e que lhes assegura a plenitude do conhecimento e a participação na sabedoria eterna*."

"*Ignorados por todos, exceto por eles próprios*!" Sinto em mim uma emoção profunda. Pareceu-me que, a essas palavras, o Cardeal Branco, novamente, lançava sobre mim um rápido olhar... Irei mergulhar na recordação e na experiência? Não! Minha vontade se opõe a isso. Não é nem o lugar nem o momento. "*Ignorados por todos, menos por eles próprios*!" Existe pelo menos uma pessoa que conhece esses lugares além deles. Mas é verdade que a lei do silêncio, no que diz respeito ao lugar, equivale ao esquecimento a que ela obriga. Então é

mesmo verdade que só eles os conhecem, se conhecer é participar! Melhor é esquecer o resto e escutar aqui...

"*As onze esferas têm, assim, sua função particular. São* ***secretas*** *mas, contrariamente às doze* ***altas esferas*** *dos realizados que acabo de mencionar, podem ser* ***reveladas*** *a algumas pessoas em caso de necessidade para o cumprimento da* ***missão****. Podem mesmo, às vezes, ser indicadas para uma tarefa definida em relação com o mundo exterior da iniciação pelas doze* ***altas esferas*** *dos realizados. Agem, então, como médium ou intermediário, embora os* ***de fora*** *chamados para receber as instruções ignorem que a missão confiada tenha origem nas* ***doze*** *cujo segredo é inviolável*".

"*É assim que, a mando das onze* ***altas esferas*** *e, em ocasiões de importância excepcional, a mando geral das onze* ***altas esferas****,* ***missionados*** *foram enviados ao mundo e a certas organizações* ***para trazer os perdidos de volta ao bom caminho****. Foi também das onze* ***altas esferas*** *secretas que* ***partiram*** *os grandes movimentos cujo fim era reunir o que estava disperso ou dar novamente corpo a um* ***egrégoro***[2]*, para o qual era chegado o momento de reviveir, de* ***ressurgir*** *a serviço da Humanidade. Eis o que será uma revelarão para os senhores*":

"*Foi nesta* ***alta esfera*** *secreta onde agora estamos, nesta* ***cripta ferrata****, que foi decidida a constituição da Ordem do Templo. Vejo sua estupefação, mas esta revelação tinha que ser feita. Tinha que ser feita, hoje, esta noite e aqui, pois os tempos são vindos. Oremos*!"

---

[2] Egrégoro (do grego egrégoroi): Segundo Helena P. Blavatsky, "*os ocultistas orientais descrevem os egrégoros como seres cujo corpo e essência são um tecido da chamada Luz Astral. São as sombras dos Espíritos Planetários superiores, cujo corpo é feito da Luz Divina Superior*". Elifas Levi chama-os de "*príncipes das almas que são os espíritos do energia e ação*". No texto de Raymond Bernard, o sentido parece ser o seguinte: Formas mentais, sobretudo quando criadas e mantidas pela força mental de numerosas pessoas, às vezes durante séculos e milênios. Os egrégoros assumem proporções gigantescas e, nesse caso, seu poder atuante é quase irresistível. Quase todos os grupos religiosos possuem seu egrégoro particular. (*Nota dos Editores*.)

A estas palavras, em sua impressionante veste branca, depois de empunhar a espada sobre a qual então se apoia, prostra se de joelhos no chão. Nós fazemos o mesmo, e todos três rezamos em silêncio. Após alguns minutos, a voz do Cardeal Branco se eleva. Ela está como que alterada e a cripta parece se transformar sob o impacto da ordem sagrada do Templo que é dada neste momento:

> *Nomine dei omnipotenti et vigore mei officii*
> *aperitur capitalum hoc militum christi templique,*
> *salomonici secundum ritum ordinis sacritissimi!*
> (Em nome de Deus todo-poderoso e pela virtude
> de minha função, que este capítulo dos soldados de
> Cristo e do Templo de Salomão seja aberto segundo
> o rito da Ordem Santíssima).

Levantando-se, murmura:

Apertum esto (Que seja aberto!)

Como nos teria parecido estranho que estas palavras fossem pronunciadas neste lugar se não nos tivesse sido feita a revelação do que aqui se passou... Ele declarou: *Vigore mei officii:* "*Em virtude de minha função*", de meu ofício... O latim dos templários era, todos o sabem, incerto, mas esta curta frase não se presta a nenhuma confusão... "*Em virtude de minha função*!"... Que é o *Cardeal Branco?* Ele não o dirá e, no entanto, meu coração não se pode enganar... Ele sabe!

CAPÍTULO VIII: VIDA E MORTE DA ORDEM DO TEMPLO

Estamos novamente, meu companheiro e eu, ouvindo o sábio... Todos retomamos nossos lugares e ele logo prosseguiu em sua alocução:

"*Como não ligar o porquê da Ordem do Templo à busca universal do Gral! Mas o que é o Gral? Para muitos, uma lenda, e para todos um enigma. O Gral, no entanto, não é uma lenda o não encerra nenhum enigma. Somente, ele foi incompreendido ptlo iniciado, tanto quanto pelo profano... Sem dúvida, porque é a última explicação e o símbolo da revelação absoluta*".

"*Mas, primeiro, vejamos outra vez, rapidamente, aquilo que até aqui consideramos juntos... Eis os onze sábios da Atlântida no Egito; eis esta terra de eleição que tomou o bastão passado pela Atlântida; eis cinco dos onze que se tornaram doze, missionados no mundo inteiro; eis os outros seis* ***agindo*** *em terra egípcia através do faraó, que se tornou um deles, e em toda a Europa, através das onze altas esferas secretas definidas a partir de seu sublime conhecimento — onze altas esferas secretas de que dependem os centros iniciáticos aos quais o homem preparado pode ter acesso. Esses centros nascem onde e quando é preciso. Duram o tempo que for necessário, depois desaparecem e seu* ***egrégoro*** *volta ao centro supremo enquanto este permanece no Egito*".

"*Mas, numa época determinada, estando tudo, em toda parte, estabelecido é preciso que tudo seja exteriormente consumido. O* ***egrégoro*** *inteiro retira-se do mundo, o Egito iniciático desaparece e os centros que dele dependem morrem por sua vez. O mundo entra na noite obscura da purificação e da preparação, depois de haver alcançado o estágio exato de evolução ao qual essa primeira grande etapa o devia levar*".

"A noite escura começou exatamente no instante da morte do quarto Amenhotep. Foi essa morte que marcou a retirada de todo ***egrégoro****, que assim se retirou do mundo ao mesmo tempo que Amenhotep, depois que este deu ao mundo a última mensagem dos sábios do conhecimento: um Deus único"...*

"Em seguida, restam no mundo apenas, digamos... ***centros de preservação do conhecimento e as onze altas esferas*** *secretas estão entre os mais altos deles... O conhecimento fica assim perpetuado, no silêncio e no rigor, somente para aqueles que preenchem as condições de adepto — e eles são raros! Contudo, no exterior, a preparação é mantida, sob uma forma diferente,* ***simbolizada*** *por assim dizer, através das corporações humanas"...*

"Sim, é esta a noite escura para o mundo, e ela durará muito tempo, mas a hora da aurora dourada soará um dia e o ***egrégoro*** *será novamente encarnado, inteiro, para uma nova etapa. Isso se produzirá em 1096, na Constantinopla invadida pelos cruzados, cuja missão foi, sob este ponto de vista, a de preparar o caminho. Também, em última análise, as conquistas romanas tiveram por finalidade fundamental revelar à Terra a boa nova semeada na Palestina, que, de outra forma, teria corrido o risco de não ser ouvida" .. .*

"1096! Constantinopla! O encontro do enviado, do sábio supremo cujo nome só pode ser conhecido pelos mais altos dirigentes secretos do templo, com os sete iniciados do Ocidente cristão e os iniciados do mundo do Islame"!...

"1096! Constantinopla! É aí que são lançadas as bases daquilo que se tornará em Jerusalém, vinte e dois anos depois, em 1118, a Ordem do Templo, sob uma ***dupla*** *investidura dada a dois destes iniciados: Hugues de Payns e Geoffroi de Saint-Omer — a investidura secreta do patriarca Teocletes, sexagésimo-sétimo sucessor do apóstolo João e, em seguida, a investidura pública do patriarca*

Garimond, representante do mundo oficial... Em 1127, a Ordem tomará impulso, protegida pelo grande iniciado São Bernardo".

"*1096! Constantinopla! A conjunção realizada do cristianismo e do Islame... A segunda etapa do grande retorno do* ***egrégoro****".*

"**Segunda etapa**! A primeira foi vencida em uma das onze altas esferas secretas, em tudo semelhante a esta aqui! É nesta alta esfera secreta que os **missionados** conduzidos por Hugues de Payns e delegados pelos **centros de preservação do conhecimento** a que todos eles pertenciam, receberam iniciação, investidura sagrada, poder e instruções".

"*O laço fundamental com o* ***egrégoro*** *desaparecido foi assim estabelecido na alta esfera secreta escolhida com conhecimento de causa: foi este o primeiro ponto. Este mesmo laço foi reforçado em Constantinopla: foi o segundo ponto. O* ***egrégoro*** *tomou posse de seu novo corpo em Jerusalém, e este foi o terceiro ponto... A manifestação estava terminada, a obra podia ser empreendida e o foi, em 1127, na estabilidade e nos sólidos fundamentos do quarto e último degrau da preparação então plenamente acabada*"...

"*Foi em 1087 que teve lugar a investidura inicial na* ***alta esfera*** *secreta designada para essa finalidade, e em presença dos representantes supremos de dez outras. Nove anos se passaram antes do encontro de Constantinopla. Duas vezes onze anos se passaram antes que as primeiras bases fossem estabelecidas em Jerusalém e, novamente, nove anos foram necessários para que começasse a atividade propriamente dita. Meditem um dia sobre o simbolismo desses números. Será uma revelação para os senhores*"...

"*A história pública da Ordem do Templo, os senhores a conhecem no essencial. Daqui a pouco esclarecerei, um pouco, seus aspectos secretos. Antes de*

tudo, possa sua alma entender: a Ordem nascida em 1118, número cuja adição teosófica é onze, morre em 1314, pois é com o último suspiro do grande mestre Jacques de Molay que o ***egrégoro*** *inteiro se retira pela segunda vez, como se havia retirado com Amenhotep IV. A Ordem teve, portanto, uma vida pública de 196 anos"...*

"Em 1962, data considerável na história oculta da Flamanidade e início da Era de Aquário, a Ordem estava desaparecida havia 648 anos, isto é, há seis vezes 108 anos, e eu os refiro, mais uma vez, ao estudo sagrado dos números, tão importante para os iniciados do Templo!.. .

"O ***egrégoro*** *tornou a ganhar, há algumas décadas, força e vigor no mundos depois de se haver fundido, se me permitem o termo, com o poder da antiga e mística Ordem da Rosacruz, de que as doze* ***altas esferas*** *secretas, que eu disse serem os dos Rosacruzes Realizados, são, por assim dizer, a* ***localização interior****. Existe, assim, a partir daí, uma reunião dos dois planos, conjunção absoluta, unidade de força e de poder, como era exigido em vista da obra a realizar na nova Era de Aquário. Entretanto, neste quadro, atualmente em atividade, em que o* ***egrégoro*** *se incorporou, o Templo toma o seu lugar. E torna-se parte dele, isto é, reconhecido... E a organização constituída e estruturada desde 1909, que por ele é animada, no mundo e para o mundo, leva assim, em seu seio, a flama templária. Desde 5 de fevereiro de 1962, existe como que um renascimento do pensamento do Templo. Isto estava estabelecido e esse renascimento é o efeito do aspecto templário do* ***egrégoro*** *reunificado. Ora, este aspecto deve materializar-se, e o fará melhor no quadro estruturado já estabelecido. A força é tal que, percebida no exterior, dá nascimento a louváveis tentativas que, não estando apoiadas no*

egrégoro *total, não podem, naturalmente, ter êxito, e causam erros lamentáveis... Mas mesmo isso é útil para que a Humanidade saiba*!

"*Em todo caso, é chegado o tempo da reabilitação da Ordem do Templo e, à medida que a luz do Templo, crescer, a luz de quem a havia condenado irá diminuindo. Que aquele que, neste mundo, pode compreender, compreenda: soou a hora do julgamento. O Templo, mais poderoso que nunca, difundirá sobre a Terra sua força e seu vigor... e nas onze* ***altas esferas*** *secretas a chama doravante brilhará com todo o seu esplendor... Novamente, irmãos, oremos*"...

Como anteriormente, ele se ajoelha, as duas mãos apoiadas na espada colocada diante dele. Também de joelhos, nós ouvimos a palavra:

> *"Oremus charissimi fratres paraesta quaesumus omnipotens deux ut ordo noster et aeterni proficiat institutis et temporalibus non destituatur auxilus."* (Oremos, caríssimos irmãos: fazei, nós pedimos, Deus todo-poderoso, que a nossa Ordem seja útil aos desígnios eternos e não seja abandonada pelos auxílios temporais.)

Estranhamente, só *percebo* o som de seu "*Amém*" no momento em que ele se senta, e o mesmo deve ter acontecido com meu companheiro, pois é junto comigo, voltando ao seu lugar, que ele repete em voz baixa: "*Amém*"!

Por duas vezes o Cardeal Branco nos convidou à prece e, cada vez, ele pronunciou a palavra do Templo. Parece-me que, neste mesmo momento, participamos de uma iniciação, sem disso ter, objetivamente, consciência... De uma iniciação ou de um sagração ritual, as explicações, a *instrução* sendo apenas

incidentes e simplesmente completando a atitude e o gesto sagrados, como para fazer surgir em seguida, à razão, o objetivo a alcançar. Mas já ele fala:

"*O círculo voltou a se fechar! O que os senhores podiam saber sobre a Ordem do Templo está agora esclarecido por um conhecimento maior. Os senhores têm as bases que, até agora, deviam permanecer como o segredo de nossas* ***altas esferas****. A Ordem do Templo tomou, para os senhores, seu lugar na filiação da tradição absoluta. Não há mais separação, há* ***unidade*** *e, assim,* ***Monseigneur****, explica-se o documento que está em sua posse, como se explica a sagração perpetuada a cada geração em sua ilustre família, e o seu, aos onze anos. Seus predecessores receberam a marca do templário e o senhor mesmo a recebeu. Mas, estando envolvido, em razão do tempo em que o senhor vive, pelo renascimento, o documento só ficou claro para o senhor em data recente. O senhor veio aqui mais tarde que seus antepassados, mas sua presença neste lugar é mais significativa e tem um alcance maior que a deles. Cada um a seu turno uma única vez em sua vida, eles foram admitidos em uma das onze* ***altas esferas*** *secretas... Quanto ao senhor,* ***frater*** *(e eu sei que então é a mim que se dirige), devia estar conosco, pois o Templo é seu templo, como é o templo de todo servidor da causa, de todo servidor do homem. E onde você serve, lá está o conhecimento... Oremos uma última vez!...*"

Uma última vez! A terceira! Existe agora em mim *uma certeza:* Estamos sagrados. Meu companheiro terá compreendido? Tenho subitamente a impressão de que ele o sabe desde nossa conversa perto da fonte! Mas jamais o admitirá! De fato, desta vez, sou eu que reproduzo instintivamente seus gestos. O Cardeal Branco não se ajoelhou. Está de pé, alto, imenso em sua veste branca, a espada suspensa sobre nossas cabeças baixas, enquanto que, de joelhos, as mãos unidas diante do peito, entregamo-nos à oração muda do abandono e da comunhão:

"Ut gladius nisi forti et intrépida manu geritur difinit esse timendum sici ordo nisi superiores regulae quoe eum dirigunt non potest subsistere." (Assim como o gládio deixa de ser atemorizador se não for dirigido por uma mão firme e intrépida, também a Ordem não pode subsistir sem as regras superiores que a dirigem...)

E, da frase seguinte, escuto somente o começo: *"Ecce vestimenta ternplarii. Nomine dei omnipotenti et vigore mei officii...,"* pois a espada bate, então, em meu ombro esquerdo, depois em minha cabeça e em meu ombro direito... E sinto que minha alma se rejubila... e sinto que choro...

Sentado agora ao lado do meu companheiro, ele, também, preso ainda de uma indizível emoção, como se a espada tivesse transpassado sua alma, livrando-a, assim, de todas as suas limitações e do véu do erro, sinto, de minha parte, uma paz profunda. À nossa frente, o sábio não parece sentir nenhum cansaço e, não obstante, já são três horas da manhã. Durante quatro horas ele falou e cumpriu o que sei, interiormente, ser o seu ofício. Sem dúvida, a duração da prece — do ofício — foi longa, mais longa do que o que é dito nestas páginas... Mas minha própria experiência permite-me não ignorar que os silêncios do mestre que oficia são mais cansativos que horas de fala, pois a energia transmitida nesse momento alquebra o corpo daquele que foi autorizado, pela iniciação magistral, a transmiti-la aos outros...

O Cardeal Branco retomou *sua estatura...* Voltou a ser impessoal e prossegue:

"*Posso agora abordar, com reverência e discrição o alto simbolismo do Gral. Nada mais se opõe a isso. Chegou a hora, as condições estão satisfeitas. No*

contexto do que eu disse e fiz esta noite, o Gral pode ser compreendido pelos corações puros e sinceros, pois é só a eles que, através dos senhores, quero dirigir-me, e não àqueles cuja pretensa e enganadora sabedoria arruina a alma com seu orgulho vazio e sua estúpida ambição. Que a luz do Gral ilumine para sempre o humilde e o puro, pois ele merece a santa revelação!"

CAPÍTULO IX:O MISTÉRIO DO GRAL

"Seguramente é um grande erro considerar o Gral como tendo origem exclusivamente cristã. Seria, aliás, igualmente errado, incluí-lo unicamente na fase mística ou sufi do islame. Na realidade, o Gral designa um caminho de aproximação para o divino, para uma participação tal que não é mais o homem que procura apreender Deus, mas o próprio Deus que se vê no homem. O Gral é a acessão ao segredo da vida universal, é uma realidade divina, uma presença permanente, é a revelação total e absoluta da sabedoria universal, é a suprema iniciação. Assim, aquilo que se chamou de A ***lenda do Gral*** *pertence tanto ao esoterismo cristão quanto ao esoterismo islâmico, ou mesmo ao esoterismo hebraico. A* ***lenda*** *é universal, pois contém o universo. Cada místico, seja qual for a sua origem, seu estado, seu* ***caminho****, ou suas bases religiosas, viva ele no Ocidente ou no Oriente, seja ele cristão, muçulmano ou judeu, aspira, em última análise, a chegar, através das etapas iniciáticas que vence, à realeza do Gral, ao segredo dos segredos"...*

"O símbolo desse sublime mistério é, em toda parte, um objeto sagrado. Para os celtas, esse objeto é a ***taça profética****. Para os cristãos, o* ***sinal*** *é a taça que conteve o sangue do Cristo. Para o Islame será a pedra que desceu do céu. A conquista do Gral, por definição, é um caminho ativo, que encerra a palavra, a luz e a vida. Esse caminho é tomado pelos cavaleiros da távola redonda, isto é, aqueles que, na Terra, foram admitidos para passar pelas provas iniciáticas de uma tradição autêntica e reconhecida, para chegar, no final, à cavalaria celeste. Um místico, um iniciado, sempre foi um cavaleiro em todas as épocas e sob todas as latitudes, e como o último degrau a atingir é simbolizado pelo Gral, este é marcado pelo selo da universalidade"...*

"*Curiosamente, e poucos o notaram, a influência islâmica é incontestável na transmissão dos segredos do Gral ao Ocidente. Muitos, certamente, reconheceram sem hesitação o papel dos árabes nessa transmissão, mas raros são os que admitiram uma influência que os textos, mesmo públicos, deixam, no entanto, aparecer claramente. O que pode parecer surpreendente para o não-iniciado, não é a presença de elementos islâmicos no caminho ativo do Gral, cuja aparência é, incontestavelmente, cristã; é a coerência entre esses dois simbolismos — o cristão e o islâmico — na* ***lenda****. E poderia ser de outra forma, uma vez que o Gral é universal*"?

"*Procurai vincular essa noção a nossas explicações anteriores. O Gral torna-se, então, a sabedoria eterna, o castelo da* ***aventura****. O castelo do Gral passa a ser o conhecimento absoluto. Todas as* ***altas esferas****, secretas ou não, são as etapas da conquista do Gral. Os mestres e os iniciados são os oficiais e cavaleiros da távola redonda, unidos em um mesmo combate pela posse do Gral*"...

"*De fato, o Gral encontra-se enterrado no simbolismo universal da tradição única, sob os múltiplos aspectos dessa tradição, de que o* ***verbo*** *é para sempre a alma viva*"...

"*O cristianismo e o islame combateram-se, mas esse é o manto exterior de seu encontro. Na realidade, acima do combate e do ódio aparente, as elites se encontraram, unidas, sendo o islame, por muito tempo, nesses contatos, o guia, a inspiração. Esse encontro naturalmente só era possível, no esoterismo, na fase secreta e interior dessas duas grandes tendências de filosofia religiosa que, com o judaísmo, aliás, têm sua fonte na tradição abraâmica*"...

"*Meu propósito não é examinar aqui os três romances que, por volta do século XIII, revelaram subitamente a* ***lenda do Gral****. Vocês terão que ler, ou que reler, essas obras de iniciação, guardando na memória as linhas de força que lhes indico. A história lhes parecerá então bem diferente, carregada de unidade e reveladora de iniciação. Lembrem-se principalmente disto*":

"*A obra divina, na sua realidade permanente, é o sacerdócio eterno e a Ordem do Gral é a expressão da Ordem de Melquisedeque. A Ordem de Melquisedeque é para sempre, na verdade, permanência e universalidade. Ela é o fim último a atingir. É invisível e presente. Nela estão ocultos o Gral e a palavra*".

"*Melquisedeque é sacerdote e rei*"...

"*Ora, a Ordem do Gral identificou-se com a Ordem do Templo que é como que a sua casca exterior e protetora. E, assim como, no Templo do Gral, reconhece-se também o templo do Espírito Santo dos Rosacruzes, encontra-se, resplendente de verdade, a unidade de todas as tradições*".

"*A Ordem do Templo é um traço de união entre o têmporal e o espiritual, como foi e é um traço de união entre o islame e a cristandade. Sua participação na própria Guerra Santa teve por objetivo, por mais contraditório que pareça, a paz em todos os planos. Foram mantidos, permanentemente, frutuosos contatos, com amizade e com fraternidade, pelas elites dos dois campos, mesmo no auge dos combates. A fraternidade que unia os inimigos aparentes baseava-se na unidade de sua iniciação respectiva, na busca comum de um mesmo conhecimento e nos pactos firmados com as grandes ordens muçulmanas. A melhor prova dessa* ***harmonia*** *não será um dia dada por numerosos templários espanhóis que, no início das perseguições, em lugar de usar a faculdade que lhes é dada de entrar para outras ordens, escolherão* ***passar inteiramente para os sarracenos****? Que*

semelhança, também, entre as ordens muçulmanas e a Ordem do Templo! Semelhança na estrutura ***militar e iniciática****! Semelhança no fato de que todos se digam:* ***guardiães da Terra Santa****, e quantas outras similitudes! Ora, não há* ***imitação****, não há uma filiação propriamente dita. O que existe, eu insisto, é uma conjunção dos dois esoterismos, e Isto tanto na mensagem quanto na técnica iniciática*".

"*Em todo caso, o Gral tem sua origem na tradição primordial e está diretamente ligado ao simbolismo das* ***altas esferas*** *dos* ***centros espirituais com seu centro supremo que é representado pela Terra Santa*** *do esoterismo cristão e islâmico, cujas raízes profundas vão até o próprio Abraão, investido e abençoado por Melquisedeque, de quem São Paulo diz que "****não tem pai, nem mãe, nem genealogia, que sua vida não tem começo nem fim, mas que é leito, assim, à semelhança do Filho de Deus e que, perpetuamente, continua sendo sacerdote****"... Sacerdote do Gral, da suprema iniciação, da revelação total e absoluta da eterna sabedoria, e à sua Ordem — a Ordem de Melquisedeque — pertencem e participam o cristianismo e o islame. De forma que estes dois aspectos de uma mesma manifestação espiritual só podiam encontrar-se e associar-se, para que o Gral possa, um dia,* ***expandir-se*** *abertamente no Ocidente. E foi esta a missão da Ordem do Templo, a de estabelecer a conjunção entre estes dois aspectos... Veremos, mais tarde, o próprio legendário Christian Rosenkreutz, também, ir à terra do islame*"...

"*Rosacruz, sufi! Um mesmo estado espiritual alcançado por formas exteriores diferentes! Rosacruz e sufi! a unidade reencontrada no cume! As formas da tradição dependem todas da Shekinah, da presença divina permanente. É*

aproximando-se ou afas-tando-se da Shekinah que o próprio homem estabelece os ciclos de seu retorno... O Gral é também o grande símbolo da Shekinah"!

"*Os senhores devem se surpreender por eu não falar dos celtas, de Merlin, dos druidas. Mas também o celtismo é uma tradição e o segredo dessa tradição os druidas o transmitiram áo cristianismo céltico. Não digo a uma Igreja... Digo ao esoterismo cristão... Nunca há* ***separação****, há apenas unidade na tradição. Onde quer que vocês tomem o caminho, a lenta subida os leva ao mesmo cume. É única a fonte que deu vida ao celtismo, ao judaísmo, ao islame ou ao cristianismo... Na* ***Cidade****, no centro espiritual supremo, o Gral permanece para sempre. A Humanidade pode esperar em seu império, pois o pacto é mantido, respeitado e vivificado pelas* ***altas esferas****, secretas ou não, e por todos os servidores da causa eterna*"!

"*Essas são as chaves, esses são os sinais. Eu disse, e os senhores têm que trabalhar, orar e meditar, estabelecendo, os senhores mesmos, a convergência na diversidade aparente; juntando o que está disperso e reunindo o que está separado. Nada deve parecer-lhes* ***distinto****. Repito mais uma vez, os senhores têm as chaves e os sinais. Repito-o, trabalhem orem e meditem. E lembrem-se: O Gral, Melquisedeque...*"

"*Nem por um instante me distraí, e não sinto nenhum cansaço. Meu companheiro, como vejo, também não. O assunto, no entanto, poderia ter ido árduo. Ele o tornou simples e facilmente compreensível, evitando discorrer demais sobre o* ***conhecido****, sobre tudo o que qualquer boa biblioteca poderia oferecer à reflexão. Ao contrário, chamou nossa atenção e nosso interesse para o essencial, para o que pode, em seguida, em uma meditação ou em uma leitura, constituir a pedra angular de uma visão nova do conhecimento e o trampolim para mais luz e unidade.*

Unidade! Esta palavra, com frequência, apareceu em sua narração, como se ele a quisesse imprimir em nós e designá-la como a última solução para qualquer questão que a razão levanta com obstinação e, às vezes, com cólera!...

Olho aquele a quem acompanhei até aqui. Seu rosto irradia uma paz de rara intensidade. Ele obteve sua resposta... E eu? Diria: uma confirmação a mais? Seria injusto. Aprendi e senti. Por privilégio, sem dúvida, acredito-me um pouco mais *receptivo* que outros. Acontece comigo, comumente, ouvir o que me é declarado e conhecer o que, no mesmo momento, intencionalmente ou não, me é ocultado. Assim, tenho consciência imediata dos *móveis* de meu interlocutor. De uma só vez, por assim dizer, sei o porquê de sua atitude e a razão verdadeira de sua pergunta, de sua observação, ou mesmo, de um silêncio, quer ele esteja, ou não, a sós comigo. A experiência é sempre curiosa, e às vezes esgotante. Afirma-se que esse *conhecimento* é uma das aquisições do domínio. Quanto a mim, eu estaria mais propenso a salientar que o domínio reside mais na força interior então manifestada para que o interlocutor não duvide que foi, não ouvido, mas compreendido...

Estive várias vezes inclinado a interromper o sábio para aprofundar um ponto que me parecia difícil; mas não se interrompe o Cardeal Branco! Ele sabe perfeitamente o que pode transmitir e como o deve fazer. Em sua presença, experimenta-se uma sensação de força e de luz. O eu não perscruta um eu. Ele recebe, vibra sob o impacto físico e espiritual do mestre e responde ao apelo de uma comunhão sublime...

Terá sido por ordem do mestre que, de repente, meu companheiro, de pé, toma minha mão direita na sua? Isto só poderia ter sido *preestabelecido...* Estamos agora face a face, mão na mão diante da cruz, e o Cardeal Branco está quase no meio, entre nós dois.

Sua mão direita pousa sobre nossas mãos juntas, sua mão esquerda segurando firmemente a espada coloca-se perpendicularmente por cima da unidade que formamos e... a *crypta ferrata* parece ensombrecer-se em uma incrível luz azulada, enquanto que, em volta do altar e de nós, surgem silhuetas, sombras imaculadas, e eu *sentirei* que são onze... Que estranha melopéia, também, que me lembra outros lugares e outras coisas, levando todo o meu ser à unidade do conhecimento. Por que a voz do Cardeal Branco parece, neste instante, moldar-se ao som grave de um gongo que repercutiria seu eco... Escutai, escutai a lamentação e o triunfo da palavra incansavelmente repetida: Templários! Templários! Templários! . ..

Ah, *Monseigneur,* o senhor se lembra? Quando nossas mãos se desprenderam, seus olhos estavam ainda revirados e, no átimo de um pensamento, supus que havíamos vivido, em nós mesmos, ao ritmo do universal, à luz do Gral e, mais tarde, admitimos que fora exatamente assim que acontecera... Lembra-se, *Monseigneurneur?*

Estávamos nos braços um do outro, o senhor chorava e eu chorava. Como duas crianças, diante do Cardeal Branco, lançamo-nos de joelhos, nossas mãos juntas implorando uma bênção, enquanto que, em nossos corações, repercutia ainda a palavra transtornante: Templários! Templários! Templários!

O Cardeal Branco roçou nossa testa com três dedos e depois, um de cada vez, levantou-nos, e, pela primeira vez, o sorriso de um rosto que eu acreditava sem sorriso acompanhou a última instrução: "*Daqui a pouco, o dia raiará. Fiquem aqui. Permaneçam em vigília e orem. O monge, na hora que ele sabe, os levará de volta ao mundo... Que Deus os ajude*!..."

Ele subiu lentamente os onze degraus. No alto da escada, voltou-se uma última vez para nós e fez com a mão direita uma imensa cruz, antes de curvar-se para a porta que se abria e, desaparecendo, entrar, através de nossas lágrimas, em nosso coração e em nossa memória.

Diante da cruz, a cabeça entre as mãos apoiadas no altar, permanecemos em vigília e oramos. Quanto tempo? Não o saberia dizer, pois a oração, em tais lugares, e depois de tais experiências, ignora o tempo...

Quase ao mesmo tempo, levantamos a cabeça... O monge não pronunciou uma única palavra, mas compreendemos que tudo estava terminado e que o relógio do mundo devia novamente ritmar nossa existência. Quando saímos da *crypta ferrata,* a igreja já longe, despertava no ofício da manhã... O monge saudou-nos com um leve movimento da cabeça. Estávamos sós...

Em Roma, fui à minha fonte... Meu coração estava em outro lugar, em Grottaferrata, em uma cripta...

Nunca mais vi o Cardeal Branco, mas meu caminho cruza frequentemente com o de meu companheiro, de meu amigo... de meu irmão. A primeira vez que nos encontramos depois de nossa experiência romana, foi em Túnis... e contarei a conversa que então tivemos.

CAPÍTULO X: TÚNIS

Para aquele que a visita, Túnis pode dar tudo ou nada conceder. Grande coquete, seus encantos estão reservados para quem souber agradá-la e compreendê-la... Detestando a auto-suficiência do viajante superficial, ela só lhe mostrará seu rosto de européia moderna, de que muitas de suas companheiras do continente, no entanto, se sentiriam enciumadas. E o viajante irá, decepcionado, ao Café de Paris, cujo ambiente não será para ele diferente de qualquer terraço da capital francesa — o do Café de la Paix, por exemplo, ou, melhor ainda, o do Café de Flore...

Para aquele que, atento e prevenido, quiser conceder-lhe com alegria o melhor de seu tempo, ah! Túnis então está pronta para os últimos abandonos. Ela se orna com toda a sua beleza oriental: em sua alma, eis suas mesquitas onde vibram, sem cessar, o acento e a música do Santo Corão, em seus olhos, eis o reflexo de misteriosos palácios com suas histórias atormentadas e sua crónica, por vezes, escandalosa. Seus enfeites? Veja! A casbá surpreendente, simpática, limpa, tendo por vizinhos os fervilhantes bazares, que, de longe, desprezam esses bizarros edifícios que apaixonam a Europa e que parecem ter podido tão bem se adaptar aqui, unicamente porque a hospitalidade tunisina é proverbial. Este é o tecido, vivo de cores, que molda o admirável corpo de Túnis, e a estas cores que mudam com o tempo um amigo jurou fidelidade: o Sol. Ele faz aparecerem mil detalhes novos e, com uma tórrida insolência, abraça a cidade com suas carícias indiscretas. Talvez você veja Túnis ornamentada com outros enfeites. Você a encontrará sempre elegante e amará seu povo afável, aberto, ao mesmo tempo triste e cheio de alegria...

Em outras circunstâncias, confessei apreciar o conforto dos hotéis Hilton — com exceção do de Londres, cujo serviço e atendimento deixam muito a desejar; sem dúvida porque é mantido por estrangeiros em quem nenhum inglês poderia se reconhecer. Em todo caso, o Sr. Hilton, sempre tão vigilante quando se trata de sua reputação hoteleira, deveria observar sua província londrina... Ela ameaça embaçar sua coroa e ele não o merece.

O Túnis Hilton, ao contrário, como a maioria dos hotéis do mesmo nome, é um encantamento de calma, de discrição, de sorriso, de cortesia e de conforto. Depois de uma exploração da cidade, aprecia-se seu encanto e seu repouso. Meu companheiro de Roma e de Grottaferrata aqui está... por acaso. Eu também, pelo menos quase por acaso. E é à noite, no banco isolado dos jardins do hotel, depois da emoção do reencontro, que nós *revivemos* e *analisamos* nossa aventura. Sou eu que formulo a pergunta em que nós dois pensamos desde que nos revimos:

— Aquele é o lugar que o senhor esperava?

— Sim, e mais ainda! Esperava a explicação de uma tradição familiar. Muito mais me foi dado, assim como a você, aliás. Que extraordinária *cerimônia,* não acha?... E como tudo isso é fora do comum... insólito!...

Sorrio:

— Insólito! Talvez! Passei por outras experiências de que lhe falarei qualquer dia destes... Também eram *insólitas,* ainda que de uma natureza, na aparência, diferente. Contudo, pela primeira vez, tiye um companheiro e, pela primeira vez, pude ultrapassar minha própria subjetividade e comparar meus dados com os de um outro. Para mim, é uma vantagem e, certamente, um privilégio. Mas, na ocorrência, eu desempenhava um segundo papel. O primeiro papel era seu.

— Não é verdade! Estávamos ambos em condições rigorosamente idênticas. O que recebi, você partilhou e sua parte era igual à minha.

— No entanto, por uma sagração familiar — a que o senhor recebeu aos onze anos — o senhor era *em essência,* por assim dizer, *Templário.*

— Em essência! A fórmula é bonita! No fundo, somos todos templários em essência... Mas o valor está no ato de transmitir e de receber. Ora, esse ato foi cumprido ao mesmo tempo para nós dois.

— Ê verdade! Um outro ponto me preocupa. Em Roma, perto da fonte, o senhor esperava por alguém?

— Esperava por alguém naquela noite, mas ignorava onde o encontraria. A hora era avançada, encontrava-me perto da fonte e você veio. Estaria eu lá por acaso? Certamente, não mais que você próprio. Lembra-se de nossa conversa? Logo chegamos ao essencial. Eu, porque estava à espera, e você porque esse tipo de questão é, em suma, sua constante preocupação. E você vê que tudo estava bem assim. Aquele que você me disse, na volta, considerar um Cardeal Branco, recebeu-nos, aos dois, sem a menor observação. Se você não fosse esperado, acredita que as coisas se teriam passado assim?

— O senhor tem razão. Também penso assim, mas gosto de ouvi-lo confirmar. O senhor já tinha sido recebido naquela gruta, na *crypta ferrata?*

— Você bem sabe que não. Como você, eu conhecia Grottaferrata, mas ignorava até mesmo a existência de uma tal cripta. Aliás, não poderíamos lá voltar sem nosso guia, e estou convencido de que ele se recusaria a nos reconhecer, se chegássemos a encontrá-lo. Um dia, farei esta experiência em Grottaferrata. Perguntarei a alguém, e se possível a um monge, a respeito da gruta. Mas já posso ver seu espanto, real ou simulado... Que importa! A cripta, nós a conhecemos e o que,

para nós, é ainda muito mais importante: nós lá encontramos a tradição e... mais ainda!

— De qualquer forma, me esforçarei, em cada viagem minha a Roma, por ir a Grottaferrata e lá orar. A igreja está mergulhada na atmosfera de uma alta esfera secreta, não o esqueçamos!

— Também irei a Grottaferrata; principalmente com esse objetivo... Você refletiu sobre o que nos foi dito sobre a tradição, a Atlântida, o Egito e as *altas esferas?*

— Refleti, e retomei algumas leituras. As chaves dadas pelo Cardeal Branco esclareceram-nas com uma luz inteiramente diferente. Eu conhecia o esoterismo islâmico, mas, até então, jamais supusera uma tal interpenetração entre o cristianismo e o islame. E não imaginara que poderiam ser tão estreitamente ligados a uma mesma fonte, se bem que a unidade seja minha convicção profunda em todas as coisas e sob todos os aspectos. Abraão está, certamente, na origem das três grandes correntes que são o judaísmo, o cristianismo e o islame.

— Abraão *abençoado* por *Melquisedequel*

— Sim, e é o que se esquece com demasiada frequência; pois não se duvidaria mais, então, que a forma religiosa exterior que se destina à massa e que a mantém, pela veneração, pelo respeito, o medo e mesmo a superstição, em uma certa direção moral, essa lorma exterior é um escudo, uma aparência que protege o segredo do esoterismo. Em suma, através de Abraão, é *Melquisedeque que dá força e vigor ao esoterismo e à tradição,* enquanto que Abraão, *o abençoado por Melquisedeque,* permanece o pai de três religiões públicas fundamentais.

— Em minha opinião, esta é a maneira correta de analisar os fatos. O Gral e a Ordem do Templo encontram assim sua dimensão exata.

— De fato! O Gral é a sabedoria eterna sob a proteção de Melquisedeque. E a Ordem do Templo, principalmente, é a cavalaria de iniciados cuja missão é a de reunir os diversos aspectos do esoterismo tradicional e, notadamente, sua fase cristã e sua fase islâmica para *a vinda do reino do Gral.*

— Você exprime isso em linguagem simbólica e admito que é o melhor no caso. Quanto a mim, direi que essa cavalaria terrestre, dentro do microcosmo, *corresponde* à cavalaria celeste do macrocosmo; e que são estas duas cavalarias que se devem reunir para que o objetivo seja alcançado...

— Prefiro encarar á tomada de consciência pela cavalaria terrestre de seu estado de cavalaria celeste, mas seu ponto de vista exprime a mesma condição de uma outra forma... Em todo caso, essa conjunção ou tomada de consciência, como quiser, é a aquisição do Gral, a participação na Ordem de Melquisedeque. Nesse nível, tudo está consumado, e os múltiplos caminhos do conhecimento, mesmo os mais opostos em aparência, reúnem-se. Todos conduzem a Melquisedeque e ao mesmo Gral. Em última análise, o homem traz em si todos os caminhos; aquele que ele escolhe é deixado à sua própria escolha e ele pode tomar o mais curto ou o mais longo, o mais sinuoso ou o mais direto. De qualquer forma, ele chegará ao objetivo, isto é, ao fim de si mesmo, à sua tomada de consciência total, ao Gral. Ele já é da Ordem de Melquisede que, mas tem que se tornar membro da Ordem *conscientemente.* Suas viagens na vida não têm outro objetivo senão o de levá-lo a este estágio final. Você meditou sobre as *altas esferas* secretas e sobre o simbolismo dos números, como o Cardeal Branco nos aconselhou?

— Eu o fiz diariamente. Tentei uma analogia entre essas *altas esferas* secretas e os centros de força no homem, que se chamam *chakras.* Mas só existem

sete *chakras* e desisti de continuar neste caminho — sete *chakras,* onze *altas esferas...*

— O senhor errou em não aprofundar este ponto, pois estava no caminho certo. Lembrou-se apenas das onze *altas esferas* secretas, mas esqueceu que nos foi dito que, no Egito, as onze passaram a ser doze. A décima-segunda *alta esfera* era o centro supremo.

— Muito bem! De sete a doze, a diferença é ainda maior.

— Certamente! No entanto, refleti longamente sobre essa questão em seguida às visitas que fiz a algumas mansões secretas... e minhas conclusões estão agora bem estabelecidas. Como sabe, a escala é formada de doze tons: sete notas e cinco sustenidos ou bemóis. É essa escala que permite variar os temas musicais ao infinito, assim como, a partir das doze *altas esferas* secretas, o conhecimento pode tomar uma infinidade de formas, constituindo para o homem o fio condutor para os doze caminhos fundamentais. A analogia da escala musical é, pois, para nosso propósito, a mais apropriada. Disso resulta que existem sete *altas esferas* secretas fundamentais e cinco intermediárias. Sete estão em atividade constante (eu ia dizer *de uso corrente),* enquanto cinco, mesmo sem deixar de ser *ativas,* mas transmitindo um influxo particular, são empregadas em circunstâncias excepcionais, por um motivo particularmente importante. E eu não ficaria surpreso que fosse um desses cinco lugares secretos que serviu para a *incepção da Ordem do Templo.* Sobram, portanto, sete *altas esferas* secretas, que correspondem aos *chakras,* e é evidente que o *chakra* coronal, situado pela tradição no alto da cabeça, é, neste caso, o mais alto lugar secreto, isto é, o centro ou colégio supremo. Seria necessário um estudo exaustivo para tirar conclusões eficazes desses dados. Esse estudo, eu o fiz, mas cabe a cada um agir da mesma forma e encontrar; pois, se for bem encaminhada, a

busca é reveladora e precisa quanto à localização das *altas esferas* e à função de cada um.

— Não deixarei de empreender essa pesquisa! Lamento tê-la interrompido. Os dados que você me transmite, na verdade, faziam-me falta.

— Tudo vem a seu tempo. A propósito do simbolismo dos números, quais foram suas conclusões?

— Ainda estou nas preliminares do meu trabalho. O número sete não levantou nenhum problema. Seu simbolismo é universal e conhecido da maioria das pessoas. Nada mais que isso pode ser dito. Mas onze e cento e oito, reconheço que são para mim um enigma...

— Não creio que tenha sido dito tudo a respeito do número sete, em relação com a constituição oculta do homem e a *correspondência* de seus *órgãos* psíquicos. A verdade nesse campo é pouco conhecida e as deduções de alguns foram por demais apressadas. É necessário a maior prudência neste género de estudos. Conheço alguém cujas disposições para o esoterismo eram consideráveis e cuja sinceridade era imensa. Sua formação académica era média, o que é uma vantagem única neste caminho, pois a mente age menos como um *anteparo.* Seus progressos, assim, eram rápidos e fáceis. Um dia, ele teve o impulso de entregar-se a um estudo especial para o qual era imperativo o uso de manuais académicos oficiais. Esse único fato transformou-o inteiramente. Seus manuais ou a caução de alguns grandes nomes da ciência e da pesquisa tornaram-se para ele uma referência absoluta. Tudo aquilo que não entrava nessa golilha que ele se impusera era fantasia e, às vezes, mais. Fazendo isso, limitava suas possibilidades que, não obstante, eram grandes. Em detrimento da intuição e do que ela abre em novas perspectivas, ele se tornara prisioneiro de seus livros... Esse é o erro que não deve

ser cometido. É preciso ler e conhecer o pensamento exterior para fazer dele uma base. Cumpre não se tornar escravo de suas leituras. O fanatismo é perigoso, mesmo se for académico, embora este último seja menos difícil de suportar que o fanatismo religioso ou o fanatismo esotérico. Conheço outra pessoa que leva tudo aos arquivos acásicos! Ainda que lhe dêem explicações, ainda que lhe queiram mostrar para levá-lo mais longe e mais alto, sua reação mental é a mesma: *Arquivos acásicos.* Esta pessoa também colocou uma golilha íobre os próprios rins e ninguém pode ajudá-la. Não se pode fazer nada, a não ser para si mesmo. Enfim, o caminho é feito de etapas e de paradas, e o progresso de cada um merece ser exaltado, mesmo que o fanatismo e a auto-suficiência ainda não tenham sido vencidos. Pois o serão, mais cedo ou tarde...

Desejo fazer uma pausa por alguns instantes, para uma breve meditação, mas meu interlocutor parece impaciente e prossigo:

— O número onze! A pesquisa secreta considera-o o número nupcial de que falou Platão, que lhe ensinará muito sobre esse assunto, se você tiver tempo de ler atentamente o que ele diz. Mas também esse número designa um encontro que se faz na décima-primeira conjunção no *zodíaco das constelações.* Sabe-se que os dois grandes eixos da órbita terrestre precisam de 129.600 anos para reencontrar-se no ponto zero do zodíaco das constelações. Pois bem! Como acabo de dizer, esse encontro se faz na décima-primeira conjunção! Esse encontro, esse casamento de dois eixos da órbita, explica o caráter nupcial concedido ao número onze. Para aquilo que nos interessa, o número onze tem um alcance de casamento alquímico e você não ignora o valor dado a esta noção pelos Templários. O número onze implica, portanto, a união do iniciado com o conhecimento, da cavalaria humana com a cavalaria celeste, do Ocidente com o Oriente, do cristianismo com o islame, de

todas as *ordens* com a Ordem de Melquisedeque, do adepto com o Gral etc. E esta união foi-nos lembrada em toda parte: a hora do encontro, os degraus da *crypta ferrata,* as *altas esferas* secretas, as palavras do Cardeal Branco, e tantas outras representações simbólicas... Quanto ao número doze, o senhor sabe que é o número cósmico. Contém os quatro elementos sob os três aspectos da manifestação. É *a natureza natural,* o número perfeito de um universo de três dimensões e de quatro elementos... O número 108 também tem um valor único na tradição. É o número *fatídico* como o demonstram longos cálculos esotéricos. É quatro vezes o número 27 encontrado no tetragrama de Platão. É principalmente *a periferia* de um triângulo baseado no número 37 e cujo total dos lados é 111, número crístico. Simboliza o auge que um homem pode alcançar no caminho, durante sua encarnação, e é, assim, o número do cumprimento. É uma das razões pelas quais o ciclo de 108 anos havia sido adotado para os períodos de existência ativa e inativa da Ordem Rosacruz. Em 108 anos, a obra estava *cumprida* e a partida podia ser dada para um novo cume, após 108 anos de preparação silenciosa. O Cardeal branco salientou que no inicio da Eru de Aquário, em 1962, a Ordem do Templo desaparecera do mundo exterior havia seis vezes 108 anos. Portanto, ele mencionou claramente o número *fatídico* e marcou o início de um novo ciclo. Em sua pesquisa, reporte-se igualmente ao ensinamento trazido pelo taro. Veja o número doze designar *o enforcado,* onze marcar *a força* e sete *a ursa maior.* Reduza onze a dois (11 = 1 + 1) e escute a mensagem da *papisa.* O senhor pode até reunir 108 em 9 (1 + 0 + 8) e analisar a nona chapa do taro, a do *eremita.* Em minha opinião, é Oswald Wirth em seu *Tarot des Imagiers du Moyen Age*[3] que lhe dará as chaves mais eficazes...

[3] Taro dos Santeiros da Idade Média.

— Que maravilhoso conhecimento está à nossa disposição e como tudo é harmonia, ordem e método! Não creia que não me inclinei para esses grandes problemas. Nunca deixei de fazê-lo e você o sabe, desde o nosso encontro. No entanto, minha pesquisa era desordenada ao mesmo tempo em que queria ser exclusiva e centrada unicamente na Ordem do Templo. Aprendi muito, e dou-me conta de que nada sei...

— O senhor não tem o direito de concluir que perdeu seu tempo. Se fosse esse o caso, o senhor não teria participado, como o fez na *crypta ferrata.* Seus olhos revirados no ponto culminante da... *Oração...*

— Os seus também ficaram um momento antes! Teríamos sonhado ou será que fomos tomados por uma sugestão comum?

— Supô-lo, por um só instante, seria um insulto ao Cardeal Branco. Nós tivemos a verdadeira visão e ela implica o silêncio dos olhos. O que observei a seu respeito naquele momento, e o que o senhor notou em mim, prova, ao contrário, que tivemos a mesma experiência mística.

— Não pode ser de outra forma, realmente, e meu coração jamais duvidou, mesmo que minha mente rebelde tenha, algumas vezes, levantado suas insidiosas reservas. Somos privilegiados! Mas que responsabilidade ficou sendo a nossa!

— É a responsabilidade de qualquer homem, mais cedo ou mais tarde... de uma forma ou de outra. Onde quer que esteja, e seja o que for que faça, o homem é responsável por sua tomada de consciência interior. Ele o é diante de si mesmo e diante dos outros. Digamos que nossa responsabilidade presente é um pouco mais específica!

Numa conversa tão intensa quanto a nossa, neste momento, o tempo se recolhe sobre si mesmo e não nos incomoda. Este género de troca de ideias sobre as maiores questões que se colocam ao homem é sempre uma espécie de introspecção. Acredita-se falar ao outro, mas é a si próprio que se responde.. . Disso resulta um desafio à intuição, e esta, ameaçada, dá a informação essencial. Uma pergunta de meu companheiro, no entanto, surpreende-me:

— Entre as *altas esferas* secretas, como você situa a *crypta ferrata?*

— O senhor quer dizer em sua importância. Eu não havia pensado nisso. Contudo, não penso enganar-me considerando-a a *alta esfera* mais próxima do mundo exterior. Isso por várias razões. Primeiro, porque *a chama* é alimentada, inconscientemente talvez, por um culto *aberto,* o qual é preciso observar, entretanto, que é ortodoxo e, por conseguinte, mais místico. Em seguida, foi lá que fomos *recebidos* e que uma instrução esotérica nos foi dispensada. Ora, as *altas esferas* são, certamente, cada vez mais secretas. A *crypta ferrata* é, pois, em minha opinião, o primeiro portal; o que nada subtrai de sua importância. As ordens vêm sempre do próprio centro mesmo se for no limite do último círculo exterior que devem ser *transmitidas.* Além disso, o senhor notou o extraordinário influxo vibratório ao qual fomos submetidos. Em uma *alta esfera* interior, esse influxo teria sido humanamente insuportável. Estas são as razões por que acredito que a *crypta ferrata* é o mais exterior destes centros sagrados. Eu a veria mesmo como o *chakra* do coração, pois é nesse nível que uma *transmissão* geralmente acontece... É possível que a *crypta ferrata* tenha sido outrora uma *alta esfera* mais secreta. Todas as razões que dei para situá-la *no exterior* seriam igualmente válidas para provar seu caráter altamente sagrado no passado, particularmente a presença dos monges em torno. Neste caso,

um influxo de incalculável alcance teria sido outrora *transformado* para ser *assimilável* em nosso tempo e no que se desenrolou com nossa participação...

— Você considera Chartres uma *alta esfera?*

— Certamente! Mas uma *alta esfera entre os homens* e não uma *alta esfera* secreta, comparável àqueles de que falamos. Por Chartres, o senhor entende certamente a cripta, e é sobre ela que lhe respondo. Vejo entre a cripta de Chartres e a *crypta ferrata* um vínculo indissolúvel, no sentido de que a cripta de Chartres é vibratoriamente *carregada* pela *crypta ferrata.* Ela é a *correspondência* desta última no mundo exterior. É o *lugar* onde é executada a vontade expressa no influxo secreto da *crypta ferrata.* É o lugar da encarnação.

— Sinto intensamente que essa é a verdade. E sobre aquele a quem você chama de o Cardeal Branco, você tem uma opinião?

— Meu Deus, isso eu não me permitiria! Ele é daqueles seres que nenhum julgamento, mesmo favorável, deve tocar. Ele foi o porta-voz e o transmissor. Ele é Aquele que devia vir. N'Ele, incorporaram-se o conhecimento e a tradição. Seu rosto é para mim o do Enviado. Daquele que é também uma parte de nós mesmos. Não tenho opinião sobre ele, mas simplesmente do abandono e confiança absoluta em uma comunhão total, da qual retiro amor e paz.

— Estamos em Túnis! Por que não nos entregaríamos a algumas pesquisas? Ademais, aqui, tanto quanto em outra parte, o cristianismo juntou-se ao islame... O corpo de São Luís repousa em Túnis desde a oitava Cruzada, em 1270. Dizem que Christian Rosenkreutz esteve aqui. Que pensa disso?

— Aceito a ideia com alegria, mas que poderíamos encontrar sem um fio condutor?

— Quem sabe! Veremos. Não basta procurar? É muito tarde quando nos separamos, mas eis-nos ávidos de uma nova experiência. É preciso que sejamos dirigidos se verdadeiramente devemos aprender alguma coisa. Sentados no banco, antes de nos separarmos, fechamos os olhos e *pedimos* juntos. Receberemos uma resposta? O amanhã o dirá. Temos encontro marcado para as onze horas no vestíbulo do hotel...

CAPÍTULO XI: ...E A PORTA NOS FOI ABERTA!

Ao preparar-me pela manhã, meu pensamento volta incessantemente para uma mesquita. Não uma mesquita em particular, de Túnis ou qualquer outro lugar; mas simplesmente uma mesquita, da mesma forma que poderia ter pensado em uma igreja. Sem dúvida alguma, se procuramos alguma coisa ou alguém com relação à espiritualidade do islame, é uma mesquita que mais se presta a esse propósito. Não há, portanto, nada de surpreendente no fato de que uma mesquita me fascine, e tampouco fico espantado, ao ser recebido, no *hall* do hotel, com estas palavras:

— Devemos ir à mesquita... Ao que respondo sorrindo:

— É exatamente o que penso. Mas qual? A mesquita principal não poderia ser o lugar de uma pesquisa como a nossa. Se nos dirigíssemos à casbá?

— Podemos ver por esse lado. Afinal, não procuramos nada de preciso... Embora eu sempre me indague se todos os nossos caminhos não estão preparados...

— E estão. Mas em geral só o percebemos depois que os fatos acontecem!

O motorista do táxi que nos leva à entrada da casbá é loquaz. De repente, vem-me uma ideia e progressivamente encaminho a conversa para o Corão, marcando claramente o interesse que tenho por essa obra sagrada e pela sua concepção do Deus único. O motorista parece apreciar meus comentários e meu companheiro, que compreendeu minha intenção, apoia com entusiasmo minhas observações. Torno-me mais preciso:

— Não existe em Túnis algum sábio muçulmano?

— Todos os muçulmanos são sábios — responde o motorista, rindo.

— Não duvido; mas não é isto que quero dizer. Haverá em Túnis, agora, um ou vários muçulmanos que os outros considerem como santos?

— Um marabu? Existe um, mas ele é e não é muçulmano. Vive como um santo. No entanto, dizem que não segue o Corão como é preciso. Falaram-me também de dois ou três outros, mas...

Apresso-me a interrompê-lo:

— Esse marabu muçulmano e não muçulmano, você sabe onde ele mora?

— Na casbá, justamente! Pertinho da pequena mesquita...

— Como se chama ele?

— Oh! Diga apenas o *marabu.* Ele é conhecido!

Meu companheiro bate-me três vezes na mão para testemunhar uma satisfação de que participo. Assim, basta perguntar, mesmo — e talvez principalmente — a um motorista de táxi, para ter uma resposta. Será a resposta? Veremos. Não esperamos nada de particular. Procuramos, e já é muito.

Perdemo-nos várias vezes na casbá, e várias vezes reencontramos o caminho graças à cortesia de um tunisino que, cada vez, que nos perdíamos, andava um pouco conosco. Ah! Eis uma pequena mesquita. É tempo de nos informarmos de forma precisa. Dois jovens discutem à entrada de uma minúscula ruela:

— Com licença! Vocês sabem onde mora o marabu?

Eles se olham, olham-nos, e tornam a se olhar. Não compreendo essa hesitação. Finalmente, um deles responde, apontando uma casa fechada com uma porta de madeira de duas folhas:

— Ali!

Agradecemos e, seguidos por seus olhares surpresos, vamos bater à porta. Que pretexto invocaremos? Pouco importa! Batemos de novo com mais força. Teremos resposta? De súbito, tivemos quase um sobressalto, sem estar, nem um pouco, surpresos: alguém está diante de nós... e a porta nos foi aberta.

O homem é idoso, curvado e magro na sua *djellabah* branca. Olha-nos sem uma palavra. Será que compreende o francês? O melhor é interrogá-lo:

— Desculpe-nos, senhor, é possível encontrar... o marabu? Meu companheiro e eu ficamos mudos de surpresa diante da perfeição do seu francês. A explicação nos foi dada por ele mesmo:

— Chamam-me marabu, o que não quer dizer que me considere como tal. Enfim, entrem! Os senhores são franceses, não são? Raramente recebo a visita de compatriotas!

...De compatriotas! Então, ele, também, é francês. Ele só poderia ser considerado um marabu, no sentido próprio do termo, se fosse muçulmano. Lembro-me que o motorista do táxi afirmou: "*Ele é e não é muçulmano.*" Só o... marabu pode esclarecer-nos este ponto...

Na peça onde nos encontramos, poucos móveis, magníficos tapetes admiravelmente conservados e várias almofadas árabes que são os únicos assentos oferecidos aos visitantes. Isso mostra que nosso anfitrião adotou, de modo evidente, a maneira de viver tradicional deste país. Com um gesto, convida-nos a sentar, junta

as mãos e espera. Meu companheiro começa a dar-lhe, sem trair seja o que for, as razões de nossa presença aqui:

— Interessamo-nos — diz ele — por todas as formas do pensamento religioso e, estando em Túnis, pensamos em aprofundar o islame, em *vê-lo* de mais perto. Procurávamos, na realidade, um sábio muçulmano... Por que, afinal, não ser mais sincero? Somos atraídos pelo esoterismo e indicaram-nos um *marabu* que é e não é muçulmano. Ora, é o senhor! Estamos sendo indiscretos?

A resposta é imediata:

— Absolutamente, eu sou muçulmano! Não o sou de nascimento, é claro. Converti-me ao islame, e sou, com todo o meu ser e todas as minhas forças, muçulmano! Quanto ao esoterismo, sempre me interessei por ele e foi, entre outras, a leitura de René Guénon que me trouxe aqui, há muito tempo. O próprio René Guénon converteu-se ao islamismo e morreu muçulmano. Não estou em tão má companhia com ele, a quem a marcha espiritual levou a uma escolha final idêntica à minha. Não quero dizer que se deva necessariamente converter-se ao islame, mas apenas que, para mim, como para René Guénon e tantos outros, era a melhor saída. De minha parte, cumpri minha realização mística como muçulmano. Não lhes ensino nada, lembrando-lhes que o muçulmano é *consagrado* a *Deus.* Vocês próprios não o são?

Cabe a mim responder-lhe:

— Esforçamo-nos por ser. Desculpe-me por insistir: O senhor É sufi ou muçulmano?

— Que diferença o senhor vê entre os dois? Sou sufi e muçulmano, ou mais exatamente, apesar do pleonasmo, sufi-muçulmano. Vocês são atraídos pelo esoterismo. Deixam, por isso, de ser cristãos? O esoterismo não tem cor religiosa. O

sufi que eu sou quer ser um bom muçulmano. Os *gestos* do corpo ajudam a expressão da alma, e a alma, sempre semelhante a si própria, dá ao corpo sua razão de ser. Se quiserem, pertenço ao corpo do islame e sou um *fiel,* um muçulmano, ao mesmo tempo que levo, para mim mesmo, o amor de Deus tão longe quanto possível na mística sufi. Meu ser é uma unidade, como o de vocês. Onde pode, então, haver separação? Declaram-me *marabu* porque, para o povo, levo uma existência que julgam esotérica, e porque tenho alguns fiéis com quem aprofundamos o estudo do livro, e uma tradição particular de que um dia recebi, com outros, a guarda. Pedem-me minhas orações e minha ajuda, jamais o recuso, e Alá me assiste. O que pude fazer para os outros, todos podem fazer. Todo mundo poderia ser marabu; Basta querer... Antigamente, o marabu era um monge guerreiro que vivia em um convento fortificado para a guerra santa...

Interrompo-o, mesmo sem querer:

— Monge-guerreiro! Um templário muçulmano, em suma?

— Exatamente como disse: Um templário, e o marabu de nossos tempos é ainda *um templário...*

— O senhor pode ser mais explícito? — pergunta meu companheiro.

— Ser templário era aceitar um estado determinado: o de monge e de soldado. Ser marabu, na mesma época, era aceitar um estado igualmente determinado: o de monge e de soldado. Uma vez mais, onde está a diferença? O templário, por definição, consagra-se ao templo. *Marabus* foram recebidos na Ordem do Templo, e templários tornaram-se, no sentido amplo do termo, *sufis.* Nada é mais próximo que o cristianismo do islame; no essencial, bem entendido.

Olho meu companheiro e compreendemo-nos. Nosso anfitrião, que parece ter captado o porquê deste olhar, prossegue:

— Interessando-se pelo esoterismo, para usar suas próprias palavras, vocês não podem ter deixado de lado a história da Ordem do Templo. Vocês mesmos, aliás, mencionaram os templários. Vocês não ignoram, portanto, os laços especiais que se estabeleceram, acima da luta, entre os adversários. Os verdadeiros sufis de hoje perpetuam esses laços. Eles têm uma herança secreta que é idêntica à que receberam algumas organizações válidas da Europa e de outros lugares. Uns e outros são unidos por esta herança comum. A nossa foi modelada no pensamento do islame, tomou sua forma e terminologia, mas difere das outras: a tradição é a mesma, em todo lugar a mesma... Só a técnica varia com o tempo e o lugar...

— Que sabe o senhor sobre o Gral?

Ele reflete por alguns segundos antes de me responder:

— Vejo o sentido de sua pergunta, e é como sufi que quero dar-lhe o meu ponto de vista, ou como esoterista, se o preferir, e este ponto de vista será breve: O Gral é a herança que mencionei. Ele é, *em essência,* a origem e a tradição. É sua inspiração e a nossa. O Gral, em última análise, é a consciência divina onde se encontram todo o poder e toda a sabedoria... Mas uma palavra é uma palavra, e só tem o valor que lhe é dado. O Gral, para mim, tem um outro nome que encerra exatamente o simbolismo do termo que vocês empregam; da mesma forma que God, em inglês, designa o Deus do francês.

Meu companheiro pensa em voz alta:

— Em definitivo, nós não viemos buscar aqui senão uma confirmação do que já sabíamos...

— E não precisávamos disso?...

Minha resposta quer afirmar, apesar de tudo, uma satisfação. No entanto, ela deve conter um vestígio de decepção, pois o marabu logo intervém:

— Sem dúvida vocês também esperavam uma mensagem. Posso transmitir-lhes uma das mais importantes de nossos tempos...

Interrogamos-lhe ansiosamente com um olhar que significa: Qual?

— Vocês têm as suas confrarias. Nós temos as nossas, e elas cobrem todo o Islame, do qual são a vida interior, o corpo espiritual, se esta palavra tem mais significado para vocês. Numa medida cada vez maior, suas confrarias assumem essa função conscientemente. Aproxima-se a hora em que a conjunção que a Ordem do Templo e nossas ordens da época se propunham realizar para o mundo, deve cumprir-se! Antigamente, teria sido necessário destruir para reconstruir, ou, então, dar prova de uma paciência secular e progredir com extrema lentidão. O temperamento da época e outras circunstâncias não o permitiram. A tradição retirou-se para suas posições milenares, deixando ao mundo as vantagens da esperança de um progresso material que é somente um dos aspectos do conhecimento. Não foi mais que a grande repetição.

Faz uma pausa e continua:

— Aproxima-se o tempo da realização e essa realização será um reerguimento. Não se tem mais que destruir para reconstruir. Os *velhos odres* tombam em ruína ou em decadência, mas os *novos* estão prontos. Tudo o que é exterior nas crenças estiola-se, pouco a pouco, e cada vez mais depressa, entre vocês como entre nós. Depois de alguns sobressaltos, virá o desaparecimento, que é, como sabem, apenas uma transformação. A tradição está em movimento e é, inconscientemente, aguardada. Tudo está pronto, tanto entre vocês quanto entre

nós. A junção das diversas formas tradicionais está realizada no centro que mantém força e vida nas confrarias autênticas e preparadas. O mundo pode permanecer na alegria e na tranquilidade da esperança: a luz, a verdadeira luz da tradição, o iluminará dentro em breve, para uma nova etapa!

— O senhor quer dizer que a conjunção está estabelecida entre o Ocidente e o Oriente árabe?

— Ela nunca deixou de estar, em silêncio, mas agora está mais viva e mais aberta.

— E as outras expressões da tradição, as que subsistiam nas Índias, na África e em outros lugares?

— Algumas se agruparam. Posso ser mais preciso: a conjunção é universal!

— Isso tem influência sobre as ... *altas esferas,* ou será que essas *altas esferas* têm influência sobre essa situação?

— Tudo emana daquilo que vocês chamam de *altas esferas,* e de *centros* ainda mais interiores. A conjunção foi realizada primeiro neste nível.

— Que quer dizer com isso? Acredita que cada *alta esfera* compreende adeptos de todas as formas tradicionais exteriores?

— Certamente que não, e pela única razão de que, nesse estágio, não há mais forma. Há estado.

— É verdade! Já que só há *estado,* pode-se concluir que as *altas esferas* secretas de uma forma tradicional são as mesmas que as *altas esferas* secretas de todas as outras formas?

— Para todas as manifestações e formas da tradição, os *centros,* as *altas esferas* secretas, são, efetivamente, os mesmos.

Não hesito em fazer a pergunta que, desde há pouco, me preocupa:

— Vejamos! Sei que tudo é unidade. Contudo, tomemos, por exemplo, as *altas esferas* secretas de Rosacruzes, de realizados. Que seriam elas em relação aos outros lugares?

— Tudo é efusão. O que é mais exterior não passa do interior um pouco mais manifestado. Também aí não existe separação. Existe vínculo e correspondência. As *altas esferas* que o senhor menciona têm sua correspondência ou réplica em uma escala mais baixa, e assim por diante, vindo a efusão do centro supremo a todos os estágios, até ao nosso.

— Poder-se-ia então concluir que a nova era é uma tomada de consciência coletiva em um estágio mais elevado onde novas *altas esferas* assumem o encargo da Humanidade. Que acontece então com as antigas?

— Integram-se, fundem-se com as novas. Ou por outra, mesmo os antigos centros permanecem e vivem, mas sua energia é mais concentrada, mais possante que antes. De algum modo, são postos em harmonia... Mas também isso já está realizado!

— Sua mensagem tem, realmente, um alcance extraordinário... Mas o senhor, como marabu, como concebe seu estado dentro deste novo conjunto?

— Eu! Eu sou um *apaixonado de Deus.* Que mais posso esperar? Se Deus manda, obedeço... Ele é o único e a unidade. Sou Seu monge e Seu guerreiro. Ele preparou e ordenou tudo. Meu estado, amanhã, será o mesmo de hoje...: um apaixonado de Deus.

Essa admirável lição de confiança e de paz encerrou nossa conversa. Num momento, ele nos servirá o chá fraternal. Falaremos da Tunísia, da França, das

circunstâncias deste mundo ilusório, mas nosso pensamento estará em outra parte, numa realidade que, mais uma vez, teremos reconhecido no marabu...

Respeitamos, mutuamente, nosso silêncio, na volta ao Tunis Hilton. Nossa consciência viajava por outros lugares... Não tínhamos, também nós, realizado *nossa* conjunção?...

A *crypta ferrata* e o Cardeal Branco, Tunis e o marabu, lembra-se, *Monseigneur?*

Villeneuve-Satint-Georges

Domínio da Rosacruz

Domingo, 27 de outubro de 1968,

Festa do Cristo-Rei

O IMPÉRIO INVISÍVEL

"É uma tola presunção a de desdenhar e condenar como falso o que não nos parece verossímil. É um vício comum daqueles que pensam possuir algum talento além do comum. Era o que eu fazia outrora. Quando ouvia falar de espíritos que voltam ou de prognóstico das coisas futuras, de encantamentos, de bruxarias... sentia compaixão do pobre povo iludido por essas loucuras! E agora acho que eu mesmo era, no mínimo, igualmente digno de lástima. Não que a experiência me tenha feito ver, mais tarde, além das minhas primeiras crenças; e isso não se deveu à minha falta de curiosidade. Mas a razão ensinou-me que condenar tão resolutamente uma coisa por falsa e impossível é outorgar-se o privilégio de ter na cabeça os limites da vontade de Deus e do poder de nossa mãe Natureza; e que não há loucura mais nobre no mundo que a de reduzi-las à medida de nossa capacidade e de nosso talento..."

Montaigne, *Ensaios,* capítulo 27

"Tu não te satisfarias por muito tempo com um mundo do qual o mistério houvesse desertado... O conhecimento exila para o infinito tudo o que ele deve extinguir.

Talvez seja apenas o mistério que une. Sem o mistério, a vida seria irrespirável. Nós vemos — e isto é fundamental em todo o meu pensamento — que o mistério não é interpretado, como entre os agnósticos, como uma lacuna do conhecer, como um vácuo a preencher, mas ao contrário como uma plenitude..."

Gabriel Mareei, *O Iconoclasta*

"Minha felicidade é aumentar a dos outros. Preciso da felicidade de todos para ser feliz."

André Gide.

INTRODUÇÃO

A Atlântida fora de sua lenda, este teria sido, talvez, o título mais apropriado para esta obra. Ele teria, porém, situado unicamente num passado longínquo uma história que nunca deixou de ser atual, e à qual, num tempo que está muito próximo, as circunstâncias darão novamente todo o seu vigor, porque soou a hora...

Uma história que nunca deixou de ser atual! Esta constatação deve ser tomada em seu sentido mais absoluto e, para ser mais preciso, convém afirmar que se o continente chamado Atlântida desapareceu há milhares de anos, os atlantes nunca deixaram de perpetuar-se, e ainda existem nos dias de hoje. Por que e como, é o que me proponho explicar-lhes nestas páginas. Vocês verão, assim, um prestigioso império de outrora dar prosseguimento à sua missão no decorrer das eras, de uma maneira diferente, secreta, *oculta,* e, no entanto, real, vigilante e ativa... O império invisível da eterna Atlântida lhes aparecerá, nesta história, em sua sublime realidade, esperando o dia em que surgirá revestido do poder de antes, diante de uma Humanidade estupefata à beira do abismo.

A vocês é permitido duvidar e meu propósito não é convencer. Vocês se lembram que *As Mansões Secretas da Rosacruz* terminavam com o dobre fúnebre de um torturante *nunca mais,* completado, todavia, pela promessa que poderiam seguir-se outras narrações, em que o conhecimento já recebido em encontros excepcionais seria transmitido no momento ordenado, sob uma forma da qual só o ornamento exterior e as circunstâncias seriam, talvez, imaginá.ías. Esse império invisível, que iremos percorrer juntos, é, contudo, realidade, e vocês constatarão que

faz parte de sua existência diária tanto quanto os elementos vitais a que estão habituados. De fato, poder-se-ia dizer que a Humanidade vive ou revive a história da Atlântida e sempre foi assim, desde que o *continente* dos atlantes submergiu nas ondas do oceano...

É, pois, para uma verdadeira descoberta que os convido. De alguns fatos, com toda a certeza, muitos de vocês terão ouvido falar, como foi o meu caso.. . Antes de saber, e, sem dúvida, no Informulado de sua inconsciência, terão percebido, às vezes, alguma centelha de verdade que podia reunir o que está disperso em uma resplandecente unidade! Nosso procedimento comum será diferente, pois iremos de uma vez ao coração do império e, a partir desse ponto focal, a unificação realizada favorecerá uma compreensão total e definitiva. Algumas das revelações que me cabe transmitir parecerão fantásticas a muitas pessoas. Elas o foram para mim, embora nem por um instante eu as tenha julgado fantasistas. Eu não o podia, pois tinha fé naquele que me ensinava. Ademais, nada neste mundo é comum. O universo continua sendo um milagre de todos os instantes, mesmo que o homem, em sua orgulhosa exigência, cometa incessantemente a impertinência de esquecer as maravilhas que o cercam — e das quais é uma parte —, para per-der-se no pântano de seu egoísmo e dos problemas que cria para si próprio.

No espetáculo do mundo, os cenários sempre estiveram preparados. O papel que devemos, individualmente, cumprir tomará uma dimensão mais clara se prestarmos atenção ao palco sobre o qual nos expressamos. E hoje faremos mais ainda. Iremos, com efeito, ver o palco em sua totalidade, como se a peça acabasse, a cortina pronta a cair para sempre, e os acessórios novos de que necessitaram os atos, à medida que se desenrolava o drama, aparecerão, assim, unicamente em sua relação com a permanência do cenário básico...

Neste mundo que nos recebeu para uma etapa de nossa *volta,* a Atlântida é ao mesmo tempo o começo e o fim. Disto, esta narração talvez os convença. Se não o conseguir, vocês tirarão dela pelo menos uma visão diferente e, digamos, *possível,* da história da Humanidade, tão discutível quanto vocês a considerem. Tanto em um como no outrocaso, nenhum de nós terá perdido o seu tempo, embora eu insista, com o risco de me repetir, em minha crença inteira e em minha inabalável fé no que me foi revelado.

Meu objetivo não é conquistar sua adesão para uma hipótese nem bem nem mal constituída. Tal intenção seria pueril e sem relação com o assunto tratado. Uma vez mais nada faço além de transmitir aquilo de que fui o depositário do momento, enquanto aguardava que me fosse dado o sinal autorizando que o comunicasse a outros.

E, como esse sinal veio, eis a revelação, eis a mensagem atlante, eis o império invisível... que todavia, será precedida por uma parte documentária, necessária para que possamos melhor compreender, melhor comunicar.

CAPÍTULO I: O TESTEMUNHO DE PLATÃO

É a Platão que a Humanidade profana deve tudo o que conhece a respeito da Atlântida. Na verdade, muito mais lhe foi comunicado; mas ele foi autorizado a transmitir unicamente o que narram dois de seus diálogos: o *Timeu* e o *Crítias.* As citações que deles extrai a maioria dos autores para qualquer tese sobre a Atlântida deixam de lado importantes passagens, para só levar em consideração informações relativas ao continente perdido. Disso resulta erro e confusão nos comentários edificados sobre essa base incompleta. Todo o *Timeu* e todo o *Crítias* deveriam ser lidos, estudados, aprofundados, por todo aquele que seja atraído pela história da Atlântida. Eu diria mesmo que é essencial que todo Platão seja conhecido e meditado por quem quer que esteja envolvido na busca tradicional e mística. Platão é um *transmissor* no sentido mais sagrado do termo. Ele se dirige à multidão, mas também ao iniciado, àquele que sabe ler nas entrelinhas, àquele que, através dos séculos, pode pôr-se em uníssono com seu pensamento e sua sabedoria, para deles extrair uma expressão universal da verdade eterna. Em sua obra, ele semeou largamente o que lhe era permitido transmitir e, às vezes, até mais. Revela com discrição, com circunspecção, mas seus diálogos refletem seu profundo conhecimento e, para aquele que sabe prestar atenção, existe sempre em Platão, no volteio de uma frase ou de um sorriso, a palavra, a noção, a chave de um problema maior que mal é tocado, e algumas vezes simplesmente sugerido em algum ponto de sua obra.

É preciso ler e reler Platão, assim como é preciso ler e reler os autores antigos — Plotino, Plutarco, Pitágoras e tantos outros. Compreende-se então,

verdadeiramente, que nada é novo sob o Sol e que nossos tempos modernos não têm tanto que aprender como que redescobrir aquilo que o obscurantismo de dogmas moribundos, durante séculos, velou com sua feiúra ciumenta e medrosa. Melhor que procurar nas obras novas — que, frequentemente, não passam de plágio daquele passado longínquo — um pouco mais de luz, não será melhor voltar às fontes para nelas beber o puro néctar do conhecimento autêntico? Na verdade, não há melhor guia que essa sabedoria do passado. Ela encerra tudo, inclusive o presente, inclusive o homem em sua totalidade, e cada um nela se reconhece, com seus problemas, pequenos e grandes, aos quais é dada uma resposta válida, uma solução lógica.

Assim, porque o costume o exige, e, principalmente, porque o respeito e a veneração o recomendam, no que me diz respeito, é importante que os dois textos de Platão que se referem à Atlântida sejam aqui transcritos. As citações serão mais longas que o comum, mas acabo de expor as razões para assim proceder, e é a atenção mais intensa do meu leitor que peço para o ensinamento no qual cada palavra conta.

TIMEU

"Existe no Egito — diz Crítias —, no delta, em cuja ponta o Nilo se divide, um distrito chamado saítico, cuja cidade principal é Sais, pátria do Rei Amasis. Os habitantes honram, como fundadora de sua cidade, uma deusa cujo nome egípcio é Neite, e o nome grego, pelo que dizem, Atena. Eles gostam muito dos atenienses e pretendem ter com eles um certo parentesco. Tendo sua viagem se estendido até essa cidade, Sólon contou-me que foi recebido com grandes honras, depois que,

tendo um dia interrogado sobre as antiguidades os sacerdotes mais versados na matéria, descobrira que nem ele nem nenhum outro grego tinha, por assim dizer, qualquer conhecimento. Num outro dia, querendo levar os sacerdotes a falar da Antiguidade, pôs-se a contar-lhes o que se sabe entre nós de mais remoto. Falou-lhes de Foroneu que foi, dizem, o primeiro homem, e de Níobe. Depois, contou-lhes como Deucalião e Pirra sobreviveram ao dilúvio. Estabeleceu a genealogia de seus descendentes e tentou, distinguindo as gerações, contar quantos anos se tinham passado desde aqueles acontecimentos".

"Então, um dos sacerdotes que era muito velho, disse-lhe: 'Ah, Sólon, Sólon, vocês gregos são sempre crianças. Será que não existem velhos na Grécia?' A essas palavras, perguntou Sólon: 'Que quer dizer com isso?' 'Vocês são todos jovens de espírito — respondeu o sacerdote —, pois não têm no espírito nenhuma opinião antiga baseada em uma velha tradição e nenhuma ciência encanecida pelo tempo. E eis a razão. Houve com frequência, e frequentemente ainda haverá, destruições de homens causadas de diversas maneiras; as maiores pelo fogo e pela água, e outras menores, por mil outras coisas. Por exemplo, o que se conta também entre vocês a respeito de Faetonte, filho do Sol, que, tendo um dia atrelado o carro de seu pai e não o podendo manter no caminho paterno, queimou tudo o que estava sobre a terra e morreu fulminado por um raio, tem, é verdade, a aparência de uma fábula; mas a verdade recoberta é a de que os corpos que circulam no céu em volta da Terra desviam-se de seu curso e que uma grande conflagração, que se produz a intervalos, destrói o que está na superfície da Terra. Então, todos aqueles que moram nas montanhas e nos lugares elevados e áridos perecem mais depressa que os que moram à beira dos rios e do mar. Nós temos o Nilo, nosso salvador habitual que, nesses casos, também nos preserva dessas calamidades com seus

transbordamentos. Quando, ao contrário, os deuses submergem a Terra sob as águas para purificá-la, os habitantes das montanhas, vaqueiros e pastores, escapam à morte, mas aqueles que habitam em suas cidades são arrebatados pelos rios para o mar. Entre nós, nem nestes casos, nem nos outros, a água jamais cai das alturas para os campos. Acontece o contrário — elas sobem naturalmente, sempre vindas de baixo. Eis como e por que razões se diz que é entre nós que se conservaram as tradições mais antigas. Mas, na realidade, em todos os lugares onde o frio ou o calor excessivo a isso não se opõem, a raça humana subsiste sempre, mais ou menos numerosa. Assim, tudo o que se fez de belo, de grande ou de notável em qualquer campo, seja entre vocês, seja aqui, ou em qualquer outro país de que ouvimos falar, tudo isso se encontra aqui consignado, por escrito, em nossos templos desde tempos imemoriais, e assim se conservou. Entre vocês, ao contrário, e entre os outros povos, mal dominam a escrita e tudo o que é necessário para efetuar os registros, e novamente, depois do intervalo normal de tempo, torrentes de água do céu desabam sobre vocês como uma doença e não deixam sobreviver senão os iletrados e os ignorantes; de modo que vocês se encontram de novo no ponto de partida como jovens, nada sabendo do que se passou nos tempos antigos, nem aqui, nem entre vocês mesmos. Pois as genealogias de seus compatriotas, que você recitava há pouco, Sólon, não diferem muito das histórias que as amas contam às crianças. Em primeiro lugar, vocês se lembram apenas de um dilúvio terrestre, enquanto que houve muitos antes daquele. Depois, vocês ignoram que a mais bela e a melhor raça que se viu entre os homens nasceu em seu país e que dela descendem você e toda a sua cidade atual, graças a um pequeno germe que escapou ao desastre. Vocês o ignoram porque os sobreviventes, durante muitas gerações, morreram sem nada deixar por escrito. Sim, Sólon, houve um tempo em

que, antes da maior das destruições operadas pelas águas, a cidade que hoje é Atenas foi a mais valorosa na guerra e, sem comparação, a mais civilizada sob todos os aspectos. Foi ela, dizem, que realizou as mais belas coisas e inventou as mais belas instituições políticas de que ouvimos falar sob o céu.'

Sólon me contou que, ouvindo aquilo, foi tomado de espanto e pediu, insistentemente, aos sacerdotes para lhe contarem exata-mente, e de imediato, tudo o que dizia respeito a seus concidadãos de outrora. Então, o velho sacerdote respondeu-lhe: 'Não tenho razão para recusar, Sólon, e vou contar-lhe em consideração a você e à sua pátria, e sobretudo, para honrar a deusa que protege sua cidade e a nossa e que as educou e instruiu, a sua, que ela formou primeiro, mil anos antes da nossa, de um germe tomado à Terra e a Hefestos, e a nossa no período seguinte. Desde o estabelecimento da nossa, decorreram oito mil anos: é o número que registram nossos livros sagrados. É, portanto, de seus concidadãos de há nove mil anos que vou expor rapidamente as instituições e o mais glorioso de seus feitos. Tornaremos a ver tudo em detalhes e ordenadamente, uma outra vez, quando pudermos, com os textos na mão. Compare em primeiro lugar suas leis com as nossas. Verá que um bom número de nossas leis atuais foram copiadas daquelas que estavam, então, em vigor entre vocês. É assim que, de início, a classe dos sacerdotes é separada das outras. O mesmo ocorre com a dos artesãos, onde cada profissão tem o seu trabalho especial, sem interferir nas outras, e a dos pastores, dos caçadores, dos lavradores. Quanto à classe dos guerreiros, sem dúvida você reparou que, entre nós, ela está igualmente separada de todas as outras, pois a lei lhes proíbe ocupar-se de qualquer outra coisa que não a guerra. Acrescente a isso a forma das armas, escudos e lanças, de que nos servimos antes de qualquer outro povo da Ásia, tendo aprendido a usá-los com a deusa que primeiro o ensinara a

vocês. Quanto à ciência, sem dúvida vê com que cuidado a lei dela se ocupou aqui, desde o começo, bem como a ordem do mundo. Partindo deste estudo das coisas divinas, ela descobriu todas as artes úteis à vida humana, até as artes divinatórias e a medicina, que cuida da nossa saúde, e adquiriu todos os conhecimentos a ela relativos.

Foi essa mesma constituição e essa ordem que a deusa estabelecera entre vocês primeiro, quando fundou sua cidade, tendo escolhido o lugar em que você nasceu, porque previra que seu clima suavemente temperado lá produziria homens de alta inteligência. Como ela amava, ao mesmo tempo, a guerra e a ciência, dirigiu sua escolha para o país que devia produzir os homens mais semelhantes a ela própria e foi esse país que ela primeiro povoou. E vocês eram governados por essas leis e por outras melhores ainda, superando todos os homens em todos os tipos de mérito, como se podia esperar de descendentes e de discípulos dos deuses. Guardamos aqui, por escrito, muitas grandes ações de sua cidade, que provocam admiração; mas existe uma que ultrapassa todas as outras em grandeza e heroísmo. Com efeito, as inscrições em monumentos dizem que sua cidade destruiu outrora uma imensa potência que marchava insolentemente sobre a Europa e a Ásia inteira, vinda de um outro mundo situado no oceano Atlântico. Podia-se então atravessar esse oceano, pois havia uma ilha diante daquele estreito que chamam as Colunas de Hércules. Essa ilha era maior que a Líbia e a Ásia juntas. Dessa ilha, podia-se então passar para as outras ilhas e destas ganhar todo o continente que se estende em frente a elas e costeia esse verdadeiro mar. Pois tudo o que está aquém do estreito de que falamos parece um porto cuja entrada é estreita, enquanto que o que está além forma um verdadeiro mar e a terra que o cerca tem verdadeiramente todos requisitos para ser chamada continente. Ora,

nessa ilha Atlântida, reis haviam formado uma grande e admirável potência, que estendia seu domínio sobre a ilha inteira e sobre muitas outras ilhas e algumas partes do continente. Além disso, para cá do estreito, de nosso lado, dominavam a Líbia até o Egito, e a Europa até a Tirrenia. Ora, um dia, essa potência reunindo todas as suas forças, tentou conquistar de um só golpe seu país, o nosso e todos os povos situados aquém do estreito. Foi então, Sólon, que o poderio de sua cidade fez sobressair aos olhos do mundo seu valor e sua força. Como ela levava vantagem sobre todas as outras pela coragem e por todas as artes da guerra, foi ela que tomou o comando dos Helenos. Mas, reduzida só às suas forças pela defecção das outras, e colocada, assim, na situação mais crítica, venceu os invasores, erigiu um troféu, preservou da escravidão os povos que ainda não tinham sido submetidos e devolveu generosamente a liberdade a todos aqueles que, como nós, habitam no interior das Colunas de Hércules. Mas, nos tempos que se seguiram, houve tremores de terra e inundações extraordinárias e, no período de um só dia e de uma só noite nefastos, tudo o que vocês possuíam de combatentes foi tragado de uma só vez para dentro da Terra, e a ilha Atlântida, tendo afundado no mar, também desapareceu. Eis por que, ainda hoje, aquele mar é impraticável e inex-plorável, sendo a navegação prejudicada pelo seu fundo limoso e muito baixo que a ilha formou, afundando'."

CRÍTIAS

"Antes de tudo, lembremo-nos de que, em suma, nove mil anos decorreram desde a guerra que, segundo as revelações dos sacerdotes egípcios, estourou entre os povos que habitavam para além das Colunas de Hércules e todos

aqueles que habitavam para cá. É essa guerra que me cabe agora contar em detalhes. Do lado de cá, foi nossa cidade, dizem, que teve o comando e sustentou,toda a guerra; do lado de lá foram os reis da ilha Atlântida, ilha que como dissemos, era antigamente maior que a Líbia e a Ásia, mas que, hoje, tragada por tremores de terra, deixou apenas um fundo limoso intransponível, que barra a passagem daqueles que navegam daqui para o mar aberto. Quanto aos numerosos povos bárbaros e a todas as tribos gregas que existiam então, a sequência de minha narração, no seu desenrolar, se assim posso dizer, os fará conhecer, à medida que forem surgindo. Mas é preciso começar pelos atenienses daqueles tempos e pelos adversários que tiveram que combater, e descrever as forças e o governo de uns e de outros. E entre os dois, é ao de nosso país que cumpre dar prioridade".

"Noutro tempo, os deuses dividiram entre si a terra inteira, região por região, e sem disputa. Pois não seria razoável crer que os deuses ignoram o que convém a cada um deles, nem que, sabendo o que melhor convém a uns, os outros tentem apoderar-se justamente desta parte, criando a discórdia".

"Portanto, tendo obtido nessa justa partilha o lote que lhes convinha, povoaram cada qual a sua região e, quando ela ficou povoada, criaram-nos, a nós, seus rebanhos e crianças, como os pastores criam seus próprios rebanhos; mas sem violentar nossos corpos, como fazem os pastores que levam seus animais a pastar a golpes de chicote, e sim, colocando-se, por assim dizer, por trás, de onde o animal é mais fácil de ser dirigido. Eles governavam usando da persuasão e dominando, assim, a alma segundo seu próprio desígnio. Era assim que conduziam e governavam qualquer espécie mortal".

"Enquanto que os outros deuses organizavam os diferentes países que a sorte lhes havia assinalado, Hefestos e Atena, que têm a mesma natureza, porque

são filhos do mesmo pai e porque concordam no mesmo amor da sabedoria e das artes, tendo ambos recebido em comum nosso país, como um lote que lhes era próprio e naturalmente apropriado à virtude e ao pensamento, nele fizeram nascer da terra pessoas de bem e ensinaram-lhes a organização política. Seus nomes foram conservados, mas suas obras pereceram pela destruição de seus sucessores e pelo passar dos tempos. Porque a espécie que sempre sobrevivia era, como eu disse antes, a dos montanheses e dos iletrados, que só conheciam os nomes dos donos do país e pouca coisa sabiam de suas ações. Esses nomes, eles os davam de bom grado a seus filhos, mas, da virtudes e das leis de seus predecessores, nada conheciam, salvo alguns fatos imprecisos sobre cada um deles. Na penúria das coisas necessárias em que ficaram, eles e seus filhos, durante várias gerações, só se ocupavam de suas necessidades, só tratavam de si próprios, não se preo-cupando com o que se passara antes deles e nos tempos antigos. As narrativas legendárias e a pesquisa das antiguidades surgem nas cidades ao mesmo tempo que o lazer, quando vêem que alguns homens são providos das coisas necessárias à vida, mas não antes. E eis como os nomes dos homens antigos foram conservados sem u recordação de seus altos feitos. E a prova do que digo é que, os *nomes de Cécrope, Erectéia, Erictônio, Erisícton e a maioria dos nomes dos heróis anteriores a Teseu, cuja memória se guardou são precisamente, aqueles de que se serviam, quando falavam a Solon, os sacerdotes egípcios, quando lhe contaram a daqueles tempos. E o mesmo acontece com o nome das mulheres. Além disso, a aparência e a imagem da deusa, que os homens daqueles tempos representavam em armas, conforme o costume de seu tempo, em que as ocupações guerreiras eram comuns às mulheres e às crianças, significam que, entre todos os seres vivos,*

machos e fêmeas, que vivem em sociedade, a Natureza quis que fossem, uns e outros, capazes de exercer em comum a virtude própria a cada espécie".

"Nosso país era então habitado por diferentes classes de cidadãos que exerciam seus ofícios e tiravam do solo sua subsistência. A classe dos guerreiros, porém, separada das outras desde o começo por homens divinos, habitava à parte. Tinha todo o necessário para a alimentação e a educação, mas nenhum deles possuía nada de seu. Pensavam que tudo era comum entre todos, mas não exigiam dos outros cidadãos nada além do que lhes bastava para viver, e exerciam todas as funções que descrevemos ontem, falando dos guardiães que imaginamos".

"Dizia-se também, no que se refere ao país — e esta tradição é verossímil e verídica —, em primeiro lugar que era limitado pelo istmo que se estendia até os cumes de Citéron e do Parnaso, de onde a fronteira descia fechando a Oropia pela direita e costeando o rio Asopo à esquerda, do lado do mar. Em seguida, que a qualidade do solo não tinha igual no mundo inteiro, de forma que o país podia alimentar um numeroso exército dispensado dos trabalhos da terra. Uma forte prova da qualidade de nossa terra é que o que dela hoje resta pode rivalizar com qualquer uma pela diversidade e pela beleza de seus frutos e pela riqueza em pastagens próprias para qualquer espécie de gado. Mas, naqueles tempos, à qualidade destes produtos somava-se uma prodigiosa abundância. Que provas temos disto e que resta do solo de então que justifique nossa afirmação? O país inteiro avança longe do continente para o mar, e aí se estende como um promontório, e acontece que a bacia de mar que o envolve é de uma grande profundidade. Por isso, durante as numerosas e grandes inundações que ocorreram durante os nove mil anos — pois é este o número de anos que decorreram desde aqueles tempos até os nossos dias -, o solo que deslizou das alturas nesses tempos de desastre não depositou, como nos

outros países, muito sedimento notável e, deslizando sempre sobre o contorno do país, desapareceu na profundeza das ondas. Por essa razão, como aconteceu nas pequenas ilhas, o que resta no presente, comparado com o que então existia, parece um corpo descarnado pela doença. Tudo o que havia de terra gorda e mole deslizou e não resta mais que a carcassa nua do país. Mas, naqueles tempos, o país intacto tinha, em lugar de montanhas, altas colinas. As planícies que têm hoje o nome de Felo eram cobertas de terra gorda. Sobre as montanhas, havia grandes florestas, de que ainda hoje existem testemunhos visíveis. Se, efetivaments, entre as montanhas, há algumas que não alimentam mais que abelhas, não faz muito tempo que lá se cortavam árvores capazes de cobrir as mais vastas construções, cujas vigas ainda existem. Havia também muita quantidade de grandes árvores frutíferas e o solo produzia forragem que não acabava mais para o gado. O solo acolhia também as chuvas anuais de Zeus e não perdia, como hoje, a água que escorre da terra desnuda para o mar. Como a terra era então espessa e recebia a água em seu seio e a mantinha em reserva na argila impermeável, deixava escapar nas cavidades a água das alturas que havia absorvido, e alimentava, em toda parte, fontes abundantes e grandes rios. Os santuários que existiam outrora testemunham o que estou dizendo. Essa era a condição natural do país. Nele se fizeram culturas, como se podia esperar, por verdadeiros lavradores ocupados unicamente em seu trabalho, amigos do belo e dotados de uma felicidade natural, dispondo de uma terra excelente e de uma água muito abundante, e favorecidos na sua cultura do solo, por estações mais temperadas".

"Quanto à cidade, eis como era organizada naquele tempo. Primeiro, a acrópole não estava então no estado em que está hoje. Em uma só noite, chuvas extraordinárias, diluindo o solo que a cobria, deixaram-na nua. Tremores de terra se

tinham produzido ao mesmo tempo que essa queda-d'água prodigiosa, que foi a terceira antes da destruição que ocorreu no tempo de Deucalião. Mas antes, em uma outra época, era tal a grandeza da acrópole que ela se estendia até o Eridano e o Iliso e compreendia a Pnix, e tinha por limite o monte Licabeto, do lado que fica em frente à Pnix. Ela era inteiramente revestida de terra e, exceto em alguns pontos, formava uma planície na sua parte mais alta. Fora da acrópole, mesmo ao pé de suas vertentes, ficavam as habitações dos artesãos e dos lavradores que cultivavam os campos vizinhos. Na parte alta, a classe dos guerreiros ficava sozinha em torno do templo a Atena e a Hefestos, depois de haver cercado o planalto com um único cinturão, como se faz o jardim de uma única casa. Moravam na parte norte desse planalto onde haviam organizado alojamentos comuns e refeitórios de inverno, e tinham tudo o que convinha a seu géênero de vida em comum, quer em matéria de habitações, quer de templos, com exceção do ouro e da prata, pois não faziam nenhum uso desses metais, em nenhum caso. Atentos em manter o justo meio termo entre o fausto e a pobreza servil, mandavam construir casas decentes, qnde envelheciam com seus filhos e os filhos de seus filhos, e as passavam, a outros como eles. Quando, no verão, abandonavam como é natural, seus jardins, seus ginásios, seus refeitórios, era para a parte sul que iam. No lugar da acrópole atual, havia uma fonte que foi soterrada pelos tremores de terra e da qual restam finos filetes de água que correm das proximidades de onde ela se localizara. Mas ela fornecia, então, água abundante a toda a cidade, água igualmente saudável, no inverno ou no verão. Esse era o tipo de vida daqueles homens que eram, ao mesmo tempo, os guardiães de seus concidadãos e os chefes confessos dos outros gregos. Cuidavam criteriosamente que o número, tanto de homens quanto de mulheres já ou

ainda, em condições de pegar em armas, fosse, tanto quanto possível, o mesmo; isto é, cerca de vinte mil".

"Eis aí quem eram esses homens, e eis como administravam seu país e a Grécia, invariavelmente de acordo com as regras da justiça. Eram famosos em toda a Europa e em toda a Ásia pela beleza de seus corpos e pelas virtudes de toda espécie que ornavam sua alma, e eram os mais ilustres de todos os homens de então. Quanto à condição e à primitiva história de seus adversários, se não perdi a memória do que ouvi contar quando ainda era criança, é o que lhes vou narrar agora, para partilhar este conhecimento com vocês, bons amigos que são".

"Antes, porém, de entrar no assunto, tenho ainda um detalhe a explicar, para que não fiquem surpresos de ouvir nomes gregos aplicados a bárbaros. Vocês saberão a causa. Como Sólon pensava em utilizar esta história em seus poemas, ele inquiriu sobre o sentido dos nomes e o que achou foi que os egípcios, que foram os primeiros a escrevê-los, os haviam traduzido em sua própria língua. Ele mesmo, retomando por sua vez o sentido de cada nome, o transpôs e transcreveu para nossa língua. Esses manuscritos de Sólon estavam com meu avô e ainda permanecem comigo atualmente, e desde criança que os sei de cor. Se, portanto, ouvirem nomes parecidos com os nossos, que isso não lhes cause nenhuma surpresa, pois sabem a causa".

"E agora, vejamos mais ou menos de que maneira começou essa longa história. Já dissemos, a propósito do sorteio que os deuses fizeram, que eles dividiram toda a terra em lotes maiores ou menores segundo os países e que estabeleceram, em sua honra, templos e sacrifícios. Assim foi que Posídon, tendo recebido na partilha a ilha Atlântida, instalou os filhos que tivera de uma mulher mortal num lugar da ilha, que vou descrever. Do lado do mar, estendia-se, pela ilha

inteira, uma planície que dizem ter sido a mais bela de todas as planícies, e fértil por excelência. Mais ou menos no centro dessa planície, a uma distância de cerca de cinquenta estádios, via-se uma montanha uniformemente de pequena altitude. No alto dessa montanha, habitava um daqueles homens que, de origem, eram do país, nascidos da terra. Chamava-se Evenor e vivia com uma mulher de nome Leucipa. Geraram uma única filha — Clito, que acabava de atingir a idade núbil quando seu pai e sua mãe morreram. Posídon apaixonou-se e uniu-se a ela e fortificou a colina onde ela morava, recortando seu contorno por meio de cinturões feitos alternadamente de mar e de terra, os maiores envolvendo os menores. Traçou dois de terra e três de mar e os arredondou, a partir do meio da ilha, de onde estavam todos à mesma distância, de forma a tornar a passagem intransponível aos homens, pois, naquele tempo, ainda não se conheciam nem navios nem navegação. Ele mesmo embelezou a ilha central, coisa fácil para um deus. Fez jorrar do solo duas nascentes de água, uma quente e outra fria, e fez a terra produzir alimentos variados e abundantes. Gerou cinco pares de gémeos machos, criou-os e, tendo dividido toda a ilha da Atlântida em dez partes, atribuiu ao mais velho do primeiro par a casa de sua mãe e o lote de terra em volta, que era o mais vasto e o melhor. Fez dele rei sobre todos os seus irmãos e, destes, fez soberanos, dando a cada um grande número de homens a governar e um vasto território. A todos deu nomes. O mais velho, o rei, recebeu o nome que serviu para designar a ilha inteira e o mar que se chama Atlântida, porque o primeiro rei do país, naquela época, tinha o nome de Atlas. O gêmeo nascido logo depois, a quem coubera a extremidade da ilha do lado das Colunas de Hércules, até a região que se chama hoje Gadírica, chamava-se em grego Eumelo e em dialeto indígena Gadiros, palavra de onde a região, sem dúvida, tirou seu nome. O segundo par chamou-se Anferes e Evaimon. Do terceiro par, o

mais velho recebeu o nome de Mneseos e o mais moço o de Autoctono. Do quarto, o primeiro foi chamado Elasipo e o segundo Mestor. Ao mais velho do quinto par, deu-se o nome de Azaes, ao mais novo o de Diapre-pes. Todos esses filhos de Posídon e seus descendentes habitaram o país durante muitas gerações. Reinavam sobre muitas outras ilhas do oceano e, como já disse, estendiam os limites de seu império, do lado de cá, dentro do estreito, até o Egito e a Tirrênia".

"A raça de Atlas tornou-se numerosa e manteve as honras do poder. Como o mais velho era o rei e transmitia sempre o cetro ao mais velho de seus filhos, conservaram a realeza por numerosas gerações. Adquiriram riquezas imensas, tais como nunca se viram em nenhuma dinastia real e como não se verão facilmente no futuro. Dispunham de todos os recursos de sua cidade e de todos os que precisavam tirar da terra estrangeira. Muito lhes vinha de fora, graças a seu império, mas era a própria ilha que lhes fornecia a maior parte das coisas para seu uso. Em primeiro lugar, todos os metais, sólidos ou fundíveis, que são extraídos das minas; e, em particular, uma espécie de que não possuímos mais senão o nome, mas que era então mais que um nome e que se extraía da terra em muitos lugares da ilha, o oricalco — o mais precioso, depois do ouro, dos metais então conhecidos. A ilha produzia, também em abundância, tudo o que a floresta fornece de materiais para os trabalhos dos carpinteiros. Ela nutria, de forma igualmente farta, os animais domésticos e os selvagens. Até mesmo uma raça de elefantes muito numerosa era lá encontrada. Pois a ilha oferecia uma pastagem copiosa, não somente a todos os outros animais que pastam na margem dos pântanos, dos lagos e dos rios, ou nas florestas, ou nas planícies, mas ainda igualmente àquele animal que por natureza, é o maior e o mais voraz. Além disto, todos os perfumes que a terra alimenta atualmente, em qualquer lugar que seja, quer venham de raízes, ou de ervas, ou de

madeira, ou de sucos destilados pelas flores ou pelos frutos, ela os produzia e os nutria perfeitamente; e também os frutos cultivados e os secos, de que nos servimos para nossa alimentação, e todos aqueles de que nos servimos para completar nossas refeições, e que designamos pelo termo geral de legumes, e essas frutas lenhosas que nos fornecem bebidas, alimentos e perfumes, e aquela fruta que tem escamas e é de difícil conservação, feita para nosso divertimento e nosso prazer, e todos aqueles que servimos depois das refeições para o alívio e a satisfação daqueles que sofrem de peso no estômago, todas estas frutas, aquela ilha sagrada, que via então o sol, produzia-os magníficos, admiráveis, em quantidades infinitas. Com todas essas riquezas que tiravam da terra, os habitantes construíram templos, os palácios dos reis, os portos, os estaleiros marítimos, e embelezaram todo o resto do país na ordem que vou narrar-lhes".

"Começaram por lançar pontes sobre as fossas de água do mar que cercavam a antiga metrópole, para fazer uma passagem para fora e para o palácio real. Esse palácio eles o tinha erigido desde a origem, no lugar habitado pelo deus e por seus ancestrais. Cada rei, recebendo-o de seu antecessor, acrescentava algo para seu embelezamento e punha todos os seus cuidados em superar o antecessor; tanto que fizeram de sua morada um objeto de admiração pela grandiosidade e a beleza de suas obras. Perfuraram, do mar até o cinturão externo, um canal de três pletros de largura, cem pés de profundidade e cinquenta estádios de comprimento. E fizeram uma entrada neste canal, como em um porto, para os navios vindos do mar, e prepararam uma embocadura suficiente para que os maiores navios nele pudessem penetrar. E ainda, através dos cinturões de terra que separavam os de água do mar, face a face com as pontes, abriram canais largos o suficiente para permitir que uma triera passasse de um cinturão para o outro, e, por cima desses

canais, puseram tetos, para que se pudesse navegar por baixo; pois os parapeitos dos cinturões de terra estavam bastante acima do mar. O maior dos fossos circulares, o que se comunicava com o mar, tinha três estádios de largura, e o cinturão de terra que o seguia tinha outros tantos. Dos dois cinturões seguintes, o de água tinha uma largura de dois estádios e o de terra era ainda igual ao de água que o precedia; o que contornava a ilha central tinha só um estádio. Quanto à ilha onde se encontrava o palácio dos reis, tinha um diâmetro de cinco estádios. Revestiram de um muro de pedra o contorno desta ilha, os cinturões e os dois lados da ponte, que tinha um pletro de largura. Puseram torres e portas nas pontes e em todos os lugares onde o mar passava, e tiraram as pedras de que necessitavam do contorno da ilha central e debaixo dos cinturões, no lado de fora e de dentro; havia pedras brancas, pretas e vermelhas. E, extraindo as pedras, construíram bacias duplas cavada dentro do solo e cobertas por um teto da própria rocha. Entre essas construções, umas eram de uma só cor, e em outras [oram entremeadas pedras, de maneira a fazer um tecido variado de cores para o prazer dos olhos; deram-lhes, assim, um encanto natural. Cobriram de bronze, à guisa de revestimento, todo o contorno do muro que cercava o cinturão mais externo; de estanho fundido, o do cinturão mais interno, e o que cercava a própria acór-pole de oricalco com reflexos de fogo".

"O palácio real, dentro da acrópole, fora arrumado como vou narrar. No centro da acrópole, havia um templo consagrado a Clito e a Posídon. Seu acesso era interditado e era rodeado por uma cerca de ouro. Foi lá que, na origem, eles geraram e deram à luz a raça dos dez príncipes. Era para lá também que se vinha todos os anos, das dez províncias que haviam partilhado entre si, para oferecer, a cada um deles, os sacrifícios habituais. O templo do próprio Posídon tinha um

estádio de comprimento; três pletros de largura e uma altura proporcional a essas dimensões; mas tinha em seu aspecto qualquer coisa de bárbaro. O templo inteiro, do lado de fora, era revestido de prata, menos os acrotérios, que eram de ouro; no lado de dentro, a abóbada era inteiramente de marfim esmaltado de ouro, de prata e de oricalco; todo o resto, paredes, colunas e chão, era guarnecido de oricalco. Havia lá estátuas de ouro, em particular a do deus, de pê sobre uma carro, conduzindo seis cavalos alados, e tão alto que sua cabeça tocava a abóbada. Depois, em círculo em volta dele, cem Nereidas sobre delfins, pois acreditava-se, então, que eram em número de cem. Mas havia ainda muitas outras estátuas consagradas por particulares. Em torno do templo, no exterior, elevavam-se estátuas de ouro de todas as princesas e de todos os príncipes descendentes dos dez reis, e muitas outras estátuas dedicadas pelos reis e por particulares, seja da própria cidade, seja dos países de fora submetidos à sua autoridade. Havia, também, um altar cuja grandiosidade e cujo trabalho estavam de acordo com todo este aparato, e todo o palácio também era proporcional à grandeza do império, assim como aos ornamentos do templo".

"As duas nascentes, uma de água fria e outra de água quente, tinham uma vazão considerável e eram, ambas, maravilhosamente próprias para as necessidades dos habitantes, pela virtude de suas águas e o prazer que causavam. Eles as cercaram de construções e de plantações de árvores apropriadas às águas. Construíram em todo redor tanques, uns a céu aberto, outros cobertos, destinados aos banhos quentes no inverno. Os reis tinham os seus à parte, e os particulares também. Havia outros para as mulheres e outros para os cavalos e os outros animais de carga, cada qual disposto segundo sua finalidade. Eles levavam a água que deles corria para o bosque sagrado de Posídon, onde havia árvores de todas as

essências, de tamanho e beleza divinos, graças às qualidades do solo. Depois, faziam-na escoar para os cinturões exteriores, pelos aquedutos que passavam sobre as pontes. Aí, edificaram numerosos templos dedicados a outras tantas divindades, muitos jardins e muitos ginásios, uns para os homens, outros para os cavalos, sendo estes últimos construídos à parte em cada uma das duas ilhas formadas pelos cinturões circulares. Entre outros, no meio da ilha maior, havia sido reservado lugar para um hipódromo de um estádio de largura, que se estendia, no comprimento, por todo o cinturão, para destiná-lo às corridas de cavalos. Em volta do hipódromo, havia, de cada lado, casernas para a maior parte da guarda. Os guardas que inspiravam mais confiança tinham sua guarnição no menor dos dois cinturões, que era também o mais próximo da acrópole; e para aqueles que se distinguiam entre todos por sua fidelidade, haviam destinado bairros no interior da acrópole, em torno dos próprios reis".

"Os arsenais estavam cheios de trieras e de todos os massames necessários às trieras; tudo perfeitamente preparado. Eis como tudo estava disposto em volta do palácio dos reis".

"Quem atravessasse as três portas externas achava um muro circular que começava no mar e que, em toda a sua extensão, distava cinquenta estádios do cinturão maior e de seu porto. Esse muro vinha fechar, no mesmo ponto, a entrada do canal do lado do mar. Era inteiramente coberto de casas numerosas e apertadas umas contra as outras. O canal e o porto maior viviam cheios de navios e de mercadores vindos de todos os países do mundo, e da multidão elevavam-se, dia e noite, gritos, tumulto e ruídos de toda espécie".

"Acabo de dar-lhes uma noção bastante fiel do que me disseram, tempos atrás, sobre a cidade e o velho palácio. Agora, falta tentar lembrar qual era o caráter

do país e a sua organização. Em primeiro lugar, disseram-me que todo o país era muito elevado e ficava a pique sobre o mar; más que, em volta de toda a cidade, estendia-se uma planície que a cercava e que era, por sua vez, cercada de montanhas que desciam até o mar; que sua superfície era unida e regular, que era oblonga em seu conjunto, que media, de um lado, três mil estádios, e no centro, subindo do mar, dois mil. Esta região ficava, em todo o comprimento da ilha, exposta ao Sul e ao abrigo dos ventos do Norte. Gabavam-se, então, as montanhas que a cercavam como maiores em número, em tamanho e em beleza que todas as que existem hoje. Elas encerravam um grande número de ricas aldeias, de rios, de lagos e de pradarias que iorneciam pastagem abundante a todos os animais domésticos e selvagens, e árvores numerosas e de essências variadas, amplamente suficientes para todas as espécies de obra industrial".

"Ora, essa planície fora, graças à Natureza e aos trabalhos de um grande número de reis no passar de muitas gerações, organizada como vou dizer. Ela tinha a forma de um quadrilátero, de forma geral retilínea e oblonga. O que lhe faltava em regularidade havia sido corrigido por um fosso cavado em seu contorno. Quanto à profundidade, a largura e o comprimento desse fosso, é difícil crer que tivesse as proporções que se lhe atribuem, se considerarmos que era uma obra feita pela mão do homem, somado às outras obras. É preciso, porém, repetir o que ouvimos dizer: ele fora cavado com a profundidade de um pletro, sua largura era, uniformemente, de um estádio e, como o comprimeinto abarcava toda a planície, chegava a dez mil estádios. Esse fosso recebia os cursos de água que desciam das montanhas, dava a volta na planície, e suas duas extremidades terminavam na cidade, de onde o faziam escoar para o mar. Da parte alta da cidade partiam canais de, aproximadamente, cem pés de largura, que cortavam a planície em linha reta e

descarregavam no fosso perto do mar; de um a outro, havia um intervalo de cem estádios. Eles serviam para fazer a madeira descer flutuando das montanhas para a cidade, e para o transporte, por barco, das outras produções de cada estação, graças a outros desvios navegáveis que partiam dos canais e faziam a comunicação, obliquamente, de uns com os outros e com a cidade. Notem que havia, todos os anos, duas colheitas, porque no inverno utilizavam-se as chuvas de Zeus, e no verão as águas que jorram da terra e que se tirava dos canais".

"Quanto ao número de soldados que a planície devia fornecer em caso de guerra, ficara decidido que cada distrito era dez vezes dez estádios, e havia, ao todo, seis miríades. Quanto aos homens a tirar das montanhas e do resto do país, seu número, pelo que me disseram, era infinito; eles haviam sido todos distribuídos por localidades e aldeias desses distritos, sob a autoridade dos chefes. Ora, o chefe tinha ordem de fornecer para a guerra a sexta parte de um carro de combate, no sentido de fazer seu efetivo chegar a dez mil; além disso dois cavalos e seus cavaleiros, uma parelha de cavalos, sem carro, com um combatente armado de um pequeno escudo e um condutor dos dois cavalos levado atrás do combatente, mais dois hoplitas, arqueiros e fundeiros em número de dois para cada espécie, soldados de infantaria leve lançadores de pedras e de dardos em número de três para cada espécie, e quatro marinheiros para encher mil e duzentos navios. Era assim que havia sido acertada a organização militar da cidade real. Quanto às nove outras províncias, cada uma tinha sua organização particular, cuja explicação demandaria muito tempo".

"O governo e os cargos públicos haviam sido ajustados, na origem, da seguinte maneira: cada um dos dez reis em seu distrito e sua cidade, tinha todo o poder sobre os homens e sobre a maioria das leis; punia e condenava à morte quem

queria. Mas a autoridade de um sobre o outro e suas relações mútuas eram reguladas pelas instruções de Posídon, tais como lhes haviam sido transmitidas pela lei, e pelas inscrições gravadas pelos primeiros reis em uma coluna de oricalco colocada no centro da ilha no templo de Posídon. Era nesse templo que se reuniam, a cada cinco ou seis anos, alternadamente, concedendo a mesma honra ao par e ao ímpar".

"Nessa assembleia, deliberavam sobre os negócios comuns, inquiriam-se se um deles infringia a lei e o julgavam. No momento de formular o julgamento, davam-se, primeiramente, uns aos outros, o penhor de sua fé da seguinte maneira: havia no cinturão do templo de Posídon touros em liberdade; os dez reis, deixados a sós, pediam ao deus para fazer-lhes capturar a vítima que lhe fosse agradável, depois do que se punham à caça, com bastões e laços corrediços, sem ferro. Levavam então à coluna o touro que haviam apanhado, degolavam-no no seu capitel e faziam escorrer o sangue sobre a inscrição. Na coluna, além das leis, estava gravado um juramento, que proferia imprecações terríveis contra os que desobedecessem. Então, quando haviam oferecido o sacrifício de acordo com suas leis, consagravam todo o corpo do touro. Depois, enchiam de vinho uma cratera, nela jogavam, em nome de cada um, um coágulo de sangue e levavam o resto ao fogo, depois de purificar a coluna. Em seguida, tirando vinho da cratera com taças de ouro, faziam uma libação sobre o fogo, jurando que julgariam de acordo com as leis inscritas na coluna e puniriam quem quer que as houvesse violado anteriormente, que no futuro não infringiriam volutariamente nenhuma das prescrições escritas e não ordenariam e não obedeceriam a um comando senão de acordo com as leis de seu pai. Quando todos haviam assumido esse compromisso, por si próprios e por sua descendência, bebiam e consagravam sua taça no templo

do deus. Depois, ocupavam-se do jantar e das cerimónias necessárias. Quando a escuridão chegava e o fogo do sacrifício havia esfriado, cada um vestia uma túnica azul-escura da maior beleza, sentavam-se no chão, nas cinzas do sacrifício onde haviam prestado juramento e, durante a noite, depois de apagar todo o fogo do templo, eram julgados ou julgavam, se algum acusasse um outro de haver infringido alguma prescrição. Uma vez formulados os seus julgamentos, inscreviam-nos, quando voltava a luz, numa tábua de ouro, e os consagravam com suas túnicas, como um memorial. Havia, ainda, muitas outras leis particulares, relativas às prerrogativas de cada um dos reis, sendo que as mais importantes eram a de jamais levantarem armas uns contra os outros, reunir-se para prestar-se auxílio, no caso de um deles pretender destruir uma das raças reais de um estado, deliberar em comum, como seus predecessores, sobre as decisões a serem tomadas no tocante à guerra e a outros assuntos, mas deixando a hegemonia à raça de Atlas. O rei não tinha poder de condenar à morte nenhum dos de sua raça, sem o assentimento de mais da metade dos dez reis".

"Tal era a formidável potência que existia então nessa região, que o deus reuniu e dirigiu contra o nosso país, pela razão que aqui está. Durante numerosas gerações, enquanto a natureza do deus se fez neles sentir o suficiente, obedeceram às leis e permaneceram ligados ao príncipe divino a que eram aparentados. Só tinham pensamentos grandes e verdadeiros em todos os pontos, e comportavam-se com doçura e sabedoria diante de todos os arazes da vida e em relação uns aos outros. Por isso, dando atenção unicamente à virtude, raziam pouco caso de seus bens e suportavam facilmente o fardo que era para eles o peso de seu ouro e de suas outras posses. Não estavam embriagados pelos prazeres da riqueza e, sempre senhores de si mesmos, não se afastavam de seu dever. Moderados como eram,

viam claramente que todos esses bens também cresciam pela afeição mútua unida à virtude e que, se a eles nos apegamos e se os honramos, perecemos e a virtude conosco. Enquanto raciocinaram assim, e conservaram sua natureza divina, viram aumentar todos os bens de que falei. Mas quando a porção divina que estava neles se deteriorou pela frequente mistura com muitos elementos mortais, e o caráter humano predominou, incapazes, desde então, de suportar a prosperidade, conduziram-se de maneira indecente. E, para aqueles que sabem ver, eles apareceram feios, porque perderam os mais belos de seus bens, os mais preciosos; mas aqueles que não sabem discernir o que é a verdadeira vida feliz achavam-nos perfeitamente belos e felizes, embora infectados como estavam por injustas cobiças e pelo orgulho de dominar. Então, o deus dos deuses, Zeus, que reina segundo as leis e que pode discernir essa espécie de coisas, percebendo o estado infeliz de uma raça que fora virtuosa, resolveu puni-los para torná-los mais moderados e mais sábios. Para isto, reuniu todos os deuses em sua morada, a mais preciosa, aquela que, situada no centro de todo o universo, vê tudo o que participa da geração e, tendo-os reunido, disse-lhes":

(O manuscrito de Platão acaba com estas palavras.)

CAPÍTULO II: O TESTEMUNHO DE IGNATIUS DONNELLY

Ao lado de hipóteses surpreendentes que situam a Atlântida na Suécia, na África negra ou na África do Norte, principalmente, o estudo de Ignatius Donnelly surge refletindo uma grande parte de verdade. Certamente, está longe, muito longe de ser um estudo completo e as hipóteses diferentes não são, em si, inteiramente erradas, como veremos em seguida. O que fizeram foi estender o particular ao geral, atribuindo ao continente o que devia ser atribuído a apenas uma colónia. Mas Ignatius Donnelly, em suas pesquisas e conclusões, só cometeu erros de detalhe, e o que ele diz deve ser conhecido, mesmo que não contenha o essencial. Esse essencial, aliás, lhes será daqui a pouco proposto por esta obra, através de uma voz prestigiosa, como o coroamento dos testemunhos de Platão e de Ignatius Donnelly, que agora reproduzimos:

"Este livro foi escrito com o objetivo de apresentar algumas concepções bem determinadas e absolutamente novas. Nele, será provado":

1º. "— Que outrora, no meio de oceano Atlântico, em frente à entrada do Mediterrâneo, existia uma grande ilha que era o resto de um continente atlântico e que foi conhecida do mundo antigo pelo nome de Atlântida.

2º. — Que a descrição dessa ilha, deixada por Platão, não é absolutamente, como por muito tempo se admitiu, uma fábula fantástica, mas sim uma verídica história pré-histórica.

3º. — *Que a Atlântida foi a própria terra onde o homem, pela primeira vez, elevou-se acima da barbárie e chegou à civilização.*

4º. — *Que a população da Atlântida, no decorrer de inúmeros séculos, desenvolveu-se em uma nação numerosa e potente, cujo excedente de população povoou de raças civilizadas as margens do golfo do México, as do Mississipi, do rio das Amazonas, do oceano Pacífico, na América do Sul, e, por outro lado, o mar Medíterrâneo, as costas da Europa Ocidental, da África Ocidental, do mar Báltico, do mar Negro e do mar Cáspio.*

5º. — *Que a Atlântida não era mais que o mundo antes do dilúvio, com o Jardim do Éden ou Paraíso, com os Jardins das Hespérides, os Campos de Elêusis, os Jardins de Alcino, do* ***Umbigo do Mundo****, com o Olimpo, o Asgard, as tradições dos povos antigos; todos, constituem a lembrança de um país onde os homens, há séculos e séculos, viviam na felicidade e na paz.*

6º. — *Que os deuses, as deusas e os heróis dos antigos gregos, dos fenícios, dos hindus e da mitologia nórdica não eram senão os reis, as rainhas e os heróis da Atlântida, e que os atos ou feitos que lhes atribui a mitologia não são mais que a lembrança confusa de acontecimentos pré-históricos reais.*

7º. — *Que a mitologia dos egípcios e do Peru constituía a religião primitiva dos atlantes, que consistia na veneração do Sol.*

8º. — *Que as ferramentas e outros utensílios da Idade do Bronze, na Europa, provinham da Atlântida, e que os atlantes foram os primeiros a trabalhar o ferro.*

9º. — *Que a Atlântida era o lugar onde residiram primitivamente tanto os troncos étnicos arianos ou famílias indo-européias quanto as raças semíticas, e talvez também a raça turaniana.*

10º. — *Que a Atlântida foi aniquilada por um terrível cataclismo natural, que submergiu no mar a ilha inteira, até o nível dos mais altos picos (constituindo esses picos, atualmente, os Açores), com quase todos os habitantes.*

11º. — *Que somente alguns indivíduos escaparam em navios ou em jangadas. Eles levaram aos povos estabelecidos nas costas orientais e ocidentais do oceano a notícia da pavorosa catástrofe, cuja memória persistiu até nossa época entre muitos povos dos dois continentes, sob a forma da lembrança de um dilúvio universal*".

"*Apoiando-nos em uma infinidade de fatos colhidos nas mais diversas fontes, tentemos agora, segundo os resultados de nossas pesquisas, reconstituir o quadro geral, tão fiel quanto possível, do que era a Humanidade pré-diluviana, e fazer a Atlântida renascer diante dos nossos olhos*".

"*O reino da Atlântida, no sentido estrito da palavra, era constituído, como sabemos, por uma grande ilha, em torno da qual espalhava-se, ao que parece, tanto a leste como a oeste, semelhante a pedras miliárias, entre a Europa e a América, um grande número de pequenas ilhas. Na ilha principal, elevavam-se montanhas vulcânicas, que subiam até o alísio superior, e cujo cume era coberto de neves eternas. Ao pé dessas montanhas, estendiam-se elevados planaltos nos quais viviam os reis com a sua corte. Abaixo dessa região de elevados planaltos encontrava-se a grande planície da Atlântida. Das montanhas centrais desciam*

quatro rios, cada qual seguindo a direção de um ponto cardeal, para o norte, o sul, o leste e o oeste. O clima era o clima atual dos Açores, suave e agradável. O solo, vulcânico e fecundo, era, em seus diversos níveis, próprio para a produção tanto das frutas dos trópicos quanto das frutas das zonas temperadas".

"A população primitiva era constituída, por, pelo menos, duas raças diferentes; uma, morena escura ou avermelhada, semelhante às populações da América Central, aos berberes ou aos egípcios, e uma raça branca, semelhante aos gregos, aos godos, aos celtas e aos escandinavos. Entre os diversos povos, ocorreram numerosos conflitos de raças pela conquista da supremacia. A raça de cor escura parece ter sido a menor em estatura, como o indica a pequenez de suas mãos; a raça de cor clara era muito mais alta. Daí as lendas gregas relativas a titãs e a gigantes. Os guanchos das Ilhas Canárias eram homens de alta estatura. Como os objetos fabricados na Idade do Bronze revelam uma raça humana que tem a mão pequena, e como, por outro lado, a raça que possuía os navios e a pólvora para canhão tomou parte na guerra contra os gigantes, pode-se concluir que a raça de pele escura era a mais civilizada, que era a dos trabalhadores dos metais e dos navegadores".

"O fato de que costumes análogos e uma concepção análoga de vida tenham dominado nas duas margens do oceano, faz supor sua origem comum. O fato de que a explicação de muitos usos constatados nos dois continentes não possa ser encontrado senão na América, indica que havia na América uma população primitiva que, nas suas migrações, transportou com ela seus usos, mas esqueceu sua origem, a ocasião em que foram constituídos".

"O fato de que os animais domésticos e as produções agrícolas mais necessárias sejam nativos da Europa e não da América, poderia indicar que uma

população americana primitiva, que emigrou, de alguma maneira, da América para a Atlântida, era desprovida de civilização e que somente em seguida produziu-se na Atlântida uma floração da civilização".

"Em uma época ainda mais recente, as relações dos atlantes com a Europa foram mais frequentes e mais regulares que com a América. No que diz respeito aos animais domésticos de grande porte, era certamente bem mais difícil transportá-los nos barcos sem coberta daquele tempo, da Atlântida para a América, por sobre uma grande extensão de mar, que da Atlântida para a Europa, o que podia ser feito por etapas até a costa da Espanha, passando por aquele grupo de ilhas, agora submersas, que se encontrava em frente à entrada do mar Mediterrâneo. Pode também ter acontecido que o clima da Espanha e da Itália tenha sido mais favorável ao desenvolvimento do centeio, do trigo, da aveia, que ao do milho, enquanto que a atmosfera mais seca da América convinha melhor a este último. Ainda atualmente, o trigo e a cevada são relativamente pouco cultivados na América Central, no Peru e no México, e não o são nas zonas baixas desses países. Por outro lado, cultiva-se relativamente menos milho na Itália, na Espanha e na Europa Ocidental, cujo clima chuvoso não é favorável a essa planta. Como vimos anteriormente, temos todas as razões para acreditar que, em tempos muito remotos, o milho já era cultivado nas regiões secas do Egito e da China".

"Assim como a ciência linguística, baseando-se na presença ou ausência de certas famílias de palavras nas diversas línguas derivadas da língua ariana primitiva, tornou possível uma reconstituição da história das migrações dos arianos, do mesmo modo virá o dia em que a comparação metódica e cuidadosa das palavras, dos costumes, das artes, da concepção de vida existente nas duas margens opostas do oceano Atlântico permitirá a constituição de um esboço

aproximadamente exato da história da Atlântida. O povo da Atlântida fora muito longe nos progressos da agricultura. A existência do arado no Egito e no Peru mostra que esse instrumento também era conhecido na Atlântida. E como os chifres de Baal demonstram a alta estima em que era tido o gado, devemos também admitir que os atlantes tinham, de havia muito, ultrapassado a fase em que o arado era puxado pelo homem (como no Egito e no Peru, nos tempos antigos, e na Suécia, em tempos já históricos), para chegar à fase em que o arado é arrastado por um cavalo ou, pelo menos, por bois. Foram eles os primeiros a criar o cavalo como animal doméstico e é também por isso que o deus do mar, Posídon ou Netuno, tem seu carro puxado por cavalos. Daí, também, a existência de campos de corridas para os cavalos, como Platão os descreve. Possuíam carneiros e fabricavam lã; criavam também cabras, cachorros e porcos. Cultivavam o algodoeiro e também fabricavam tecidos de algodão. Cultivavam o milho, o trigo, a aveia, a cevada, o centeio, o tabaco, o cânhamo e o linho, e talvez também a batata. Construíam grandes aquedutos e conheciam a irrigação artificial das terras. Tinham um alfabeto, trabalhavam o zinco, ô bronze, a prata, o ouro e o ferro".

"Quando a população desse país, depois de um longo período de paz e de progresso, começou por fim a tornar-se excessiva, enviaram a leste e a oeste, até os confins do mundo, grandes expedições colonizadoras. Não foi obra de alguns anos, mas de séculos inteiros, e a situação que se criou entre estas diversas colónias deve ter sido, mais ou menos, a mesma que a que existiu mais tarde entre as colónias dos fenícios, dos gregos ou dos romanos. Os colonos misturaram-se com as populações primitivas ou ***autóctones*** *dos diversos países colonizados, e os cruzamentos de povos que se reproduziram nos tempos históricos devem ter ocorrido no decorrer de milhares de anos antes, dando origem a novas raças e a*

novas línguas. O resultado foi que as pequenas raças primitivas foram modificadas no.sentido de um aumento de sua estatura, e que a cor da pele passou, insensivelmente, do branco mais claro ao negro mais escuro, por uma série de nuanças intermediárias".

"Sob muitos aspectos, o Império da Atlântida assemelhara-se ao que é a Inglaterra com o Império Britânico atual, o ***British Commonwealth****. A Atlântida poderia apresentar a mesma, senão maior variedade de raças que o Império Britânico atual. Ela teve colônias, como atualmente a Inglaterra, na Ásia, na Europa, na África, na América, e, como a Inglaterra, estendeu sua civilização até os confins da Terra. Já no século III e no século V de nossa era, vimos populações inglesas chegar às margens da França e da Armórica para aí constituir colônias onde se deu continuidade à nacionalidade e à língua da mãe pátria, povo de origem atlântica. Podemos supor que, da mesma forma, houve expedições colonizadoras camitas da Atlântida para a Síria, o Egito e os países berberes. Se imaginarmos hoje uma emigração maciça de* ***highlanders*** *escoceses, de gauleses, de irlandeses e de habitantes da Cornuália, abandonando todos juntos o solo das Ilhas Britânicas e transplantando para novas pátrias a civilização inglesa, teremos uma imagem exata de que se passou em consequência das expedições colonizadoras dos atlantes. A Inglaterra, com sua civilização de origem atlântica, povoada por raças provenientes do mesmo tronco, revive, nos tempos modernos, o império de Zeus e de Cronos. E, assim, como vimos Tróia, o Egito e a Grécia pegar em armas contra o tronco primitivo, vimos também, nos tempos modernos, a Bretanha francesa e as colônias americanas se separarem da Inglaterra, o que não impediu as particularidades raciais de permanecerem comuns, mas rompeu os laços da unidade política".*

"No que diz respeito à religião, a Atlântida já chegara a todas as concepções elevadas e fundamentais que, seja qual for na prática sua influência real, constituem, no entanto, as bases teóricas de quase todas as religiões modernas. A concepção do divino já se apurara o bastante para que os atlantes reconhecessem a existência de uma ***grande e primitiva causa primeira*** *geral e toda-poderosa. Reencontramos o círculo do deus único no Peru e no Egito primitivo. Os povos desses países consideravam o Sol como o símbolo poderoso e o instrumento de um deus único — que manifestava, através dele, a sua vontade. Uma concepção tão elevada só poderia ser o fruto de uma alta civilização. A ciência moderna deixou patente o quanto a vida inteira da Terra está na dependência absoluta dos raios do Sol".*

"Entretanto, o povo da Atlântida fora bem mais longe. Os atlantes acreditavam que a alma humana é imortal e deveria reviver em seu envoltório corporal. Em outros termos, acreditavam na ressurreição dos corpos e na vida eterna. Por esse motivo é que embalsamavam seus mortos".

"Os atlantes tinham uma casta sacerdotal organizada. Sua religião era pura e simples. Viviam sob um regime monárquico. Tinham reis e uma corte. Tinham juízes, crónicas, monumentos comemorativos cobertos de inscrições, minas, fundições e fábricas, tecelagens, moinhos para os grãos, barcos e veleiros, condutos de água e canais, e estaleiros. Tinham procissões, estandartes, arcos do triunfo para seus reis e heróis. Construíam pirâmides, templos, torres e obeliscos e conheciam a bússola e a pólvora. Em uma palavra, gozavam de uma civilização quase tão elevada quanto a nossa. Faltavam-lhes apenas a imprensa e as invenções baseadas no vapor, na eletricidade e no magnetismo. Conta-se que Deva Nahusha visitara as colônias mais longínquas da Índia. Um império, que se estendia das

cordilheiras até o Hindustão, talvez mesmo até a China, deve ter sido, em todo caso, um império de fabuloso poder. Em suas grandes feiras e mercados, deviam ser encontrados o milho do Mississipi, o cobre do Lago Superior, o ouro e a prata do México e do Peru, as especiarias da índia, o zinco do País de Gales e da Cornuália, o bronze da Espanha, o âmbar do Báltico, o trigo e o centeio da Grécia, da Itália e da Suíça".

"Não é de estranhar que a queda desse poderoso povo primitivo, o súbito desabamento de suas terras sob a superfície do oceano, em meio a pavorosos tremores de terra e a cataclismos atmosféricos, tenha deixado impressões indeléveis na imaginação da espécie humana. Suponhamos que, no dia de hoje, as Ilhas Britânicas inteiras, com todos os seus habitantes e todos os tesouros de sua civilização tivessem a mesma sorte e que fossem tragadas pelo mar até quase a altura do pico das mais altas montanhas da Escócia, que choque terrível sofreriam as colónias inglesas e mesmo a Humanidade inteira! Admitamos ainda que, em consequência desse acontecimento, o mundo fosse levado a cair novamente na barbárie universal, e que homens como Guilherme o Conquistador, Ricardo Coração de Leão, Alfredo o Grande, Cromwell e a Rainha Vitória não sobrevivessem na memória das novas gerações a não ser transformados em deuses ou demônios. De qualquer forma, a lembrança da enorme catástrofe na qual teria desaparecido subitamente a mãe pátria, o centro do mundo, jamais poderia desaparecer da memória dos homens. Essa lembrança subsistiria, mais ou menos fragmentariamente, em todos os países da Terra, primeiro sob a forma de uma narração de caráter histórico verídico, depois, com o passar dos tempos, como lenda, como tradição, como fábula, como conto. A lembrança de tal acontecimento sobreviveria à de milhares de transformações do mundo, menos profundas e menos terríveis; sobreviveria às dinastias, às nações, às

religiões e às línguas. A lembrança de semelhante acontecimento perduraria até o fim dos tempos, enquanto houvesse homens na face da Terra".

"A ciência ainda mal começou a sua missão de reconstruir o passado e de edificar a história das civilizações esquecidas dos povos antigos. Nesse trabalho, nenhum estudo poderia ser mais interessante nem mais atraente, e nenhum ofereceria à imaginação mais horizontes, que a história desse povo desaparecido, a história da Humanidade antes do dilúvio. Esses homens foram os inventores de todas as nossas artes, de todas as nossas ciências. Foram os criadores de todas as nossas concepções fundamentais sobre a ciência do mundo e sobre a vida. Foram os primeiros civilizadores, os primeiros navegadores, os primeiros colonizadores da Terra. Sua civilização já era uma civilização antiga quando a dos egípcios começava. Seu império já datava de milhares de anos antes que se pudesse falar de Babilónia, Roma ou Londres. Esse povo desaparecido foi o de nossos precursores. O sangue desses homens corre em nossas veias. As palavras de que nos servimos eram, em sua forma primitiva, a que se ouviam nas cidades, nos palácios e nos templos da Atlântida. Todas as particularidades das raças, dos troncos étnicos, das crenças, todas as nuanças de nosso pensamento levam-nos, em última análise, à Atlântida".

"Poderíamos expressar aqui o voto de que as nações civilizadas modernas encontrem, enfim, um objetivo interessante para os cruzeiros geralmente inúteis que efetuam seus vasos de guerra. Dever-se-ia examinar a possibilidade de retirar do fundo dos mares pelo menos alguns restos dessa civilização desaparecida. Algumas partes do que foi a Ilha Atlântida, por exemplo, aquilo que os mapas ingleses chamam de ***Dolphin bank****, jazem a apenas algumas centenas de braças abaixo da superfície. Nas proximidades imediatas do arquipélago dos Açores, a*

exploração metódica do fundo do mar levaria certamente a alguns resultados interessantes. Organizaram-se, em época diversas, e com grandes despesas, expedições para recuperar algumas milhares de peças de ouro naufragadas com um transatlântico. Por que não se faria o mesmo para chegar às maravilhas desaparecidas da Atlântida? Uma única tábua contendo inscrições, trazida das profundezas onde jaz a Atlântida de Platão, teria para a ciência infinitamente mais-valor, para a Humanidade civilizada um interesse bem mais comovente que todo o ouro que os espanhóis de outrora roubaram dos peruanos e que todos os documentos, por mais preciosos que sejam, que se encontram no solo do Egito e da Caldeia".

"Não poderíamos também nos indagar se as assim consideradas ***moedas fenícias*** *que se encontram em Corvo, uma das ilhas Açores, não seriam originárias da Atlântida? É possível que o grande povo fenício, cuja importância foi tão capital na fundação de colónias, tenha visitado estas ilhas desde o início do período histórico e as tenha, em seguida, deixado desertas, como os portugueses as encontraram, ao descobri-las? Nós mal começamos a compreender o passado. Há uma centena de anos o mundo ainda nada sabia de Pompeia e de Herculano, nada do vínculo linguístico que une as nações indo-européias, nada do que significa a enorme quantidade de inscrições deixadas nos túmulos do Egito e da Babilónia, nada das civilizações admiráveis reveladas hoje pelos monumentos em ruínas do lucatão, do México e do Peru. Mas hoje chegamos no limiar da ciência e os progressos de nossos conhecimentos desenvolvem-se rapidamente. Se compararmos a ciência adquirida nas últimas centenas de anos ao desolado deserto do pensamento teológico da Idade Média, quem poderá duvidar que, dentro de cem anos, nossos grandes museus não estejam paramentados com as estátuas, as*

armas, os utensílios e as jóias da Atlântida submersa, que nossas bibliotecas possuam traduções das inscrições da Atlântida, esclarecendo, com as luzes de novos conhecimentos, todo o passado do mundo e do género humano e dando a solução de todos aqueles mistérios que os pensadores e pesquisadores de nosso tempo procuram ainda, em vão, penetrar?"

Capítulo III: O GRANDE TESTEMUNHO SECRETO

Em diversas circunstâncias, como todos sabem, tive o privilégio de ter encontros excepcionais. Alguns deles eu contei, outros não. Talvez um dia eu conte estes últimos, pois nenhuma proibição me foi feita neste sentido; mas o momento ainda não me parece oportuno. Seguramente, quando leio o que é atualmente escrito ou o que o foi, em época recente sobre o mestre chamado H. ou sobre o mestre chamado K. e outros mais, acontece-me pegar a pena para transmitir o que sei, para retificar os graves erros cometidos, ou para responder ao desafio do inconcebível sacrilégio que consiste em envolver com o mistério de um H. ou de um K. a nobre figura de mestres sublimes a cujo respeito, de resto, aqueles que deles falam tão publicamente e com uma pretensa experiência só fazem tecer uma trama imaginária que não tem nenhuma relação — mesmo distante — com a realidade. Ora, logo deponho a minha pena, censurando-me por minha ambiciosa pretensão. Realmente, como ousaria eu descer à arena da contestação para discutir assuntos tão sagrados? Por que, e em virtude de que autoridade, julgaria a obra de outros, quando esta obra pode ter dado a algumas pessoas conforto e consolo? Recebi, sem dúvida, daqueles que sabem, mais luz sobre seres de importância primordial na condução do destino humano, e estaria assim apto para restabelecer a verdade pura no que lhes diz respeito; mas, ao fazer isso, ao mesmo tempo exporia essa verdade a uma crítica estéril e destrutiva. Por isso, ainda não resolvi escrever a respeito. Se houvesse recebido autorização de empreender esta nova revelação sobre assuntos que não pudessem ser verificados no nível do homem em geral, não teria hesitado um só instante em fazê-lo. Essa autorização não me foi dada. Se um dia o for,

saberei então o que escreverei, apoiado por uma força suprema e, por conseguinte, recebível e compreensível por todos no âmago de sua alma.

Cumpri; esperar. A verdade, para iluminar, deve ser transmitida no momento preciso em que pode cumprir seu papel e atingir seu objetivo, e aqueles que sabem conhecem o momento. Assim, espero, mas estou pronto!

No entanto, aquele que me instruiu sobre a Atlântida e sua importância atual pertence ao domínio que não me parece apropriado abrir a outros, antes que seja dado um sinal, que ainda não veio. Tergiversei, portanto, comigo mesmo durante semanas, adiei a redação desta obra para a qual, ainda mais, dois elementos adquiridos depois me faziam falta, e cheguei, em última análise, a um compromisso, que considero satisfatório, para minha consciência. Falarei assim daquele com quem estive em contato, explicarei o modo como o encontrei, mas não direi nada de preciso, a não ser por alusão, sobre a posição hierárquica que ocupa no plano esotérico, uma hierarquia que não é deste mundo e que, apesar de tudo, a ele está intimamente relacionado...

Três cidades foram palco desses bate-papos... Bate-papos! Como o termo é impróprio, mas qual outro empregar para designar o que foi um ensinamento durante o qual o instrutor discorria, timidamente interrompido por perguntas inúteis? Um discípulo aos pés do mestre? Sim, seria mais exato, pois nessas três cidades, não fui mais que isso...

Capítulo IV: BRUXELAS

Porque sou francês, deveria talvez sentir-me lisonjeado quando um amigo belga me afirma que Bruxelas é uma pequena Paris, mas, no Líbano, disseram-me a mesma coisa de Beirute, e de outras cidades, alhures, no resto do mundo. Ora, nem Bruxelas, nem Beirute, nem outras cidades são Paris em miniatura. Cada grande cidade, em nossa terra, tem sua originalidade própria e suas maravilhas exclusivas. Beirute tem as suas, as outras capitais também, e Bruxelas me encanta porque Bruxelas é Bruxelas e não uma simples cópia de Paris. Que diversas influências, no correr dos anos, tenham embelezado Bruxelas com jóias admiráveis, não se poderia contestar, mas o enfeite é apenas uma homenagem à beleza e, se Bruxelas recebeu tantos ornamentos dos que a desejaram, não seria em primeiro lugar para tentar — em vão — conquistar seus encantos naturais?...

Bruxelas, para quem nela se demora, é uma descoberta apaixonante que tive muitas vezes o privilégio de empreender, de noite como de dia, e que estou longe de ter levado até o fim. Entre os tesouros que minha lembrança recolheu, e de que a sua, mais cedo ou mais tarde, compartilhará, a Grand'Place é aquele a cujo ritmo o meu coração, com amor, vibra para sempre. Um tal esplendor não se descreve, frui-se com volúpia, e é um prazer tão sublime e tão variado, segundo a hora e o tempo que, instintivamente, procura-se estreitar o vínculo, mesmo que outras coisas que precisamos conhecer em Bruxelas tenham, temporariamente, cativado a nossa curiosidade...

Nesta noite de junho, deixei, pois, há alguns instantes, o Hotel Amigo, que fica pertinho, e eis-me na Grand'Place iluminada, banhada em seu feérico esplendor, sentindo a inexprimível alegria que provoca a contemplação da beleza. Os

passantes da noite imo me Incomodam. listou inteiramente entregue a praça e a mim mesmo.

— Você gosta desta praça?

A voz importuna recria em mim, de súbito, o sentimento de tempo e de espaço, um momento perdido. Vou responder uma banalidade qualquer quando, pousando meu olhar sobre aquele que me interpelou, estremeço de surpresa e de incredulidade. Não! Ê impossível! Ele, aqui em Bruxelas; ele, na minha frente; ele, que me fala. Com um brusco sobressalto de vontade, recobro total consciência do mundo exterior e, não fosse o lugar, pôr-me-ia de joelhos, mas da minha alma já jorrou todo o amor que clamo em uma só palavra:

— Mestre! O senhor!... Aqui!

Encontrar este mestre em Bruxelas nada tem certamente de extraordinário. O mundo atual e a etapa considerável que ele tem que transpor em todos os campos, inclusive, e em primeiro lugar, o da evolução coletiva e individual, exigem, onde for preciso, em ocasiões determinadas, a presença efetiva e real daqueles que assumem a responsabilidade próxima ou distante desta evolução. Naturalmente, é aos mestres invisíveis que me refiro aqui, pois o termo invisível não significa, de modo algum, que eles tenham necessariamente abandonado o plano material e não disponham mais de um corpo físico. Por invisível, é preciso entender simplesmente que eles não são vistos ou reconhecidos de uma maneira geral. Para cumprir sua missão de acordo com a lei estrita da impessoalidade, eles não se fazem conhecer e evitam, deste modo, o culto pessoal que, para tantos postulantes do caminho místico, é o obstáculo irremediável.

Existe, com efeito, em um número considerável de discípulos, que no entanto são qualificados, a curiosa necessidade de um mestre tangível, suscetível

de materializar o objetivo a ser alcançado, as esperanças não formuladas do eu e as opiniões ou conselhos que a inspiração sozinha e a intuição ainda não exercida não são capazes de revelar com uma clareza satisfatória.

Tais mestres naturalmente existem em quantidade impressionante e, na maioria dos casos, são sinceros consigo mesmos e com seus fiéis. O fato de não se enganarem a seu próprio respeito e permanecerem na verdade, é, evidentemente, outro assunto; mas não é essa a questão. Se prestam temporariamente serviço a alguns, têm sua razão de ser. Vira um dia em que eles, ou seus discípulos, vencerão esta etapa de ilusão e de erro através de uma atividade eficaz em um caminho impessoal e autêntico tal como a Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C., por exemplo, cujo ensinamento e técnica, por se dirigirem a adeptos próximos do não retorno, lembra-lhes a todo momento que não existe outro mestre além daquele que levam em si: o mestre interior, sendo que os mestres exteriores, verdadeiros ou falsos, não passam de seu reflexo mais ou menos deformado.

Em todo caso, não se poderia confundir esses reflexos com os mestres invisíveis cujo papel é, em primeiro lugar, o de Vigilantes Silenciosos no universo iniciático e, depois, o de guias desconhecidos e, não obstante sempre presentes para o discípulo verdadeiro a quem aparecem. Entendam: dão a perceber sua presença — quando ele está pronto.

Pode parecer difícil situar perfeitamente os seres que têm uma missão determinada a cumprir no conjunto, manifestado ou não, da criação. A dificuldade, no entanto, é apenas aparente. Em primeiro lugar, é essencial fazer uma escolha na terminologia e assimilar a linguagem mística ou esotérica. É claro que os arcanjos e os anjos, assim chamados para facilitar a compreensão pouco aprofundada do fiel religioso, serão reconhecidos sob outros nomes e explicados de modo mais

aprofundado por uma escola tradicional de mistérios. Em seguida, sendo empregada a palavra mestre, com qualquer qualificativo que seja — cósmico para um, invisível para outro, e de maneira diferente ainda para os membros do Alto Conselho do A... e os Rosacruzes — convém referir-se ao sistema hierárquico que preside a todas as coisas em todos os planos, inclusive o nosso, e que quer que nenhuma responsabilidade, nenhuma função e nenhuma missão estejam num nível equivalente. Assim, cada ofício é definido, antes de tudo, pela obra específica em que implica. É, pois, conhecendo o objeto da missão que se pode diferenciar os seres invisíveis e visíveis de que se trata. Estabelecido esse postulado, somente um pouco de reflexão é necessário; e seria verdadeiramente prova de má-vontade, ou de uma incrível dificuldade para raciocinar, confundir o papel de um Maha com o de um Rosacruz, ou de um mestre cósmico com um mestre invisível, ou com o Cardeal Branco. Todos têm, porém, um traço comum: trabalham para uma finalidade última comum o bem supremo.

O mestre diante de quem estou neste momento é, por excelência, um Vigilante Silencioso. Sua função no mundo secreto da Iniciação é de um alcance impossível de avaliar em termos humanos. Ele não se chama nem H. nem K., e seu nome, se tiver um, Jamais foi revelado, de forma que é conhecido dos altos iniciados como o mestre desconhecido. Tem altura mediana e aqueles, muito raros, que tiveram o insigne privilégio de conhecê-lo por aquilo que ele é, concordam em afirmar que seria arriscado querer avaliar sua idade. As descrições que dele puderam ser feitas, há vinte anos, não teriam que ser modificadas — por pouco que fosse — para representá-lo tal como é hoje. Ao vê-lo assim vestido com um certo apuro, indago-me se as pessoas poderiam reconhecer nele o mestre, e responderei pela negativa. Para compreendê-lo, é preciso harmonizar todo o seu ser com ele. É

preciso afinar-se pelo seu diapasão, e, por conseguinte, saber primeiramente quem ele é. De outra forma, não suporíamos estar lidando com alguém de quem emana uma força, uma potência e um magnetismo especial. É isso, precisamente, que concretiza a impessoalidade do mestre e que, ao mesmo tempo, o protege. O mestre não se identifica; ele se deixa descobrir sem jamais, é verdade, facilitar a tarefa.

Tudo isso eu não ignoro, e minha emoção não é menos profunda por saber-me lá, diante dele, fascinado pela luz que representa e transmite. Devia manter-me em silêncio, e escuto-me dizer, de maneira ridícula:

— Estou no Hotel Amigo!

— É lá que estou também. Venha!

Ele, no Hotel Amigo, no meu hotel! Coincidência é uma palavra banal excluída do vocabulário magistral. Então?... Senhor! Que minha mente, esta noite, me deixe em paz! Horas como estas são por demais importantes para serem profanadas por considerações humanas. "*Estou com o mestre, estou com o mestre*"! Oh, minha alma, rejubila-te na alegria deste encontro sublime!...

Em seu apartamento, um velador envernizado separa as duas poltronas cinzentas listradas de preto que nos receberam. Cabe a ele falar e espero, humildemente, sua palavra de sabedoria. Voltado para mim, apóia o cotovelo sobre o velador e, estendendo as mãos para mim, a palma voltada para fora, diz:

— Ponha suas mãos bem retas sobre as minhas!

Empurro ligeiramente minha poltrona para a direita e faço o que ordenou. Seus olhos, então, se apossam dos meus. Seu brilho torna-se insustentável e, no entanto, não posso desviar meu olhar. Seu rosto aproxima-se e envolve-nos um leve halo que parece absorver todo o meu ser, como se eu estivesse, de súbito,

totalmente unido ao mestre, como se ele e eu estivéssemos confundidos a ponto de sermos apenas um... e é o esquecimento de uma beatitude infinita, onde tudo se torna nós e onde não existe separação ...

Eis a volta progressiva em que a individualidade retoma forma, em que a unidade cinde-se em dois seres distintos, em que minhas mãos voltam a ser minhas, em que elas deixam seu anfitrião acolhedor e em que, mantendo os olhos fechados, meu coração transborda de reconhecimento e de amor pela bênção recebida. Escuto:

"*Não estou aqui por sua causa, mas quis este encontro depois de tantos anos — e sua alma respondeu ao meu chamado, pois você veio. Há tempos, preparei o caminho que você seguiu e não deixei de velar. O serviço é acompanhado de amargura, mas a amargura é a poção da vida deste mundo, e este mundo não passa de um crisol temporário de experiência. O serviço é cumprido por si mesmo e não pelo que dele resulta para quem o faz. A todo instante, você deve obediência; às vezes, além da sua compreensão. Fique feliz por obedecer... É a grandeza do homem e a sabedoria do servidor, pois ele recebe assim o socorro incessante de seus mestres e sua obra é santificada... Não vai longe aquele que não ultrapassa os duvidosos e quiméricos limites de seu eu e de suas emoções comuns*"...

"*Mas não o guiei até mim para considerações que poderia ter-lhe inspirado de outra forma, como você bem sabe, assim como não ignora as lições que posso dar, a você e a outros, se o serviço o exigir, e quando o bom caminho tiver que ser mantido, contra tudo*".

"*Existe, de parte do mundo, uma atração aparentemente nova pela Atlântida, e isso, naturalmente, não se deve ao acaso. Esse enorme interesse que*

se expressa atualmente nos países mais distantes uns dos outros é, por assim dizer, provocado. Entenda que é obra daqueles de quem, em data relativamente recente, você recebeu a mensagem, para você e alguns outros. Meu papel e o dos membros do conclave invisível foi estimular nessa direção o Interesse de dirigentes que podem transmitir um conhecimento mais reservado e mais preciso que as informações públicas redigidas em diversas línguas por numerosos autores modernos. Efetivamente, esse conhecimento secreto pode ser agora recebido por grupos menos fechados. Você deverá transmiti-lo, não integralmente, não como me proponho transmiti-lo, mas no essencial. E, quando vier o momento de dar-lhe forma e de escrevê-lo, estarei perto de você para dirigir seu pensamento na direção certa, levando em conta os limites fixados. Outros responsáveis receberão este conhecimento por vias diferentes. Ele será apresentado sob uma forma distinta, adequada à forma de pensar e às particularidades dos grupos aos quais se destina; mas a substância será a mesma. Assim, não se preocupe com o que poderá ser dito ou transmitido em outros lugares. Escute e prepare-se para transmitir, no momento oportuno..."

A Atlântida! Certamente, fui outrora atraído pelo estudo desse continente, mas era movido, então, principalmente por um desejo de curiosidade, e não havia procurado aprofundar essas pesquisas. Mais recentemente, é verdade, os livros de várias grandes editoras que chegaram à minha mesa reanimaram um interesse só em aparência extinto. Em seguida, houve o extraordinário encontro com o *Cardeal Branco*, que contei em meu *Encontro Secreto* em Roma. Curiosamente, não estou muito surpreso que a conversa do mestre desconhecido seja sobre esse assunto. Eu esperava aprender mais sobre a Atlântida, de um modo ou de outro, mas, penso, o mestre desconhecido precisamente, não teria qualquer coisa a ver com esta espera?

Agora tenho certeza que sim. Eu estava preparado para o suposto acaso desta pretensa coincidência do encontro com ele na Grand'Place de Bruxelas. Teria eu necessidade de uma confirmação? Seu sorriso, neste mesmo instante, enquanto balança a cabeça, olhando com benevolência, seria a mais vibrante das respostas. Novamente sou cativado por essa voz suave, que, às vezes, mal é perceptível:

"*A Atlântida — diz a voz — é um continente submerso de que nem todos os habitantes desapareceram no terrível cataclismo. Os que se salvaram tiveram descendentes e esses descendentes existem ainda atualmente, e sabem que são atlantes*!..."

Estou no mais absoluto espanto e se estivesse diante de qualquer outro que não o mestre desconhecido, teria imediatamente reagido com inúmeras perguntas e, talvez, algumas objeções. Mas ele sabe o que fala, e a verdade não se contesta, mesmo que seja ofuscante a ponto de suscitar a dúvida naquele que não tivesse o privilégio de que gozo neste momento, ao ouvir o mestre.

"*O continente, tal como existiu, foi descrito, de maneira mais ou menos satisfatória, por Platão, mas o sacerdote egípcio, na sua alta sabedoria e, é verdade, obedecendo a ordens, adaptara o fato religioso e filosófico para colocá-lo ao alcance da época grega. Na realidade, a Atlântida, mesmo exotérica, isto é, a religião de massa, era monoteísta no sentido absoluto, de maneira muito similar à crença judia e mais similar ainda ao islame de nossa era. A primeira manifestação divina para nosso sistema planetário era, para os atlantes, o Sol e a antiga cosmografia egípcia refletia aproximadamente as crenças exteriores da Atlântida, mas de uma maneira um tanto degenerada em relação àquelas. Além disso, haviam sido ajustadas a seu país de adoção, para incluir principalmente o Nilo e tocar, assim, ainda mais a imaginação popular*".

"A Atlântida, no seu extraordinário grau de desenvolvimento em todos os campos, tinha, efetivamente, de particular, o fato de que exportava suas crenças, adaptando-as a seu novo meio e levando escrupulosamente em conta o particularismo, a psicologia, as condições — e até mesmo as tradições — deste meio".

"É claro — e alguns profanos o compreenderam — que a Atlântida, continente altamente civilizado e que dispunha de meios de transmissão e de transportes, em comparação com os quais o que conhecemos atualmente não é nada, era na sua época o coração do mundo. Em outras palavras, o mundo inteiro era conhecido dos atlantes e, no mundo inteiro, os atlantes tinham missionários e colônias mais ou menos poderosas. Os povos colonizados recebiam conhecimento à sua medida e, em certos países particularmente abertos, era estabelecida uma filiação direta pelo colégio dos sábios, isto é, pelos mais altos iniciados daquele tempo, guardiães da sabedoria secreta. Essa filiação era marcada por um templo piramidal à imagem da pirâmide suprema onde ficava, na Atlântida, o colégio e onde o conhecimento era preservado. Somente uma pirâmide, todavia, reproduziu a pirâmide suprema, e ainda assim numa medida diferente — a de Quéops. As outras, espalhadas pelo mundo, inclusive aquelas que foram preservadas até a época presente, só parcialmente reproduziam a pirâmide suprema. A grande pirâmide perpetua, pois, para o mundo, a integralidade da sabedoria atlante, enquanto que as outras revelam uma parte dessa sabedoria: a que estava destinada ao continente ou o país onde foram construídas. Num futuro bastante próximo, aliás, algumas descobertas serão facilitadas em benefício da Humanidade nesse campo, e essas incontestáveis descobertas porão fim a muitas polêmicas...

"A Atlântida conhecia perfeitamente a natureza e a potência de certas forças cósmicas, particularmente as das correntes telúricas, e a aplicava com atenção à agricultura e, ainda mais — talvez principalmente — à conservação harmoniosa dessas correntes para evitar qualquer catástrofe geológica que estivesse no poder do homem conjurar. As pirâmides atendiam também a essa finalidade, pelo lugar devidamente estudado em que eram edificadas. Em outros lugares, bastavam pontos de proteção. Este é o caso, por exemplo, dos dolmens e menires que marcavam, com precisão, os lugares de conjunção das forças, de focalização da energia universal, onde cerimônias eficazes podiam realizar-se. O mesmo acontece com essas numerosas pedras, de tamanho mais ou menos considerável, que ainda se vêem espalhadas pelo mundo, em propriedades, campos, até mesmo em cidades. Mas essas tinham por objetivo exclusivo, digamos, desenvolver a energia cósmica e favorecer as colheitas".

"Além disso, pode-se considerar que todos esses elementos secundários estavam ligados, do ponto de vista energia, à pirâmide suprema. A terra inteira constituía, desse modo, um receptáculo eficaz para a totalidade das forças cósmicas. Naturalmente, só o colégio dos sábios tinha conhecimento disso. O povo atlante e os países colonizados utilizavam de maneira prática os efeitos desse saber, assim como atualmente muitos usam a eletricidade sem ter conhecimentos precisos sobre o assunto... Disso resultou, algumas vezes, um uso abusivo, acidentes, e, finalmente, tendo a pirâmide suprema sido alterada em conseqüência de manobras ignorantes e ambiciosas, a catástrofe planetária que submergiu a Atlântida transformou a superfície da Terra e gravou-se na imaginação popular com o nome inexato de dilúvio.

"O que se produziu em seguida é a conseqüência lógica dessa posição eminente ocupada pela Atlântida no mundo, uma vez que o mundo inteiro a ela estava ligado. Os países colonizados, governados por administradores atlantes, com freqüência só possuíam parcialmente a sabedoria. Ficaram, assim, entregues a si próprios e, na base do que havia, do que fora trazido pelos atlantes e adaptado a cada região, desenvolveu-se um conhecimento novo, com suas crenças próprias, sua mitologia, suas superstições e seus ritos. Ao lado desse desenvolvimento exotérico, os governadores atlantes que passaram a ser, pela força dás circunstâncias, responsáveis pelo país que administravam, criaram sociedades locais de caráter secreto e transmitiram ao pequeno número que haviam reunido em sua volta aquilo que conheciam da sabedoria da Atlântida. Esse saber era mais ou menos rudimentar segundo as regiões, embora os dados fundamentais fossem em toda parte similares. Daí resultaram, na África por exemplo, aquelas sociedades iniciáticas que, se assumem uma forma diferente de um país para outro, têm todas um conhecimento básico similar e uma técnica idêntica. A incompreensão e o ***parti-pris*** *desconsideraram, até data recente, a sabedoria africana".*

"Confundiu-se exoterismo com esoterismo, desnaturou-se a pureza dos símbolos até fazer deles uma pavorosa caricatura, deu-se ao gesto ou à ação iniciática e simbólica um valor real que salientava uma pretensa crueldade, como se, pelo fato da tradição ocidental afirmar que o iniciado matará o iniciador, pudéssemos admitir que essa imagem exprime um ato real! Confundiu-se superstição e conhecimento; recobriu-se com o nome impróprio de fetichismo toda uma sabedoria autêntica. Mas os etnólogos modernos voltam atrás nas tolas concepções de seus predecessores. Isso é bom, pois na base do ensinamento das sociedades secretas africanas autênticas — há também algumas que não o são! — além da forma e dos

elementos exteriores, é uma parte da sabedoria atlante que se perpetuou! E quanto, infelizmente, dessa sabedoria que sobreviveu, desapareceu em outras partes do mundo, com o passar dos tempos: os druidas, por exemplo! Em todo caso, tudo o que no passado pôde parecer epifenômeno no campo do conhecimento e da tradição autêntica é simplesmente a perpetuação de conhecimentos atlantes esparsos, moldados, após a catástrofe, em um quadro conveniente do ponto de vista psicológico e simbólico, aos países onde essa perpetuação devia cumprir-se".

"*Mas há uma outra fase a considerar, e ela diz respeito à perpetuação da sabedoria do próprio colégio, isto é, da sabedoria integral; e é aí que vou chegar...*"

Escuto com avidez o mestre desconhecido. O que ele expõe não me surpreende. A maioria dos fatos me era conhecida. Como ele mesmo declarou, eu experimentara, de pouco tempo para cá, uma recrudescência de interesse pela Atlântida e lera com extrema atenção Os Segredos da Atlântida, de Andrew Tomas, em sua recente tradução francesa. Ora, Andrew Tomas é um membro de longa data da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C, e sua obra 6 dedicada ao saudoso Nicolas Roerich, que foi legado do Dr. H. Spencer Lewis, no Tibete. Portanto, eu não ignorava que as perguntas feitas pelo autor eram, na realidade, respostas seguras, assim apresentadas para melhor penetrar no pensamento do público. Mas o mestre desconhecido acrescenta o fio condutor a tudo o que estava escrito ou não. Ele reúne o que está disperso. Restabelece a unidade. Por enquanto, esboça em grandes linhas a história do continente desaparecido, evitando voltar ao que é admitido de modo geral ou que pode ser encontrado em qualquer tese séria. Ele simplesmente frisa certos pontos e, no mesmo momento, revela.

Eu ignorava a importância das pirâmides vistas sob esse aspecto, e não podia estabelecer uma relação correta entre as diversas construções dessa natureza

que ainda existem do Egito ao México, e em tantos outros lugares. O mestre desconhecido deu-me a explicação, para mim totalmente satisfatória, dessa aparente e incompreensível multiplicidade de vestígios. Ele tornou o próprio homem e sua ambição desmesurada responsáveis pela catástrofe em que desapareceu a Atlântida.

Pressinto qual o acontecimento que deve ter acarretado a perda de seus próprios autores na submersão final: seres impelidos pela louca inquietação da posse e do poder, torturados por não terem acesso aos primeiros lugares, empreendendo gestões escusas para tentar garantir o controle de um continente rico. Isso ao risco de perder-se... E perdem-se, com efeito. Em última análise, porém, foram os instrumentos do destino, pois soara a hora da involução: o paraíso atlante devia desaparecer para o mundo despertar para a consciência universal, guardando confusamente no coração a lembrança do sábio continente perdido, e perpetuando sobre a Terra, quase sempre sem o compreender, ou sem conhecer sua origem, aquilo que os atlantes haviam transmitido em numerosos campos práticos, principalmente na agricultura. Nisso, os testemunhos de Ignatius Donnelly e de alguns outros pesquisadores revestiam-se de todo relevo. Mas era o mestre desconhecido que me dava a última chave. Tendo esboçado em grandes linhas o que me queria dizer, ele agora determina com precisão os pontos que, na realidade, são o exclusivo objetivo profundo de nosso encontro!

"*O colégio dos sábios, como você já devia saber, não ignorava os perigos que ameaçavam a sabedoria que lhes cabia proteger. Eles estavam por demais conscientes das imperfeições da natureza humana e dos excessos mortais aos quais, com freqüência, os impulsos do ego a levavam, para não prever*".

"Você soube por outra fonte que os sábios supremos refugiaram-se no Egito, e sabe, também, o que foi feito para a perpetuação e a propagação do conhecimento sob uma nova forma, no ciclo que se abria diante da Humanidade. Assim, você tomou conhecimento, perto de Roma, do caminho tomado pela comunicação iniciática destinada ao pequeno número, à elite da Humanidade. Portanto, não preciso voltar a essa questão. Mas o que, até agora, não lhe foi revelado é isto: os sábios atlantes também guardaram os conhecimentos científicos e técnicos que faziam da Atlântida um continente cuja civilização ainda não teve igual, mesmo atualmente"...

"O mundo, depois do cataclismo, entrava num período de escuridão. O pensamento, que transmitia vida e energia, havia desaparecido. O pai não mais existia e os filhos viam-se entregues a si mesmos. Expliquei o que fizeram os tutores na África e em outros lugares, para preservar o conhecimento parcial que haviam recebido e favorecer, assim, o desenvolvimento de um certo número. Ao mesmo tempo, influíam, também, de forma discreta mas eficaz, nas crenças e na condução das massas. Os sábios, certamente, teriam podido reconstituir o império em toda a sua força, em outro continente. Eles tinham os meios. Mas, em razão do que se tinha passado, e igualmente porque isso estava de acordo com o plano universal, recusaram-se a fazê-lo, e ocultaram a totalidade dos conhecimentos preservados. Não era mais um país ou um continente que reencontraria a força e a civilização atlantes. Era o mundo inteiro que seria chamado a tornar-se a nova Atlântida. Isso numa longa, muito longa marcha, estendendo-se talvez por milênios, desde a escuridão nascida da catástrofe até a luz finalmente reencontrada. Então, novamente, e pela última vez, a Humanidade sempre livre de si própria enfrentaria

uma última escolha, da qual resultaria uma era de extraordinária civilização ou, ao contrário, o fim não mais de um continente, mas, desta vez, do mundo".

"Ora, o tempo da escolha se aproxima. Esse tempo será marcado pelo ressurgimento da Atlântida, o renascimento do continente desaparecido diante da Humanidade estupefata. É por isso que você está aqui comigo, para receber esta mensagem, esta advertência, e transmiti-la. Tiveram os sábios razão de deixar a Humanidade crescer progressivamente por si mesma, em lugar de restabelecer o império atlante imediatamente após a catástrofe e de guiar a evolução dos povos da Terra? A resposta é simples: eles não tinham escolha. A lei devia ser aplicada. O plano universal devia desenvolver-se como estava previsto. Mas isto não significa que os sábios não tenham guiado essa evolução. Ao contrário, eles o fizeram com um cuidado e uma prudência dignos da mais respeitosa admiração. Entregaram, ao mundo, à medida que se processava o seu desenvolvimento, isto é, à medida que o homem podia compreender, receber e utilizar sem perigo as descobertas que lhe eram sugeridas, entregaram, como disse, no mentido mais estrito do termo, os conhecimentos científicos e técnicos adquiridos pela Atlântida e preservados por eles e seus sucessores"...

"Mas abordamos aqui um assunto que necessita de um exame profundo que não podemos empreender esta noite, pois já é muito tarde. Peço-lhe para não me fazer nenhuma pergunta. Reflita no que lhe disse e complete sua documentação exterior. Deixo Bruxelas amanhã, mas marco encontro com você em Genebra para daqui a seis semanas. Sei qual é seu hotel lá. Você será avisado de minha presença. Chegou o momento de nos separarmos..."

— Mestre, humildemente, peço sua bênção para mim e para aqueles que represento diante do senhor...

Ele fecha os olhos, e caio a seus joelhos, a mão esquerda sobre o coração e a direita sobre a esquerda. Na minha fronte, sinto o sopro sagrado acalmar por três vezes o tumulto de meus pensamentos e vacilo num oceano de luz, enquanto ressoa a iluminante e doce melopéia da sílaba sagrada: ôm, ôm, ôm... a cujo ritmo vibra a alma e correm as lágrimas de um discípulo prostrado aos pés do mestre num reconhecimento infinito.

Depois de momentos como este, reencontrar-se a sós é uma prova que só pode ser superada pela oração. Então, tendo voltado ao meu apartamento, perto de um pequeno velame muito parecido com o outro, da casa do mestre, o rosto entre as mãos, meu ser lança-se em um Hosannah sem fim em direção ao eterno e ao sublime...

Capitulo V: GENEBRA

A Suíça é um dos países do mundo que mais admiro. Sempre me foi difícil estabelecer uma diferença entre o temperamento ou a psicologia do suíço natural do cantão de Genebra e do suíço nascido no cantão de Vaud ou em qualquer outro. Para mim, os suíços todos se parecem pelas notáveis qualidades que os caracterizam. Sem dúvida, têm alguns defeitos — que homem não os tem? — mas o amor que lhes tenho faz-me ignorar tais defeitos; ou, antes, eu não os noto. Aliás, não sei o que se lhes poderia censurar, e as imperfeições insignificantes com que são tachados, às vezes, são, como já constatei muitas vezes, apenas suscitadas pela inveja e por um fiapo de ciúme contra um povo tolerante, organizado, trabalhador e prático, cujo entusiasmo, se precisar basear-se em sólidas razões, sabe ir longe na realização da meta que se propõe.

Dizem que a Suíça tornou-se o cofre-forte do mundo. Talvez seja o mais belo cumprimento que se possa dirigir ao país, pois não se confiam economias a qualquer um, e o dinheiro chega à Suíça vindo de toda a superfície da Terra. Isso implica reconhecimento universal de qualidades morais excepcionais. Mas ainda há mais. A Suíça soube fazer dos mais nobres objetivos humanitários uma instituição tal que, em muitos setores, passou a ser a consciência da Humanidade. Um de meus amigos repete para quem quiser ouvir: "*Na Suíça, respiro, no sentido próprio e no figurado*!" E muitos pensam como ele; eu também!

Contudo, eu não gostaria que minha afeição pela Suíça se prestasse a confusão. Sou profundamente ligado a todos os países do mundo. Todos ocupam, no meu coração, um lugar igual, tendo cada um me conquistado por seus aspectos

próprios. Mas, tendo a aventura me conduzido hoje à Suíça, não era justo que eu brevemente resumisse por que motivo amo este país e seus habitantes?

Genebra é, na Suíça, uma cidade internacional; mundial, talvez. Nela, convenções são organizadas, conferências se realizam, e delegados vindos de países de ideologias as mais opostas encontram-se para tentar concretizar as esperanças pacíficas de uma Humanidade tumultuada, no ambiente natural, privilegiado, de um lago célebre, encaixado entre encostas verdejantes, protegidos por montanhas abruptas de cumes quase sempre nevados. A cidade é bela, viva, moderna, com seus bairros animados, seus vestígios do passado e sua grande história. Genebra, enfim, é Genebra; e você a conhece ou conhecerá, mais cedo ou mais tarde, pois, se se supõe que todos os caminhos levam a Roma, a maioria deles passa por Genebra...

Falar de hotel em relação à Suíça quase atinge a vulgaridade. A Suíça é, de fato, por excelência, a hotelaria com um' modo de receber que se aproxima da perfeição. É impossível não ficar satisfeito, a menos que se tenha muito mau gênio ou não se aprecie o conforto e a limpeza. O Hotel Presidente, onde geralmente me hospedo em Genebra, é uma jóia de finura e elegância. É, em minha opinião, um dos mais notáveis da Europa e as admiráveis tapeçarias de seus salões mereceriam a visita atenta de qualquer amante da arte...

Foi numa sala próxima à sala de jantar do hotel que encontrei o mestre desconhecido, e lá ficamos por várias horas, sem sermos incomodados. A vantagem dos grandes hotéis é que possibilitam encontros surpreendentes e longas conversas ao abrigo de qualquer curiosidade ou indiscrição. Ninguém entrou no salão enquanto lá me achava com o mestre. Quem quer que tivesse precisado de algum local para fazer hora, teria facilmente encontrado lugar, mais adiante, em um salão tão

confortável quanto o nosso. É claro também que o mestre fizera o necessário para que permanecêssemos a sós tanto tempo quanto necessário.

Nunca me perguntei com que nome e que profissão esses seres, quando viajam, registram-se nos hotéis. Seu nome é certamente o verdadeiro, mas que importa! Um nome em si não significa nada... Quanto à profissão, em um grau bem menor, se considerar meu próprio caso, jamais dou como profissão: grande mestre. Seria pretensioso e, por certo, incompreendido, com o risco de diminuir, aos olhos do profano, tanto o título quanto a organização. Seguramente, o mestre desconhecido não se apresenta como tal! Em que, de resto, isto nos poderia interessar? O mestre interessa-nos por ele mesmo, e não pelo que faz. Quantos erros não nos arriscaríamos a cometer, julgando-o por seu comportamento exterior, sem conhecer os móveis secretos de seus atos?

Como no nosso encontro anterior, o mestre desconhecido me pediu para pôr as mãos esticadas sobre as suas e, assim, colocou-me em estado de total receptividade. Não somente eu o ouço, mas participo dele, nele. O fluxo da transmissão atinge certamente meu entendimento objetivo, mas meu ser inteiro está impregnado do ritmo vibratório do alto conhecimento. As palavras recebidas teriam pouco efeito sem essa adesão integral criada em mim, em relação com o mestre. Tomam, ao contrário, todo o seu sentido na comunhão assim realizada, pois sugerem, criam a imagem e aquilo que a cerca, e veiculam o poder de ultrapassá-las em uma síntese que inclui o ensinamento, suas conseqüências e sua relação com a sabedoria absoluta. O mestre desconhecido fixa meus olhos com seu olhar calmo, a tal ponto que algumas vezes me perguntei se falava verdadeiramente ou se era o som de seu pensamento dirigido que chegava até mim, e, no entanto, como não

acreditar que ele fala neste momento, uma vez que ouço sua voz impressionante de paz e de doçura:

"*Eis-nos reunidos para uma segunda conversa. Haverá uma terceira, que será a última, sobre um grande tema atual. Ela terá lugar em Paris e você não terá, portanto, por uma vez, que viajar. .. para encontrar o mestre! É igualmente dentro de seis semanas que o verei. Em memória de um pesquisador entusiasta da verdade primordial, nos reuniremos no Café de la Paix. Mas ainda não estamos lá e vou retomar minha exposição interrompida em Bruxelas. Sei que você utilizou este intervalo para reler Platão e outros testemunhos. Fazendo isso, você facilitou minha tarefa, pois posso deixar de lado muitos detalhes secundários para insistir no essencial e, principalmente, nos elementos fundamentais que preenchem a lacuna entre as contradições aparentes em que se perderam os pesquisadores, não nos fatos, mas em sua interpretação*".

"*Você não o ignora: o mestre dá as chaves, este é o seu papel. Achar é o do discípulo a quem são confiadas as chaves. Mas, a propósito da Atlântida, faço mais, e verdade. Na medida do possível, comento, explico e revelo de maneira que esses comentários, essas explicações e essas revelações dêem uma direção a seus pensamentos e formem um todo de conhecimentos seguros e definidos. Depois de nossa última conversa, você conhecerá, em todo caso, a questão da Atlântida em toda a sua verdade*"...

"*Você lembrará que em Bruxelas eu concluía minhas explicações salientando que todo o conhecimento atlante havia sido preservado pelos sábios e ocultado para ser transmitido, por eles e seus sucessores, à Humanidade, de forma progressiva, levando em conta seu desenvolvimento e sua capacidade, com o passar das idades, a tirar um proveito amplamente construtivo daquilo que ela*

acreditaria serem novas descobertas. Não digo que os conhecimentos sugeridos levaram todos a realizações similares às da antiga Atlântida. Por exemplo, os aviões modernos não são, de forma alguma, comparáveis na forma às máquinas voadoras dos atlantes; mas o resultado é idêntico, pois uma mesma lei ou causa produz necessariamente os mesmos efeitos. Entretanto, o que quero dizer é claro: toda a civilização material que a Humanidade conseguiu realizar é um ressurgimento dos conhecimentos atlantes e assim será até o momento da grande escolha de que já lhe falei".

"*Duas perguntas se fazem então, necessariamente: em primeiro lugar, de onde vinha a sabedoria adquirida pelos atlantes? Depois: como essa sabedoria oculta perpetuou-se até a nossa época e como se perpetua ainda? Esse será o assunto de nossa conversa de hoje*".

"*De onde vinha a sabedoria adquirida pelos atlantes? A hipótese menos razoável para o pretenso racionalista é a que constitui a verdade ou, no mínimo, a que dela mais se aproxima. Essa sabedoria vinha de fora, de uma outra galáxia e foi trazida por aqueles que se tornaram os primeiros chefes da Atlântida. Insisto: os primeiros chefes do continente atlante não eram terrestres. Eles ficaram na Terra assim como, num futuro mais ou menos próximo, nossos cosmonautas estabelecerão em outros planetas, e provavelmente em uma outra galáxia, suas bases ou colônias*".

"*Aquilo que, há alguns anos, pareceria quimera ou loucura é hoje aceitável para o pensamento humano, e mesmo esta afirmação categórica não o surpreende. Contudo, reflita: quantos habitantes da Terra aceitarão viver em outro planeta, em condições difíceis, com a necessidade de um material constante de proteção para resguardar a própria vida? Só alguns missionários aceitarão tamanho*

sacrifício. É evidente que descobrir um planeta diferente é excitante para o mundo que empreende semelhante aventura, e isto traz novas aquisições aos seus próprios conhecimentos e a seu desenvolvimento. Mas, daí a povoar um planeta inóspito, há um abismo que poucos estão decididos a transpor. Far-lo-ão unicamente aqueles que estiverem decididos a sacrificar a vida em um doar total de si mesmos".

"*O que se passou naqueles tempos remotos é comparável à obra pioneira realizada pelos primeiros exploradores das regiões desconhecidas de nossa Terra; com a diferença, todavia, de que aqueles que vieram ao nosso planeta não foram seguidos por outros e, mesmo entre aqueles que vieram, a maior parte regressou, abandonando, para sempre, aqueles que ficaram, à obra que decidiram realizar, num irresistível movimento de compaixão para com os seres rudimentares que povoavam a Terra. Você compreenderá, porém, que os que se decidiram a ficar haviam aceitado seu destino, a missão que lhes era concedida, pois nada se deve ao acaso, e a partida de nossa Terra estava prevista no desenvolvimento progressivo do plano universal. O universo é uma unidade*".

"*Não é excessivo dizer que os homens são os elos distintos de uma mesma corrente. Isso acontece com o universo inteiro onde nada é separado, senão para a consciência humana... Assim, os missionários empreenderam, digamos... a educação do povo mais avançado da Terra — os atlantes — e dele fizeram o guia do resto da Humanidade. Adaptaram e desenvolveram sobre a Terra o extraordinário conhecimento de que eram portadores, e a massa tinha tendência a considerá-los como deuses dotados de um infinito poder. Compreendendo que era impossível transmitir os mesmos conhecimentos a todos, esses seres vindos do espaço escolheram cuidadosamente aqueles a quem deviam formar completamente, a quem comunicar integralmente o conhecimento, e com eles constituíram o primeiro*

colégio dos sábios — esse colégio tão essencial para a perpetuação da sabedoria a que me referi anteriormente".

"*Eis aí de onde vem todo o conhecimento do mundo. Se reler atentamente as escrituras sagradas de todos os povos à luz do que lhe expus, você encontrará nelas, confirmada, por muitas alusões, essa grande origem da evolução humana. Mas outras confirmações se seguirão, e o mundo caminhará de espanto em espanto*". ..

"*Vejamos agora como essa sabedoria oculta perpetuou-se até nossa época e como ainda se perpetua. Chegamos aqui ao ponto mais extraordinário das revelações que devo fazer neste excepcional contato com você*".

"*O que vou agora revelar é quase inacreditável e os estúpidos espíritos dos tempos de hoje, que se dizem fortes, se recusariam a dar crédito às minhas palavras. Você, é lógico, não fará isso. Sua fé é total e é por isto que o universo lhe aparece sob seus horizontes mais secretos. É o privilégio de todos aqueles que se esforçam para sobrepujar-se a si mesmos, para ir além de seu pobre raciocínio e dos limites que se impõem ridiculamente por medo de serem enganados. Eu lhe digo, na verdade, vale mais a pena correr o risco de ser enganado mil vezes que perder uma só vez a revelação capital que pode transformar radicalmente uma visão demasiadamente estreita de um universo infinito*".

"*Declarei, desde as primeiras palavras de minha mensagem, quando do nosso encontro em Bruxelas, que nem todos os atlantes haviam desaparecido no cataclismo, e agora você sabe a obra que realizaram, de acordo com seus graus de conhecimento e suas responsabilidades. Mas acrescentei que tiveram uma descendência e que essa descendência ainda se perpetuou. Pois bem, por mais extraordinário que possa parecer, é verdade. Existem atlantes atualmente, e ainda*

haverá, até o momento da grande escolha, que coincidirá, como disse, com o reaparecimento do continente desaparecido".

"*Os atlantes de que falo não são aqueles que, adaptando-se às novas circunstâncias, contraíram casamento no seio dos povos junto aos quais deviam prosseguir, solitários, na obra que mencionei, dando origem a novas raças, como Fulbés, por exemplo, na África e em outros lugares... Refiro-me aos atlantes de origem pura, cuja perpetuação foi assegurada e ainda o é por casamentos rigorosamente mantidos dentro da própria raça. Esses atlantes só se casaram com atlantes; assim foi desde a catástrofe, isto é, há quase doze mil anos*!..."

Não posso resistir a pergunta que me transtorna e, pela primeira vez, interrompo o mestre:

— Mas... onde estão eles? É possível que exista uma raça em nosso planeta sem que este o saiba?... A exploração da Terra há muito tempo terminou!. ..

— Não! Não terminou! Está muito longe disso! A cada dia uma descoberta surpreende a Humanidade e muitos enigmas ainda não encontraram solução, ou então as respostas não são satisfatórias, e são modificadas sem parar... Uma raça, com efeito, perpetua-se sobre a Terra e esta o ignora, pois tudo o que é necessário para a sua própria proteção é feito, uma vez que seu papel de assistente deve, mais tarde, tornar-se um papel de ator o, creia, será um primeiro papel. É nessa raça — a mais pura que existe — que são escolhidos aqueles que, periodicamente, devem substituir, no colégio, um sábio desaparecido. A escolha é de um rigor extremo, justificado pela importância do que está em jogo. O colégio dos sábios continua, pois, a existir e é ele, como você compreendeu, que decide a descoberta concedida à Humanidade, dos conhecimentos científicos, técnicos e outros, vindos do passado!...

Não sei por que, de repente, tenho a convicção intuitiva de que esse colégio só pode agir, a este respeito, em comum acordo com o Alto Conselho do A... Mas não interrompo o mestre. A verdade que irrompe em mim me concerne. Ele mesmo disse: "*Só lhe transmito as ferramentas...*"

"*O colégio dos sábios — prossegue o mestre desconhecido — é também, de certa forma, o governo dessa raça secreta. É ele que garante, definitivamente, sua existência em todos os campos. Na realidade, a palavra raça poderia parecer exagerada, mas não há outra mais apropriada para designar esses alguns milhares de seres de uma outra idade — de uma idade de luz — cujo número é intencionalmente mantido constante*".

"*Onde estão eles? Reconheça que não o posso revelar com precisão — nem mesmo a você! Contudo, você não deixa de saber as questões que levantam para o mundo dos cientistas e dos pesquisadores as estranhas narrações referentes a seres que vêm não se sabe de onde, fazer compras que pagam em uma moeda desconhecida de ouro do mais puro, e tantas outras histórias do mesmo gênero! Sim, muitos enigmas ainda se apresentam ao homem e só serão resolvidos no momento em que não houver nenhum perigo a temer...*"

Esses enigmas, em relação com o assunto tratado pelo mestre desconhecido, eu os anotei em minhas leituras desde a nossa primeira conversa. A melhor enumeração que pude descobrir está contida no Enigma da Atlântida já mencionado, e que espero seja lido pelo maior número possível de membros da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C. Enquanto redijo este manuscrito, a última obra de Robert Charroux me é cortesmente enviada pelo autor, e em O Livro do Misterioso Desconhecido encontram-se também, certamente no estilo de Charroux, muitos enigmas propostos à imaginação dos leitores. Casualmente, constato uma menção

de meus encontros com o insólito, que Robert Charroux, para não incorrer em minha censura amistosa, atribui sem mais a um mestre de Villeneuve, o que é suficiente, espero, para salvaguardar meu anonimato. E depois, que importa? Chegou o momento em que o oculto deve ser descoberto com prudência.

Aliás, acaba de dizer o mestre desconhecido "*os enigmas só serão resolvidos no momento em que não houver nenhum perigo o temer*" e acrescenta:

"*Para algumas pessoas, contudo, falta pouco... Para o império invisível da eterna Atlântida, a hora da descoberta final soará mais cedo do que se poderia imaginar. De qualquer forma, lembre-se disto: os atlantes reaparecerão na face da Terra no momento em que a Atlântida ressurgir.. . Eles estão pelo mundo, em pontos cuidadosamente escolhidos, graças à sua excepcional sabedoria. As regiões em que estão reunidos ficam situadas em todos os continentes e são vitais no sentido mais absoluto do termo. São centros de força e os atlantes são, por conseguinte, seus guardiães vigilantes*".

"*Pode-se ainda acrescentar que zelam, ao mesmo tempo, por uma Humanidade às vezes desamparada e quase sempre imprudente. Às vezes, esses alguns milhares de seres, sozinhos, sob a direção de seu colégio, equilibram os impulsos perigosos, algumas vezes mortais, dos homens inconscientes das perturbações que criam na energia universal, sobre a qual se baseia a própria existência de seu planeta...*"

Penso novamente em Maha, no Alto Conselho do A... É impossível, quando se admite que a ordem, o método e a hierarquia regem o universo, não supor que, de uma forma ou de outra, o governo oculto do mundo não utilize essa força poderosa representada pelos atlantes e seu colégio. Além da função sublime de protetor do conhecimento iniciático atlante, de que emana toda tradição autêntica,

o colégio dos sábios tem uma influência direta sobre o desenvolvimento da civilização. Ora, o Alto Conselho diz respeito exclusivamente a este desenvolvimento e à sua avaliação em relação ao plano universal estabelecido. Existe, portanto, necessariamente, relação entre estes dois organismos e é evidente que o colégio dos sábios depende do Alto Conselho, sob a supervisão determinada de um dos doze. Pelo menos, não posso conceber as coisas de outro modo. Em caso contrário, faltaria um vínculo, e uma tal eventualidade é impensável... E, se não estou errado, então, o mundo, como freqüentemente clamei, é bem um mundo de segredo, um mundo de mistério.

Como lamento os homens exclusivamente apegados à satisfação de seus desejos egoístas e aqueles que, em sua louca pretensão, se dizem prontos a derrubar sem piedade todos os obstáculos para realizar seus desígnios materiais, às vezes, tão baixos! Eles desmoronarão um dia, convulsionados de terror e, tarde demais, se arrependerão de ter, em sua breve existência, transferido seu interesse do essencial para o relativo tão mesquinho! Certamente, não enganam ninguém, menos ainda aqueles que pensam enganar e que, ao contrário, se sentem cheios de compaixão por essas almas desgarradas. Mas assim é feito o mundo e não poderia ser de outra forma. A lei da evolução é rígida e ninguém escapa a ela. Tudo deve ser experimentado pelo homem e, em última análise, mesmo a experiência do egoísmo, que será duramente compensada, mais cedo ou mais tarde, tem sua razão de ser... Mas entreguemos às nossas meditações solitárias o exame da mensagem do mestre desconhecido, e as infinitas conseqüências a que nossas reflexões, a respeito, poderão levar-nos. Escutemo-lo:

"*Assim, como vê, mesmo na esfera do manifesto, encontra-se a lei única expressada em um nível diferente! No plano da evolução individual, o homem*

lembra-se de um paraíso perdido o reencontrará quando tiver tomado consciência no quadro exterior que lhe é sugerido. No plano da evolução planetária, também existe lembrança de um paraíso perdido e este será redescoberto quando as condições forem satisfeitas. Nos dois casos, depois da brutal involução que leva ao fundo do abismo, que se tornará o ponto de partida, é o retorno que começa e, nos dois casos, a evolução se cumpre para um processo progressivo".

"*A lei da analogia é verdadeiramente, em todos os campos, a chave dos problemas mais complexos; e quantos discípulos o esquecem! Quantos também se limitam, querendo a todo preço generalizar uma lei secundária e conceder-lhe o poder de dar a qualquer pergunta formulada uma resposta, satisfatória talvez para eles mesmos, que gostariam, doutamente e com auto-suficiência, de a impor aos outros! Veja, por exemplo, a noção de arquivos acásicos. Para uns, ela é o deus ex-machina do menor problema. Ora, nada é mais errado. E como é lamentável que um conhecimento básico possa, às vezes, levar um discípulo, seguramente sincero, a uma atitude paralisante que o impede de ver mais longe e que impede sua tomada de consciência. É verdade que ninguém, em uma determinada encarnação, pode ir além de sua medida e, se esta for atingida por ele, sua existência será um sucesso, constituindo-se um bom augúrio para a próxima*"!

"*Falo, naturalmente — e você o transmite — para aqueles que estão à altura de receber um conhecimento novo, uma vez que este conhecimento deve ser agora revelado. Que nos importa se, porventura, este conhecimento cair em terreno não preparado! Esta eventualidade não poderia impedir a revelação daquilo que deve ser revelado em um momento determinado, e a tolerância do iniciado inclui, em primeiro lugar, a intolerância de quem quer que esteja no caminho do retorno tanto, naturalmente, quanto a do profano*"!...

"No caminho do retorno! Toda a Humanidade, de fato, tomou agora esse caminho; e, coletivamente, como você agora compreende, é em direção à Atlântida reencontrada que ela caminha atualmente; antes de velejar, se a etapa for duramente vencida, em direção de novas conquistas que levarão, nos séculos futuros, à união dos mundos, à união das galáxias, para que tudo, finalmente, fique terminado. Mas, nesse momento, a tomada de consciência terá sido universal"...

"Penso que estas considerações devem encerrar nossa conversa de hoje. Como você sabe, nosso próximo encontro terá lugar em Paris. Peço-lhe para se preparar cuidadosamente, pois darei prosseguimento a minha mensagem e, também, se as circunstâncias o permitirem, fá-lo-ei ver..."

Não ouso pedir aqui a bênção do mestre desconhecido, mas ele sentiu meu apelo. Instintivamente, coloco as mãos sobre os joelhos e fecho os olhos... E sinto o sopro, e ouço o ôm, ôm, ôm... Oh, minha alma, rejubila-te enquanto todo o ser se abandona à augusta presença. Obrigado, Deus do meu coração... Obrigado, ó mestre, por incluir, em instantes como este, minha indignidade no ritmo sagrado do amor universal...

Por dias e dias, como o mestre desconhecido recomendou, preparo-me por meio de leituras, às vezes árduas, que, dizem respeito à Atlântida; e por meio de muitas meditações sobre esse assunto tão importante que é objeto de encontros excepcionais, onde as chaves me são transmitidas, para mim e para outros. As chaves! Como o mestre tem razão! O que ele me confiou projeta uma luz resplandecente sobre numerosas teses escritas em diversas línguas sobre a Atlântida, e que tive, por vezes, muita dificuldade de conseguir. Suas explicações preencheram muitas lacunas. Elas formam um quadro de conjunto no qual se inscreve, em seu lugar, a descoberta de um e a interpretação contraditória de outro.

De resto, não há mais contradição. Graças ao mestre desconhecido, há complementaridade. Os diversos autores pressentiram aspectos diferentes, e estes múltiplos aspectos agora estão harmonizados e freqüentemente unificados. A leitura, nestas condições, é uma aventura exaltante. ..

"*Se as circunstâncias o permitirem, eu o farei ver*!" Que quer dizer com isso? Estará dando a entender que sua última descrição me fará reviver a história da Atlântida? Não, não pode ser isso. O mestre disse precisamente ver, e um mestre nunca emprega, numa ocasião importante, uma palavra por outra... "*Se as circunstâncias o permitirem*...", sobre isto também eu me interrogo. Que circunstâncias? O Café de la Paix, no coração de Paris, não pode ser o local escolhido para que as circunstâncias me permitam ver...

Mas afinal por que todas estas perguntas que agitam minha mente? O mestre sabe. Então? Então, afasto as reflexões inúteis e, com confiança, espero que surja do tempo, enfim, o instante da nova vinda do mestre...

Capitulo VI: PARIS

Para falar de Paris, minha pena hesita, pois Paris não se descreve, murmura-se, confia-se, conta-se, cantarola-se... Paris é cada parisiense, de nascimento ou de adoção, é cada visitante vindo não se sabe de onde, e quase sempre de muito longe. Paris é uma história e é a grande história. Paris é um mistério ou uma catedral, é um quadro, uma escultura, é uma comédia ou então uma ópera, uma canção enfim e, talvez, um sorriso. Paris é tudo isto, e nada foi dito, e nada direi, porque Paris é você, sou eu e é o mundo. Cada um tem a sua Paris, pois Paris é de todos e eu tenho a minha, é lógico, mas, como a sua, ela não pode ser compartilhada...

O Café de la Paix tem seu lugar privilegiado entre os locais históricos de Paris, assim como sua vizinha, a ópera, ou a célebre Torre Eiffel, o Arco do Triunfo, os Inválidos, as Tulherias e outros monumentos célebres. Os grandes sentaram-se, com freqüência, a suas mesas; os mais humildes algumas vezes... Durante muito tempo, o mistério nele se instalou, com Gurdjieff, e com ele uma técnica particular para o conhecimento.. .

Hoje, se estas pessoas que vejo soubessem quem está lá dentro, comigo, todos, tenho certeza, esqueceriam suas ocupações ou sua ociosidade para tentar, com curiosidade ou interesse, ver, compreender... Eu estava na hora, mas o mestre desconhecido já chegara e eu não ousara perguntar se me havia esperado.

Todos admitirão que circunstâncias como esta, porque são inabituais, encerram sempre um elemento de incerteza e, até mesmo, de dúvida. Não se encontra comumente um mestre em uma praça comum, num grande hotel, ou num café famoso. Certamente, não há dúvida sobre a presença do mestre e sobre a

mensagem que transmite. A incerteza e a dúvida são relativas às circunstâncias, ao quadro. É certo que tenho consciência de estar nesse mesmo momento em Paris, no Café de la Paix, como tinha consciência de estar na Grand'Place, em Bruxelas, depois no Hotel Président, de Genebra; mas eu teria disto uma consciência igualmente viva se me tivesse encontrado psiquicamente nestes lugares, ou então, se o mestre, julgando a idéia destes diversos exteriores apropriada, os tivesse sugerido à minha consciência, sem deixar sua residência e sem que eu deixasse a minha. Agora, não estou menos consciente no Café de la Paix, e sei que o mestre está aqui comigo. Não é esta verdade secreta que conta, já que a percebo, que a vivo?

Aqui, o mestre desconhecido preparou-me de modo diferente. Sem ostentação, colocou a mão direita sobre a minha e, os olhos fixos nos meus, criou o estado que agora lhe permite fazer-se ouvir completamente:

"*Nesta última entrevista, darei por terminada a preciosa mensagem de que você já conhece, aliás, o essencial, pois que realizamos juntos uma longa viagem na história secreta e consideramos o que deve ser visado para um futuro próximo, em relação a esse longínquo passado*"...

"*Agora você sabe o que a Atlântida representou outrora, e o que não deixa de representar. Ela está sempre presente e, para a Humanidade, sem que esta se dê conta, ela é o primeiro objetivo a alcançar. Você tem conhecimento dos ciclos da Humanidade, das eras que ela atravessou e daquela em que acaba de ingressar. Esses ciclos, essas eras por cujo cumprimento, em condições normais, outros zelam, constituem, por agora, as diferentes etapas em direção a esse objetivo que é a volta da Atlântida*".

"*Antes de qualquer nova alçada para metas mais elevadas, num percurso repetido, no decorrer das idades futuras, do que é simbolizado pelas constelações zodiacais, será necessário primeiro que a época da volta, com aquilo que implica, seja transposta com sucesso. Pareço repetir-me mas este ponto é de uma importância fundamental. A cada mudança de era, produz-se um fim de mundo. Quando o tempo da grande escolha se apresentar, poderá ser, pela loucura dos homens, o fim do mundo. É permitido esperar que será, antes, a partida para cumes mais elevados. A Humanidade, certamente, poderá cometer o erro fatal, pois dispõe de si própria; mas o universo atribuiu-lhe bons guias e é provável que ela siga os impulsos que deles emanam, ainda que só por instinto de preservação. De qualquer forma, o plano universal previu todas as eventualidades, inclusive a do fracasso*".

"*Existem, no universo, muitos corpos onde as almas-personalidades poderiam prosseguir em sua ascensão para a tomada de consciência integral, término de sua evolução! Não pensemos, entretanto, em uma saída desse gênero. Quanto a mim, tenho confiança. Nos momentos em que seu destino está em jogo, não faltam ao mundo nem energia nem clarividência*"...

"*Uma pergunta que certamente você se fez refere-se ao grau de civilização que a Atlântida havia alcançado. Respondi implicitamente a esta pergunta. Alguns autores fizeram dos atlantes um povo preocupado essencialmente com a agricultura, e isto não é exato. Sem dúvida alguma, os atlantes haviam desenvolvido uma agricultura próspera, mas era uma conseqüência, uma aplicação de seus vastos conhecimentos. A Atlântida era um país altamente industrializado e lá se processava um número enorme de metais e de ligas perdidos em seguida, sendo que só alguns deles foram reencontrados. Só posso repetir o que declarei numa conversa anterior: tudo o que o nosso século adquiriu em descobertas e em*

civilização material, a Atlântida possuía, e o mesmo ocorrerá com tudo o que será adquirido a esse respeito no futuro; isto até a hora da grande escolha".

"*Há um assunto sobre o qual devo agora insistir. No mundo em geral, numerosas almas-personalidades atualmente encarnadas já viveram no tempo da Atlântida. Habitaram corpos atlantes e, à medida que o objetivo de que tanto falei for se aproximando, cada vez mais essas almas terão retomado lugar na Terra. Aí tem você uma explicação da repercussão que em muitos provoca a história da Atlântida. Essa atração era praticamente nula no passado. Agora, vem aumentando sem cessar. Que melhor prova, se houvesse necessidade de uma, da perfeição do que foi criado! A Humanidade está preparada, nas condições que é chamada a enfrentar, para seu próprio bem. Ela jamais será apanhada desprevenida. Instala-se lentamente uma situação e, quando o objetivo estiver à vista, uma maioria dos habitantes da Terra será formada de almas atlantes e o evento, desta forma, não os surpreenderá ao nível da percepção interior*".

"*Se eu pudesse empregar o termo, diria que verdadeiramente, todas as oportunidades são concedidas à Humanidade. De fato, é este, principalmente, o resultado da lei cármica e o respeito pela noção de responsabilidade, uma vez que seres responsáveis por uma situação passada tornarão a se encontrar face a uma situação similar e, desta vez, perfeitamente conscientes da escolha que lhes é proposta...*"

Constato, por diversas vezes, que o mestre desconhecido se repete, ou então, distancia-se aparentemente do assunto para logo a ele voltar. Mas conheço por demais a técnica iniciática para não ser penetrado pela importância que atribui a cada uma de suas palavras. O que por enquanto me parece sem grande alcance — e até mesmo lugar-comum — minha memória também registra com fidelidade, pois

sei que, refletindo nisso, a sós comigo mesmo, um pouco mais tarde, medirei então melhor os prolongamentos através de uma compreensão completa a este respeito.

Nunca fui, graças a Deus, daqueles que clamam a propósito de tudo e de nada: "*Não vejo nisto nada de novo... Isto não me trouxe grande coisa*!" Existe uma surpreendente auto-suficiência matizada de um estúpido orgulho em observações deste gênero. Efetivamente, o eu objetivo aí é colocado, a tal ponto, diante de seus limites e suas platitudes, que seria vão argumentar. Quem age como se soubesse tudo, mesmo que assegure o contrário, não está pronto para uma luz maior. Ora, a luz não é transmitida pelas obras doutas em que se mira um intelecto exacerbado. Ela irrompe de textos exteriormente simplistas. Que existe de mais simples que os Evangelhos e outras escrituras sagradas, inclusive os Upanishads? Contudo, essas escrituras vêm alimentando a meditação humana há séculos, e o farão por muito tempo ainda.

Ocorre-me, com freqüência, pensar, em relação com o ensinamento da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C, na simplicidade aparente das monografias e nas exposições difíceis e cheias de talento, nas verdadeiras obras-primas de erudição que cientistas e especialistas, membros da organização há anos, estariam à altura de produzir. Ora, o ensinamento é, ao contrário, ciumentamente mantido tal qual é, em sua extrema simplicidade, porque é assim que os objetivos propostos são alcançados e sempre o foram; e esses objetivos certamente não são alimentar um intelecto que, desmesuradamente desenvolvido enquanto deve necessariamente ser desenvolvido, mas com medida, constitui um obstáculo a mais a ser vencido no caminho. Ora, curiosamente, não são nunca os sábios, os cientistas verdadeiros que censuram a simplicidade no ensinamento da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C. Como

especialistas, atribuem-lhe uma eficiência de que eles próprios se beneficiam através de sua filiação. ..

Retiro, pois, da mensagem do mestre desconhecido, conforto e luz. O que ele me transmite é grande e, interiormente, calculo seu preço. Em uma noção lendária, teórica, ele insufla a vida. A direção dada a meus pensamentos será, desde então, de um efeito incalculável na atenção que darei, doravante, a uma questão de uma importância tão vasta e na forma pela qual a encararei de agora em diante. A maneira empregada pelo mestre desconhecido para me transmitir uma mensagem é, em si, uma lição e um sinal...

Após um breve silêncio, ele prossegue:

"*Graças a esse conhecimento que lhe dispensei, em relação à Atlântida e à forma pela qual a luz desceu sobre a Terra para nela prosseguir a sua obra, você tem uma confirmação da transmissão ininterrupta da sabedoria primordial. Essa sabedoria vai de uma galáxia a outra, de um planeta a outro — pelo tempo de existência deste planeta — e oferece-se ao ser vivo sob a forma que lhe é adequada. Houve, no universo inteiro, portadores de luz, missionados, como aqueles que um dia vieram à Terra para despertá-la. A luz recebida pela Humanidade será, em breve, por ela levada adiante, e a transmissão prosseguirá da mesma maneira, e aquilo que chamam de tempo e espaço não constitui, para o plano universal, um obstáculo. Sob as tradições humanas, aprenda a perceber a tradição primordial, e ponha-se em seu ritmo em todas as ocasiões. Você distinguirá a luz que brilha para sempre, não somente em nosso mundo, mas também no universo inteiro. Você participará melhor, deste modo, da tarefa de ajudar os homens a reencontrar a luz perdida antigamente na Atlântida*"...

"O fio condutor lhe foi revelado. Cabe a você, agora, utilizá-lo para adquirir um conhecimento mais exaustivo sobre esse assunto e sobre muitos outros. Cumpri com critério a minha missão e designei-lhe o caminho. Tenha constantemente no pensamento o império invisível da Atlântida — um império não desaparecido ou situado em qualquer plano imaterial, mas vivo e que se perpetua sobre a Terra, no meio dos homens"...

"Você se lembra de que prometi deixar-lhe ver, e as circunstâncias se prestam a isso. Mas, naturalmente, não aqui..."

"*As circunstâncias*?" Não pude conter esta pergunta e o lamento. O mestre desconhecido a aceita com compreensão e responde:

— Você não ignora que certas experiências, para terem um resultado efetivo, exigem uma série de condições sem as quais a meta não pode ser alcançada completamente. Ora, a experiência à qual vou conduzi-lo pede, por um lado, que você esteja pronto — e você está — particularmente hoje, e, por outro lado, que certos influxos planetários sejam realizados em um momento determinado — o que é igualmente o caso, quanto a você, quanto a mim e quanto ao lugar onde nos encontraremos esta noite, às onze horas.

— E onde se encontra este lugar, mestre?

— É Notre-Dame!

— Mas a catedral está fechada a uma hora tão tardia...

Mal formulei esta observação e sinto-me enrubescer de confusão. Que falta de confiança no mestre. Mentalmente, suplico-lhe que esqueça minha dúvida indesculpável e, sem prestar atenção à minha interrupção, ele diz:

— Espero-o perto do grande portal...

Capítulo VII: A EXPERIÊNCIA

Bem antes da hora, estou vagando perto da catedral, cruzando com os raros passantes que me olham com curiosidade, alguns com suspeita, mas não dou importância e meus pensamentos voltam-se para mim mesmo, para minha existência, em que há tanto tempo o mistério tomou lugar. Como antes de toda grande etapa de minha vida, revejo os anos passados e suas estranhas peripécias, surpreendendo-me, o coração cheio de gratidão, pelos privilégios de que gozei. Considero a dualidade de meu ser — essa dualidade sem a qual não haveria o terceiro ponto que faz com que eu seja. Como devemos dar graças pelos limites de nossa natureza humana! Sem eles, sem sua permanente presença que nos lembra que somos também homens, que seria de nós na orgulhosa contemplação de nós mesmos e de nossa herança divina?

O tempo passado diante do espelho deformante de nossa indulgência para conosco, nós o gastaríamos tecendo louros paralisantes para nós mesmos e negligenciaríamos a marcha santa para mais luz. E se a alguns é dado mais, não é porque um serviço maior é exigido deles. Exigido... palavra imprópria, pois servir é uma recompensa, um enlevo, um dom maravilhoso da alma.

Se a alguns é dado mais! Minha existência é votada, por excelência, ao serviço de uma causa imensa e, seguramente por causa disso, algumas preciosas vantagens me foram concedidas. Em uma fulgurante introspecção, tento avaliá-las em sua justa medida. Qual é a mais importante? Hesito durante muito tempo. Depois, meu pensamento volta à experiência que me foi anunciada e à receptividade a que certamente ela obriga, e fixo minha escolha em uma aquisição bastante definida de minha existência, ou, talvez, daquelas que a precederam.

Não posso, evidentemente, ver o mundo tal como ele aparece para a maioria das pessoas — quero dizer, naturalmente, o mundo supostamente exterior a mim e que quiseram ensinar-me como tal. Por um lado — e nisso não tenho mérito algum, na medida em que só é considerada minha encarnação presente — minha compreensão daquilo que me cerca sempre foi diferente da dos outros. Mais precisamente, tão longe quanto eu volte em minhas lembranças, sempre percebi o lado de fora como o fazem todos os seres, mas a esta percepção, por assim dizer comum, sempre se juntou qualquer coisa a mais — uma qualquer coisa feita de sensação, ou de impressão, às vezes de visto e mais raramente de entendido.

A melhor designação parece-me ser a de um estado diferente e, se hoje posso propor esta explicação, é porque o desenvolvimento adquirido na Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C. levou-me progressivamente a considerar — deveria dizer a saber — que este mundo de que digo ter consciência não é, em última análise, senão a projeção de minha própria consciência. Melhor dizendo, sou o criador de meu próprio universo; este não é mais que a objetivação do meu eu. Contemplo, assim, unicamente aquilo que projetei fora de mim mesmo, do mesmo modo que um pintor exprimindo numa tela virgem o mundo que traz em si mesmo. Qualquer iniciado compreenderá o que tento exprimir. Ele o compreenderá, porque o vive. Na realidade, esse estado não é exclusivo do iniciado. É o estado de todos os seres, quaisquer que sejam e onde quer que se encontrem, com a única diferença que raros são aqueles que disso tomaram consciência. Os outros vivem e se movem no oceano de uma colossal ilusão.

Assim, para voltar à minha experiência pessoal, acontece que, muito cedo, pude projetar fora de mim mais que os outros. Isto não significa que eu tenha tido consciência disso desde o início. Ao contrário, jamais me teria vindo a idéia que

os outros não pudessem... digamos, perceber o mundo exterior de maneira semelhante a mim. Quando me dei conta desse fato, ao entrar na adolescência, dava, ao mesmo tempo, meus primeiros passos no caminho do conhecimento. E, graças ao conhecimento que me foi concedido, tive o insigne privilégio de aprender não a perceber menos, mas a beneficiar-me de uma vantagem que devia ser esclarecida e ampliada por minha formação iniciática; ao mesmo tempo que velava, tanto quanto possível, a vantagem de que gozava, sem compreender muito bem, no começo, por quê.

Foi no lidar com o mundo que foi precise que assim me acostumasse, e creio não me ter saído mal neste empreendimento, a ponto de um psicólogo, em sua ciência ainda rudimentar, poder concluir simplesmente pela existência de uma dissociação da personalidade. Pois, curiosamente, eu me tornava cada vez mais, conscientemente, o espectador de mim mesmo, considerando as ações, reações e associações de meu ser objetivo, inclusive de meu pensamento, como as de outra pessoa. Retirava dessa análise permanente as conclusões e o conhecimento que, em seguida, deviam, por sua vez, reagir sobre meu comportamento, cujo curso, é verdade, o ensinamento rosacruz canalizava progressivamente. É, porém, mais difícil e mesmo mais penoso do que geralmente se supõe, esconder aos outros as possibilidades particulares de que se dispõe. Mas tive outro privilégio: o de cedo ser guiado para o conhecimento iniciático. Se não tivesse sido este o caso, estremeço pensando no que poderia ter-me acontecido, no orgulho de que teria podido ser presa, com aquilo em que ele implica de erro e de atração pelo poder material ou, ao contrário, na vida neutra e sem brilho com que poderia ter-me contentado, voltado para uma constante introspecção ou para um exame estéril e permanente dos outros...

Aquilo que alguns, apressadamente, chamariam talvez de uma faculdade especial permitiu-me, muito cedo, em todo caso, ter uma concepção particular de nosso universo. Dizer que essa concepção foi, logo de início, o que ela é agora, seria, no mínimo, exagerado. Uma concepção, para ser válida, para tornar-se verdade, deve mergulhar suas raízes na experiência e no conhecimento que dela é extraído. Caso contrário, ela não passa de uma especulação intelectual. Não sei se minha concepção presente será ainda mais ampliada ao ritmo das experiências que ainda me serão propostas pela vida, isto é, em última análise, por mim mesmo. Duvido, no entanto, que me seja dado ir além da minha aquisição presente, de vez que tudo, inclusive o novo, nela se integra de maneira surpreendente, tão absoluta e definitiva ela é,..

Para tornar mais compreensível, senão admissível, a narração que se vai seguir, pareceram-me necessárias estas explicações. A concepção pessoal que acabo de mencionar impregnará, efetivamente, minha narração, em particular os comentários que serei levado a fazer à medida que o acontecimento se desenvolver...

A partir de um conjunto de fatos tangíveis, atuais, vividos, é no plano considerado astral que seremos levados. No fundo, o império invisível compete ao campo da iniciação. Certamente, tudo neste mundo é iniciação, desde a leve dor até a intensa alegria interior. Mas, ainda uma vez, é sempre em nós mesmos que nos iniciamos, pois somos o começo e o fim sem o compreender, até o instante do fiat que nos revela a nós mesmos em nossa unidade, em nossa integridade, em uma palavra, no absoluto que somos e que nunca deixamos de ser.

O plano astral! Muito foi escrito a respeito, sem que o pesquisador ávido de saber disso retire mais que insatisfação. Sem dúvida, é porque o plano astral, em

si, não está em parte alguma, senão em nós mesmos. A questão, em última instância, é, até o infinito, a do conhece-te a ti mesmo.

Sinto que é sobretudo a essa faculdade que devo a experiência que me é proposta a esta hora da noite... A hora! Bruscamente, retomo objetivamente a consciência e consulto instintivamente meu relógio. Dentro de alguns minutos, serão onze horas! Apresso o passo... Lá está ele, perto da catedral, e, sem uma palavra, sem um gesto, ele me precede: sim, a catedral está aberta. Como pude duvidar que não estaria aberta para ele!...

A alguns passos do altar-mor, ele me faz sinal para sentar-me Como duas sombras dentro da sombra apenas nuançada de vacilantes clarões, no coração do imenso edifício sagrado, eis-nos lado a lado, o mestre desconhecido e eu, discípulo entre os discípulos, em busca de mais luz, discípulo pronto para receber, discípulo à espera de que o poder mágico do verbo e do pensamento de um sábio, ainda neste mundo sem ser deste mundo, se prepare para cumular com as riquezas de uma sublime experiência:

— Estás pronto?

A forma de tratamento reveste-se aqui de uma solenidade particular à qual minha emoção é sensível.

— Estou pronto, mestre. Que se cumpra a sua vontade... De repente, é a noite, total, absoluta, como se, por algum encantamento maléfico, eu fosse brutalmente atingido pela cegueira. É a noite e é a angústia, um tormento mortal da alma, alquebrando o corpo com um cansaço infinito e paralisante do pensamento num esquecimento torturante. Mas isso não dura mais que um breve instante — o tempo de uma morte — e, na calma de um inconcebível bem-estar, meu olhar ofuscado contempla agora, o coro, o transtornante espetáculo de homens imóveis

que se animam pouco a pouco em inúmeros clichês onde revive todo um mundo. A Atlântida! Escrevendo este nome prestigioso, o desvario me penetra mas, no momento da experiência, ele me inunda com sua certeza e sinto, muito naturalmente, seu valor, sua presença. A intervalos regulares, surge um rosto em primeiro plano, empurrando para longe o vivo quadro sobre o qual ele parece em superposição. Aquilo que vejo, aquilo de que participo, é a ilustração viva da mensagem do mestre. A própria abstração ganha vida, as palavras se tornam objeto, sem que isso me espante, pois compreendo. O império invisível da eterna Atlântida torna-se diante de mim um corpo perceptível à consciência de minha alma, e percorro, conheço esse corpo como se fosse o meu; como se nenhuma separação existisse entre ele e mim; como se, na comunhão em que me envolvo com ele, tudo se unisse em uma resplandecente unidade em que me reencontro no êxtase do conhecimento. A última impressão, depois da imagem de grupos à espera num cenário que sei atual, é a de uma assembléia de alguns homens que estão diante de mim e que parecem dizer-me: "*A Atlântida vive! Somos seus guardiães*!"

Surge um fogo não sei de onde. É noite ainda. Meus olhos ofuscados abrem-se sobre a penumbra onde o mestre me espera, seu rosto muito próximo ao meu. Não sinto nenhum cansaço. Ao contrário, sinto uma calma reconfortante, uma paz raramente acessível. É impossível para mim descrever a experiência de modo diferente do que o fiz. Uma experiência dessa natureza é sentida, não é comunicável por meio de palavras. Só o estado e a impressão podem ser transmitidos. O conhecimento adquirido é recebido ao nível do subconsciente para ser, em seguida, percebido, fragmento por fragmento, e, eventualmente, transmitido a outros. Nessa experiência, como disse, vivi a mensagem do mestre desconhecido sem receber indicações que a completassem ou explicitassem.

Habitualmente, o ritual faz passar para o domínio da razão a meta a alcançar, como o salienta a sabedoria rosacruz. O rito é iniciador, ele introduz o conhecimento, é um começo. Minha experiência, como a maioria das experiências da mesma natureza, foi um coroamento, o último aspecto de um determinado ensinamento. Da razão fui elevado ao objetivo e, em última análise, o ensinamento da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C, na sua fase terminal, realiza para seus membros devidamente preparados uma obra semelhante, no grau mais elevado possível...

— Eu me havia comprometido. As circunstâncias foram propícias, e tu viste... Chegou o momento de nos separarmos...

— Oh, mestre! Peço sua bênção, e que ela se estenda a todos aqueles que trilham o caminho comigo!

Ajoelhei-me uma última vez diante do mestre desconhecido e, as mãos nas suas, as pálpebras fechadas, o coração vibrando com uma inefável alegria, em silêncio, participo do poder de um ôm que ecoa até o infinito, sob as abóbadas de um templo santo, enquanto que o incenso de uma última comunhão envolve-me inteiro e recebo, por mim e pelos outros, o milagre de uma bênção excepcional ...

O mestre deixou-me só e dirijo-me agora, prisioneiro voluntário de meus pensamentos e de minha recordação, para o mundo onde me espera o serviço, onde me esperam meus irmãos. É a eles que confiarei a mensagem, pois só a recebi para eles. Assim será cumprida a vontade dos mestres, a vontade de um mestre desconhecido ...

CONCLUSÃO

A Atlântida é um assunto do mais alto interesse para quem quer que, respondendo às incitações esclarecidas de seu eu profundo, envereda pelo caminho do conhecimento. Minha esperança é que, depois da leitura do Império Invisível, a atração pelo sábio continente desaparecido seja em todos mais poderosa ainda que antes.

Um estudo deste gênero, conduzido por um adepto da sabedoria tradicional, tendo por fio condutor a mensagem do mestre desconhecido, será para ele proveitosa a tal ponto que ele mesmo, por vezes, dificilmente poderá suspeitar numa primeira impressão. Ele saberá relacionar entre si as pesquisas efetuadas pela ciência clássica e distinguir, nas obras especializadas, aquilo que traz uma justificativa para suas próprias conclusões. Mesmo no racionalista colérico que rejeita com argumentos precários a possível existência da Atlântida, encontrará com freqüência uma confirmação a mais. Finalmente, voltando-se com curiosidade, para completar sua informação, para as tradições erradamente qualificadas como primitivas, dará prosseguimento a suas investigações num campo onde satisfações exaltantes lhe serão proporcionadas.

Na narração de uma viagem que efetuou comigo à África — esta narração está reproduzida em anexo — Emmanuel David menciona uma aventura, no sentido mais nobre do termo, que vivi recentemente naquele continente, e que ele viveu comigo; uma aventura em duas etapas, formando precisamente os elementos que me faltavam para redigir definitivamente esta obra. Decerto, mesmo sem estes dois elementos, eu teria, transmitido o que o mestre desconhecido me revelara, e não precisava de nenhuma confirmação para o fazer. Mas eu sabia que a experiência de

uma dupla iniciação em um dos países africanos, antigamente guiados pela Atlântida, acrescentaria, subjetivamente, à minha história, a certeza do vivido quanto à perpetuação de uma parte da sabedoria atlante em algumas sociedades secretas autenticas da África. Recebida a iniciação da forma que veremos, julguei, efetivamente, necessário retomar a redação do Império Invisível do início, sem considerar o trabalho anteriormente preparado. Isto diz bem do quanto era essencial esperar os dois elementos anunciados. Uma vez mais era-me, assim, dada a prova de que a paciência no campo do conhecimento jamais é exigida sem uma razão profunda.

Torna-se necessária uma advertência antes de nos separarmos. A questão dos mestres é fundamental para o discípulo da verdadeira tradição, e a Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C. a inclui com atenção em seu ensinamento. Os mais altos graus da organização fornecem, a respeito, as indicações mais seguras e as mais elaboradas possíveis. E, se essas indicações foram reservadas para a etapa final da formação rosacruz, é porque o exigia o interesse de cada postulante na senda. A prudência é, na evolução mística, uma lei que não se infringe sem conseqüências graves, por vezes perigosas. E esta lei de prudência aplica-se em particular no que diz respeito aos mestres. O rosacruz deve ser advertido, e essa advertência, a Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C, e seus dirigentes, mesmo com o risco de se repetirem, não deixarão jamais de prodigalizá-la àqueles que têm o encargo de dirigir, recomendando-lhes a prudência e a paciência, e assegurando-lhes que o ensinamento que recebem inclui todos os conhecimentos que cada qual pode esperar de uma das mais vastas e mais antigas fraternidades do mundo. Os assuntos só são tratados no momento em que são capazes de cumprir seu objetivo de sabedoria e de assumir um caráter prático para o discípulo.

Lembrando isso, é com profunda satisfação que continuarei a compartilhar com meus leitores as aventuras excepcionais que tenho o privilégio de viver.

Confesso hesitar ainda em relatar certas experiências, embora não ignore o interesse que apresentariam para muitos de vocês; mas a maioria é relativa a um plano diferente do nosso. Elas estão ligadas àquilo que se chama nível astral ou psíquico. Adio constantemente para mais tarde esse projeto, por medo de semear, involuntariamente, a confusão entre aqueles sobre quem assumo a responsabilidade dentro da Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C. Se um dia me decidir a empreender um trabalho dessa natureza, me cercarei, ao escrevê-lo, de todas as garantias possíveis, renovando mil vezes uma advertência já feita com tanta freqüência. Mas, ante; de voltar-me para a narração de experiências tão pessoais, talvez em algum lugar, novas revelações estejam preparadas, e eu venha £ ter a incumbência de comunicá-las a vocês, de uma forma ou d< outra. Se esse for o caso, todos sabem que estou disponível e sempre pronto, para servi-los, para atender a qualquer apelo, se aprouver aos .mestres encaminhar esse apelo ao discípulo que sou, para sempre, como cada um de vocês.

Tossa de Mar (Espanha), 28 de abril de 1969.

UMA AVENTURA AFRICANA

por Emmanuel David

Foi-me dado o imenso privilégio de acompanhar o grande mestre Raymond Bernard em sua recente viagem à África e, tendo-o seguido passo a passo, é para mim uma alegria e uma honra contar o que ele fez, o que eu vi, o que ouvi, o que compreendi.

Nosso grande mestre devia, em primeiro lugar, dirigir-se a Cotonu, capital econômica e cidadezinha costeira da República do Daomé, onde ia realizar-se a convenção nacional rosacruz, nos dias, 2, 3 e 4 de abril e, depois, na volta, parar em Abdijã, na Costa do Marfim, para consagrar o novo Templo da loja Raymond Lulle.

Portanto, no sábado, dia 29 de março, voamos de Paris-Le Bourget, pelo avião regular, às 10h30min.

Se vocês olharem o mapa dá África, verão que Abdijã encontra-se na linha de vôo, bem antes de Cotonu (1.000 km separam estas duas cidades), tanto que para a viagem de ida fizemos uma escala de três quartos de hora em Abdijã. Mas, quando pusemos o pé no solo, fomos cercados por numerosos rosacruzes naturais do país, que se aprestavam com fervor para saudar o grande mestre. Foi o primeiro contato com a calorosa fraternidade africana e também, cumpre dizê-lo, com a temperatura local, pesada e úmida, tão diferente da de Paris, que havíamos deixado, de manhã, a dois graus abaixo de zero.

Depois, após os até logo apressados, nosso avião tornou a voar em direção a Cotonu, contornando uma tempestade feérica para aterrissar com uma hora de atraso.

COTONU

Logo que retomamos contato com o solo, fomos novamente agarrados, cercados, empurrados, abraçados por uma multidão de rosacruzes entusiastas, que o grande mestre conhecia, na maioria, tendo já estado com eles cinco anos antes. Esses numerosos representantes da loja Quéops, de Cotonu, apoderaram-se de nossa bagagem, cumpriram com rapidez, e em nosso lugar, todas as formalidades de desembarque, e arrastaram-nos para o estacionamento onde, numa curiosa desordem, estacionavam os carros.

E, desde essa primeira noite, começaram as festividades. A palavra não é forte demais. As festividades deviam prolongar-se durante.toda a nossa estada, pois todas as nossas refeições foram ágapes fraternais e generosos. Assim, naquela noite, foi o Grande Conselheiro do Daomé, Rogation Dossou-Gbeté, que começou a longa série de recepções, com um maravilhoso jantar no terraço de sua casa. A noite estava escura e quente e o ambiente tornou-se rapidamente eufórico, o que a variedade dos aperitivos e a qualidade quase sempre apimentada dos pratos só fez aumentar.

Observador atento, logo senti o amor que todos aqueles puros rosacruzes tinham pelo nosso grande mestre. Durante toda a minha estada, constatei, com uma alegria profunda, a comovente sinceridade dos sentimentos afetivos de nossos irmãos e irmãs africanos.

Esses momentos felizes de descontração e de efusão levaram-nos, por volta de uma hora da manhã, ao Cruzeiro do Sul, nosso hotel, sob os coqueiros, junto ao oceano.

Foi no dia seguinte, às 9 horas, que começou o trabalho do grande mestre; trabalho exaustivo, que devia prolongar-se por dez dias.

O comitê encarregado de organizar a convenção nacional rosacruz fizera bem as coisas. Haviam conseguido, por alguns dias, utilizar o Palácio dos Congressos, vastos edifícios costeando todo um lado da magnífica Praça da Independência, em frente ao Palácio Presidencial. Um belíssimo conjunto arquitetônico, aliás, num estilo moderno, de inspiração local, construído em proporções harmoniosas, mas sem ar condicionado, por falta de verba. Na verdade, é o único conjunto válido de Cotonu, esta cidade costeira que não é cidade propriamente dita, mas uma aglomeração semelhante ao que era há cem anos. Coqueiros pesados de frutos costeavam o outro lado da imensa esplanada que se abria sobre o infinito do oceano.

Portanto, naquela manhã de 30 de março, às 9 horas, uma primeira sessão de trabalho reuniu os diversos oficiais da loja, os antigos mestres, os responsáveis por comissões, bem como representantes das outras lojas e capítulos, sessão essa que devia prolongar-se até depois de 1h30min.

Mas, fato importante, foi no decorrer dessa sessão que o grande mestre falou pela primeira vez dos costumes que ainda podem existir no Daomé. Preconizou a criação de uma comissão encarregada de reunir todos os documentos possíveis para permitir o estudo das tradições esotéricas africanas e a distinção, assim como se separa o joio do trigo, entre os verdadeiros detentores de um conhecimento tradicional e a feitiçaria.

Esses propósitos, que atestam a ampla tolerância de nossa Ordem, impressionaram muito os assistentes que, de fato, eram todos, ou quase todos, profundamente ligados a seus costumes, a suas crenças atávicas nas sociedades secretas, ao maravilhoso. Esses propósitos foram a origem de um processo que devia conduzir o nosso grande mestre a novos encontros insólitos. Por sua vontade, fui testemunha deste fato.

Após a sessão, um participante veio ao encontro do orador e confiou-lhe sua filiação iniciática. Propôs-lhe promover seu encontro com dois grandes chefes de uma sociedade secreta africana, o que foi aceito sem hesitação. Depois, foi a descontração do almoço na casa do delegado das relações exteriores do Daomé, Henri Ahiha.

Já lhes disse de que cuidados fomos cercados e de que atenções delicadas fomos objeto. É com prazer que rendo homenagem à generosidade sem par de nossos membros africanos, que nos ofereceram, com o mesmo fervor, sua afeição e seu devotamento. E isto tanto mais que muitos deles, sem dúvida, tiveram que suportar pesadas privações para oferecer-nos semelhantes recepções.

Por volta de 15 horas, nesse mesmo dia, domingo, 30 de março, visita ao templo habitual da loja Quéops de Cotonu. Um comprido muro de taipa, uma velha porta, um pátio arenoso, por onde correm animais domésticos, onde brincam, seminuas, umas crianças, um caminho que leva a uma construção modesta (é o templo) e, de cada lado, sentados em duas fileiras, à sombra das árvores, todos os membros da loja nos esperavam. Que alegria em seus rostos alegres, que maravilhoso intercâmbio espiritual logo realizado numa comunhão imediata. Harmonia perfeita que devia intensificar-se ao longo de toda a nossa estada!

Depois de uma breve meditação do grande mestre, dentro do templo, cercado unicamente pelos oficiais da loja, juntamo-nos a todos os que nos esperavam ao lado de fora, e sentamo-nos entre eles. Depois da alocução, seguimos, em grupo, para visitar o terreno onde será construído o futuro templo, um vasto quadrilátero já desbravado, à beira de um largo caminho, e que verá, em breve, elevarem-se seus primeiros envasamentos.

Que confiança, que tenacidade animam nossos rosacruzes de Cotonu!

Em seguida, foi o retorno ao Palácio do Congresso. Então começou a série de audiências, que deviam prolongar-se durante toda a estada na África, todos os dias, durante horas. Saliento esse fato, para mostrar o ardor de nossos membros em encontrar, nem que fosse por um instante, o grande mestre, para expor-lhe um problema pessoal, procurar junto dele um consolo, um encorajamento ou um conselho. Posso dizer que, durante sua estada, o grande mestre concedeu, desse modo, audiência a mais de cento e cinqüenta rosacruzes.

Segunda-feira, 31 de março, foi o dia de Porto Novo, capital política do Daomé. Lá chegamos depois de uma hora de estrada, cerca de llh30min. À entrada da cidade, numerosos membros do capítulo Pitágoras esperavam-nos, e deu-se logo a mesma comunhão, a mesma harmonia.

Depois de uma breve visita ao secretário-geral do Ministério da Educação Nacional, fomos almoçar numa bonita casa nos arredores, e conto isto porque foi lá que vestimos nosso primeiro bubu, essa vestimenta nacional, ampla e leve, tão agradável de usar nesse país de canícula perpétua. Não o devíamos mais tirar, a não ser em nossas visitas oficiais.

Cerca das 15 horas, sem que eu tivesse sido informado (o que foi melhor para a minha tranqüilidade), nosso carro entrou em um dos bairros populosos da

capital, regurgitante de gente e de lojinhas ao ar livre, tudo de um pitoresco imutável há séculos, para parar em uma pracinha, onde construções de terra ocupavam todo um lado. Estávamos no convento de uma sociedade secreta africana. O iniciado que arranjara tudo, que tudo preparara com vistas a essa visita, esperava-nos para nos introduzir nesse mundo esotérico. O grande mestre, absolutamente à vontade, feliz por esse novo contato com o insólito, olhava intensamente esses seres à margem da vida, velhos, mulheres e crianças, que se amontoavam sob um pórtico sem que se pudesse dizer o que lá faziam, o que esperavam, em meio a odores indefiníveis e num silêncio provocado, talvez, pela nossa intrusão.

Passado o primeiro espanto, nosso guia, tornando-se também nosso intérprete, pede-nos para acompanhá-lo. Seguindo-o, entramos sob uma longa abóbada, passando diante de sombras de todas as idades, imóveis, fixando-nos com um olhar interrogador, para chegar a um pátio matizado de sol, espécie de caravançará onde, entre construções e paredes de barro vermelho, comprimem-se ainda, de pé, deitados, entre ornamentos de plumas, armas multicoloridas, objetos heteróclitos, homens, mulheres e crianças, velhos curiosos ou indiferentes.

Via-se um galpão escancarado, onde se encontrava um banco, sem dúvida preparado em nossa intenção, e sentamo-nos todos sorridentes. Aqui ainda, na sombra, percebiam-se formas inertes, deitadas no chão batido, que não se moveram para nos olhar. Fantasmas ou moribundos? Nossa espera não foi longa. Um curioso personagem avançou, segurando na mão direita uma sineta dupla que agitava a intervalos regulares e em ritmos diferentes, sem dúvida uma forma de comunicar-se com os outros. Precedia os dois chefes africanos que eu via vindo em nossa direção.

Muito pretos, os cabelos brancos, os traços vincados, marcados, olhos de fogo, o torso nu, magros e ressecados, os membros nodosos, a cabeça enfeitada de pérolas e de plumas, o busto ornado de colares espessos, de amuletos ou de fetiches, os braços de pulseiras, com tecidos coloridos envolvendo as ancas, seguravam também uma dupla sineta de cobre na mão direita.

Depois de um lancinante diálogo de sinetas, os dois chefes da sociedade secreta sentaram-se de cada lado do grande mestre que, com uma autoridade que me maravilhou, impôs-se imediatamente. Em algumas palavras que foram traduzidas pelo intérprete, ele disse aos dois chefes que vinha a eles, não como curioso, mas como pesquisador, e que desejava obter a comunicação de seu saber para, por sua vez, na sua qualidade de representante de uma ordem mundial que ministra o conhecimento, trazer-lhes um complemento a seus próprios poderes. Depois de uma troca de réplicas, pontuada de tilintares de sinetas, os dois chefes, graves e impassíveis, decidiram proceder à iniciação de seu visitante que, e com força, mantinha-os pelos braços sem soltá-los.

Todos três se levantaram, sempre ao som intermitente das sinetas, e aprestaram-se a atravessar o pátio. Foi nesse momento que o grande mestre, voltando-se para mim, que ficara prudentemente sentado em meu banco, pediu-me para acompanhá-lo. Inquieto, com muita razão, eu o segui.

Levaram-nos para um minúsculo prédio, do mesmo barro vermelho, onde, através de uma porta estreita vedada por uma pobre cortina, entramos abaixando-nos, em um reduto sem janelas, com apenas dois metros de comprimento e um metro-e meio de largura. Como único móvel, um banco contra a parede, onde se senta ò ilustre impetrante, ladeado pelos dois chefes. Permaneci de pé, assim como o sacerdote-guardião e o nosso intérprete. A cortina tornou a descer. No entanto,

dava para se enxergar no interior. Como? Não sei mais. Atmosfera pesada, odores pesados. Eu não estava tranqüilo, confesso, mas o rosto radiante e calmo daquele que me precedia deu-me a coragem necessária. E sempre aquele barulho obsedante das sinetas!

Deu-se então a iniciação do grande mestre. A minha também. Devo calar-me sobre tudo o que se passou, mas saibam que foi assustador. Garantiram-nos que éramos os dois únicos brancos, até aquele dia, a receber esse insigne favor!...

Quando deixamos o convento e seu mistério, enquanto o carro nos levava ao capítulo de Porto Novo, o grande mestre fez-me um cumprimento que me recompensou de meus temores:

— Eu o olhei — disse-me ele — e felicito-o pelo seu comportamento. Nem um músculo de seu rosto mexeu.

No capítulo Pitágoras, instalado provisoriamente nas dependências administrativas, o grande mestre, recebido com um fervor perturbador por todos os membros, concedeu audiência até as 19 horas. Seguiu-se uma convocação, a primeira para nós em país africano. O grande mestre que oficiava procedeu a uma experiência mística de um plano elevado, alcançado sem custo, tanto enchia o templo o índice vibratório da assistência.

A terça-feira, 1.° de abril, foi o dia de Abomé, e visitamos o capítulo Nefertíti. O longo trajeto cerca de 140 km, deu-nos oportunidade para admirar um campo selvagem, salpicado de coqueiros, de cinchas gigantes e de cupinzeiros vermelhos despontando da erva verde como castelos de contos de fada.

Assim como na véspera, éramos aguardados. As mesmas efusões, o mesmo impulso de fraternidade, a mesma harmonia completa. Todos juntos, fizemos uma primeira visita ao templo, um templo verdadeiro, bem próprio deles, construído

em seu terreno. Mas sem telhado! Não por muito tempo. Visita ao governador, depois ao delegado do governo. Depois, volta ao templo.

Então, ao abrigo do sol, sob a coberta de folhas de palmeiras à guisa de telhado, num recolhimento impressionante, o grande mestre consagra o templo. A emoção é grande, a cerimônia comovente, o índice vibratório elevado. Quando termina o magnífico ritual, o grande mestre declara solenemente que, a partir desse dia, o capítulo passa ser a loja Nefertíti.

Mais ou menos às quinze horas, estávamos em uma casa agradável, a 6km da cidade, no centro de uma vegetação tão nova para nós, de coqueiros e árvores gigantes rompendo de um verdor que invadia a habitação. Um caramanchão de folhas de palmeiras entrelaçadas abrigava uma mesa de 60 talheres para novos ágapes fraternais.

Depois, das 16 às 20 horas, foram, mais uma vez, as audiências do grande mestre. Quando, por fim, terminaram, um carro levou-nos em direção desconhecida. Para mim, pelo menos. Depois de alguns instantes de estrada, o carro parou e vimos, à luz dos faróis, uma comprida construção baixa, de altos muros, um portal vetusto. Não foi sem uma ligeira pontada no coração que ouvi o grande mestre dizer-me com um sorriso implicante:

"*Temos a chance excepcional de ser recebidos esta noite pelo grande chefe de uma sociedade secreta do Daomé. Penso que também aqui seremos iniciados.*"

Nosso intérprete bateu na porta. Esperamos. A porta entreabriu-se. Um homem, o torso nu, apareceu na abertura. Confabulações. "Ele vai avisar o grande chefe", disse-nos o intérprete, vendo a porta tornar a fechar-se. Esperamos ainda. Novamente, a porta se abre, inteiramente, desta vez, e entramos.

Tudo está escuro. Um grande pátio. Construções perfilam-se contra um céu sombrio, onde a Lua faz aparições fugazes entre as nuvens. Atravessamos um pátio que me parece imenso, sem nenhuma luz, e seguimos o homem de torso nu. Deslizamos sob um pórtico obscuro, dobramos à direita, à esquerda. Algumas sombras parecem insinuar-se. Julgo ouvir uns cochichos. Por fim, uma portinha abre-se numa muralha, para um grande espaço vazio onde, no outro extremo, percebia-se um alpendre, desta vez vagamente Iluminado, entre duas colunas baixas, e adivinhamos então, sentado numa cadeira, o grande chefe da sociedade secreta do Daomé, que nos esperava.

Sem medo, eu seguira o grande mestre com um passo tão decidido quanto o seu e, sem o menor constrangimento, tomei lugar na cadeira que me foi oferecida junto ao grande chefe. Bastante forte, não muito alto, vestido com amplas vestes de algodão e usando um turbante, ele tinha um rosto bondoso. Sua idade? Não o pude determinar... Começou então um diálogo, graças ao nosso intérprete. E aqui, nenhuma sineta!

No silêncio que nos envolvia, no mistério daquelas construções negras onde continuavam a passar sombras indiscerníveis, ao clarão móvel de um lampião, sob o olhar duro e fixo do homem de torso nu, eu escutava, como num sonho, a lenta melopéia que era para mim o discurso do grande chefe e que nosso pater traduzia, à medida que ele falava.

Observei que, diante da dignidade do homem que assim falava, o grande mestre, reconhecendo o valor de sua sabedoria, não procurou dominá-lo. Ao contrário, considerou-se como o discípulo que quer saber mais.

E agora, devo ainda calar-me sobre tudo o que se seguiu. Acrescentarei simplesmente que todo receio me havia abandonado e que foi na maior

tranqüilidade de espírito que aceitei, como aquele que me servia de exemplo, a nova iniciação que nos foi dada, às 9 horas da noite, no dia 1.° de abril, no coração do Daomé.

Depois, tendo terminado o nosso encontro, o grande chefe levantou-se e nos pediu para o acompanharmos. Fazia questão de nos mostrar ele mesmo o templo secreto, que ficava a apenas alguns minutos de marcha. Na noite que, de vez em quando, uma Lua indecisa clareava, seguimos por um caminho pedregoso, passamos diante de dois baobás gigantes (os primeiros que eu via), ao abrigo de cuja folhagem comprimia-se uma construção baixa, com telhado de palha, rebocada com cal e coberta de símbolos desenhados em cores vivas, que uma tocha subitamente iluminou. Nosso guia traduzia-nos as explicações (que não compreendi absolutamente), dadas pelo grande chefe. Em seguida, curvando-nos em dois, deslizamos por uma abertura para o interior do templo. Um longo corredor, sem teto até as vigas elevadas do telhado, contornava um prédio central, de paredes brancas também cobertas de afrescos simbólicos, que suscitaram novas explicações do grande chefe, apaixonado pelo assunto. Portas abriram-se sobre a escuridão. Não nos propuseram entrar.

Alguns instantes mais tarde, deixamos nosso anfitrião, depois de longas saudações.

Não faltava muito para as 22 horas quando chegamos, ainda impressionados pela visita, à casa daquele que nos recebia em Boi-com, um bairro a 9 km de Abomé. Novas audiências do grande mestre atrasaram nosso jantar, tanto que foi só depois de meia-noite que retomamos a estrada de Cotonu. Cento e quarenta quilômetros, como disse, quase duas horas de viagem. Mas o tempo não existe!

No dia seguinte, 2 de abril, uma quarta-feira, abria-se a convenção nacional do Daomé. Mas, matinal ao extremo, apesar de ter chegado tão tarde de Abomé, nosso grande mestre foi ao encontro que haviam marcado para ele com o presidente da República do Daomé. Ele devia, como nos disseram, só permanecer por alguns minutos, pois o presidente estava assoberbado. Ora, nosso grande mestre, recebido às 8 e meia, só deixou o palácio uma hora mais tarde... Isto diz tudo.

Durante três dias, 2, 3, e 4 de abril, a convenção apresentou seus faustos, seus trabalhos, suas cerimônias.

As sessões de trabalho, os fóruns de perguntas, os fóruns de graus, as alocuções, as conferências, tinham lugar na bela sala dos congressos. As interrupções, as tomadas de contato, as trocas de idéias aconteciam no grande hall.

As convocações místicas, por sua vez, eram realizadas no salão de festas, de colunas altas e finas, admiravelmente transformado em templo rosacruz. As cerimônias, tão extraordinárias, foram marcadas pelo mais intenso fervor e, repito, elevaram-se a um índice vibratório excepcional. Todas as experiências místicas a que o nosso grande mestre procedeu, com uma força de concentração impressionante, foram sucessos em todos os planos.

Nesse vasto templo, assim carregado de vibrações, nosso grande mestre investiu em suas funções todos os oficiais da loja Quéops, de Cotonu, os do capítulo Pitágoras, de Porto Novo, e os du loja Nefertíti, de Abomé, e nomeou quatro cavaleiros Rosacruzes, os primeiros do Daomé.

Finalmente, foi nesse templo que oficiou a primeira mulher mestre de loja, no Daomé, a sóror Odile Da Piedade.

Durante esses três dias, nosso, grande mestre concedeu, também, longas horas de audiências, que se prolongavam freqüentemente até muito tarde, noite adentro.

Depois veio o dia do encerramento, o sábado, 5 de abril. Uma última convocação mística teve lugar às 9 horas.

À saída, rosacruzes, fotógrafos amadores, quiseram todos guardar em fotos uma lembrança do nosso grande mestre, ou ser fotografados perto dele. Isto durou mais de uma hora. Seguiu-se um grande banquete, excelente e muito alegre. Marcou-se novo encontro para daí a cinco anos.

Às dezesseis horas, diante de mais de quatrocentas pessoas, nosso grande mestre fez uma conferência pública no salão de festas sobre o tema: A Rosacruz nos tempos modernos. Muito aplaudido, respondeu em seguida, com a facilidade e a clareza que lhe são peculiares, às numerosas perguntas que lhe foram feitas.

A convenção nacional rosacruz do Daomé de abril de 1969 terminara. Sua organização fora perfeita, seu êxito total. Só restava a melancolia daquilo que se acaba, mas para todos levantava-se, mais forte que nunca, a esperança de fazer da convenção de 1974 um êxito ainda maior, e de reunir então um número bem mais considerável de membros. O dia findava. Marcou-se encontro no aeroporto, onde, nessa mesma noite, devíamos deixar Cotonu para seguir para Abdijã. Na hora-combinada, mais de quarenta rosacruzes lá estavam para assistir à nossa partida e nos dizer um último "*até breve*".

Que emoção, no último minuto, quando trocamos abraços fraternais, e quantas lágrimas furtivas!

Às dez e meia da noite, o avião decolava. Um último olhar pela janelinha, para ver, sobre o telhado do aeroporto, inúmeras mãos de nossos anfitriões africanos, que se agitavam como bandeiras.

ABDIJÃ

Não estava longe da meia-noite quando o avião pousou. Grande afluência de rosacruzes felizes. Levaram-nos para os carros para nos conduzir a uma cordial e fraterna recepção. A volta ao Hotel Ivoire foi, ainda uma vez, tardia.

No entanto, no dia seguinte, domingo, às 8 horas, já nos encontrávamos todos reunidos no novo templo da loja Raymond Lulle, bem característico, em terreno próprio, e recentemente terminado. Todavia, éramos tão numerosos que os aparelhos de ar condicionado revelaram-se insuficientes para uma tal assembléia.

A cerimônia começou. Cercado por todos, o grande mestre procedeu à consagração solene do templo, observando um ritual de grande beleza. Depois, seguiu-se uma convocação mística impregnada pelo maior fervor, durante a qual foram investidos os novos oficiais da loja.

Ao meio-dia, encontrávamo-nos todos no Grand'Hotel, no último andar, de onde a vista se estende sobre um magnífico panorama, que vai do bairro elegante de Cocodi até a nova ponte que com suas seis pistas passa por cima da lagoa. Compridas mesas, onde mais de cem convivas tomaram lugar numa euforia fraternal, estavam postas para um banquete.

Depois de uma refeição muito animada, nosso grande mestre tomou a palavra para responder às diversas perguntas escritas que lhe haviam sido

entregues. Empregou-se nisso, com autoridade e clareza, durante mais de uma hora.

Em seguida, depois das fotos inevitáveis, voltamos ao Hotel Ivoire, onde, até a noite, recomeçaram as audiências. Durante esse tempo, tive eu mesmo numerosos contatos com nossos frateres e sorores do lugar. Do hall do hotel, construído numa altura acima da lagoa, via-se toda a cidade e suas luzes. Abdijã é uma belíssima cidade, europeizada nos seus bairros elegantes, e parece em plena expansão. Por toda parte, canteiros de obras, por toda parte novos prédios saem do solo, por toda parte as manifestações de um urbanismo bem projetado, de acordo com planos rigorosamente executados. Contornar a lagoa por 2 ou 3 quilômetros, para ir ao Hotel Ivoire, através de estradas admiráveis, é um passeio maravilhoso.

No dia seguinte, segunda-feira de Páscoa e feriado, deveríamos tirar, todos em grupo, alguns momentos de descanso e fazer um outro passeio de um gênero bem diferente.

Primeiro, fomos de carro até Grand Bassam, a 40 km de Abdijã. Lá, outros membros da A.M.O.R.C. nos esperavam em grande número. A maioria comprimindo-se com armas e bagagens (quero dizer os acessórios do piquenique e a comida) naquilo que chamam lá de chalupa — grande barco a motor, largo e baixo, e alguns outros (entre eles o grande mestre e eu) numa chalupa menor e mais rápida. Depois, levantou-se âncora para tomar, após a travessia da lagoa, o canal de Assinie. Desembarcamos uma hora mais tarde.

Quando nos reunimos todos, penetramos pela mata, vestidos de roupas leves, felizmente, descobrindo a todo instante novos aspectos do país, através das plantações de palmeiras, para chegar ao oceano de ondas enormes depois de dois quilômetros de marcha! Imaginem o quanto foi delicioso o banho! Quanto ao

piquenique, foi perfeitamente organizado, com o cuscuz, os carneiros assados na brasa, os peixes e as bebidas frescas (até o gelo era de viagem), que se impôs uma sesta sob as palmeiras, menos para o grande mestre que, sem cessar, concedeu audiências. Volta mais ou menos às 19 horas. Separamo-nos com pena.

O dia 8 de abril foi reservado às visitas aos meios administrativos e aos ministérios. O dia 9 também. Pela manhã, fomos recebidos pelo ministro das Forças Armadas, pelo ministro da Educação e dos Esportes, pelo ministro do Urbanismo, pelo presidente do Conselho Econômico e Social. Fomos mesmo admitidos, por favor excepcional, e graças à intervenção de um membro de nossa Ordem, em visita ao Palácio Presidencial, obra bem sucedida de um arqui-teto parisiense.

À tarde, depois de uma excelente recepção em casa de Sua Excelência o Embaixador do Gabão, partimos, em grupo de uns dez rosacruzes, para visitar o profeta Atcho.

Deixando Abdijã por volta das 4 horas, rodamos agradavelmente por uma estrada sinuosa e cheia de vales, margeada de árvores gigantescas, até Bingervila, aglomeração sem grande interesse, a alguns quilômetros, e que logo deixamos para trás, para continuar até a aldeia do profeta, Bregbo, 10 km adiante. Um caminho, mais que uma estrada, levou-nos, entre nuvens de poeira vermelha, até as primeiras habitações. Passamos suavemente em frente ao cemitério, um verdadeiro jardim, sem outro ornamento além das flores, e paramos, um pouco depois, numa vasta esplanada arenosa, cercada de algumas casas.

Uma surpresa nos esperava. Formadas em duas fileiras, em pleno sol, cerca de vinte vestais espreitavam nossa chegada. Todas vestidas de branco, a cabeça coberta por véus brancos enrolados, pareciam obedecer a uma alta

sacerdotisa, alta pelo tamanho e pela função, que tinha nas mãos uma matraca de madeira.

A um sinal seu, e logo que parou o carro do grande mestre, precipitaram-se ao seu encontro, formaram duas longas filas, uma de cada lado, e o levaram em sua marcha lenta. Cada uma dessas vestais segurava uma cesta de vime cheia de flores e de folhas odorantes. Ao barulho da matraca de madeira da alta sacerdotisa, cobriam-nos com as flores, num gesto harmonioso e largo, repetido três vezes. Acompanharam-nos, assim, por uma centena de metros, até o profeta que, diante de seu templo, também nos esperava, Muito alto, muito preto, os cabelos embranquecidos, pesado e maciço, o rosto marcado por uma grande bondade, recebeu-nos com muita cordialidade.

O primeiro contato com o nosso grande mestre foi caloroso. Ele soube ganhar imediatamente a confiança do profeta, com algumas palavras traduzidas pelo intérprete, na salinha onde havíamos sido introduzidos. Quase imediatamente, saíamos para nos acomodar sob uma espécie de caramanchão recoberto de folhas de palmeira e de ramos, onde, formando um quadro, em várias filas, numerosos fiéis já se haviam sentado em bancos.

Havia um banco livre, onde se sentou o profeta, que pôs à sua direita nosso grande mestre. Eu sentei à sua esquerda. No meio do quadrado havia uma mesa, comprida e estreita, a cuja volta, a intervalos irregulares, evoluíam as vestais, sempre dirigidas pela alta sacerdotisa com sua matraca de madeira.

A nossa frente, muito perto, na lagoa clara sob o sol, algumas canoas de madeira talhadas em troncos de árvores e de coqueiros.

De vez em quando, uma voz de homem, ou uma voz de mulher, lançava palavras guturais em músicas lancinantes e repetidas ao ritmo percutante das

cabaças cheias de pedrinhas. Todos repetiam em coro. Seguia-se um silêncio e as vestais recomeçavam, então, sua ronda em volta da mesa, continuando a nos cobrir de flores e de folhas, e saudando-nos baixinho. Um novo silêncio. Nosso grande mestre levantou-se. Falou com ardor e deu ao profeta a garantia de seu respeito, de sua confiança em seu saber e em sua missão. Depois tornou a se sentar. Nova voz que se eleva entre os fiéis, novo coro, mesmos ritmos, novo silêncio. Ronda das vestais. O profeta faz sinal de que vai falar. Responde ao nosso grande mestre, falando-lhe, por sua vez, de todo o respeito que tem pela sua alta função, reconhece o que deve aos brancos e as lições que soube ele mesmo tirar dos conhecimentos deles. Falou bastante tempo, com segurança e bonomia, prestando, sem cessar, homenagem a nosso grande mestre.

Depois de uma última ronda das vestais, uma das quais nos vaporizou com um perfume persistente, o profeta levantou-se e o intérprete nos disse para segui-lo ao templo. Entramos, pois, com ele, em uma peça quadrada, onde, entre balaústres, estava uma mesa recoberta de pano até o chão — o altar do profeta. Sobre a parte da frente havia uma estátua primitiva de São Miguel abatendo o dragão e uma reprodução emoldurada da descida da cruz, de Rubens. Por trás dos balaústres, esperamos. Então, o profeta disse ao grande mestre que ia rezar por ele. Em sua oração, dita com fervor, só reconhecemos o nome de Raymond Bernard.

Saímos do templo, pouco depois, seguidos de todas as vestais e acompanhados pelo profeta. Um abraço caloroso pôs fim a esta comovente entrevista.

Voltamos, finalmente, para Abdijã, enriquecidos com novos conhecimentos, mas também inteiramente impregnados ainda dos sortilégios

daquela comovente recepção. A noite caía sobre Abdijã. Foi nossa última noite africana.

No dia seguinte, no aeroporto, reproduziu-se a mesma cerimônia de Cotonu. Havia ainda uma multidão de rosacruzes que não nos queriam deixar antes do último minuto. A separação foi depois das dez horas. Tristeza dos adeuses, dor das separações, últimos e numerosos abraços. Embarque. O avião rola na pista, sua velocidade aumenta, vai decolar, mas sempre, lá embaixo, mãos se agitam, as mãos daqueles que acabamos de deixar.

CONCLUSÃO

Dizem que as viagens formam a juventude. Digamos, antes, que as viagens formam a velhice, pois, quando a idade já aquietou nossas paixões, olhamos com outros olhos, compreendemos melhor ou de maneira diferente. Ora, o tempo todo, em nossa viagem, principalmente durante as audiências do grande mestre, olhei, escutei os africanos (membros de nossa Ordem), falei com todos eles sobre os assuntos mais diversos, e eis o que mais me impressionou.

Em primeiro lugar, a qualidade de seu misticismo... É puro, profundo, de uma sinceridade quase sempre perturbadora.

Em segundo lugar, admirei seus conhecimentos, quer durante discussões em um fórum, quer pelas perguntas sutis que formulam, ou ainda no decorrer de nossas conversas. Concluí que se entregavam assiduamente aos estudos rosacruzes, que aprendiam a fundo suas monografias e que as punham em prática.

Em terceiro lugar, fiquei tocado, às vezes até as lágrimas, pela sua afeição e seu devotamente. Nunca direi o bastante sobre sua espontaneidade, a gentileza de sua acolhida, a generosidade de suas recepções. Alguns, para melhor nos festejar, devem, sem dúvida, ter-se imposto pesadas privações, pois a vida, para muitos, lá é difícil, sobretudo no Daomé, onde os salários são extremamente baixos. Como dizia o grande mestre, o país parece subdesenvolvido, enquanto que o misticismo é superdesenvolvido.

Em quarto lugar, seu ideal rosacruz. Sim, apesar das dificuldades materiais que têm que vencer incessantemente, nossos frateres e sorores africanos levam muito alto seu ideal em nossa Ordem, e dedicam todos os seus esforços à

sua expansão, com constância e tenacidade. Eles têm mesmo projetos ambiciosos que levarão a bom termo, graças à fé inabalável que os anima.

Assim, a loja Quéops de Cotonu já tem seu terreno, a loja Nefertíti de Abomé tem seu templo, em terreno próprio, um templo ao qual não falta nada além do telhado. E não por muito tempo!

Quanto à loja Raymond Lulle, de Abdijã, ela vê mais longe ainda. Não contente de já estar estabelecida, aperfeiçoa grandes projetos. De fato, ela espera obter do governo uma concessão de terreno de 10.000 metros quadrados para nele construir um outro templo maior, mais amplo, mais belo.

Finalmente, sei a confiança que todos temos no grande mestre e a veneração de que o cercamos. Ora, tendo-o seguido passo a passo em sua viagem, quero escrever isto:

Durante dez dias, nosso grande mestre assumiu suas múltiplas funções, da aurora até tarde da noite, sem um só momento de descanso. Nem uma só vez ele pôde voltar ao hotel para repousar um instante ou trocar de roupa, enquanto que, da manhã à noite (quando não usávamos o bubu), nossas roupas molhadas colavam no corpo. Sem interrupção, mesmo nas horas das refeições, deu audiência, falou, respondeu às inúmeras perguntas que lhe foram formuladas, oficiou durante horas em meio à emoção geral, procedeu a experiências místicas com índices vibratórios exaltantes.

Puxado por uns, empurrado por outros, sempre afável, alegre, pronto a recomeçar, antecipando o interlocutor no enunciado de uma pergunta, ele jamais mostrou o menor cansaço. E havia por onde!

Admirei sua força, seu domínio de si próprio, o domínio que tinha sobre todos, sua nobre curiosidade quando tive, a seu pedido, que segui-lo (e confesso

que tremendo um pouco) para encontrar seres misteriosos e fantásticos, fosse em casa dos grandes chefes de sociedades secretas africanas, ou o profeta Atcho.

Como compreendo melhor agora seus encontros insólitos e suas mensagens!

Como não evocar, ao finalizar, este milagre que a Ordem Rosacruz — A.M.O.R.C. torna possível: desembarcar em um país desconhecido, a 9.000 km do seu, e ver, desde a chegada, braços estenderem-se, rostos, olhares iluminarem-se, corações oferecerem-se. Esta comunhão perfeita, esta harmonia imediata, é isto a fraternidade verdadeira, a fraternidade da Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis.